



Teófilo Braga

TEÓFILO  
BRAGA

Teófilo Braga nasceu em Ponta Delgada a 24 de Fevereiro de 1843. Historiador e poeta, pensador e político, a sua individualidade é a mais alta individualidade mental portuguesa do século XIX. Orçepulo da Filozofia Positiva, membro do Comité Positivo Occidental, Teófilo é o documento vivo do valor dessa Filozofia, da tenacidade que só ella é capaz de produzir, da resignação serena e humana que só ella é capaz de criar, e da coerência sistemática que só nella se encontra. Poeta, tem a *Três dos Tempos*, poema, pela concepção e pelo alcance filozófico, superior à tentativa de Hugo, *A Lenda dos Séclos*. Os sonetos de amor esparsos por esses quatro longos volumes, alguns trechos, como o *Sphinge*, *Ordens do Lago*, são mesmo, na forma, belzas. Sociólogo, tem, como obra especialista, o *Sistema de Sociologia* que o pouco conhecido porque o público português prefere a sociologia pataguetra. Historiador, tem a *História da Universidade*, obra monumental que só por si marcaria um homem, e a patriótica *História da Literatura* que só tem paridade, pelo seu alcance nacional, nos *Lesões*. Político, tem os seus opúsculos, as suas conferências, os seus discursos. E em milhares e milhares de páginas que nos deixa, não há uma página de retórica. Figura assombrosa, num país de palradores,

TEÓFILO BRAGA

*História popular de Portugal* ... no preço

Visão dos Tempos

*Epopeia da Humanidade* (Edição Integral) 4 vol. br. 2840, enc. ... 3820  
*Poesias de Ouzo na Literatura* (1838 e 1908). Versões pulgêtas da Visão dos Tempos, br. 800, enc. ... 880

Alma portuguesa

Rapsódias da grande Epopeia dum pequeno Porto

*Viriato*, Narrativa epo-histórica, 1<sup>o</sup> v. br. 800, enc. ... 880  
*Frei Gil de Santarém* (Fausto português), 1 vol. br. 800, enc. ... 880  
*Os Doze de Inglaterra* (Poema), 1 vol. br. 850, enc. ... 870  
*Gomes Freire* (drama histórico), 1 vol. br. 800, enc. ... 880  
*D. Inês de Castro* ... no preço

História da Literatura portuguesa

*Introdução e Teoria da História da Literatura portuguesa*, 1 vol. br. 870, enc. ... 900  
*Bernardim Ribeiro e o Bocolitino*, 1 vol. br. 870, enc. ... 900  
*Gil Vicente e as origens do Teatro nacional*, 1 vol. br. 880, enc. ... 1800  
*Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro nacional*, 1 vol. br. 880, enc. ... 1800  
*Sé de Miranda e a Escola italiana*, 1 vol. br. 870, enc. ... 900  
*Jamões — Vida e Epoca*, 1 grosso vol. br. 1820, enc. ... 1845  
*— Obra (Bibliografia caminiana)*, 1 vol. br. 1820, enc. ... 1845  
*Camões e o Sentimento nacional*, 1 vol. br. 860, enc. ... 880  
*A Arcádia Matiana*, 1 v. br. 1800, enc. 1825  
*Filinto e os Dissidentes da Arcádia*, 1 vol. br. 1820, enc. ... 1845



*Lawrence Jones*  
*Salvia 16, 12, 1922*

OBRAS

COMPLETAS

—

IV

POESIA

## ADVERTENCIA

A edição integral da *Visão dos Tempos* comprehende nos seus quatro volumes todas as obras poeticas publicadas pelo auctor desde 1864 a 1894, taes como *Bacchante* (1.<sup>a</sup> ed. da *Visão*), *Tempestades sonoras*, *Ondina do Lago*, *Torrentes*, *Miragens seculares*, livros que já de ha muito se achavam esgotados; e contém mais cento e vinte e sete poemas e poemetos ineditos, material que excede o d'esses cinco volumes agora incorporados sob o titulo de *Obras poeticas completas*.

Os editores.



OBRAS POETICAS COMPLETAS

# VISÃO DOS TEMPOS

EPOPEIA DA HUMANIDADE

POB

THEOPHILO BRAGA

EDIÇÃO INTEGRAL

TOMO IV

CYCLO DA LIBERDADE



PORTO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDON  
Casa editora

Sociedade, LELLO & IRMÃO  
1895

Todos os direitos reservados

CANTO UNDECIMO

DISSOLUÇÃO DO REGIMEN CATHOLICO-FEUDAL

## ELENCO PHILOSOPHICO

DO

## CANTO UNDECIMO

---

A Edade moderna da Civilisação humana caracteriza-se por uma profunda e prolongada revelação, que se patentea nos factos historicos a começar no seculo xii, chegando no seu periodo mais agudo á explosão temporal do fim do seculo xviii. Essa revolução apresenta um caracter social, enquanto ás luctas das classes servas elevando-se ao proletariado, das communas fundando as garantias civis, queda do Feudalismo e Cavalleria, dictadura monarchica apoiando-se nos exercitos permanentes, absolutismo dynastico provocando as revoluções politicas dos Paizes Baixos, da Inglaterra, da America e da França; e apresenta um aspecto mental enquanto á emancipação da Consciencia pelas heresias, pela renovação pedagogica das Universidades, pelo renascimento da arte e das sciencias da Grecia, pelas novas syntheses boeciana e cartesiana, pelo negativismo dos Encyclopedistas e dos literatos, que sem comprehenderem a missão pacificadora do sentimento se empenharam como espiritos insurrectos n'esta corrente de dissolução do regimen catholico-feudal. Eis a grande crise da Civilisação occidental; na sua passagem desalentou os mais pujantes espiritos, como Miguel Angelo, Sadofofo, e os associados do Oratorio do Amor, que esperaram dentro da Igreja uma iniciativa de reforma; e depois da reacção do Concilio de Trento produzio a tristeza desesperada de Tasso, o isolamento de Cervantes e de Milton. No meio d'esta instabilidade de uma edade que se extingue, outros espiritos reagiram contra a incerteza pela gargalhada, como Erasmo, Gil Vicente, Rabelais, Aretino. A vida activa das descobertas maritimas e a posse do planeta vieram dar ao homem o poder de resistencia para se libertar das velhas chimeras anthropocentricas e geocentricas que constituiram a Synthese ficticia.

## AS DUAS VERDADES

O conflicto que ao findar a Edade media se dá entre a Theologia e a Philosophia, entre o tradicionalismo dos Dogmas e as descobertas do Livre-Exame, da Verdade revelada contra a Verdade demonstrada, termina-se pela dissolução do Poder espirital da Igreja e esboço espontaneo do novo poder espirital da Sciencia.

## I

## Auroras do Occidente

## I. SUPPLICIO DO TEMPLARIO

Quadro da extincção da poderosa Ordem religiosa-militar, quando o poder papal se submete ao serviço da realza temporal pela abdicção da ambição theocratica em Avinhão. Os juriscultos apparecem como instrumento da dictadura monarchica. A Prisão do Templo, em que se extingue a raça dos Capetos, relaciona os extremos d'esta crise através de cinco seculos.

## II. VATICINIO DE DANTE

O Poeta concebendo a Monarchia como o ideal da unidade temporal creada pelo Imperio, reconhece que a Justiça e a Paz, vehemente aspiração da sua alma, serão a base definitiva da ordem social na Humanidade. Elle estava desorientado de Florença, e voltando os olhos para França, como presentindo ali o esboço para esse porvir da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, escreve: «A paz universal, eis aqui a perfeição, o fim ultimo para o qual o genero humano se dirige, cumprindo a sua lei.» (*Monarch.*, liv. 1, cap. vi e xii.)

## III. DELIRIO DE PETRARCHA

Determinação do ideal humano da Arte moderna, tomando o Amor, esse thema poetico espontaneo dos Provençães, como a base affectiva da concordia humana: Petrarca por uma intuição genial dá ao sentimento a missão conciliadora, no meio da lucta mental e social em que se acha envolvido.

## IV. ULTIMA RATIO REGUM

Pela descoberta da Polvora e emprego da Artilheria, começa o imperio da força material, sendo o Feudalismo supplantado pela Dinastia monarchica, e a Cavalleria extinta por se achar impotente e sem destino.



Ariosto, o poeta da galanteria cavallheiresca, exprimiu o sentimento de pesar pela ruína da idade heroica. Sob a reminiscência do Simo de Schiller, symbolisamos no Canto toda uma idade que desaparece diante da brutalidade da força.

#### V. O MAR TENEBROSO

Poemeta sobre a posse da Terra pelo homem moderno, libertando-se da chimera geocêntrica. Tem por argumento a queda de Constantinopla, e invasão dos Turcos na Europa, deslocando-se a antiga navegação do Mediterraneo para o Atlantico. A luta estabelece-se contra as forças da Natureza. Pela descoberta do caminho da Índia esboça-se a conexão pela primeira vez entre o Occidente e o Oriente; e pela circumducção do globo por Magalhães, estabelece-se uma nova concepção do universo. Portugal influe na marcha da Humanidade por estes feitos, que são o elemento sobre que se funda a Epopéa pacífica, iniciada por um pequeno povo.

#### VI. SAVONAROLA

Quando renascia a Antiguidade clássica, insurgia-se o espirito christão, procurando desviar as almas para o mysticismo. Ao passo que Lourenço de Medicis preside às festas do Carnaval de Florença, Savonarola prega ao povo para que lance à fogueira todas as joias e obras de arte que possuir. É a duplidade da época da Renascença. Savonarola pretende continuar a Idade media em uma Republica de Christo, mas a féria religiosa sacerdotal, ou o Catholicismo, melhor organizada para a luta que a Igreja sustenta contra o espirito moderno individualista, ataca o mystico tribuno e queima-o como heretico.

#### VII. PHRASE DE MIGUEL ANGELO

O idealismo platonico que vem de Petrarca e inspira os lyricos da Renascença, é representado no amar do incomparavel artista pela formosa e pura Victoria Colonna; um beijo dado e outro sempre desejado, identificam-se na mesma emoção de soffrimento.

#### VIII. A ESTATUA

Mostra-se como a Arte faz a concórdia affectiva das crenças, em quanto as Religiões são implacaveis entre si, levando a intransigencia até ás carnificinas. Sob as aboboadas de S. Pedro de Roma levanta-se Moysés na figura imponente do Legislador, e cá fica nas praças é cannibal o antagonismo entre o credo monothéico christão e o monothéismo judaico.

## IX. O QUEIMADEIRO

Carnificinas religiosas provocadas pelo casuismo theologico contra os Judeus e contra os hereticos, explicadas pela lei evolutiva dos velhos Deuses, destruidas pelos Deuses novos, apontada na *Atuação de Promethea*.

## X. O ECLIPSE DA RASÃO

Na grande crise da Civilização occidental, accentua-se no seculo XVI especialmente a crise mental, em que os Humanistas suggerem o espirito critico, que actua nas questões theologicas da Reforma, e na actividade scientific da Renascença. Loyola pretende pôr um dique á corrente do pensamento e funda a Companhia de Jesus com um fim pedagogico, para minar a influencia dos Humanistas, e pelos exercicios espirituales apoderar-se das consciencias.

## II

## A Epopèa do Riso

## I. RISUM TENEBATIS

O genio occidental emancipa-se dos terrores tradicionais do passado pelo riso. Contrapõe-se ao fatalismo tragico do Oriente expresso pela *Epopèa da Lagrieta*, esta emoção de revolta e de actividade dos povos da Europa, que os grandes espiritos, como Erasmo, Gil Vicente, Rabelais e Cervantes, generalisaram na Arte, como elementos da *Epopèa do Riso*. O destino do genio satyrico acha-se assim caracterizado por Comte: «Ainda que o officio critico repugna á verdadeira poesia, desde o seu começo no seculo XIV, a Arte moderna tomou uma parte cada vez mais activa na demolição geral do regimen antigo.» (*Polit. posit.*, I, 278.) Comprova-o pelo processo erudito J. J. Ampère: «Este desenvolvimento satyrico é um grande facto historico, porque n'esta porção tão rica, tão ardente da Literatura da Edade média, é isso o começo da ruina e do fim da Edade média.» (*Noulang.*, I, 288.) O estado dos espiritos nas epochas de transição caracteriza-se pela manifestação do genio comico, com que reagem quer a favor do passado, como Aristophanes nas suas violentas comedias, ou contra o passado que se impõe ao presente, como os immortaes vultos da Renascença.

## II. PATELIN TRAGICO

Luit se vendo representar a farsa de Patehelin, congratula-se com La Sale, porque ali o rude aldeão Agnelet logra com astucia o commerciante rico e o advogado. Mas o poeta La Sale avisa o rei de que é possível que

um dia Agnelet leve também o próprio Rei ao tribunal revolucionário. Representa-se aqui o século xv, «transição da Cavalleria para a Política, da poesia para a realidade, com que Luiz xi figura na historia.» (*Ampère. Mélanges*, t. 116.)

### III. O RISO DE ERASMO

Depois que a Idade média se deixou dominar pela *Loucura da Cruz*, pregada por S. Paulo, Erasmo serviu-se da forma pitoresca e allegorica do *Elogio da Loucura*, com que satyrisa a Theologia e a Philosophia escolastica, com que espiritualmente preponderavam a Igreja e as Universidades pedantescas.

### IV. O RISO DE RABELAIS

O poder dos Symbolos sobre o espirito humano é como um fetichismo hypocrita, e só pôde ser destruido evidenciando a vacuidade do sentido que se adapta a todas as circumstancias. Rabelais exerceu esta saudavel reacção negativa ridicularizando os Symbolos. Compreendea-o admiravelmente Philaète Chasles: «Rabelais na sua epoca vira o estranho effeito do pensamento religioso, que, á força de penetrar a sociedade acabava de a dissolver. A alma divinizada pelo Christianismo tinha tudo invadido. O espiritualismo eliminava a materia. O Symbolo, a idealisação imperavam absolutas; por causa de um Symbolo o Occidente lançava-se contra o Oriente. Elle dominava a Poesia, que reduzira ao estado de phantasma, multiplicando as personificações allegoricas, banindo dos setes vivos a carne e o sangue humano. Rabelais armou-se de um Symbolo para fazer a guerra aos Symbolos.» (*Ap. Hist. des Oeuvres de Balzac*, p. 173.)

### V. O RISO DE ARETINO

É a revelação de uma nova força social—a Opinião publica, que os Reis e os Papas procuravam corromper, sendo por esse motivo cynicamente explorados por Aretino.

### VI. O RISO DE CERVANTES

Depois da ultima batalha da Civilisação occidental, no triumpho de Lepanto, a cultura e intervenção da força militar por falta de um destino social tornou-se ridicula. A força cavalleiresca movida pela Igreja contra os Turcos é Quixote, o da triste figura, ou qualquer symbolo do altruismo; e o Papa, coroado em Roma e preocupando-se do seu engrandecimento temporal é o gordo Sancho reconfortado na sua Barataria. O comico está nos contrastes.

## III

## Tentanda via est

## I. A SAGRAÇÃO DA EPOPEA

No meio dos seus desastres pessoais, Camões tem a revelação da consciencia, de que o Poema em que idealisa a acção pacifica do homem moderno, é uma das Vozes com que a Humanidade exprime o seu proprio destino.

## II. VATICINIO DO ADAMASTOR

No regresso de Camões à Patria, ao passar pelo Cabo das Tormentas, tem o poeta a visão das grandes catastrophes que levam Portugal à ruina. E' então que o Poeta reconhece que a missão historica d'esse pequeno povo será inolvidavel na marcha da Humanidade.

## III. O POEMA DE CAMÕES

Philippe II entra em Lisboa, é aclamado pela nobreza e clero, mas no meio das vozes do povo reconhece que lhe falta uma sanctão para tornar segura a sua nova soberania. O invasor pergunta por Camões. O poeta já estava morto. Então o despota exclama: — E' passageira a minha conquista; pois sendo incorruptivel o ideal do Poeta, os Lusitanos conservarão immortaldade o sentimento de Patria.

## IV. A BATALHA DE LEPANTO

Terminado o cyclo das guerras defensivas, quando a Europa colligada suscita para sempre a invasão das raças amarellas, a gloria militar não inspira mais a idealisação epica, provocando apenas as parodias grotescas.

## V. DESALENTO DE TASSO

O poeta italiano tendo idealizado os sublimes esforços dos Barões leudaes para conquistarem o Sepulchro de Christo, reconhece que a civilisação da Europa seguiu outro caminho, indo à descoberta do seu berço oriental, realisando a circumnavegação do globo, tomando posse do planeta, e dando a sua actividade o concurso pacifico da navegação e do commercio, da industria e do trabalho livre da burguezia. E comparando o seu ideal com o de Camões, d'esse bon Luigi, define a causa do seu desalento, que se aggrava ao vêr na censura religiosa à Gierusalème, a hypocrisia jesuitica substituindo na egrja o sentimento mystico.



## VI. A CONFISSÃO DE CALDERON

O génio que levou á mais surpreendente idealisação artística os dogmas theologicos do Catholicismo, não é comprehendido pela propria Igreja, em que prepondera, no seu tempo o Jesuíta, caracterisado pela incapacidade affectiva para as creações artisticas, e obedecendo á divisa *Ad maiorem Dei gloriam*, alardea a negação dos sentimentos de Família, Patria e Humanidade.

## VII. O BRAVO DE UIRACABA

Representa-se a phase das grandes missões catholicas provocadas pelas descobertas da America e da India. O encontro do homem selvagem revela á consciencia moderna o passado humano em contradicção com a lenda theologica de um Paraiso. O Jesuíta sustentando na Igreja a acção politica, continúa nas suas missões longiquas a ambição de se organizar em estado theocratico ainda mesmo longe da Europa.

# AS DUAS VERDADES

*Spiritus intus alit*

---

## I

### AURORAS DO OCCIDENTE

---

## I

### SUPPLICIO DO TEMPLARIO

Perante o alto conselho  
Dos Cardeacs, o Grão-Mestre dos Templarios,  
Jacques Molay, robusto embora velho,  
Fallou-lhes, como a bando de sicarios:

«O Lobo e a Aguia entendem-se no crime,  
N'este jogo de astucia e iniquidade  
Vence o que a garra imprime  
Com mais ferocidade!

Clemente, o eleito pelo Rei de França,  
Papa Clemente, o quinto,  
Chamou-me, bem presinto,  
Das fronteiras de lá da Paléstina,  
E á traição entrega-me á vingança  
Do Rei Philippe, que me assassina!

Foi o preço da tiara ;  
 Eis de Angely a clausula secreta !  
 Qual o crime do Templo ? Sustentara,  
 Da Fé como o athleta,  
 Crente, firme e sereno,  
 Sempre em respeito o exercito agareno !

Qual o crime do Templo ? E' a riqueza,  
 O poder, o perstigio religioso !  
 Vé um rival na Ordem a Realeza,  
 Já para o seu thesouro lança a preza,  
 E em tanta ruina o espolio,  
 N'um ignobil delirio ganancioso,  
 Lhe fortifica o solio !

Pobre Papa ! Podendo, soberano,  
 Dominar pelo universal imperio,  
 Submette-se a terrestre e vil tyranno ;  
 Deploravel exemplo !  
 O proprio crime fere-o  
 Ao assignar a queda hoje do Templo.  
 O futuro dirá quem tem razão,  
 Se eu, ou o prisioneiro de Avinhão.»

Os Cardeaes, da colera em transporte,  
 Levantaram-se ! a colera não pensa ;  
 E do Grão-Mestre ali votam a morte.  
 Elle, ouvindo a sentença :

«Se eu tratasse com simples Cavalleiros  
 Em valorosa liça,  
 Seria outra a justiça !  
 Mas Doutores... argutos trapacciros,

São da letra da Lei vendidos Mestres,  
De habil pharisáismo;  
Servindo as Monarchias vãs, terrestres,  
Fazem dos thronos um polytheismo.\*

Na praça de Paris ergue o Preboste  
Uma enorme fogueira!  
O Grão-Mestre é amarrado ao póste,  
Tem o pescoço n'uma gargalheira.  
D'entre a turba, que muda se conserva  
Vendo a execução fêra, peremptoria,  
Olhar profundo observa  
Este crime da Historia!

Era Dante, o Poeta desterrado  
Da patria, de Florença!  
E n'aquelle momento  
Em que se leu á multidão n'um brado  
A iniqua sentença,  
O Grão-Mestre profere o emprazamento  
Recorrendo ao divino julgamento:

«Do horror das chammas em que aqui me abraço,  
No fogo da Justiça em que me inflammo,  
Impavido, não tremo!  
D'aqui o Rei e o Papa ambos emprazo,  
A darem contas chamo  
Ante o Juiz supremo.»

Do tremebundo appello  
Debalde procurou Philippe o Bello  
Distracções para o seu terror medonho!



Dos menestres cantares não o embalam,  
 Da consciencia os remorsos não se calam,  
 Teve o Rei este sonho:

—Desconhecido Cavalleiro passa  
 Alta noite na praça,  
 Onde estão seis cabeças de Templarios!  
 E revolvendo os restos cinerarios,  
 Perguntou na escuridão que espanta:  
 —Quem o Templo levanta?—  
 E os eccos solitarios  
 Por cada bocca repetindo vêm:  
 Ninguem! Ninguem! Ninguem!—

(Foi na Prisão do Templo,  
 Pela Historia o contemplo,  
 Que a raça dos Capetos  
 Por seus crimes abjectos  
 Teve o castigo, e exemplo.)

Quando a morte do Rei a soube o Papa  
 N'esse prazo prefixo,  
 Adoece de susto, e cae no leito,  
 Tendo apertado ao peito  
 Eburneo Crucifixo!  
 Brada em delirio:—Quem a Espada empunha  
 Entre os homens, por Deus brandindo-a bem?  
 A Consciencia, inflexivel testemunha,  
 Respondeu-lhe: «Ninguem!»

O poder temporal  
 Do Papa a ruina alcança  
 Pela eterna vingança,  
 Ao baquear em França  
 O throno imperial.

## II

## VATICINIO DE DANTE

## I

Banido para sempre de Florença,  
Sem lar, sem patria ter, patria querida,  
Vergado ao peso de tristeza immensa;

O Poeta se assentou na rocha erguida  
Junto ao golfo de Spezzia, onde o mar bate  
Revolto, imagem d'esta anciada vida.

Sentara-se alquebrado; e em vão dilate  
Pelo horisonte o olhar a quanto alcança,  
Tudo incerto, como a hora do resgate!

Ameaçado de morte, e sem esperanza,  
Comendo o pão de extranhos, peregrino,  
Affronta a indifferença que mais cança;

Dante soltou a voz de intimo hymno:  
«Viver em paz, gosar a liberdade,  
Homem! eis a condição do teu destino!

O Poder Temporal da magestade  
A independencia do homem agrilhão,  
Sob a rêde de leis de iniquidade;

Mas a revolta quando irrompe e atrôa  
Quebra as algemas, rasga as leis, e insana  
Lança por terra a obra má e a boa.

Conflagração de arbitrios, d'onde emana  
A ruina, a vingança, o retrocesso,  
Fluxo e refluxo da existencia humana.

Viver livre e em paz! Ordem, progresso  
Jámais os concilia a Monarchia,  
Que n'isto assenta do Poder o excesso.

Em mudez sepulchral Dante cahia.

## II

Cahia a tarde; e á luz cambiante e froixa  
Junto ao golfo de Spezzia, em pé subsiste  
Fitando o mar o Poeta sobre a rocha :

«Por ventura um Poder melhor existe!  
Já que ao homem lhe falta a liberdade,  
Falle de Paz á Humanidade triste.

De tudo quanto aspira a Humanidade  
A Paz... que maior bem ella deseja?  
Paz na terra! eis a voz da divindade.

Que me assegure a paz alíim a Egreja!  
Esse Poder espirital, supremo,  
Rival da Monarchia embora seja...

Ergueu-se o Poeta; a tarde ia no extremo,  
Como animado d'esse pensamento,  
Que era da vida ao naufrago inda um remo,

Vira ao longe entre as fragas um Convento,  
Santa Croce del Corvo, branquejando;  
Caminhou para lá com passo lento.

Pareceu-lhe um saudoso azylo brando,  
O abrigo do pórtico procura,  
No limiar sentou-se meditando.

Ao vêr aquella pallida figura,  
De olhar lucido e fundo, ao forasteiro  
Frei Hilario, o Prior, diz com doçura :

—Que viades procurar n'este mosteiro?  
«A Paz! (responde o Poeta angustiado)  
Não a Paz ao meu mal, fardo ligeiro ;

A Paz, dos bens da terra o mais prezado,  
A Paz pela Justiça conseguida,  
Justiça, que a Alma do homem tem fundado.

A paz universal, eis n'esta lida  
O sonho, a aspiração, o ideal, o norte :  
Paz e Verdade,—a synthese da vida.»

Assim fallara o naufrago da sorte,  
O Prior taes palavras não entende ;  
Elle, sem que da estupidez se importe,

Ao bondoso Prior a mão estende,  
Entregando-lhe o Livro dos seus cantos  
Para dal-o a um amigo que o defende ;  
Partiu, deixando os áditos tão santos.

## III

Proseguiu no caminho meditando :  
«Já não respeita a liberdade humana  
O Imperio na orgia do seu mando !

A Igreja, a prostituta infrene, insana,  
Reduz as benções santas a dinheiro,  
Absolve o crime, e intriga ardente, ufana.



Como pregar a paz, Papa guerreiro?  
Quando vende esta Italia avassalada  
Ao Rei que mais lhe dá, sendo estrangeiro.

Perdido entre esta enorme derrocada  
Da Igreja e do Imperio, os dois Poderes  
Que para o bem do homem valem nada,

Para onde voltar-me?»

Lento, avança,  
Transpõe os Alpes no rigor do inverno,  
Como a buscar o seu refugio em França:

«É lá que se hade erguer pregão eterno,  
Reivindicação firme da Justiça,  
Cantico alegre do amor fraterno.

Oh França! abres ao mundo a nova liça!  
E pela afirmação da Liberdade,  
Pelo trabalho e paz, que me inficita,  
Realisa o seu destino a Humanidade.»

### III

#### DELIRIO DE PETRARCHA

Viu-a no templo, recatada e bella!  
E no segredo da alma idolatrada  
Com que delirio a adora! Era casada.  
O impossivel entre o Poeta e ella.

E como quem contempla ao longe a estrella  
Que transparece em negridão, cerrada;  
Ou que escuta o som da agua da levada,  
Correndo livre, e sem poder bebel-a...

Cantou Petrarcha o insólito impossível,  
Cada olhar descuidado, cada gesto,  
Graça, donaire, o pôrte indefinível;

E quando, enfim, um doce riso honesto  
Parecia elevá-lo a inacessível  
Pincaro ideal,—truncou a morte o resto.

Sêde eterna de amor! Laura está morta;  
Ah, não se extingue a lucida entidade  
Nos extasis, nos sonhos, na saudade,  
Na visão subjectiva da alma absorta.

Para dar corpo ao vago ideal, supporta  
Petrarcha a dôr, do espirito a orfandade,  
Confundido na escura realidade  
Como um cego que vae de porta em porta.

Errante, e sem destino ter na vida,  
Gemendo pelos montes, sem que n'essa  
Solidão ache alivio a taes desgostos,

Com elle morto foram dar: pendida  
No Livro dos seus versos a cabeça,  
Sobre o nome de Laura os labios postos.

## IV

## ULTIMA RATIO REGUM

Calor forte se espalha,  
Da abraçada fornalha  
Sac vivido clarão;  
O bronze estúa quente,  
Para fundir candente  
Um enorme canhão.

Está prêtes o molde, o receptaculo  
Em que se vasa a lava ou o metal,  
Gente muita, a nobreza principal,  
Vem observar o magico spectaculo.

Cavalleiros e damas, toda a côrte  
À maravilha de tal obra assiste;  
Mas cada rosto tem expressão triste,  
Como se as almas presentissem morte.

O Mestre da officina  
A obra que imagina  
Alegre explica então,  
Como instantaneamente  
Vae o bronze candente  
Moldar-se no canhão :

—Mandou o Rei fundir a grande peça  
Que aos inimigos seus não mais dê treguas;  
Pois que as pesadas balas que arremessa  
Vão cahir a distancia de dez leguas !

Em estilhaços toda a rocha salta,  
E como o vento arroja as maravilhas,  
Desabam as muralhas,  
A cada tiro cae uma torre alta !

Vomitando metralhas  
O revoltado povo ante si varra ;  
E invencivel constringe  
Dos cavalleiros a árdida phalange  
Veloaz roçando-a a destructora garra !

Do que o raio mais forte, ao menos tanto,  
Será o tiro, que derruba tudo !

Ao seu estrondo e espanto  
O peito mais audaz fica hirto e mudo.

O bronze eil-o candente,  
Que escorre lentamente  
No molde do canhão;  
O Bispo, de ordem regia,  
Veiu, de mitra egregia,  
Lançar-lhe a benção:

—Affugentava o sino as tempestades  
Nos coruchéos da antiga Cathedral;  
Mas, outras qualidades  
Vae ter o seu metal...

Dando aos vivos confortos,  
E pranteado os mortos,  
Lançava ao vento o lugubre signal!  
Convocava em defeza aos seus direitos  
Os que aos Barões feudaes eram sujeitos,  
Na lucta communal!

E o sino, que de sons enche os espaços  
Como cantico aos céos mavioso e vago,  
Foi sem piedade feito em mil pedaços,  
E lançado á calcêira!  
Hoje canhão, vomitará o estrago,  
A morte, a oppressão na terra inteira.—

Correu pela calcêira  
O bronze, de maneira  
Que eis fundido o canhão!  
O que haverá que tolde  
O metal, e no molde  
Lhe altere a perfeição?

Passado este momento de incerteza,  
 Um Cavalleiro chega-se ali perto,  
 Como a tanto se atreve!  
 Contempla a obra, e com sorriso aberto,  
 Mas repassado de intima tristeza,  
 Exclama em phrase breve :

—Para que serve a espada de fino aço  
 Brandida por um destemido braço  
 Pela Justiça, pelo ideal humano?  
 Por certo, de hoje em dia,  
 A coragem, o brio, a galhardia  
 São apagados pelo bronzeo cano.

Assestado o canhão,  
 Que suprime a bravura e heroes afasta,  
 Para a victoria uma só cousa basta :  
 Que o descarregue inconsciente mão.—

Lento o bronze arrefece ;  
 Uma Dama apparece  
 E contempla o canhão :  
 Com olhos rasos de agua,  
 Disse cheia de magua,  
 Em susto e admiração :

—Já da galanteria os devaneios,  
 Da valentia esplendidos torneios,  
 Que faziam do homem um heróe,  
 De hoje em diante acabaram...

Tempo foi  
 Que o ideal da Mulher tanto infundia  
 Intrepidez energica e Poesia !  
 Compete-lhe outra sina,  
 Chorar sobre a ruina  
 Que o canhão temeroso longe espalha,  
 Quando varra seus filhos a metralha.



Presto, o molde se quebra ;  
O proprio Rei celebra  
O giganteo canhão !  
Jurisconsulto velho,  
Do aulico conselho,  
Dá sua opinião :

—Quando buscava o Rei com incerteza  
Fazer plena justiça  
Entre o povo e a nobreza,  
Abriu da Lei uma impessoal liça ;  
Pelo Direito é que se conseguia  
A social harmonia.

Ao contemplar a reluzente peça,  
Quem ha que não conheça  
Que o imperio da Força hoje começa ?  
Confiando n'aquella força bruta  
O arbitrio do Rei  
O oraculo da Lei  
No seu capricho nunca mais escuta.—

Volveu-lhe o Rei contente :  
•O canhão reluzente  
É a ultima razão  
Com que eu aplaco o povo,  
Quando um ideal novo  
Traz na imaginação.»

Tambem n'aquelle instante viera o Poeta  
A maravilha ver, obra completa !  
Oh sublime Ariosto,  
Só tu soubeste ler em cada rosto  
A tristeza, a saudade,  
Final lampejo de uma extincta Edade :

—Vêde! na Lyra da Humanidade  
 Uma corda quebrou-se n'este dia,  
 Aquella que cantava a valentia,  
 A consciencia da propria dignidade!  
 Nunca as estrophes épicas, divinas  
 Cantarão cannibacs carnificinas,  
 Porque ao bestial orgulho que devasta  
 Pyramides de mortos sô lhe basta.

## V

## O MAR TENEBROSO

## CANTO I

## O sonho dos Osmanlis

No rico alcaçar, quando tudo dormia  
 Por noite adiantada, Mahomet segundo  
 Chama o Grão-Visir com um brado iracundo;  
 Khalil, aterrado, de prompto acudia.  
 Na sua presença o espanto encobria;  
 Mas, diz-lhe o Sultão com um rispido aspecto:  
 «Não vês como está revolvido esse leito?»  
 «Persegue-me um sonho de noite e de dia.

«Não posso dormir! Segue-me um pensamento  
 «Egual a remorso que a paz da alma exul';  
 «Só tenho um desejo:—Tomar Stambul,  
 «Sobre essa conquista ter meu throno assento.  
 «De dia e de noite sonho em tal evento;  
 «Do meu vasto imperio será capital!»  
 E ideando a futura batalha campal,  
 De Stambul os planos mostrava-lhe attento:

«Fazei com astúcia que vão espíões,  
«Agora, hoje mesmo, o mais tarde amanhã,  
«Com todo o segredo fallar a Orban,  
«O hungaro, o bom fundidor de canhões.  
«Do Imperador os ministros vilões,  
«Bem sei, não lhe pagam devidos salarios;  
«O ouro que levam os meus emissarios  
«Melhor lá lhe explique minhas intenções.»

Orban, do Arsenal, dentro em poucos dias  
Fugiu: eil-o ás ordens está do Sultão:  
«Quero eu que me fundas um grande canhão!  
«Começa o trabalho; tens grossas quantias.»  
—Sambul nunca viu d'estas artilherias.—  
Canhão gigantesco, maior do que sete,  
Orban traça, molda, e o bronze derrete,  
Fundê obra estupenda de altas ousadias.

—Em pó tornará de Sambul as muralhas  
Um só tiro dado por este canhão!—  
Orban carregou-o pela propria mão,  
Seguro da obra perfeita, sem falhas.  
Dispára-o sem medo. Voaram metralhas,  
Tremeu Andrinople, a cidade, um instante,  
A dez léguas se ouve o ribombo distante,  
A bala faz ruinas de trinta batalhas!

Diante d'aquelle terrífico effeito,  
Alegre Mahomet na indomavel pujança  
A Constantinopla um exército lança,  
Duzentos mil homens! N'um fito direito  
Caminha na frente, levando no peito  
Do altivo poder as brilhantes insignias,  
A Massa de ferro, a que nas luctas igneas  
Perdeu Bejazet por derrota desfeito.

Derviches o seguem n'um longo cortejo  
Qual fila de monges soturnos completa ;  
Com Aschemeddin, que se dá por propheta,  
Que as tropas exalta o furioso desejo  
Do sangue e da morte, da gloria o ensejo !  
O canhão avança, por juntas cincoenta  
De bois, que o pucham, indo em marcha lenta  
Galgando as montanhas, o valé e o brejo.

Mahomet apparece, de abril na alvorada,  
Diante dos muros de Constantinopla !  
Ao ár em doesto arrojou a manopla ;  
A tenda de seda ficou assentada  
Diante da Porta que é denominada  
Na voz Caligaria ; e em linha ante os muros  
Até duas leguas, soldados seguros  
Aguardam as ordens para a escalada.

Orban anda ancioso por vêr os effeitos  
Da obra ! Assentou o gigante canhão  
Diante da Porta que diz Sam Romão ;  
Defendem-na os rijos e bons parapeitos.  
Faz a pontaria com calculo e geitos...  
Rebenta o canhão, prompto, em estilhaços  
Destróe tudo em roda, e o corpo em pedaços  
De Orban jaz, do ár caem crancos desfeitos.

Coragem maior ao Sultão dão revezes,  
Dos rijos janizaros marcha na frente ;  
Mas vendo Khalil, no instante presente  
Chegarem galeras, baixeis genovezes  
Que o Papa em socorro mandava por vezes,  
Lembrou fazer pazes com o Imperador !  
Accode o Derviche bradando :—Senhor,  
Do voto esquecci-vos proferido ha mezes ?

Naquella grandiosa e imponente visita  
Com pompa triumphal, n'uma alegre manhã,  
Abriste o Mirab que guarda o Coran,  
De Brusse na esplendida e rica Mesquita;  
Lêste ahi sentença terrivel escripta,  
Que desde Moysés ao Propheta nos vem:  
*Japhet põe o pé no pescoço de Sem,*  
*E a raça de Cham torna escrava e maldita.*

Mas n'esse momento jurou Mahomet  
Aquella sentença fatal pôl-a em erro,  
De novo brandir essa Massa de ferro  
Cahida das mãos do Sultão Bejazet!  
E o filho do bravo Amurath eis promette  
Tornar realidade este sonho feliz:  
•Os crentes do Islam talarão a cerviz  
•A raça dos cães que provém de Japhet. •

Possues da poesia o magnifico afago,  
Conheces a historia por leitura immensa;  
Bem sabes quanto essa temivel sentença  
Se tem realisado: Caiu já Carthago,  
E Jerusalem soffreu o estrago,  
Do fero Romano implacavel ruina!  
Mas a Africa toda, com a Palestina  
De Allah só conhecem agora o orago.

Ainda o Crescente campêa em Hespanha!  
Mandae tocar já o estridente anafil;  
A fera ataquemos no proprio covil,  
Não falta coragem, nem odio, nem sanha.  
Se o cerco se rompe a desgraça é tamanha!  
É tua a victoria sobre a Europa inteira,  
Se tu ao assalto vãs na dianteira  
Sambul cae por certo ante a audacia estranha.—



Mahomet mandou proceder á escalada,  
Os corpos dos mortos atulham os fossos,  
Janizaros trêpam por sobre os destroços  
Às altas ameias entre a derrocada.  
A população parecia pasmada,  
Só cinco mil homens a patria defendem,  
Os mais pelas praças e atrios contendem  
Se o corpo de Christo é na hostia sagrada!

Jurou Mahomet com palavras aziagas  
Da rica Stambul—que nos fossos pereça  
Se acaso a victoria hoje o não favoreça.  
Chamou a conselho os Visires e Agas:  
«Caíam sobre mim maldições e mil pragas,  
«Se eu em cinco dias não acabo a guerra!  
«Que Stambul se ataque por mar e por terra,  
«Serão triumphantes as nossas adagas.

«Riquezas, e joias com todo o dinheiro  
«Serão dos soldados! para mim reservo  
«O solo e as casas; quanto ao mais observo  
«Que, excepto o incendio, o saque é inteiro.»  
Azabs, janizaros, ergueram berreiro,  
Derviches em loucas, freneticas dansas,  
Falla Aschemeddin em bemaventuranças  
Para os que morrerem de um golpe certo

Em Constantinopla esse jubilo ecoa,  
Do atroz desbarato tremendo ameaça!  
Quão mal imagina a multidão que passa  
Que a ultima hora de Byzancio soa,  
De Constantinopla ao Setemtrião\* voa  
Fugaz meteoro de luz deslumbrante,  
A voz dos Derviches n'esse mesmo instante  
Ao crente Osmanli a victoria apregoa.

Em Constantinopla um agouro era crido:  
Quando a Cercoporta se abrisse, daria  
Passagem á horda de infieis n'esse dia!  
Aviso funesto tão breve esquecido,  
Para uma sortida sem ser prevenido  
O Turco, eis a Porta de prompto se abre;  
Ninguem no regresso a cerrou; e o sabre  
De Islam por ella entra sem ser impedido.

Retrôa do assalto medonho rebate,  
O Imperador despe o manto em tal passo,  
A tunica azul e o cinturão de aço,  
E arroja-se incognito ao mortal combate.  
Jogava o Sultão no terrífico embate  
Tambem a corôa do imperio seu, vasto;  
No alvor da manhã rompe o assalto nefasto,  
E antes de uma hora Stambul já se abate.

Tumulto instantaneo, maior que metralhas,  
Partiu da cidade! A espalhada linha  
De infantes, que o cerco apertado mantinha,  
Dos Turcos, em frente das longas muralhas,  
Pela Cercoporta, como em rotas malhas,  
Veloz irrompeu, tremebunda, violenta;  
A carnificina começa sedenta,  
A orgia do saque, o horror das batalhas.

Para o Templo excelso de Santa Sophia  
Caminha o Sultão jubiloso de gloria;  
A Allah vae votal-a em signal da victoria  
Da rica metropole que apetecia!  
E quando orgulhoso ao zimbório subia,  
Para o Occidente voltou logo a fronte,  
Fitando o ignoto, azulado horizonte,  
Lançou com desdem a sangrenta ironia:

- Puz termo a sentença de ultraje medonho,
- Do Livro a tremenda sentença desminto!
- Calcando a cerviz de Japhet, eu bem sinto,
- Que sobre o pescoço meus pés hoje ponho.
- Da raça de Sem já me não envergonho,
- Eu sou o supremo Senhor de dous mundos,
- Exerço o Imperio em dous mares profundos,
- Só eu realisei dos Osmanlis o sonho.»

## CANTO II

### O ocaso do Occidente

De sabios, de humanistas rodeado  
Da sua Bibliotheca entre os primores,  
Nicolão quinto, papa, descuidado  
De Sam Fabiano nos vergeis de flores,  
As conversas escuta com agrado  
Sobre as obras dos gregos escriptores;  
Poggio, Manetti com Decembrio falla,  
Philelpho, Aurispa, mais Lourenço Valla.

Jorge de Trebizonda discutia  
Com Theodoro de Gaza as traducções  
De Platão, de Aristoteles; ouvia  
O papa as luminosas opiniões  
Ácerca de Polybio; e na ironia  
No tiroteio de atticos farpões  
Que jogam entre si os litteratos,  
Os grammaticos são menos cordatos.

Fallou o bom do Papa, em ár risonho,  
Aquelles escolhidos circumstantes:  
•Para mim ha um só dourado sonho,  
Pensamento de todos os instantes;  
Dos meios, dos poderes que eu disponho,  
Mais do que a tiara, eu quizera antes  
Dar vertidos em san latinidade  
Dar a Biblia e Homero á humanidade.

Qual de vós me acompanha n'esta empreza?  
Manetti! eu bem sei o que te impede  
De traduzir a Biblia... com franqueza  
De ir contra Sam Jeronymo procede.  
Tens da livre consciencia a inteireza,  
Ah, se ella especial perdão te pede,  
Se ás vezes contrariares a Vulgata,  
Minha benção o escrupulo desata.

Tu, Philelpho! já sabes o que eu quero;  
És capaz de em hexâmetros verteres  
Os dois Poemas immortaes de Homero.  
Para uma tal obra emprenderes,  
Casa e jardim em Roma tens; e espero  
Rodear-te de todos os lazeres;  
E além de tudo, mil sequins te entrego  
Pelo verso final do Poema grego \*

Jorge de Trebizonda, alegre exclama:  
— Oh Santo Padre! que missão divina,  
Tornar completa, em quem o bello ama,  
A união da Egreja, a grega e a latina!  
De Florença o Concilio se a proclama,  
Um grande ideal a realisa-a ensina,  
De duas almas synthese suprema  
Na traducção do homerico Poema! —

Mas quando o Papa esta allusão escuta  
Ao Scisma do Oriente, pela fronte  
Passa um véo de tristeza e o enluta :  
«A estas horas acha-se defronte  
Já de Constantinopla a força bruta  
De Mahomet segundo! E no horisonte  
Vejo a abysmar-se em vórtice eminente  
A Civilisação do Occidente!...»

Na Cidade, onde ha trinta mil pessoas  
Apenas cinco mil ás armas correm !  
As outras, como alheias, más ou boas  
Aceitam as noticias quizes occorrem ;  
A fé, a dignidade, o odio apagou-as,  
E escuta-se entre os gritos dos que morrem :  
— Antes sob o Turbante de Mahomet,  
Que do nuncio Isidoro hoje o barrete! —

Eu só trabalho pela causa justa ;  
Ao vêr Chypre do Turco conquistada,  
Ao rei de França escrevo ; e elle, á custa  
Da fé christianissima jurada,  
Respondeu-me : — Que o Turco não o assusta,  
Que a França está de forças esgotada  
Por trinta annos de guerras e revezes,  
Vendo inda ha pouco expulsos os Inglezes.

Respondeu-me Inglaterra em desatino,  
Pérfida entre as potencias orgulhosas :  
Que de Byzancio os muros e o destino  
Não valiam as guerras das Duas Rosas.  
A Hespanha diz : — Do reino granadino  
A conquista dá palmas mais gloriosas.  
Da Allemanha as corôas são lembradas  
Das traições de Comnené nas Cruzadas!



Apenas me ajudaram com galeras  
Genova e Veneza! A estas horas  
Qual a sorte da guerra? Já imperas  
Barbarie? a tuas mãos assoladoras  
Apaga-se o esplendor das nobres éras,  
Da consciencia as lucidas auroras;  
E a Civilização do Occidente,  
Com desdem das Potencias, cae, tremente.

Quando estava a palestra n'esta altura  
O Cardeal Isidoro entra na sala;  
Fugira da matança atroz e escura,  
Da queda e saque de Byzancio falla.  
Com espanto o escutam! a amargura  
Inconsolavel suas almas rala,  
E o Cardeal a narrativa fecha  
Quando com armas acudiu á brecha!

Contou como a cidade foi tomada,  
E a bella cathedral Santa Sophia  
Em Mesquita de prompto transformada  
Pelo Sultão votada n'esse dia,  
Tendo-a mandado evacuar á espada,  
E o sacrificio santo interrompia!  
Parece que um mortal súdario frio  
Cobre tudo! e que a luz do sol sumiu!

O Papa fica succumbido um instante,  
Voltou a si com animo; e exclama:  
«O dinheiro de Pedro inda é bastante  
Para atear de uma Cruzada a chamma!  
Constantinopla está sob o turbante...  
Mas, que dôr por mim todo se derrama!  
Que desgraça! que ruina e fatal côrte!  
Eu bem sinto que é isto a minha morte.»

## CANTO III

## O Cartel do Infante

Do Mestrado de Christo às terras, longe  
 Dos ruidos da cõrte se retira  
 O inclyto Infante Dom Henrique. Soffre  
 Em silencio os pezares, o remorso  
 Pela morte do Duque de Coimbra,  
 Desventuroso irmão, que uma palavra  
 Sua, a tempo, salvára contra a intriga  
 Da tredda imputação — que conspirava  
 Cõtra a corõa do sobrinho e genro!

Quando o alquebrado espirito procura  
 Desannuiar, tristeza mais profunda  
 Accomette-o! Mandara-lhe um Legado  
 O terceiro Calixto Papa: exora  
 A cooperação do heroico Infante  
 Para a grande, urgentissima Cruzada  
 Contra o implacavel Mahomet segundo,  
 Que subjugada tem Constantinopla!  
 N'uma sentida Carta lhe escrevia  
 O que n'um grito aos reis da Europa disse:

«Uma enchente de Barbaros avança  
 Sobre a Europa, e ao pèlago profundo  
 Da servidão e estupidez nos lança!

Vem commandada por Mahomet segundo;  
 Em Byzancio, na capital do Imperio  
 Assentou o seu throno! Golpe fundo.

Ao papa Nicoláo quinto a dôr fere-o,  
 Por encontrar da Europa os Reis na inercia,  
 Não vendo o alcance de um perigo sério;

Maior do que o de outr'ora, quando a Persia  
Exercitos innumeros despeja  
Para extinguir a liberdade e a Grecia.

Hoje a catastrophe é maior! A Igreja  
A's Nações cultas, e que são herdeiras  
Da Grecia e Roma, chama-as á peleja.

Enquanto os Reis não erguem as bandeiras  
Para a Cruzada unanime, espontanea,  
Vem o Turco tomando as dianteiras;

Conquista a Bosnia e logo a Karamania,  
Da Criméa de subito se apossa,  
Otranto cáe á acção forte, instantanea.

A Armada de Veneza já destroça ;  
Põe á ilha de Rhodes duro assedio,  
De escravos cuida que a fileira engrossa

Com Cavalleiros de Sam João!... Remedio  
Reclama a affronta que a bruteza excede ;  
A Christandade ao monstro o triumpho vêde-o.

Os Osmanlis da Europa fazem séde,  
E as velciras galeras temerosas  
No Mar Mediterraneo quem impede?...\*

Não pôde lér o Infante as dolorosas  
Palavras d'esta Encyclica do Papa,  
A convidar os Princepes da Europa  
Pará a Cruzada santa, humana e justa!  
A vista grossas lagrimas toldaram,  
E do Legado resolute inquire :

—Os Soberanos que resposta deram?  
 Que prometteram para a nobre empreza?  
 Vêm á Cruzada do glorioso heroismo?

Volve o Legado com dolente falla:

•Oh! vergonha é dizel-o! A Christandade  
 Por um abjecto egoismo desunida,  
 Cada potencia busca as allianças  
 Com Mahomet segundo, cujo imperio  
 Crescendo em poderio, reconhecem!  
 Vede como o Senado de Veneza  
 Contra Genova pede ao Turco apoio.  
 E Fernando o Catholico! com elle  
 Tambem os Reis de Napoles, da Hungria,  
 Da Polonia, o Grão-Duque de Florença  
 Mancham a historia, anciosos disputando  
 As boas graças do Sultão, que chama  
*Luctas de Cães e Porcos* os conflictos  
 Que os Reis da Europa entre si têm!

O Infante

No desespero que o estrangula, exclama:

—Perante a corrupção e a ruina  
 De uma epoca vil, nada mais resta  
 Além da dignidade do individuo!  
 Conte o homem de bem consigo, apenas  
 Quando os Estados, miseros, se vergam  
 Ante os ginetes de Mahomet segundo,  
 Quem lucta? A sós a individual bravura:  
 Admiro Scanderberg e Hunyade!  
 Pois bem; visto que os Reis hoje se excusam  
 A Cruzada, eu, sósinho, irei bater-me  
 Com Mahomet segundo frente a frente,  
 Em duello de irrevogavel morte!—

Aos fidalgos de sua Casa chama,  
Aos Cavalleiros do Mestrado:

—Amigos!

Quem d'entre vós quer ir perder a vida  
Pela fé, a Constantinopla marche,  
E entregue o meu Cartel de desafio  
A Mahomet segundo.—

Promptamente

Dois bravos cavalleiros avançaram,  
Freires de Christo. O Infante Dom Henrique  
Manda vir a dourada escrivadinha,  
Dita em solemne pausa merencorio:

—A Mahomet segundo, o irrisorio  
Sultão filho de escrava, que alguém véde  
Que mais da Europa calque o territorio!

Ao assassino do irmão Amhed,  
Da princeza de Sinope nascido,  
E herdeiro de Amurath, contas lhe pede

Príncipe do Occidente, destemido,  
Por assentar seu throno aonde esteve  
Do Imperio romano o solio erguido.

Por que contra a Europa o vil se atreve,  
Substituindo a Cruz pelo Crescente  
Sobre Santa Sophia! A' liça, breve!

Christão e Cavalleiro do Occidente,  
Contra ti da justiça a força emprego-a  
Para um combate singular, fremente,



A todo o transe, sem te dar mais trégoa  
A não ser a da morte!—

O escrevente

Do Cartel prompto dois traslados tira.  
Cada um dos Cavalleiros tendo feito  
Dos bens terrenos doação, e as almas  
Preparado de espiritual soccorro,  
Deliberados partem. Um, por terra,  
Outro, por mar, seguiram á ventura,  
Como quem vae manter um Passo honroso!

#### CANTO IV

##### A Visão de Sagres

O Mar Mediterraneo estava em preza  
Das galeras dos Turcos, vis corsarios!  
Perante a indiferença dos monarchas  
Pelas conquistas rapidas, crescentes  
Com que Mahomet vae occupando a Europa,  
O Infante Dom Henrique os olhos lança  
A' vastidão do atlantico Oceano,  
Cujo horisonte infindo é um mysterio,  
Mar tenebroso, e nunca navegado,  
Que os nautas com terror de si repelle!

Durante um anno o Infante inclyto aguarda  
A volta de qualquer dos Cavalleiros,  
Com a resposta ao destemido repto!  
Era esperanza vã. Mahomet segundo  
Entregue á embriaguez, torpe e devasso  
Depois de incruentissimas batalhas,

Como corresponder ao digno appello  
 Do Grão Mestre de Christo? Heroicos tempos  
 Das luctas de Ricardo e Saladino  
 São idos para sempre; esse desprezo  
 Do Sultão por cavalleheirescos passos  
 Mostra ao Infante da pessoal bravura  
 Finda a idade: a Cívilisação pede  
 Outra arena mais larga de combate.

Contemplando o sereno Mar immenso,  
 Um problema na mente volve agora.

E dizia consigo:

—Eu, dia e noite, penso

Como sustar a enchente assoladora  
 Do tremendo e invencível inimigo?

A Cívilisação do Occidente

Salvar, qual fez a Grecia em Salamina? —

Que empresas imagina!

Que sonho audaz e crente!

Revolvendo os Annaes da Antiquidade,  
 Brada: — Oh grande lição da Humanidade.

Com ser pequena a Grecia em territorio,  
 Da Persia o enorme exercito derrota

Em combate naval!

Inicie Portugal

Contra o Oriente a guerra; no equóreo  
 Abrindo para a Asia a extranha róta.

Das canibaes e infames hordas turcas  
 Do assalto a Europa inteira se liberta,

Quando em nossas urcas

Formos com róta certa;

Ferindo-as no Oriente e no seu berço  
 Dos Portuguezes pelo braço adverso! —

Contemplando do Oceano a profundez,  
E do horisonte a linha ampla, infinita,  
Vê rugirem procellas com braveza ;  
Concentrado medita,  
Se a Gente portugueza  
Dará realidade á ousada empreza !

Quando a imaginação se lhe apavóra,  
Eis que o Mar Tenebroso se illumina  
Com o clarão de boreal aurora :  
O futuro, n'essa hora,  
Nitido discrimina,  
Ao brilho da ideal phosphorecencia  
Do mar, ou do fulgor da intelligencia :

—Foi de Osmanlis o sonho audaz de gloria  
Tomar Constantinopla ! Poz-lhe assedio  
Amurath ; mas já perto da victoria,  
Não teve outro remedio,  
Por salvar a Anatolia n'um momento,  
Forçado erguer, deixar o acampamento.

Tambem Mahomet segundo em tanta insania  
Veiu pôr cerco á capital do Oriente !  
De Ibrahim, principe da Karamania,  
A revolta, forçou-o de repente  
A transpôr o Hellesponto, e em prompta razzia  
Ir acudir aos seus Estados da Asia.

O segredo da salvação da Europa  
Está patente n'estes dois successos !  
Dos portuguezes galeões a pôpa  
Quando ao Mar Tenebroso abra os recóssos,  
E da Asia o maritimo caminho,  
São os Turcos feridos no seu ninho.

Já para sempre a Europa se liberta  
 Da raça bruta que, hoje, a infesta e tala!  
 Ao peito heroico é nova liça aberta,  
 Ninguém ao luzo no impeto o eguala;  
 E a Portugal a aurora o illumina  
 Dos dias triumphaes de Salamina!—

N'este alto pensamento se arrebatá:  
 Activa o Infante intrepidas emprezas  
 Das Navegações grandes portuguezas;  
 Das intimas tristezas se resgata,  
 Nessa visão do infinito equóreo  
 De Sagres no remoto promontorio:

Oh! não foi, não, essa visão chimerica,  
     E' lucida a miragem:  
     Seguindo incerta róta  
 Atravessa uma destemida fróta  
 O Tenebroso Mar, e toca a margem  
 De um ignorado Continente—a America!

Lá para onde, oh sol, froixo declinas  
 Outros baixéis vogando representas,  
 Transpuzeram o Cabo das Tormentas.  
 Vão implantar as portuguezas Quinas  
     Em um outro hemispherio!  
     E' da Asia o novo imperio.

Do Atlantico ao Pacifico Oceano  
     Um Portuguez, primeiro,  
 Atravessa por não cuidado esteiro,  
 Faz a circumducção da Terra ufano!  
 Do planeta tomou posse á vontade  
 O homem! E' triumphante a Humanidade.

Oh Visão! realidade surpreendente,  
Dos Portuguezes na Asia a valentia  
Faz recuar dos Osmanlis a gente  
Que a Europa desmembrada comprimia;  
Dos dois mundos — o Oriente e o Occidente  
Nasce a consciencia da intima harmonia,  
Inspirando a Epopéa portugueza  
Na lucta e imperio sobre a Natureza.

## VI

## SAVONAROLA

## I

Quem sabe o que era um monge? foragido,  
Ermo e triste na paz da estreita cella,  
No pedestal da cruz tendo pendido  
O rosto macilento de quem véla!  
Quantas vezes na dôr do seu gemido  
Se abriu o céu, e a musica singela  
Do côro angelical pôz doce calma,  
Vindo repercutir dentro em sua alma!

## II

Ao longe vendo a eterna patria, ancioso,  
Como Moysés a terra promettida:  
Sulamite com mais fervor, do Esposo  
Não espera da volta a hora querida,  
Como elle espera o instante venturoso  
Do regresso do exilio e da partida.  
Do austero monge foi a terra leito,  
E sepulchro da angustia o debil peito.



## III

Vira n'alma florir meiga saudade  
Do amor primeiro, alegre idade de ouro;  
Lembrando aquelle amor da mocidade,  
Viu cinzas no lugar do seu thesouro.  
Buscou a paz do claustro, a soledade,  
E o claustro ouviu do filho o intimo choro!  
Viu na gloria do mundo uma mentira,  
O seu pincel de artista ao olvido atira.

## IV

Como ao naufrago dá descanso o porto,  
Ao filho atribulado em tanta ruina  
O recinto do claustro almo conforto  
Lhe deu na sua paz santa e divina.  
Envolto no burel, o monge absorto  
Que tintas sobre a tela hoje combina!  
Que véo phantastico o pincel desdobra!  
Contempla melancholico a sua obra.

## V

Do Apostolo era o vulto! Assim o viu  
N'um extasis, suspenso, irradiante,  
Na penumbra do cárcere sombrio,  
Tendo a auréola em volta do semblante.  
Tudo exprime o pincel do artista pio  
N'aquelle olhar immovel, deslumbrante!  
Que mysterios na tela não exprime!  
Ah como d'este quadro a vista o opprime!

## VI

E retocando as sombras, pára, escuta  
Os sinos do mosteiro em dobre triste:  
•Feliz irmão, que vencedor na lucta  
A' celestre morada hoje subiste.  
Meu Deus! se é a sentença impia e corrupta  
Com que Roma fulmina o velho Antiste!...  
Cae-lhe o pincel. Corre a abraçar o amigo,  
Que em breve desce á paz do frio jazigo.

## VII

Apostolo é a pomba que annuncia  
A paz, trazendo o ramo de oliveira!  
Apostolo é o grito de alegria,  
Apostolo é a sombra da palmeira!  
Apostolo é o sol que traz o dia,  
E o dia a liberdade á tribu inteira;  
Apostolo é o obreiro do futuro,  
Martyr calado no flagicio escuro.

## VIII

Savonaróla ergueu-se! Viu n'essa hora  
Que o povo ia a seguil-o em seu delirio,  
Como Israel tambem seguira outr'ora,  
A' noite, no deserto o ignoto cirio.  
Viu fulgir no futuro a eterna aurora,  
Faltava-lhe a coróa do martyrio...  
E Roma estremeceu! do Christo a esposa  
Dá-lhe a palma, abre a via-dolorosa!

## IX

Sobre a fronte, na tétrica masmorra,  
Resplandecia a auréola do justo!  
Enlevado em beatifica modorra,  
Antevendo o supplicio, não com susto,  
Prostrado junto á cruz, á turba: «Morra!»  
No confuso tumulto ouvia a custo:  
E a visão começava no momento  
Em que a Deos remontava o pensamento:

## X

«Oh Christo! solitario te contemplo,  
Meditando em tua intima agonia.  
Vendo a guerra de irmãos, unico exemplo,  
E o quadro torpe da nefanda orgia!  
Quando ao universo abrias um só templo,  
Uma só lei de amor, que tudo unia,  
Ouviste o insulto, ouviste o escarneo acerbo  
D'aquelles a quem davas o teu Verbo!

## XI

E viste que o pudor era um insulto,  
Em vez da prece achaste o rir obsceno;  
Em vez da crença o embuste, meio occulto  
De propinar á turba mais veneno!  
Viste nas aras leyantado um vulto,  
Deus do crime, e caíndo ao teu aceno,  
Ergueste os olhos do sudario impuro  
Para além do horisonte do futuro.

## XII

Ao vêr que o brilho futil dos diademas  
Offuscava aos humildes o direito,  
Vendo o povo beijar os seus algemas,  
Sentiste, oh Christo, confranger-se o peito!  
Mas que jubilo ao vêr n'horas extremas  
Que o sacrificio do homem era accito!  
Viste erguer-se uma raça dura e forte,  
Beijar tua cruz—os Barbaros do Norte!

## XIII

Sentindo, oppresso, em ti força bastante  
Para ir dizer na frente dos tyrannos:  
—Todos sômos irmãos!—gritaste: A'vante!  
Rasgando o véo do embuste e dos enganos,  
Sacudindo o ergástulo aviltante;  
E da púrpura rôta dos sob'ranos  
Fôste escorrer as lagrimas do povo,  
Que esperava debalde o dia novo!

## XIV

Deixaste divagar o pensamento,  
Insondavel, immenso! o atroz sarcasmo  
Fortalecia mais o teu intento,  
Redobrava-te o esforço, o enthusiasmo.  
Oh! por certo aterrou-te o soffrimento:  
Sentiste, oh Christo, um doloroso espasmo,  
Prevendo quinze seculos correrem  
Sem a nova palavra comprehenderem.

## XV

Por isso foi teu calix mais amargo,  
E mais tórbidas foram suas fezes!  
Por isso sobre a Cruz, no frio lethargo,  
Anteviste do Apostolo os revezes!  
Assim ao pé da Cruz meu peito alargou,  
E sinto forças quando penso ás vezes,  
Co'a palavra e teu Verbo como norma,  
Supplantar a mentira!... Eil-a a Reforma.

## XVI

Tu és oh Cruz, a pagina dispersa  
Do livro da harmonia aberto ao povo;  
Tu és das gerações a voz diversa,  
Que eleva do trabalho um canto novo!  
És batel que soccorre a não submersa,  
És da arvore da vida outro renovo;  
Representas o abraço da alliança,  
Estrella do Oriente, amor, esp'rança!

## XVII

Oh Cruz, és como a fonte do deserto,  
Ai sollicita Agar, materno seio!  
A cythara maviosa do concerto  
Do amor fraterno, que do céu nos veiu;  
Escada de Jacob, eden aberto...  
E dizendo, parou, sem força, em meio,  
No pedestal da Cruz poisando a fronte,  
Abrindo aos olhos de alma outro horisonte.



## XVIII

Noite escura! a borrasca solta um grito,  
Trovões ribombam n'um concerto horrendo;  
Responde o mar ás vozes do infinito!  
E a mente do homem, no mysterio lendo,  
Com ella ergue um colloquio no conflicto,  
O mysterio d'esta hora interrompendo.  
Foi augusta a palavra! O vento briga  
Nos coruchéos da cathedral antiga!

## XIX

O relampago fulge e vence a treva!  
Miguel com Satanaz em luctas anda;  
Vago o silencio escuta: «Ha quem se atreva?»  
Diz Lucifer; mas Deus o archanjo manda  
Que co'a espada de fogo no ar escreva:  
«Paz na terra!» Diffunde-se luz branda;  
Na terra paz e gloria nas alturas,  
Filho, esperam-te as gerações futuras.

## XX

Filho, desce! Contrista-te a agonia?  
E o Filho abraça a Cruz e se faz homem;  
E quando a humanidade parecia  
Os restos do naufragio que se sômem,  
Os sete sellos mãos da tyrannia  
Rompe, e quebra os grilhões que a consomem,  
Gritando-lhe: — Ahasvero, de ora ávante  
Seja marco o futuro: adiante, adiante!

## XXI

O Apostolo ergueu-se, olhou em roda,  
Havia um santo horror, mas firme o guarda  
Na masmorra velando a noite toda,  
Ao vêr erguer-se o Monge se acovarda!  
Ecco longiquo de nocturna bôda  
Lá fóra o vento imita; e'a alabarda,  
Que estivera enepstada na parede,  
Caiu, mal disse o martyr: «Tenho séde!

## XXII

Ermo na dôr, medito e desespero,  
A duvida me cerca, punge e afflige!  
Alma, que geme no martyrio fero,  
Ao porvir nebuloso o olhar dirige!  
Sôrvo o calix, meu Deus, eu creio e espero,  
Dâe-me forças do transe na vertige!  
E o guarda traz ao Monge o côpo de agua;  
Ao vêl-a immunda qual não foi a magoa!

## XXIII

•Busquei trato de amigos; procurando  
Das turbas distração entre o tumulto,  
Odios, crimes, má fé vou encontrando!  
É maior minha magoa se a occulto,  
Não a percebe o vulgo! Oh não sei quando  
Não verei em cada homem triste insulto...  
E erguendo a fronte de sombrio aspecto,  
Sorriu-se ao vêr entrar Fra-Benedetto.

## XXIV

— Amigo ! hoje n'este antro te procuro,  
Quando esqueces do peito intimas chagas,  
E cuidas nas do povo e seu futuro !  
Como contra o baixel se vão as vagas,  
O povo é assim ; é onda em pégo escuro,  
Prodigo filho que a teu seio affagas !  
E que importa ? a animar-te não resisto,  
Vê no Evangelho o exemplo, adora o Christo. —

## XXV

• Fugindo aos homens a alma se me enluta,  
Como a esp'rança, a meu lado tudo é morto,  
Um livro simples unico me escuta !  
Argumento com elle, e n'elle absorto,  
Com elle a dôr o espirito commuta ;  
É o Livro de Job o meu conforto...  
Pois que ninguem responde aos meus acenos,  
Fra-Benedetto, um gole de agua ao menos !

## XXVI

Baixel que incerto voga entre um cachôpo  
E o horror da noite negra, eis minha vida !  
É bella ! vê da serra sobre o tópo  
Brilhar a lua agora distrahida !  
A vida é boa, sim ! d'esta agua um copo  
No peito extingue a labareda erguida !  
Disse, e toma das mãos do amigo a taça,  
Bebe, bebe, ao Senhor depois deu graça.

## XXVII

«São palavras de um mísero que geme  
Sob o peso de angustia inoportavel,  
É celcuma de um nauta, que sem leme  
Navega em rumo incerto e variavel!  
Tu que não escarneces, chora e crê-me  
No enigma de angustia indecifravel,  
Depois verás se ha mal que o meu eguale  
N'este de prantos acanhado valle.»

## XXVIII

Surdos, lugubres sons do psalmo rude  
Roucas bôccas hypocritas resaram;  
Como entôam em volta do ataúde,  
Na profundez da aboboda soaram;  
Ao justo nada faz que a côr se mude  
Na face, que as vigalias maceraram!  
Range a porta do carcere no quicio,  
E o cordeiro caminha ao sacrificio.

## XXIX

Era ao nascer do sol. Desponta o dia  
Esplendido; e que aroma o bosque exhala!  
Só na morte do justo o céu vestia  
O azul tão puro, com que ostenta a gala.  
Quando o Monge do carcere saia,  
Lançou o olhar ao fundo da senzalla;  
Sentiu n'alma bem fundas saudades  
Ao ver entrar o sol por entre as grades:

## XXX

•Ai, como o pobre Lazaro sedento,  
 Que vendo deslizar na dôr seus dias,  
 Sentado junto ás portas do opulento,  
 Escuta as gargalhadas das orgias;  
 Olhos ao céo, a Deus o pensamento  
 Elevo; afasta o calix que me envias,  
 Para o transe, Senhor, é prompta esta alma,  
 Fazei reverdecer a sua palma!»

## XXXI

Além se estende a praça! Tumultua  
 A plebe para vêr este martyrio:  
 Desce o Apostolo, e o vulgo pela rua  
 Insulta o que adorou no môr delirio!  
 No póste a labareda já fluctua,  
 Põe o martyr os olhos no empyreo,  
 Dizendo: «Perdoae a loucura,  
 No fogo, assim, o espirito se apura!»

## XXXII

Do povo, uns tem do horror o mudo aspecto,  
 Outros riem com risos sanguinarios!  
 Abre um nonno o sacrilego decreto,  
 Ordena o infame bando dos sicarios  
 Que o leia o monge pio Fra-Benedetto,  
 Ao som dos longos dobres funerarios!  
 Leu pavido a sentença, pára em meio,  
 Pende-lhe a fronte exhausta sobre o seio!



## XXXIII

Como quem lança á chamma uma figueira  
Por esteril, o bando enfurecido  
Arroja Fra-Girólamo á fogueira!  
Não se escutou um unico gemido.  
Confrange-se de pasmo a turba inteira,  
O estalido dos ossos é ouvido!  
Disse o Monge: «Oh que fazes tu, Florença!»  
Caiu, cobriu-se o céu de nevoa densa.

## XXXIV

A columna do templo era quebrada,  
Vestiu-se o céu de lucto ao vêr aquillo!  
Nos côros da beatifica morada  
Hade pura, alva chlamyde vestil-o!  
Da vertigem violenta e prolongada,  
Fra-Benedetto acorda, já tranquillo,  
E nos labios dizin-lhe um sorriso:  
«Comtigo hoje serci no paraiso.»

## XXXV

Abysmado na dôr e carrancudo,  
Por se lhe afigurar o golpe fero,  
Vendo a imagem do amigo, oppresso e mudo  
Entra na humilde cella o monge austero.  
A cruz, a Biblia ao pé, silencio tudo,  
Tudo provoca o pranto mais sincero;  
E ao vêr do amigo a fronte, pretendia  
Dar-lhe a expressão divina da agonía.

## XXXVI

Sorriu! que riso aquelle! Dôr tamanha  
Por lagrimas sem fim não se revela!  
Doido, atira o pincel com que desenha  
Ao rio que á falda corre da janella!  
A vista desvairada força estranha  
A fascina e não deixa erguer da téla!  
Que vertigem! detem-no braço occulto,  
Destaca-se no quadrô mais o vulto.

## XXXVII

O artista grego ao vêr a estatua fria  
Tomar rubor lascivo, n'esse instante  
Sentindo o alvo marfim em que esculpia  
De tepido tornar-se palpitante,  
Pavoroso terror não sentiria  
Como o attonito monge ao vêr brilhante  
Auréola de luz cercar-lhe a fronte,  
Como o disco da lua no horisonte.

## XXXVIII

Nas veias pára o sangue como o gèlo!  
E sempre o mesmo olhar! A dôr se augmenta;  
As palpebras cerrou para não vê-lo,  
D'entre as sombras visiveis se lhe ostenta.  
Nas ancias infernaes de um pezadèllo  
Succumbe, e já da vista a luz se ausenta;  
Um gélido suor na fronte escorre,  
E o taciturno monge cêe e morre.

## XXXIX

Quem sabe o que era um monge! Foragido,  
 Só e triste na paz da estreita oella,  
 Da sua cruz á sombra, arrependido,  
 Vendo o mundo nos eccos da procella!  
 Quantas vezes na dôr do seu gemido  
 Se abriu o céo, e a musica singela  
 Das cytharas angelicas no côro  
 Lhe confundia as vozes do seu choro!

## VII

## PHRASE DE MIGUEL ANGELO

Oh Dante! oh nova aurora de Poesia,  
 Duro juiz da inulta liberdade!  
 Quando entraste dos prantos na Cidade,  
 Perguntaste a Virgilio, ao doce guia:

«D'onde vem tal fragrancia e harmonia,  
 Vozes de amor de tanta suavidade,  
 Que se acclara á amplidão da escuridade,  
 Sobre o estertor da horrída agonia?»

Viste, pairando em nuvem opalina,  
 Voar Paolo e Francesca triste e amante;  
 Quizeste ouvir a dôr que os fulmina.

Interrogaste o Mestre n'esse instante;  
 Ella, explica no ardor que desatina:  
*La bocca mi bacciò tutto tremante.*

Fria, dentro de um féretro estendida,  
Eu vi passar também d'esta janella,  
Ai, para sempre e nunca mais! aquella  
Que fôra para mim ideal e vida.

Com Vittoria Colonna, não vencida  
Vac-se da esperança a luz com ella!  
Sem rumo e sem fanal d'entre a procella  
Que eu fique nave misera perdida.

O espirito se abysma em vacuo immenso;  
A solidão por vasta mais suffoca,  
Do mal irremissivel me convenço:

Eu pergunto, que mão lethal me toca?  
Vel-a morta passar... e scismo e penso:  
*Sem nunca ter beijado aquella bocca!*

## VIII

### A ESTATUA

O grande Artista tinha terminado  
A Estatua de Moysés,  
Dando-lhe a magestade ideal, divina!  
Com tristeza, cansado  
Depuzera-lhe aos pés  
Esse valente e audacioso escôpro,  
Que ao blôco informe, ao vulto contornado,  
À frente que domina  
Levou da vida o sôpro!

Como que envolve o Instituidor das gentes  
Nimbo sobre-humano!  
Tem no ar soberano  
Occulta força que subjuga os crentes.

Sobre a pedra ou o Bétvlo, que adora  
O homem primitivo  
Em uma edade prisca,  
O cinzel do Artista pôde agora  
D'aquelle consagrado Fogo vivo  
Reaccender a animica faísca.

Ao Templo de Sam Pedro, excelso e vasto,  
Do mundo Cathedral,  
Foi transportada arrasto  
A Estatua colossal.  
Debaixo das abobadas gigantes  
Que um povo em si contém como sepulto,  
No alto pedestal  
São agora mais firmes, dominantes  
As linhas do seu vulto!

No Templo, d'onde o Papa ao orbe dita  
Da Lei nova o imperio,  
Em que a concordia aos povos aconselha  
Pela palavra viva...  
(Oh sublime mysterio  
Da Synthese poetica, infinita!)  
Mostra erguidas as taboas da Lei Velha  
O vulto de Moysés,  
Na mudez expressiva  
Conciliando ali ambas as Fés!



Ninguém, ninguém comprehendera isto.  
O sentimento humano em vagos nutos,  
Ante os dois absolutos  
Mostra a harmonia entre Iahveh e Christo.

Contradizem-se os Dogmas mutuamente;  
Mas da Sciencia a verdade  
Proclama em toda a parte  
Que o Homem fez na primordial idade  
Deuses e Religiões, sincero e crente;  
Hoje a missão da Arte  
Unifica-os na mesma Humanidade.

Miguel Angelo em sua fé profunda,  
E no ardor da altiva inspiração,  
Entre a Estatua e a Cathedral jucunda  
Sente a contradicção:  
No vulto que a inunda  
De claridade astral sobre-humana,  
E nas fogueiras cannibaes, devassas  
Contra inermes judeus, que a Inquisição,  
Com uma furia insana,  
Atêa pelas praças!

Uma noite elle acorda, ao pesadello  
Do terrivel e estranho antagonismo  
Dos Dogmas, imprevisto!  
A sós exclama: «Não existe abysmo,  
Antinomia entre Iahveh e Christo:  
A Estatua de Moysés,  
Na Cathedral, o symbolo mais bello  
Que ha no Catholicismo,  
Torna-se mais eloquente cada vez!  
Duas estrophes de um ideal poema  
Na harmonia da synthese suprema.»

Na Cathedral entrou por horas mortas,  
Quando o terror os animos abala,  
O Artista eximio abre a seu grado as portas,  
E chega ao pé da gigantesca imagem.  
Com a audacia do genio a intima :

«Falla!»

A Estatua fallou n'essa linguagem  
De imperceptiveis sons, que communica  
Entre as almas o odio e a sympathia,  
Que a verdade e poesia  
Na mesma realidade identifica!

A Estatua fallou! A muda phrase  
Quem traduzil-a por palavras pensa?  
Com que viva clareza  
A comprehendeu quasi  
No seu fervor a activa Renascença,  
Quando rehabilitou a Natureza!

A Estatua expressava, com surpresa :

—A mão do homem arrojou ao espaço  
O Zimborio soberbo  
Da Igreja de Sam Pedro!  
Essa mesma mão foi  
Que accentuou o traço,  
Arrancando do marmor', bronze ou cedro  
A estatua do Deus e do Heroe!

Quem dos Livros sagrados dita o Verbo?  
E os threnos afflictos?  
Da imprecção o brado mais acerbo,  
Do sacrificio em praticas horrendas?  
Quem sonha alegres Mythos?  
Quem elabora as Lendas,  
Uma vez Dogmas das Religiões?  
Já mais tarde Epopéas das Nações?

Responde agora a Sciencia com verdade :  
 Religiões, Sociedade,  
 Leis, Industrias e Arte,  
 São as pégadas que por toda a parte  
 Guiam os homens para a Humanidade!—

A Estatua ficou muda,  
 Que solemne momento !  
 Miguel Angelo alcança o pensamento  
 Recondito... e estuda  
 Realisar pela Arte o accordo eterno  
 Que ha entre o Mundo antigo e o moderno :

•Quando estiver meu corpo inanimado  
 Sob a gélida lousa,  
 Quizera uma só cousa :  
 Oh, se eu d'ahi contemplo  
 A Cúpula assombrosa,  
 A obra com que Brunelleschi ousa  
 Dar um ideal humano ao grande Templo,  
 Então o meu espirito enlevado  
 Na harmonia infinita se repousa. •

## IX

## O QUEIMADEIRO

Ao Rei o frio Inquisidor dizia,  
 Olhos no céu, de pé :  
 •Está prompta a fornalha onde se queime  
 A herva esteril, má da heresia,  
 Por mais que vivaz teime  
 Lavrar no campo em que floresce a Fé.

Assignae o Decreto em que se ordene  
Hoje, em nome de Deus,  
O Decreto que as almas sãs desejam,  
Para extinguir a impiedade infrene :  
Que ao Queimadeiro sejam  
Arrojados os pérfidos Judeus !»

Responde o Rei com reservada ideia :  
—Como pôde Jesus,  
Anunciado por hebreus Prophetas,  
Elle nascido em valles da Judeia,  
Como virar as settas  
O Filho contra o Paé do alto da Cruz ?—

«Para salvar-nos, ordenou o Eterno,  
(Devolve o Inquisidor)  
Que o Filho morra pelo nosso crime ;  
Mas, resurgindo e libertando o Averno,  
Oh mysterio sublime !  
Christo supplanta a Jehovah, senhor.

Das Civilisações na longa historia  
Revelam os Annaes :  
Krónos depoz Uranos ; Zeus a Krónos ;  
Sobre Zeus-Piter tem Jesus victoria ;  
Põem fóra dos thronos  
Reis e Deuses— os filhos a seus Paes.

O alto Mysterio em que eu penso e scismo  
Em verdade o direi,  
Deveis cumpril-o, com fervor completo  
Destruindo o malvado Judaismo !»  
O sangrento Decreto,  
Convicto e mudo assigna então o Rei,

Compenetrado da absurda Ideia,  
 Como já fez Jesus,  
 O annunciado dos hebreus Prophetas,  
 Sol nascido nos valles da Judeia,  
 Que veio pôr as métas  
 Ao poder de Jehovah, seu pae, da Cruz.

## X

## O ECLIPSE DA RASÃO

Dom Inigo, o galhardo cavalleiro  
 Jaz prostrado no leito da agonia,  
 Do golpe em Pampeluna recebido;  
 Mas quando erguer-se, exausto, pretendia,  
 Conhece logo ao passo seu primeiro,  
 Que o garboso donzel ficou tolhido.  
 Aleijado, aborrido,  
 Recorda-se d'aquella  
 Vã côrte de Castella,  
 O antigo pagem do bom rei Fernando!  
 E agora côxo, estropiado, quando  
 Fôr visto pelas damas, que risadas  
 Lhe irão envenenando  
 Horas de encanto outr'ora ali passadas.

Ainda fraco pela febre, debil  
 N'um vágado, em deliquio então cahira  
 Contemplando da Virgem doce imagem;  
 Quando a onda sanguinea lhe subira  
 Ao cerebro outra vez, tremente, flébil  
 Como absorto na divinal miragem,  
 Elle sente a coragem  
 Renascer-lhe na vida;  
 E a esperança perdida

Transformar-se ante a visão que o incita,  
Visão de gloria esplendida, infinita,  
Em que o soldado trava outro combate  
    Contra a hoste precita,  
Para alcançar do homem o resgate :

«Eu vejo a lucta infinda  
De Satanaz contra Jesus ! Eu tenho  
    Junto da Cruz ainda  
    O meu posto, e hoje venho  
Na Ala santa alistar-me, com empenho.

Para Africa e Oriente  
Já os Crentes do Islan vão repellidos,  
    Pelo Hespanhol ardente  
    Com violencia batidos,  
Pelo Hungaro e Polaco destemidos.

De Moysés os sectarios  
Do Santo Officio ardem nas fogueiras !  
    Mas nos combates varios  
    Contra a Igreja, altaneiras  
Mais ondas vêm, peores que as primeiras.

Vem das brumas do Norte  
Da Allemanha, da Hollanda e da Inglaterra  
    Essa corrente forte  
    Que o Livre-Exame encerra,  
E do espirito a submissão desterra !

Sustarei essa vaga !  
Como posso algemar o pensamento ?  
    Se elle doido divaga,  
    Inquieto, turbulento,  
Investigando a causa a cada evento ?



Oh maravilha estranha!  
 O Sol parou de Jesué ao mando!  
 E a batalha ganha  
 O dia prolongando,  
 No triumpho a Jehovah glorificando.

O estupendo milagre  
 É bem que n'este seculo o repita,  
 Que o meu vigor consagre  
 Ao que a mente medita:  
 Páre o Sol da Rasão que nos agita!

O Sol não pára, dizem  
 As leis eternas da Astronomia;  
 Hoje melhor lei frizem:  
 Páre o Sol que nos guia,  
 A Rasão! que da Fé nos divorcia.

Sim, a Rasão humana  
 É esse novo Sol, que parar deve!  
 Assim, victoria insana  
 Hade ser ganha em breve;  
 Quem, pela Crença, a tudo não se atreve?

De ideias no conflicto,  
 Serei o novo Jesué na lucha!  
 Correrão ao meu grito  
 Do passado o que nuta,  
 E o incerto porvir que tudo escuta.

As gerações domino  
 Se assalto a Cidadella da Sciencia;  
 Se, pervertendo o Ensino,  
 E da Rasão na ausencia,  
 Submetto o mundo á Santa Obediencia!

E vencida a batalha,  
No eclipse da Razão, da sombra e luz,  
Pelo mundo se espalha  
A Loucura da Cruz,  
Que eu, como Paulo, à Sciencia humana oppuz.\*

---

Depois de ter pensado longos dias  
No desvairado sonho de doente,  
Dom Inigo, o estropiado cavalleiro,  
Depois de peregrinar no Oriente,  
De ter soffrido apupos, ironias ;  
Na Capella subterranea do mosteiro  
De Montmartre, altaneiro  
Obscuro grupo amigo  
Ajuntou Dom Inigo,  
E na mudez do gélido convento  
Proferem absoluto juramento :  
•Nenhum outro poder além do Papa!  
Bons são os meios, quando o fim não 'scapa ;  
Grilhões ao Pensamento !•

II

CLARTÉ DE TOUT

oo

A EPOPÊA DO RISO

---

I

RISUM TENEATIS

Lançou a Asia sobre a Europa  
Corrente vertiginosa  
De exaltação religiosa,  
Que de lagrimas a ensópa !

Por toda a parte se espalha  
Longo, convulsivo choro,  
Os Deuses prantêa em côro,  
Envoltos na alva mortalha ;

Deplora o joven Thammuz,  
Osiris, Mithra lamenta,  
Attys, Zagreus, e accrescenta  
A Adonis, Baldur, Jesus !

N'uma tristeza profunda  
A Humanidade cahira ;  
Com mais angustia delira  
Quanto mais o pranto a inunda.

Da sepultura na borda,  
Do tragico pezadello  
Quem desata o funebre elo,  
Que piedosa mão a acorda ?

A luz da nova alvorada  
É que a afasta da tumba,  
Quando o seculo retumba  
Livre e immensa gargalhada:

Riso que os embustes fere,  
Que a alma liberta do pasmo ;  
Vem de Rabelais e Erasmo,  
Prolonga-se até Voltaire.

Da morte de Christo o pranto  
Cessou, e a grande tristeza ;  
Rehabilita a Natureza  
D'aquelle Riso o encanto.

Como derruba a muralha  
A tuba de Gedeão,  
O Riso, — a revolução  
Da alma os terrores espalha.

Quando o Povo romano  
Estava já cansado  
De vêr dilacerado  
Cahir o Gladiador  
A chafurdar em sangue,  
Dava-se então ao Povo  
Espectaculo novo,  
Para forçal-o a rir:  
Um condemnado á morte,  
Escravo, a toda a pressa  
Pelo Circo atravessa  
Com um ovo na mão!  
Passando entre as feras  
Sem ter o ovo quebrado,  
Ficava perdoado  
Se chegasse ao altar.  
O grande Povo ria  
Da esperança e ludibrio  
Do escravo no equilibrio  
Incerto com terror.

Foi assim, no fragor  
D'esse conflicto obnoxio  
Do Imperio e Sacerdocio,  
Da Europa sobre a arena!

A lucta não serena,  
Não dão trégua as chimeras;  
Entre as coroadas feras  
Eis athletas espertos:

Espiritos libertos  
Que ante as feras coroadas  
Provocam gargalhadas  
Que em si trazem revolta!

Quem um tal riso solta  
Faz livre a Consciencia;  
E da intelligencia  
Desvaneco as miragens.

As sombrias visagens,  
Terroros e enganos  
Da Noite de Mil annos  
Desfizeram-se ao cabo.

Quem esboçou do Diabo  
A figura caprina?  
E da embriaguez divina  
Da Vinha do Senhor.

Rindo, quebra o torpor?  
E dá Realeza as luctas  
Muda em lides astutas  
Da Raposa e do Lobo?

A risada do bobo  
Abala a antiga côrte,  
Tambem subjuga o forte  
Para arbitrios propenso!

É clarão do bom senso  
Que os Poderes invade,  
Ésto da liberdade  
De uma alma que resiste!

Da Humanidade triste  
No Drama doloroso  
Cordax insultuoso,  
Na ancia da justiça.



O Riso entrou na liça,  
Sarcastico bafordo,  
Em que se fez o accordo  
Por tão estranhos modos,

Da vontade de todos  
Contra o arbitrio de um só!  
As Tiaras e os Sceptros,  
Phantasticos espectros,  
Com o riso vão-se em pó.

## II

## PATHELIN TRAGICO

*Dialogo entre Luiz XI e o poeta Antoine de La Sale, depois de terem representada a Farça de Maître Pathelin:*

*Luiz XI:* Nunca, desde os bellos dias  
Das mais francas alegrias  
Do Castello de Genappe,  
Sem que algum conto me escape  
Da nossa jovial sucia,  
Me ri, como hoje da astucia  
De Agnelet, bronco zagal,  
Logrando, lorpa e boçal,  
O Advogado Pathelin!

*La Sale:* Rindo estaes, como o Delphim  
N'aquella idade passada.

*Luiz XI:* Que Farça tão engraçada!  
Melhor scena nunca vi  
Pelos Irmãos Sans-Souci.

*La Sale:* Bem viemos por esta rua.

*Luiz XI:* Pareceu-me a Farça tua.

*La Sale:* Senhor, porquê?

*Luiz XI:* N'ella vejo

Lisonjeado o meu desejo:

Quando apparece logrado

O trapaceiro Advogado,

E o Negociante aldrabão

Pelo estúpido Aldeão!

É assim que eu quero a França

N'uma mesma egual balança;

Um só pezo e medida,

Em um só costume unida . . .

*La Sale:* Mas falta ainda a Nobreza?

*Luiz XI:* Não hade ficar illeza;

Esse trabalho me resta.

Eu quero Farças como esta,

Que desviem os donzellas

Das phantasticas Novellas

Dos Cavalleiros andantes.

Hoje o mundo é dos tratantes,

Hoje o governo pertence

Ao que pela astucia vence.

Encanta-me o Aldeão rude

Quando o Advogado illude.

Oh, Agnelet tem por certo

Um largo caminho aberto,

No mundo um grande futuro.

*La Sale:* Isso mesmo conjecturo;

Na sua simplicidade,

Agnelet é na verdade

Puro Symbolo do Povo,  
 Symptoma de um Tempo novo,  
 Trêpa por mais que se roje.  
 E assim como logra hoje  
 O ardiloso Advogado  
 Que traz por Leis enlizado  
 O Commerciante ladino,  
 Que não fará o mofino?  
 Tambem vestirá um dia  
 Da altiva Aristocracia  
 Os arminhos com grandeza  
 Apanhados á Realza!

*Luiz XI:* Pois se tanto fôr preciso  
 No meu arbitrio e juizo  
 Para minar os Castellos,  
 E aos Nobres submettel-os  
 Á minha Lei!

*La Sale:* Eu acabo . . .  
 Mas do throno em menoscabo,  
 Por esse lorpa pasmado  
 O Rei hade ser levado  
 Á barra do Tribunal . . .

*Luiz XI:* De que juiz? Dize, qual?

*La Sale:* Mas, Senhor! eu não me atrevo  
 A dizer tudo . . . não devo.

*Luiz XI:* Falla! acaba a prophacia.

*La Sale:* Senhor! Agnelet, um dia,  
 Na sua audacia crescente,  
 Chamará o Rei tremente  
 Do seu Tribunal á barra:  
 Sem phrases lhe deita a garra,  
 E a cabeça lhe trunca!

Depois de um silencio reflexivo, e de um sorriso involuntario.

*Luiz XI:* Isso é impossivel ! Nunca.  
 Basta que as astucias suas  
 Fiquem bem claras e nuas,  
 Patentes as esparrellas,  
 Que ninguem cahirá n'ellas.  
 Por isso, ordeno que a *Farça*  
*De Pathelin* seja esparsa  
 Por esta arte da Imprensa,  
 Que aqui chegou de Mayença.

*La Sale:* Senhor, a fatalidade  
 Vos impelle sem detença  
 Para essa vindoura cidade:  
 Trabalhaes para a Egualdade.

## III

## O RISO DE ERASMO

Holbein em vão procura sobre a tela  
 Esboçar verdadeiro  
 O retrato de Erasmo !  
 Gheio de enthuziismo  
 Pelo sabio que espanta o mundo inteiro,  
 A figura ideal não pôde obter-a.

Cada hora, cada dia,  
 Mesmo a cada instante  
 Aquella excepcional physionomia  
 Pensativa, serena, fulgurante,  
 Na expressão varia !  
 Assim, physionomia como aquella,  
 Como hade Holbein fixar-a sobre a tela ?

Descuidado, à janella  
 Encontrou o philosopho indeciso,  
 Olhando ao longe na extensão da rua!  
 Não ha linha mais bella  
 Que a d'esse vago riso  
 Que nos labios ardentes lhe fluctua!

E esse riso era  
 Como o clarão que extingue uma chimera,  
 Luz de nitida e viva transparencia,  
 Que através da incerteza da nova era  
 Dirige a consciencia!  
 Do seculo na horrisona procella  
 Eil-o o phanal! Se o fixasse a tela!

Ali, a Erasmo, ao critico soberano  
 O pintor inquiria:  
 —Que espectaculo via?  
 E lhe inspirava um riso sobrehumano,  
 Inundando o semblante etherea luz.  
 «Eu via hoje no mundo  
 De Paulo dominar dogma profundo  
 Da *Loucura da Cruz!*

Na penumbra da Edade media eu via  
 Passar um bando illuminado ao longe  
 Do terror no transporte:  
 Reis e Papas, os Cardeaes, o Monge,  
 O rico, o fraco e o forte,  
 N'esta Dansa da Morte.

No meio dos festins e dos prazeres  
 À Dansa arrebatados  
 Vão princepes e esplendidas mulheres,  
 Mesmo na paz os bravos e os soldados!  
 N'uma ronda macabra que surprehende  
 Quem mais á vida com fervor se prende.

Contra este terror da sepultura  
 Que as almas tanto opprime,  
 Por desfastio ri-me,  
 Quando lhe oppuz a natural Loucura.  
 Quem da *Chuva de Maio*  
 Nunca a engraçada fabula ouviu?  
 Ella causa um estólido desmaio.  
 Tal chuva é da Loucura o elogio.

Com as aguas de Maio quem se molha  
 Aos outros homens como sandeus olha.  
 E passa triumphante  
 No geral desvario!  
 A Loucura, a rainha dominante  
 É por todos levada  
 Em solemne parada,  
 Com um barrete afunilado, esguio!

Vi passar essa estranha procissão  
 De Theologos e de Universidades  
 Com fôla erudição  
 Discutindo as vazias Entidades.  
 Vi, seguindo-se os Papas e Conclaves  
 Com grandes insistencias  
 Sobre o Poder das Chaves;  
 Vendendo por dinheiro as Indulgencias,  
 Banqueteando-se á larga com as sobras  
 Que dos Santos lhes rendem boas obras.

Parece interminavel o cortejo ;  
 Todos correm ás portas  
 E com espanto eu vejo  
 Na procissão entrarem Irmandades.  
 Seguindo as mesmas pistas,  
 Entrarem os Juristas  
 Querendo governar as sociedades  
 De um outro povo pelas Leis já mortas.



Feliz Loucura, como alegre lavras!  
 Com piedosa demencia,  
 Aos Dogmas sacrifica-se a existencia,  
 Por que immutaveis sejam as palavras.  
 E quanto mais me ria  
 D'esta hallucinação que mais se inflamma,  
 Subito o sangue humano se derramo,  
 Por questões vãs, banaes, de sacristia.

Fugi de tal insania á tempestade,  
 D'esta chuva de Maio  
 Do charco immenso saio;  
 Nas obras primas da Antiguidade  
 Encontro a natureza e a verdade,  
 Recuperando o juizo  
 Da Grecia com o magico sorriso.

## IV

## O RISO DE RABELAIS

D'entre o terror, quando a fogueira brilha  
 Queimando os pensadores,  
 Medicos e Impressores,  
 E fogem os cultores  
 Das Letras, que o Poder sombrio humilha:  
 Pobre Etienne Dolet,  
 Marot, Berquin, Servet,  
 Solta então Rabelais

A gargalhada contra a atroz matilha:

•Vive de sonhos a Humanidade,  
 Com mil ficções se entretem e embala;  
 Abraça a nuvem pela realidade,  
 Na miragem da immortalidade  
 Muda em limiar do céu a escura vala.

Faz dos Symbolos todo o seu encanto  
 N'uma doce illusão que a seduz.

Que perstigio o da Cruz!  
 Que mortificações e amargo pranto,  
 Quanto sangue verteu por ella, quanto!

Os Symbolos, que a multidão admira  
 São estandartes para hostilidades!

Que seculos de ira,  
 De antagonismos, de rivalidades  
 Entre as duas phantasticas Cidades!

## 1.

**As duas Cidades**

Com as tintas do iris se reveste  
 A Cidade celeste  
 Da vida beatifica, serena!  
 Com que desprezo a Theologia investe  
 Contra a Cidade mundanal, terrena!

No conflicto constante, a Igreja brada:  
 —Vivei na penitencia!  
 Detestae quanto á Natureza agrada;  
 Cambiae pela célica morada  
 Riquezas futeis, *gods* da existencia.

Na Cidade terrestre é tudo immundo;  
 Voae, voae n'um extasis jucundo,  
 Damos a Graça, que vos magnifica...  
 Para nós, que nos fica  
 A não ser os despojos d'este mundo?—

Às formas sepulchraes, mortificadas  
Por jejuns, das esqualidas figuras  
Que sanctifica a Igreja,  
Contrapoz Rabelais musculaturas  
Fortes, descommunes, exaggeradas,  
Pantagruel, Gargantua que boceja.

Assim, levanta o homem da apathia  
Da embriaguez da Graça e da tristeza!  
Com consciante ousadia  
Põe-n'o em contacto com a Natureza.  
Na sepulchral penumbra  
Da maceração negra,  
A seductora Circe, que o deslumbra,  
Dá-lhe um vigor que o vivifica e alegra.

Avança o homem nos seus passos varios  
À India, America! Esses continentes  
Têm philtros incendiarios,  
Que dão sonhos, visões surprehendentes.  
A phantasia e a razão suscita  
A miragem bonita,  
Rompendo os elos da existencia amarga,  
E a sociabilidade mais lhe alarga.

Têm esses philtros um poder mais vasto  
Do que a Taça de Esdras teve outr'ora!  
Nem é mais seductora  
A Taça de Tristão do amor não casto.  
O Santo Graal e o magico Dschem,  
Oh, por certo não têm  
A visão do futuro,  
Esperança dulcifica e serena  
Como estes philtros com que se envenena,  
Hoje Eden mais seguro,  
A Cidade terrena.

Philtros encantadores  
 Que nos inspiram riso e alegria:  
 A *Baunilha!* os lethargicos vapores  
 Afasta da aterrada phantasia!  
 Sonhos que suavizam os terrores  
 Dos abysmos da Fé;  
 Dos pezadelos da Edade media  
 Afugentam a acedia  
 O *Alcool*, o *Café*.  
 Dá-nos o *Assucar* combustão mais forte  
 Nesta lucta da vida contra a morte.

## II

## As duas Espadas

Emquanto humilde a multidão trabalha,  
 Eis luctando em indomito duello,  
 Peor do que o *flagello*  
 De grandiosa batalha,  
 Os dois Symbolos da Auctoridade:  
 O *Sceptro* com o *Báculo*,  
 Em odiento spectaculo  
 Embaraçando a marcha á Humanidade.

•Eu quero submeter o mundo todo  
 A uma só Fé! Pois d'aqui dimana  
 Por tão suave modo  
 A procurada e ideal concordia humana.  
 A terra inteira que se prostre diante  
 Do Santissimo Rei da Ilha *Sonnante*.

—O mundo inteiro a mim jungir me apraz  
De uma só Lei ao soberano imperio!

De um ao outro hemispherio  
Implantaré a Ordem e a Paz.—  
Da Monarchia universal o sonho  
Dos Reis loucos as mentes hallucina,  
Um vórtice medonho  
Arrasta os povos á carnificina.

Um vento de revolta intenso paira  
Sobre o infando e obscuro retrocesso:  
No Concilio, em Constança e Basilca,  
Proclama-se a ideia:  
O Poder com que Roma se desvaira  
Só reside dos crentes no congresso.  
Dos Estados Geraes como um espectro  
Irrompe outro terrivel vendaval,  
Que aos Reis arranca a purpura e o sceptro,  
Eil-a: A Soberania nacional.

Ensarilhe-se o Sceptro com o Báculo,  
Eleve-se o utensilio do trabalho!  
Em vez da Espada e do Hyssope, o malho,  
Do ensino illumine-se o Cénaculo.  
Eis da Paz e Verdade  
O Imperio universal da Humanidade.  
E já que o homem sem pensar e á tóa  
Dos Symbolos entrega-se ao perstigio,  
Em vez da Tiára augusta e da Corôa,  
Vede:—o Batrete phrygio!

## III

## As duas Verdades

O terrível duello do passado  
Continúa-se entre a Rasão e a Fé!  
Levantam-se de um lado  
Entelechias, Conceitos, Syllogismos;  
Do outro os Dogmas fecham-se em abysmos  
N'esse vacuo firmando-se de pé!

A Egreja conserva  
*Distinguos* de reserva,  
E fortifica-se em Opiniões!  
Do outro lado as Universidades  
Põem á frente Entidades,  
Occultas Qualidades,  
Com mil Quodlibéticas Questões!

Quem vencerá na intrépida estacada?  
Pode ser que a Verdade revelada;  
Ou talvez a Verdade demonstrada?  
Como se alastra no ar a poeirada!

No tremendo baldão  
D'esta lucta da Fé com a Rasão  
De prolongada angustia e paroxismo,  
Sôa uma voz então:  
—Abaixo o Syllogismo!—

Aquelle grito austero  
Quem o lançou? Lutherô;  
Rabelais o converte em gargalhada!  
Com jubilo sincero,  
Exclama: «A lucta cesse,  
Ante a *Dive Bouteille*, que apparece  
Da Verdade como ambula sagrada.



Ella suscita o encanto e a alegria,  
 Enthuziasmo, franqueza,  
 Ardente inspiração!  
 Rehabilita a santa Natureza,  
 E dá á phantasia  
 Dos Symbolos uma outra ideal visão.

Aristophanes! Quando a Grecia outr'ora  
 Deixou escuros Mythos e costumes,  
 Dando curso á corrente das ideias  
 Que a derrota da Persia suscitara,  
 Audaz, com o teu riso, sobre a scena,  
 Contra enthuziasmos de aspirações novas,  
 Mantiveste o perstigio do Passado.  
 Hoje, que uma era nova se define,  
 Libertando a Rasão e a Consciencia,  
 Fazendo amar a odiada Natureza,  
 O riso, o riso franco é que me ajuda  
 A acclarar os sombrios horisontes,  
 A activar do Passado a derrocada,  
 A desvendar a obra do Futuro!

E aquellas gargalhadas  
 De Rabelais, no tempo repercutem,  
 E nas almas incutem  
 Vibrações prolongadas:  
 Solta-as Henri Etienne,  
 Pasquier, e Montaigne em arrancadas  
 De bom-senso perenne.  
 Têm da verdade o dom  
 Em Noël du Fail,  
 Beroald de Verville,  
 Cyrano e Scarron.

E n'esta ondulação clara, infinita,  
Profunda, ideal, solenne  
Ao bom de La Fontaine  
Que verdades suscita,  
Como pulsa em Pascal!  
E affrontando o mal  
Nos typos de Molière,  
Toca a missão social  
Nos labios de Voltaire.

## V

## O RISO DE ARETINO

Gosando o dia de hoje,  
E o prazer que foge,  
Vivia como um Doge,  
Rodeado de pompa deslumbrante,  
Em sumptuosidade oriental,  
No seu palacio rico, diamantino,  
Sobre o Grande-Canal,  
Da Ponte do Rialto não distante,  
O mordaz Aretino.

Ahi n'esse paraiso  
Que desvaira o juizo,  
Aos labios vem-lhe um riso . . .  
Que riso! um riso ironico que vibra,  
Mas com que se equilibra  
Entre as affrontas que lhe cospem crúas,  
E ovações triumphaes que pelas ruas  
Lhe dão os Reis, Imperadores, Papas,  
E até os Satrápas!

• Dizem uns que fui frade,  
Em vil mendicidade  
E torpe vadiagem!  
Que este que agora com primor escreve,  
Foi moleiro, almocreve,  
Criado de estalagem!

De saltimbanco teve a indignidade,  
Forçado das galés,  
E em tanto revés  
Seu fado mão não finda;  
Depois d'estes baldões,  
Nas costas mostra 'ainda  
Do azorrague os vergões!

Oh! que eu alegre veja  
Correr os dias aprazíveis, lentos;  
Que os vapores malignos da inveja  
Não fazem decrescer meus rendimentos.

Com aparada pennã,  
E uma rêsma de papel em branco,  
Fazendo prosa amena,  
E elogios em verso,  
O que foi saltimbanco  
Ri-se hoje do universo.

Ao vêr-me o Papa apêa-se da mula,  
Levanta-me do chão;  
Sobre a face me oscula,  
E faz-me Cavalleiro de Latrão  
Por sua propria mão!

O grande Carlos Quinto,  
 Se o territorio á pressa  
 De Veneza atravessa,  
 (Bem sabem que não minto!)  
 Ao meu encontro vem,  
 Mesmo á sua direita  
 Assentado me tem!  
 E dá-me uma pensão  
 De duzentos ducados de receita  
 Sobre o proprio Ducado de Milão!

E Francisco Primeiro, quem não viu?  
 Por um só elogio  
 Fez-se meu tributario.  
 Mandou-me promptamente  
 Um grosso collar de ouro de presente,  
 E um parlamentar  
 Com missão espinhosa:  
 — Mais elogios, seja em verso ou prosa. —

Com uma leve penna  
 E uma rêsma de papel em branco,  
 Fazendo prosa ou verso,  
 O que foi saltimbanco  
 Ri-se hoje do universo.

Tambem ao Duque de Florença embriega  
 A phrase de Aretino;  
 E do Duque de Urbino  
 Nunca, nunca escacça  
 De aureos sequins a infallivel paga!  
 O Bispo de Niccã  
 De velludo me envia umas chinellas,  
 Cravejadas de pedras as fivellas...

D'onde vem tal mysterio?  
Os Príncipes sangrado em seu imperio  
Têm os povos com immoraes tributos;  
Temendo a Opinião, irresolutos,  
São de um subdito agora, em modos varios,  
Os fieis tributarios.

Com uma leve penna  
E uma rêsma de papel em branco,  
Fazendo prosa ou verso,  
O que foi saltimbanco  
Ri-se hoje do universo!

Os Reis atacam-se em violencia dura  
Nos campos de batalha;  
Ante a sua metralha  
Varrem a humanidade que os atura.  
Têm a força bruta,  
E por ella nos thronos sustentados,  
Alargam seus Estados,  
Devastam territorios e cidades;  
Fazem Lei absoluta  
Dos arbitrios e das iniquidades  
De estólicas vontades!

N'um delirio de goso,  
Não sentem da miseria as agonias,  
Do povo a vida amarga!  
Dos que trabalham, sempre e sem repouso,  
O thesouro que vem de economias  
Malbaratam á larga!

Em tanta gloria, triumphal, ingente,  
Os Reis hoje se insultam mutuamente:  
Só um poder escapa-lhe da mão:  
É a — Opinião!

Oh, quem não adivinha  
O mysterio da omnipotencia minha?  
Do Epigramma e do Encomio a phrase,  
Qual lança com que invista,  
Fez já com que me acclamassem quasi  
O quinto Evangelista.

É bem que n'este mundo cousa exista  
Mais poderosa do que a força bruta ;  
E apesar da abjecção  
Da palavra em que louvo, em que motejo,  
E da indignidade do que escuta,  
Bem conheço, bem vejo  
Esse novo poder — a Opinião.

Dogmas e thronos o indelevel sello,  
Temem do poder novo! — Imperadores,  
Reis e Papas, cuidando corrompel-o,  
Vêm comprar-me os louvores  
E através dos mais contrarios ventos,  
Gotejam ouro Estados e Igreja ;  
Os vapores malignos da inveja  
Não conseguem baixar meus rendimentos.

Eu, com a leve penna  
E uma rêsma de papel em branco,  
Chamem-me saltimbanco,  
Fazendo prosa e verso,  
Rio-me do universo.»



## VI

## O RISO DE CERVANTES

À luz froixa da pallida vigilia,  
Solitario, pensando sob o pezo  
Do esteril desalento,  
Na rudez indigente da familia,  
No tropel de esperanças vacillantes,  
Da inspiração no fogo o olhar acceso,  
Arrebatado em vivo pensamento  
Trabalhava Cervantes.

Que busca a mente audaz? e que grandeza  
Lhe desvenda a arrojada phantasia?  
Que allivio sonha para a atroz pobreza?  
Já vem alvorecendo a luz do dia;  
E á luz mortiça e breve,  
Com mais fervor, que nunca teve de antes,  
Livido o rosto, fito o olhar, escreve  
No seu livro Cervantes.

Ai, já cansada de esperal-o, e triste  
Ergue-se a esposa; vem de manso, espreita  
Na meia aberta porta;  
De repente, elle, que ás visões assiste  
Do mundo ideal das creações gigantes,  
Com que risadas o silencio córta  
Da noite! para o lado a penna deita,  
A rir a sós Cervantes.

Riu-se, a bom rir! convulsa gargalhada,  
 Longo scherzso de ignotas harmonias!  
 Observa tudo a esposa desolada;  
 Mas d'essas concentradas ironias  
     Percebera bem pouco;  
 E para si, em ancias cruciantes,  
 Diz: «Coitado, coitado! elle está louco,  
     Louco o pobre Cervantes.»

Como quem vence um natural impulso,  
 Nas mãos esconde a fronte, e a dor semelha;  
 Abafa o poeta a custo o rir convulso,  
 E diante de um Senhor Crucificado,  
 Proferindo palavras offegantes,  
     Contracto se ajoelha,  
 O rosto todo em lagrimas banhado,  
     Pesaroso Cervantes:

— Perdoae-me, Senhor, este desmancho,  
 Ralampago infernal de tal contraste  
     Que ora a mente me invade!  
 Ao vêr como o casmurro e gordo *Sancho*  
 Repleto de anexins sempre abundantes,  
 Ri de *Quixote*, então tu me lembraste  
 Na missão de salvar a humanidade...  
     Mas, perdôa a Cervantes!

Porque, trouxeste por ideal ao mundo  
 Salvar o homem do atro cativoiro,  
 Dando a vida por nós sobre o madeiro;  
 E esse Pedro, mais pratico e profundo  
     Larga-te aos sycophantes!  
 Toma a doutrina a parte utilitaria,  
 Vindo fundar em Roma a Barataria...  
     Mas... perdôa a Cervantes! —

Irrompiam-lhe as lágrimas ferventes  
Dos olhos; os soluços  
Abafaram-lhe o grito do bom-senso.  
Aos pés do Christo prostra-se de bruços.  
Eis com passos trementes,  
Como se viesse á hora dos amantes,  
Entra a esposa, e abraça-o: «Penso, eu penso  
Que tens o fogo da Razão, Cervantes!»

### III

## TENTANDA VIA EST

---

### I

#### SAGRAÇÃO DA EPOPÉA

Quando Camões cumpria a desastrada sina,  
E naufrago se viu no immenso mar da China,  
A nado se salvou na foz do rio Mecon;  
Trazia inda alagado o Poema, excelso dom  
Onde as Navegações, triumphos e revezes  
De um punhado de heroes, os fortes Portuguezes,  
Que dispersos no orbe os une o amor sem quebra  
Da Patria idolatrada, o Cantor concelebra.

Sentar-se o Poeta foi nas ruinas estupendas  
De Angor, aonde chegou por ignoradas sendas,  
Absorto na mudez da grande alma que sinto  
Maravilhas da Civilisação extincta!  
É mesmo indifferente á miseranda sina  
Que o persegue, de Khmer ante a assombrosa ruina.

E em quanto respirava ali as brisas quentes  
Que trazem lethal febre e prostram os valentes,  
O Cantor retocava a Epopêa não vista.  
Chegou-se a elle então Peregrino buddista,  
Que attrahira a voz que na solidão declama,  
E depois de escutar as estrophes, exclama :

«Ó Poeta ! a India tem a Epopêa sublime  
Do Ramâyana ! o som de uma estrophe redime  
O sudra ; ao mais abjecto escravo fal-o homem.  
Que este supremo dom os teus canticos tomem !

«Se a tua Patria fôr vendida, e mergulhada  
Em cativeiro vil, do abysmo alevantada  
Será por esse Canto, immenso, audaz e bravo ;  
Quem o sentir, sacode as algemas de escravo.

«E a Civilisação do remoto Occidente  
Vendo hoje o homem vencer a Natureza ambiente,  
Consagre esta Epopêa á pacifica idade,  
O pregão triumphal que solta a Humanidade.»

Fosse halucinação ou intima consciencia,  
Tal benção deu ao Poeta a nobre complacencia,  
E do animo sereno a bondade insondavel,  
Com que elle supportou, naufrago e miseravel,  
As infectas prisões, os injustos castigos,  
A fome, a solidão, ingratições de amigos,  
E contra a gloria sua o roubo e desacato.  
E por fim o estertor do hospital n'um grabato.

## II

## VATICINIO DO ADAMASTOR

Uma noite de temporal desfeito,  
Do Cabo das Tormentas já na altura,  
Camões, que á patria volta, vê direito  
Vir contra elle a esqualida figura  
Do Adamastor! Do luzitano Peito  
O sombrio destino, a sorte escura,  
O tremendo gigante ali revela  
Lamentoso nos eccos da procella :

— Camões! Bem sei que ahí levas contigo  
Pregão triumphal da tua Patria amada;  
Salvou-o o destino do perigo  
De engulil-o o Mecon na agua salgada,  
Para que um dia fosse... aqui t'o digo,  
Epitaphio da terra escravizada,  
Para dar testemunho a um tempo novo  
Da ruina infanda do atrevido Povo.

Não satisfeito ainda o horrendo Fado  
Das provações crueis que a cada instante  
Por toda a parte seguem a teu lado,  
Como insultos da plebe a heroe ovante,  
Duros revezes tem-te preparado  
Com maligna insistencia, e flammejante  
Verás, quando chegares a Lisboa,  
Como sobre a cidade a Peste vò!

Verás ruas desertas, e as praças  
Da necrópole já cobertas de erva;  
Em cada rosto estampam-se as desgraças;  
Nas almas, que esperanza se conserva?



Entre montões de mortos mudo passas,  
Da alegria de outr'ora enfim observa  
Inda mais triste que a visão funérea  
De tua velha mãe tanta miséria!

Ao chegar a Lisboa, o rico emporio  
De quanto tem de maravilha o Oriente,  
O teu Livro de versos, furto inglorio,  
Testemunha do teu amor ardente,  
De outros poetas titulo irrisorio,  
Ludibria aos vindouros torpemente,  
Tornando as tuas emoções sentidas  
Lustre vão de reputações mentidas.

Verás a independencia portugueza  
Nos arcaes ardentes sepultada  
Da Africa adusta em insensata empreza;  
D'entre as nações tua nação riscada!  
Vendida ao invasor pela nobreza,  
Que para a traição negra é colligada  
Ao egoismo da lusitana Igreja,  
E até o povo os proprios ferros beija.

Verás que n'este quadro não te illudo!  
A visão da desgraça nunca engana,  
Não se ergue em Portugal nenhum escudo  
Ao cair em provincia castelhana. —  
Tudo Camões escuta attento e mudo;  
Mas ao ouvir da Patria a ruina insana  
Preste a tombar no lugubre triclinio,  
Protesta contra o horrendo vaticinio:

•Eu não verci tamanha desventura!  
 Á Patria e a mim a mesma morte investe.  
 Então do Adamastor a alta figura  
 Exclama com rancor:

— Interrompeste

Esta visão terrifica, futura,  
 Não saberás o que do porvir resta: —  
 Fique-te o animo acorrentado agora  
 Ao desalento atroz que te devora.

Na impenetravel treva do destino,  
 Se allivio procurares algum dia,  
 Contra as angustias de um pungir ferino,  
 Contra a tua mortal melancholia,  
 Visita de Nathercia, o ideal divino,  
 A sepultura solitaria e fria,  
 Que ao fulgor do mallogrado affecto  
 Talvez tome a visão um outro aspecto. —

Cumprira-se o implacavel vaticinio!  
 Desolação e prantos  
 Vão por todos os cantos  
 De Portugal! O horrendo morticinio  
 Em Alcacer-kibir  
 Faz as almas mais fortes succumbir.

Vaga nas ruas desvairada a gente,  
 Erguendo na anciedade  
 As mãos aos céos attonita, mesquinha!  
 Camões, já cadaverico e doente,  
 Para o Pantheon de mais grandiosa idade,  
 Para o Mosteiro de Belem caminha.

Na gelida penumbra das arcadas  
Se perde, e sobre a lagem que cobria  
A sepultura de Nathercia ajoelha!  
Vêm-lhe á lembrança as illusões passadas,  
Episódios do amor de dia a dia,  
Que um extasis semelha!

Na concentração intima absorvido  
Da saudade do amor cedo perdido,  
Como a fresca bonina,  
Viu o Poeta, d'entre um nimbo occulto  
Vago e indeciso a aproximar-se um vulto,  
Pensosa Catherina.

Como vinha mansa e bella  
Toda de branco vestida,  
A fronte sua cingida  
De immarcescível capella,  
A desditosa donzella!  
Traz na face um livor lindo,  
Nathercia, com dor sorrindo,  
Parou junto do Poeta,  
Que estranha emoção inquieta  
Com o que está vendo e ouvindo:

• Bem sei que não me esqueceste,  
Quando esses teus pensamentos  
Por mares, naufragios, ventos  
Te levaram, e perdeste  
Um amor, amor como este!  
Eram para mim as palmas,  
Para ti doentias calmas,  
Perseguições, tempestades!  
Mataram-me as saudades  
Que uniram as nossas almas.

Não perdi a esperança  
D'aquelles sonhos felizes ;  
Tu ainda hoje bendizes  
Um amor que em ti não cansa ;  
Tens-me viva na lembrança !  
Mesmo n'este frio leito  
Sinto pulsar-me no peito  
O amor que tornaste eterno,  
Uma ancia, um enlevo terno  
Nunca em vida satisfeito.

Para que recordar hoje  
Esse passado inclemente ?  
Mais triste agora o presente  
Quando a liberdade foge,  
Quando a tyrannia arrojé  
As gargalhças de escravo  
A um Povo audaz e bravo !  
Fêe teus olhos no futuro,  
Embora amargo e escuro,  
Dou-te a provar doce favo :

Hade a Patria ser cativa,  
Vendida pela nobreza ;  
Muda a lingua portugueza,  
Quasi esquecida, reviva  
Na tua Epopêa altiva !  
Por que será esse Poema  
O fóco sagrado, o emblema  
Da Patria, que alto celebra ;  
Ao seu brado o Povo quebra  
Do Castelhana o algema !\*

Estas palavras dizendo  
 Aquella néria figura  
 Esvae-se na sepultura,  
 Como se vaé desfazendo  
 A nevoa, ao sol nascendo.  
 Voltou a si o Poeta  
 Da angustia que tanto o inquieta,  
 Vencido encara o destino;  
 Levanta á Patria o seu Hymno,  
 Como o Partha arroja a seta:

— Sempre se lança em um naufragio escuro  
 Ao mar a historia de asperos revezes,  
 A fim de ir dar a algum porto seguro;

Do abysmo onde os imperios tantas vezes  
 Baqueam, mando ás ribas do futuro  
 O Poema do que foram Portuguezes.

### III

#### O POEMA DE CAMÕES

##### I

Espalham-se aos rumores de ameaças,  
 Com pompa marcial, tôrvos, crescentes  
 Como ondas em tropel—enchendo as praças  
 Do rei Philippe os esquadrões frementes;  
 E logo occupam tudo!  
 Portugal não oppõe um só escudo.  
 Os arcos triumphaes ornam as ruas,  
 Galhardetes, alfaías damasquinas . . .  
 Quando o leão de Castella as garras crúas  
 Assenta sobre as aviltadas Quinas,





## II

O Rei chama o Ministro á puridade,  
Manda lêr-lhe das cédulas a lista  
Dos que venderam Pátria e liberdade,  
Dos que em traição mudaram a conquista.

Entre os grandes e bispos, magistrados,  
Capitães e poetas, quanto ha nobre,  
Um nome só, entre esses deshonrados,  
O nome de Camões não se descobre!

De repente Philippe altivo ordena:  
«Vão procurar Camões! Venha o Poeta!  
Dar-lhe-hei victoria contra a sua pena,  
E a mim torne a victoria mais completa.

O que a Sadi não deu o rei da Persia,  
Por mim, tarde, a Camões prestado seja!  
Vença o Cantor a doentia inercia,  
Que em mim bem sinto de Alexandre a inveja.

Os que agora me aclamam com espanto  
Comprenderão um dia o assassinio!  
Mas de Camões a gloria de um só canto  
Fazia eterno, eterno o meu dominio.

Vão procurar Camões! A posse inteira  
De Portugal n'esse animo reside;  
Se a Historia não occulta a ignobil feira,  
Que eu seja o heroe de um novo Poema! Ide.»

## III

Chegam, horas depois, os mensageiros,  
Voltam desalentados; nova triste!  
Foram tarde, máo grado irem ligeiros:  
Era morto Camões! Ah, não resiste  
Sua alma ao ver soldados estrangeiros  
Na Patria, e o povo que aos festins assiste!...  
O Poeta cheio de afflicção e de ira:  
— *Patria! juntos morremos!* — Succumbira.

## IV

Philippe escuta; ah, sente-se inimigo,  
Do novo Estado julga a posse iniqua;  
Vaticina o rumor vago perigo,  
E exclama attento na visão longiqua:

•O que governa os Povos, bem percebe  
Que as pompas festivaes, os juramentos  
Da nobreza e acclamações da plebe  
São do poder bem fracos fundamentos.

Dos esquadrões que vale a força dura?  
Do sacerdote a benção que me exalta?  
Ah, não ter corrompido essa alma pura...  
Portugal não é meu! Camões me falta.

Morto é Camões; mas guarda-se a verdade  
No Poema d'essa austera consciencia,  
Onde a Patria respira a liberdade,  
D'onde resurge a morta independencia.

Já não posso abafar, tornar mentida  
Essa voz que resôa como ameaça,  
Grito de imprecação que acorda a vida,  
Alevantando a decahida raça.

Minaz, dentro do magico Poema  
Ha do incendio futuro uma favilla;  
Traz a explosão com que rebenta a algema,  
Meu poder n'um só dia se anniquilla.

Hoje a meus pés, alegre, sob o jugo,  
Sem conhecer sequer tanto desdouro,  
Acclama Portugal o seu verdugo;  
Mas eu presinto um seculo vindouro...

Nascida em ferros, e como elles dura  
Se a gloria do passado alguém recorda,  
Como Lazaro em funda sepultura,  
Uma outra geração febril acorda!

Camões! Camões, heroe, cantor e bravo,  
Envilecidos animos levanta;  
Por que encerra o Poema onde os seus canta  
A força que faz livre um povo escravo.\*

Cumpriu-se a voz da tradição. O Vate  
Deu novo alento aos peitos lusitanos;  
Não foi preciso um seculo! o resgate  
Fez-se n'um dia, ao fim de sessenta annos.

## IV

## A BATALHA DE LEPANTO

Fora um dia Cervantes increpado  
Por ter sem dó ridicularisado  
A honra e o generoso pensamento  
Em *Dom Quixote*, ideal do sentimento.

De Lepanto o heroico mutilado,  
Vendo-se na miseria injuriado,  
Volveu com dignidade, altivo, lento,  
Repellindo o insultuoso intento :

— Assisti ao final combate dado,  
Em que a Europa o futuro viu jogado,  
Pela invasão do Turco violento,  
Que tudo assola como um igneo vento.

Assim em Salamina, no passado,  
Tendo as hordas da Persia derrotado,  
Das trevas d'esse barbaro elemento  
A Grecia torna o Occidente isento.

Lepanto a Salamina é igualado,  
Por que o destino seu, mais elevado,  
A guerra defensiva, n'um momento  
Attingiu, dando á Paz seguro assento.

Desde esse dia em diante eis terminado  
O imperio e força bruta do soldado!  
O heroismo pessoal não acha alento,  
Nem da Justiça o sangue é argumento.

O trabalho e a paz têm fecundado  
 A ordem, a riqueza em cada Estado,  
 E da bravura militar o augmento  
 Só vem a combater Moinhos de vento. —

## V

## DESALENTO DE TASSO

Triste, alquebrado, acolhe-se a Sorrento  
 Em doentia halucinação o Tasso,  
 Victima inerme de illusões que ideára!  
     Redobra o desalento  
 O crú desdem do Duque de Ferrara.  
 Nada o detem no desvairado passo,  
     Nada o consola, embora  
 Venha alental-o no mortal cansaço  
 O suavissimo affecto de Eleonora.

Já longe do solar de Affonso d'Este,  
 A quem dera em seu Canto immortal nome,  
 Contra as rajadas hibernaes investe!  
     Na febre que o consome,  
 Do mar contempla a horrifica procella;  
 E brada, ao vêr em lucta os elementos  
     Em furia aterradora:  
 «Harmonisam-se em ti meus pensamentos;  
     Mas a lembrança d'ella  
 Põe-me tranquillo! a doce Eleonora!

Ignota mão veiu quebrar-me a Lyra,  
 Falsear-me o Canto em que exaltei a Crença!  
 E tremenda, fatidica me atira  
     Com fria indiferença

À prisão do hospital de alienados!  
 Chamam loucura a angustia de meus brados,  
     Demente o olhar que chora!  
 Falta-me a luz na solidão immensa,  
 Pobre de mim! Já morta Eleonora . . .

Gamões! Gamões, invejo o teu destino!  
 Bradaste á voz do Oceano em tempestade;  
 Chamam-me louco a mim, por caridade;  
 Acaso é o meu Poema um desatino?  
 Oh *bôn Luigi!* e quanto mais profundo  
 Foste do que eu? Com éstro impaciente  
 Celebraste a visão de extranho mundo,  
     Esse encantado Oriente!  
 Cantaste a audacia, a força e a riqueza  
 Lá no Paiz da luz, onde se expande  
     Nome que fazes grande  
 Da tua amada Patria portugueza!

Eu, sem patria, cantei a esteril lucta  
 Em volta de um Sepulchro consagrado;  
 Que importa a posse da funerea gruta,  
     E a Lenda do passado?  
 Cantei o grão Sepulchro, a cujo fundo  
 N'um delirio de té, com galhardia,  
 Cá da Europa se arroja um velho mundo  
 Que, pensando em salvar-se, succumbia.

Os christãos cavalleiros aos milhares  
 Na onda da Cruzada arrebatados,  
 Por naufragios e inhospitos palmares  
     Chegam á Palestina!  
     E de Christo os soldados  
 Ao gume dos alfanges sarracenos,  
 Cantando os hymnos de uma unção divina  
 Avançam firmes, crédulos, serenos.



Mas, a par da sublime e alta empreza  
Raíam de uma nova era os esplendores :  
De Pisa e de Veneza

Seguem o mesmo esteiro os mercadores.  
Em vez da crença, o lucro o peito instiga,  
Não buscam do Sepulchro santo a senda ;  
Do Oceano tenebroso a lenda antiga  
Do interesse o movel a desvenda.

Loucos Cruzados! Apagou-se a chamma  
Que exaltara o valor; como eu, errastes!  
Nos dois Heroes, o Godofredo e o Gama,  
Que espantosos contrastes!  
A idade era de industria, de interesse,  
Do trabalho e da ordem chã, burguezia;  
N'este afan mercantil a Europa esquece  
A religiosa Empreza!

Reynaldo de Coucy corre a Solyma  
Por merecer a mão de Gabriella;  
No voto ousado que a paixão sublima,  
Cae ferido; e da morte com a venda  
Pedi, a pensar n'ella,  
Que o coração lhe seja entregue um dia...  
N'um banquete Gabriella recebia  
Pela mão de Fayel a extrema prenda.

Foi como a bella de Vergy a Europa!  
Os guerreiros da Fé, bem longe, esquece,  
Dos bergantins á pópa  
Desfralda o pavilhão do interesse,  
Cantei das duas Crenças o dilemma,  
No Sepulchro vasio da divindade...  
Oh, bem hajas, Camões! no teu poema  
Ha a vida, a intuição da Humanidade.

Em trabalhos, em dor, em lucta immerso,  
 Luiz! cantaste o luso Peito ardente,  
 Que descubriu da Humanidade o berço,  
 A alliança do Oriente e Occidente!  
 Por premio o hospital deu-te a mortalha  
 Que do teu corpo entrega á valla o espolio!  
 Da gloria a auréola é fumo de palha,  
 Tasso expira antes de ir ao Capitolio.»

## VI

## A CONFISSÃO DE CALDERON

Ajoelhado aos pés de um sêco Jesuita,  
 Calderon sentiu n'alma a algidez da morte  
 Ouvindo ao confessor intencional pergunta:

— Pois não te accusa, irmão, a consciencia nunca  
 De andares profanando os Dogmas sacrosantos  
 Perante a multidão, e em comedias nas praças?

«Padre! (lhe respondeu fervoroso o Poeta):  
 O rito é transitorio, a vida é acção perenne:  
 Eu busco a fonte viva e eterna da verdade.

Vêde, as Religiões falsêa-as a heresia,  
 Os Dogmas entre si vão-se contradictando;  
 Sómente a Arte, a Arte é immutavel, bella!

O que ha de verdadeiro e bom no Christianismo  
 É bello; a expressão do universal sentido  
 Só pôde encontrar na Arte a suprema linguagem.

O Dogma por si só conduz á intolerancia,  
 Ao desespero e horror; a emoção do Bello  
 Essa infunde a concordia, a paz e a alegria.

Se o Christianismo foi que em sua essencia trouxe  
 O sentimento novo e ideal da Humanidade.  
 O Bello é encarnação da Verdade; eis a Arte!

A estranha confissão do Poeta inspirado  
 Não pôde comprehendê-la o Jesuita sêco;  
 Como entender a vida o que se crê cadaver?

Ao tocar a Arca santa da Arte o Jesuita,  
 Que tinha morto em si o sentimento humano,  
 Secaram-se-lhe as mãos, como o castigo de Oza.

Flagrante accusação do embuste e da mentira  
 Com que simula a fé o falso sacerdote;  
 Finge-se a crença! o Bello, oh não! Bemdita a Arte.

## VII

### O BRAVO DE UIRAÇABA

(POEMA)

#### CANTO I

##### Tentação no deserto

1

Na clareira escondida da floresta,  
 Presa nos ramos das magnolias, pende  
 A somnolenta rede entretecida  
 Do matiz variegado da plumagem  
 Do canindé vistoso. Quem repousa  
 Ali, na molle sesta? na frescura  
 De uma aprazivel, hospedeira sombra?

Em volta, jaz sentado com desleixo  
Um rancho indigena, aguardando o instante  
Que o maioral acorde. A rija tribu  
Soube escolher o Bravo, o destemido  
Pela certeza da ligeira flexa ;  
Chamaram-lhe o valente de Uiraçaba,  
Pelo nome da aljava que o acompanha.  
Elle era novo e sonhador ; ouvia  
Longe, bem longe os passos do inimigo,  
Como a panthera farejava a preza ;  
Como o raio, espalhava repentino  
Castigo irremissivel ! Mas ás vezes  
O granito mais duro estala, quando  
Humilde gota de agua se congella.  
Fôra assim o guerreiro. Elle era novo,  
Não o saciava essa altivez do mando,  
Nem a largueza de não vistas matas,  
Nem os recontros do conguar gigante.  
Elle anciava bem pouco, ou nada, tudo :  
Tinha sêde de amor . . .

## II

Por entre as brenhas,  
Rompia desvairado, ia seguindo  
Sem saber para onde ; muitas vezes  
Cuidava estar ouvindo voz sentida  
Chamal-o para si . . . Em vão buscava.  
Os canticos das aves solitarias  
Da americana plaga, segredando  
Confidencias da alegre natureza,  
Entreabriam-lhe a furto o incerto sonho.

## III

No frenesim do amoroso instincto  
Convoca o Bravo os anciãos da tribu,  
Guardas da tradição e narradores  
Dos gloriosos feitos, que se contam  
Na vespera sedenta das batalhas.  
Juntou-se o côro dos Moranduçaras,  
O chefe assim fallou:

— Velhos sinceros,  
Não mancha os vossos labios a mentira!  
Tantas vezes hei visto a estrella morta  
Perder-se no horisonte ao vir do dia,  
Sem que o somno me alente das fadigas!  
E Jurema, a propicia mãe dos sonhos,  
Me seduz com aparições ridentes;  
Embala-me com tantas harmonias;  
Traz-me enleado, desvairado, louco!  
Eu não sei que me falta; e o que busco  
Presinto que não seja d'este mundo!  
Fallae, velhos sinceros, revelae-me  
Se algum maligno Anhãga me combate?—

D'entre os Moranduçaras venerandos,  
Dos que têm os thesouros do passado  
Guardados na memoria, o mais antigo,  
O prudente Abaeté lento responde:

«Guerreiro de Uiraçaba! na floresta  
Uma clareira occulta conhecemos;  
As magnolias em flor lhe prestam sombra.  
Mysteriosa mudez ali revôa,

Favoravel ás santas narrativas.  
 Oh vem connosco! Ali nós te abriremos  
 O deposito augusto das edades  
 Onde o porvir obscuro se esclarece.»

## IV

Á sombra das magnolias, brandamente  
 Baloçado na rêde entretecida  
 Das plumagens do canindé vistoso,  
 O terror de Uiraçaba dormitava.  
 O velho Abacté declara ao côro  
 Dos narradores da soberba tribu:

«Eil-o, repousa placido, tranquillo  
 Como uma aguia nos visos do fraguado;  
 Deixemol-o dormir! A mãe risonha  
 Das visões mais queridas, mãe ditosa  
 Dos sonhos de ouro, a candida Jurema,  
 Lhe bafeje o semblante afogucado  
 Do agitado guerreiro. Semimorto  
 N'este instante parece; mas no peito  
 Violento irrompe um sentimento novo.  
 «— Amor, amor! sabemol-o nós todos  
 A quem a idade revelou a vida.»  
 Responde attento, a froixa voz, o côro.

## V

Não foi tão leve o ruído das palavras  
 Que essa verdade eterna traduziam;  
 Subito acorda o Bravo de Uiraçaba:



— Vozes surdas, sinistras, ominosas,  
 Como a voz do guariba ao vir da noite,  
 A visão fugitiva me interrompem!  
 «Oh Bravo! (o Abaeté responde a medo.)  
 Quando se ouve ao crepusculo o guariba,  
 Elle annuncia quasi sempre a morte!  
 — O indomito guerreiro de Uiraçaba  
 Não sabe o que é temor! Mando que expliques  
 Quanto me diz esse guariba em sonhos. —

Como o cypreste se ergue sobre a campa,  
 D'entre os Moranduçaras se alevanta  
 O trémulo Abaeté:

«Canta o guariba...

Nas solidões das matas elle canta,  
 Como o padre christão quando psalmeia...  
 Bem vês! A loira Virgem que apparece  
 Nos teus rapidos sonhos, melindrosa,  
 É do branco das longes terras filha,  
 Isso descubro no fatal presagio.»

— Oh! dize-me se a posso ver um dia?

«Como alva pomba vem, no pando vôo  
 Por magicos acenos atrahida,  
 Vinda de extranhos climas quasi toca  
 Na brasilica riba a Virgem bella;  
 Descança! Ella virá poisar seu rosto  
 Sobre um peito de tanto amor vencido.»

## VI

Era o guerreiro sonhador e novo!  
 Ficou de pé scismando, triste, quèdo,  
 Igual ao cedro no alto da montanha.  
 Ao côro dos Moranduçaras volve

O Abacté, e a cada um derrama  
No camocin o liquido sagrado,  
O licôr de Jurema, que os inspira  
Para contar ao Bravo de Uiraçaba  
O destino, que áquelle amor se prende.  
E emquanto ficam no extasi suspensos,  
Assim canta o selvagem que os domina :

— Sôpro de Aracaty, brisa dos mares,  
Dissipa a densa nevoa que inda envolve  
O longiquo horisonte onde a contemplo.  
Deixa mirar a apparição divina  
Que me traz alheiado d'este mundo!  
Eu a vejo ao clarão dos devaneios,  
Da pallida Jacy á luz serena,  
E quanto mais me logo, mais revôam  
Para ella em tropel tantos desejos.  
No murmurio de incognitas torrentes,  
No cicô das folhas do arvoredô,  
No gorgueio das aves mais canoras,  
Em tudo a sinto, a vejo e a respiro.  
Nem da jaty o mel tem o perfume,  
O gosto d'essas fallas que eu escuto...  
Lá da Mayri das longes terras, tral-a  
Sôpro de Aracaty, brisa dos mares. —

Prêsto a horda do espasmo se levanta!  
Grito de frenesim rijo interrompe  
Essas palavras com que o Bravo scisma :

«Oh filho de Tupan, feliz na Aljava  
D'onde uma flexa nunca em vão se tira!  
Teu braço é o trophéo que representa  
Contra os guerreiros da Mayri distante,

Da terra a liberdade primitiva.  
 A Virgem que amas tanto, e em sonhos miras  
 É talisman contra essa liberdade!  
 Evita o amor que a morte traz consigo.\*

## VII

Por sobre a confusão aterradora  
 Das cruas vozes, roucas, agourentas,  
 Se eleva a voz do Bravo de Uiraçaba:

—Cedo me acostumei a vencer sempre!  
 Prostrei certo o leopardo mais pujante;  
 É bem que affronte um dia o meu destino.  
 E que alta sina o succumbir por ella!—

A sós se embrenha pela selva dentro.

## VIII

Ficára o bando dos Moranduçaras  
 Assombrado da decisão tremenda;  
 Veiu a mudez sellar todas as boccas.  
 Quem se atreve a acordal-o do lethargo?  
 Ouve-se estrondo inesperado ao perto,  
 Alaridos sem fim, gritos agudos,  
 Gargalhadas diabolicas, convulsas,  
 Ao som das quaes mais o tripudio cresce!  
 Era a tribu do Bravo de Uiraçaba,  
 Que traz ao sacrificio hoje um vencido  
 De uma raça jurada ao odio eterno:

\*Em nossas boccas o boré retrôa,  
 As cavernas mais surdas estremeccem.  
 É forte a massurâma! ao velho tronco  
 Se amarre o Pytigoar envergonhado;

Não mais hãode essas mãos brandir o arco;  
Os uivos do oitibô confundam queixas  
Que a dor lhe arranca na hora do trespasso.\*

Vae começar o cruento sacrificio.  
Ao tronco mais robusto o prisioneiro  
Se confrange amarrado, vendo as danças  
Que em volta d'elle attonito se enroscam.  
Do coração acode o sangue todo  
Às faces de rancor e de vergonha.  
Corta-lhe a corda os pulsos roxeados;  
A alma não verga, e mesmo n'esse instante  
Está longe, bem longe, vendo a furna  
Em que o espera a desprovida esposa,  
E o sitio aonde a prole nova brinca.  
Bem sabe o Pytigoar que a morte avança,  
De deséspero canta na agonia :

«Tivesse a voz do lobo da caverna  
Quando urra sedento!  
O bramido do mar na quadra hyberna,  
Se o revolve o vento!

O conguar da brenha quando ataca  
A descuidada preza,  
De um golpe só, tenaz a vida sica,  
Não tem esta vileza.

Dansae, dansae, com passo bem ligeiro,  
Que ainda mais veloz  
O grande dia hade chegar primeiro,  
Que me vinguem de vós.\*

## IX

la cantando. Um vulto negro, negro  
 Por entre as grossas arvores assomma,  
 De jesuita envolto na roupeta.  
 A serpente, que perfida se enrola  
 Sobre um ramo flexível, esperando  
 Colher de prompto o incauto passarinho,  
 Faz lembrar a missão d'esses pilotos  
 Do caminho do céu. Se o Novo Mundo  
 Tem, na vida de esplêndida riqueza,  
 O cascavel, de sonoro silvo,  
 Mandou-lhe a velha Europa dos seus antros  
 Mais terrível especie — o Jesuita.

Este, porém, que emerge do arvoredó,  
 Solicito buscando o suppliciado,  
 Era bom, era pobre, um santo homem,  
 O padre Anchieta, o apóstolo primeiro  
 Que fez soar a nova do Evangelho  
 Nas solidões da America. Bem haja!  
 Eil-o que se aproxima do tapuya  
 Enquanto dança a tribo desvairada;  
 A fé dava-lhe agora o dom das linguas:

— Miseravel! a morte estende as garras,  
 Não tenhas medo; ainda ha outra vida,  
 E melhor, e sem fim! D'ella te aviso.  
 (Disse o padre fallando-lhe em segredo.)

«Deixa-me, embora.»

— Aceita hoje o baptismo!

Na mente o suppliciado revolvia  
Sua impotente raiva, emquanto o padre  
Na cabeça febril do prisioneiro  
Espreme um lenço que embebêra na agua.  
A tribu ao vel-o em tremebundo rito,  
Ao qual attribuiria o atroz contagio  
Que a devastava, — as dansas interrompe,  
Contra o Jesuita pavido arremette,  
No forte e immenso massurâma o enleia.  
Promptas flexas o peito seu lhe visam :

— Senhor, Senhor ! o apostolo fervente  
Incredulo confessa o vosso nome !  
Fazeis-me como a Saulo. A luz divina  
Me illumine no derradeiro transe.  
As brisas tropicaes, que vão levando  
Os perfumes da plaga americana  
Para o solio do Altissimo, alevantem  
Minha oração humilde. Eu sou o obreiro  
Da parabola santa da Escriptura,  
Vim tarde, e vós pagaes-me o eterno dia.—

## x

Sobre os dois condemnados imminente  
Montões de flexas quasi se despedem,  
Quando na umbrosa solidão do bosque  
O clangor do boré retrôa. Hirtos  
Ficam todos na cáfila; conhecem  
Do maioral o toque, e n'esse instante,  
Suspensos o golpe, o mando seu aguardam :

\*Guerreiros ! abaixae as vossas flexas.  
Venho saber se acaso me descobre  
O pagé, que de vós a morte espera,  
O mysterio dos sonhos de Jurema.



— Eu o sei! — acudiu o padre logo.

«Como é o teu nome?»

— Anchieta!

«Anchieta, falla!

Oh conta-me o que sabes d'essa Virgem  
Que nos sonhos dourados me apparece.

— Pelo amor que tu sentes, vim de longe  
Sulcando errante os mares; e por elle,  
Como estás vendo, expuz-me a crú flagicio.  
Pela sêde do amor que te devora  
Eu dou por bem o ter perdido a patria;  
Vim para fallar d'elle n'estas plagas,  
E tu és o primeiro que me escutas!  
A Virgem, que nos sonhos teus se mostra  
É luz do cêo, revelação distincta,  
O seu amor se apura só na morte.

«Bem hojes, varão santo! (Volve o Bravo  
Desprendendo-o do longo massurama :)  
Venerando pagé de um outro nume,  
Talvez como Tupan? mais luminoso?  
Dize o nome da Virgem que annuncias.

— Bravo! chama-se a Fé. Ella dá força  
Para affrontar os mais terríveis lances.

XI

Isto dissera. No ar se repercute  
Crêbo estampido, inesperado estrondo,  
De uma salva da lusa artilheria.  
Aquellas solidões tacitas ouvem  
A voz com que outros povos vêm prégar-lhe  
Da civilisação. A tribo ingente  
Dispersa-se confusa; o Chefe apenas  
Junto do padre impavido ficára:

«Anchieta! o ar é puro; rutilante  
O vulto de Tupan alegre tudo,  
D'onde vem pois o temeroso estrondo?»

— A Não das Quinas chega de Lisboa;  
Oh vem commigo para ouvir as novas  
Que traz da amada e lusitana terra.

Perto era a praia, e o padre chora ouvindo  
O canto dos saudosos marinheiros.

---

## CANTO II

### Os Piratas do largo

#### I

Batida das tormentas, dos combates  
Dos piratas do mar, desmantelada,  
Rôto o velame, a mastreação partida,  
O costado arrombado por metralha,  
Entrava na Bahia a não formosa  
Chamada a *Frol do Mar*. Bem mais pareceo  
Arremessada à praia pelas ondas  
Como despojo de escarcéo tremendo,  
Do que a altiva e gentil Capitania!  
O que passara a Não no pégo immenso,  
Na travessia do Oceano, as fômes,  
Tempestade, abordagem de corsarios...  
Não ha palavras que descrevam tudo!

Havia meio anno que partira  
Do patrio Tejo seu; singrando ufana  
Traz a seu bordo Jorge de Albuquerque,  
Mancebo, cavalleiro, apaixonado,  
Coração para a guerra e para amores.  
Da frota immensa a Não apenas resta!  
Traz Jorge de Albuquerque, ao qual compete  
Vir sacudir os régulos selvagens  
Que têm cercada Olinda. Elle partira,  
Largara a vela na monção fagueira;  
Piloto era Mem Vasques, homem firme,  
N'esta volta do mar encanecido;  
Havia pouco ainda, lhe morrera  
A amada companheira da existencia,  
Lisboa para elle era um deserto;  
A orfandade e pobreza de uma filha  
As saudades do mar lhe despertaram.  
Voltou á vida das refregas, quando  
Senil o corpo almeja por descanso;  
E na carreira do Brazil procura  
Ganhar o dote da infeliz criança.  
Orfan, de seus quinze annos, vem com elle  
Dulce, graciosa e mansa. A branca alcyone  
Que se envolve na cerração do cabo,  
Não vac mais descuidada sobre a vaga  
Do que a virgem deixando lar e patria.  
Ai visão com que o nauta sempre sonha!  
Jorge Coelho de Albuquerque, joven  
Mas destemido Commandante, brinca  
Descuidado com ella na viagem;  
E a cada riso pudibundo, ás fallas  
Da mais encantadora ingenuidade,  
Sente que o amor lhe vence o duro peito.  
Dulce brincava e ria sem dar tino...  
Que mal tem os quinze annos quando brincam!

## III

Orfãzinha de mãe, exposta aos mares,  
Aos perigos de incognitas paragens,  
la sorrindo ingenua sobre o abysmo!  
Somnambula que na voragem passa,  
Desconhecia a vida, o mal; alegre  
Com a viva expansão da meninice,  
À beira da ama antiga se achegava,  
Distrahida, escutando os velhos contos,  
Historias da larcira.

«Oh não te esqueças  
Hoje ao luar, na tolda da galera,  
De reptir, a noite vae serena,  
O conto de um amor em terra alheia.»

Era ao decimo dia da viagem,  
Luar divino, magico, apazivel  
Só feito para cantos de saudade!  
Achega-se a Ama então para a menina,  
Sentam-se à ré, e com a voz dorida  
la narrando-lhe um solão de amores.

## IV

O Commandante Jorge de Albuquerque  
Lento se aproximára; esteve ouvindo.  
O clarão do luar se reflectia  
Na face virginal; palôr incerto  
Tornava Dulce apparição sublime.  
Sentia cada vez o Commandante  
Crescer mais a affeição pela criança!  
Elle era tambem novo, e só contava  
Vinte duas florentes primaveras.

Com a ideia do amor fero revoa  
Na mente o atro lampejo dos recontros  
Que vae ter c'os selvagens, na porfia  
Do resgate de Olinda! Na amurada  
Do navio se encosta a pensar n'ella;  
As turbulentas vagas o embalam,  
O susurro adormenta-lhe os sentidos,  
E deixa-se levar de mundo em mundo,  
Sem saber como confessar a Dulce  
A vehemencia da paixão que nasce!  
E quanto mais o impeto se exalta,  
Quanto mais bate o coração oppresso,  
Tanto mais a menina continúa  
Absorta ouvindo a Aia que lhe conta  
A historia dos amores de cativos.

## V

Debalde procurava o audaz guerreiro  
Como confessaria o amor occulto;  
Sagrada timidez de uma alma pura!  
Com Mem Vasques fallava, ia a dizer-lhe  
Quanto sente por Dulce, e as palavras  
Se atropellam nos labios sem sentido.  
Filho e herdeiro de uma inclyta linhagem,  
Tem Jorge de Albuquerque a nobre eschola  
Da côrte portugueza; e bem se lembra  
Lá dos serões do paço, onde com damas  
Se falla sempre em verso. Alma poesia,  
Serve-lhe tu de meiga confidente!  
Dá-lhe uma estrophe, a mais apaixonada,  
Um murmurio da Fonte de Vauclusa:

— Busco-te, como aguia busca a altura,  
Como o impavido olhar o sol ardente;  
Como busca erma praia onda plangente,  
Busco-te, como o rio o mar procura.

E sigo-te de longe! Em noite escura  
O Mago segue a estrella do Oriente;  
A Columna de fogo, a raça crente  
Segue pelos desertos na espessura.

Se alcançasse o teu vôo, nuvem suspensa  
No diaphano empyreo, alma cativa  
Viveria ao calor da eterna crença.

Não languescas ingenua sensitiva,  
Não te percas pela amplidão immensa,  
Como Ophelia na onda fugitiva.—

Ouvira Dulce a enamorada estancia,  
Sorriu-se a medo, e agora lhe parece  
Mais sentida do que os romances velhos  
Que a descuidada infancia lhe embalavam.  
«Cante-me outra canção, como as da côrte,  
Como no tempo da Menina e Moça;  
Nunca até hoje ainda as tinha ouvido.»

Jorge ao pé da amurada recitava:

—Morrer de amor, é vêr sempre o teu rosto  
Quando ri para todos e não chora!  
É vêr o brilho fulgido da aurora  
Toldar-se em melancolico sol posto!

Morrer de amor é o intimo desgosto,  
Que um riso gera, e a occultas a alma chora;  
Morrer de amor, é vêr-me de hora em hora  
A novas incertezas sempre exposto!



Quem te vê, mysteriosa criatura,  
Sente-se escravo d'esse olhar traiçoeiro;  
Por toda a parte o teu olhar procura.

Porque me fazes teu prisioneiro?  
Se é só para cantar tua loucura,  
Douda, para que me matar primeiro?—

## VI

Traz a Náo a seu bordo um jesuita,  
Alvaro de Lucena; ao padre Anchieta  
Traz um diploma do Geral da Ordem.  
O padre ao vê risonha essa donzella  
Sentiu vontade de enluctar sua alma;  
Vendo-a sem mãe, lembrou-lhe a paz do claustro  
Para acolher a descuidada Virgem.  
Quiz fallar a Mem Vasques... receiava...  
Melhor seria inebriar a Dulce  
Nos effluvios do amor divino. O padre  
Descobrira que o amor se apossou de ambos:  
Vê Jorge de Albuquerque mais seguro,  
E Dulce como flor que desabrocha  
Ao sol de uma manhã de primavera.  
Jura roubar-a ao decidido amante  
Para o redil de Christo. Mansa pomba  
Sacrificada na ára ensanguentada!

## VII

Lucena a cada instante volve a Dulce  
Um olhar paternal, fallando unctuoso  
Nas delicias do céu; Jorge emmudece,  
Sem poder revelar toda a verdade  
Do sentimento que trasborda na alma.

Trava-se entre ambos um mortal combate,  
Lucta incognita, obscura, incomprehensivel.  
Quem vencerá? O espirito das trevas  
Tem por vezes recursos imprevisitos!  
A este tempo conhecera Dulce  
No olhar do Commandante uma tristeza  
Que a tornava mais branda, compassiva.  
Nos grupos do convés o procurava,  
Nos sustos da tormenta a vista d'elle  
Dava-lhe uma indizivel esperanza.  
Não era a mesma Dulce; demudada  
Na côr, e na expressão a via a Ama.  
Nem pedia que lhe contasse contos!

## VIII

Quiz Dulce comprazer com o costume  
Da carinhosa Ama, e no regaço  
A cabeça reclina, e agora pede  
Que prosiga na historia do Cativo.  
Aproxima-se Jorge; a Ama sorriu-se  
Satisfeita por vêr que estão attentos.  
Quem como ella respeita as velhas lendas?  
Ou quem guarda com mais sagrado esmero  
O thesouro das tradições antigas?  
Fresca era a brisa, immensurado o esteiro  
Que o galeão transpõe; e emquanto aos gritos  
Do piloto obedece a marinagem,  
Segue o seu conto a boa cuvilheira.

## IX

Attento ouvira o Commandante. Dulce  
Suspensa, como um seraphim da altura,  
Era mais bella n'esse instante; Jorge  
Jurou comsigo para sempre amal-a.

Quer fallar-lhe de amor; mas como? O padre  
Estuda-lhe os mais leves movimentos.

— Dulce, agora me lembra de um romance  
Que aprendi em criança.

•Hade ser lindo!

— Quer ouvil-o? Meus Deos, tenho saudades  
De um tempo que não torna! idade de ouro.—

Sorriu-se Dulce, e abriu mesmo a seu lado  
Logar para assentar-se.

— Se me lembro,

E parte d'essa historia do Cativo  
Contada por quem já o amor prendera.  
•Ouçamos o romance entretenido.

x

Mal acabára a narração, as lagrimas  
Já dos olhos de Dulce se desprendem:  
São lagrimas de uns olhos de criança,  
Mas confissão de amor não ha mais breve.

— Tel-a eu feito chorar. . . que pena, Dulce!  
O que eu sinto por si, dava-me força  
De o calar para sempre, se eu soubera  
Que lhe trazia magoa.

•Não importa;

Como gosto de ouvil-o! agora conte  
Historias sem pesar, contos alegres.  
— Eu, soldado, a discreitar com damas?  
•Mas na côrte. . . lá nos serôes vistosos. . .  
— Inspiram-nos por lá beijos furtivos. . .  
(Disse Jorge em segredo.) •Os beijos mentem,  
Senão dera-lh'os d'alma e com vontade.

Estas palavras quasi imperceptiveis  
Inebriaram Jorge; o cavalleiro  
Nunca encontrára distincção tamanha.  
Quiz disfarçar a commoção profunda,  
Quasi alheio começa uma ballada,  
Da sua infancia uma memoria linda.

Não pôde agora Dulce ter o riso,  
Vendo um retrato da paixão occulta  
Que rebentara entre ambos. Indiscreta,  
Com a graça invencível dos quinze annos,  
No feliz abandono da innocencia,  
Celou a face aos lábios do guerreiro.

## XI

Susteve-a por momentos entre os braços,  
Beijou-a descuidado d'este mundo;  
Mas subito acordou do sonho aéreo!  
Parecia impossivel a loucura;  
Cobre a fronte a vermelhidão do pejo,  
Pede perdão a Dulce em tom confuso.

## XII

Vira tudo o negrento jesuita!  
O vivo amor a maldição lhe exalta;  
Jurou cobrir de lucto aquellas almas.  
Jorge Coelho de Albuquerque, altivo,  
O mais bizarro cavalleiro, logo  
Se accrcou de Mem Vasques:

— A vós peço

A mão da bella, encantadora Dulce.—

Benção celestial choveu sobre ambos.

## XIII

Na orla do horisonte o sol se afunda,  
Rispido o vento sopra do nordeste,  
Pallidas sombras vão-se amontado,  
Formando a negridão da noite feia.  
Sobre o convés a marinhagem crente  
Se perfila, e á hora do sol posto  
Resam a *Salve* em commovente côro;  
Era energico o som d'aquellas vozes  
Rudes, cansadas, cheias de verdade:

## A SALVE DOS MAREANTES

«Em nome do Padre e Filho,  
Do Espirito Santo, amen!  
Digam a salve Rainha,  
Em boa intenção de quem  
Seu fado mão faz andar  
Por sobre as aguas do mar.

Salve! Rainha dos Anjos,  
Senhora e mãe dos afflictos,  
No meio da tempestade  
Ouvís os cansados gritos  
Dos que andam sem descansar  
Por sobre as aguas do mar.

Sois a doçura da vida,  
O porto de salvamento;  
O vosso manto azulado  
Se estende no firmamento,  
Formosa estrella polar,  
Por sobre as aguas do mar.»

Reverbero final do sol da tarde  
Reflectiu-se na vela branca, ao longe,  
De um Bergantim perdido na distancia.  
Os olhos todos para ali se fitam;  
Outras velas, mais velas descortinam.  
Que será? Desconfia o velho mestre,  
O capitão sorri; juntos segredam...  
Cheio de raiva brada o Commandante:

—Vem piratas francezes sobre o esteiro  
Da lusa não! Podiamos fugir-lhes  
Protegidos na escuridão da noite;  
Que faremos?

«Á capa, e o combate!»  
Gritaram todos em tropel medonho.

Aprestam-se os canhões e os machados,  
Alegre canta a marinhagem brava;  
Ia a não *Frol do Mar* singrando airosa,  
Como garça real ante a rajada.  
Lá sobre a madrugada, mal desponta  
O primeiro dilúculo, se avista  
Um Bergantim francez, veleiro, ao perto;  
Fallaram, mas não foram entendidos,  
E aos accnos responde-lhes metralha.

## XIV

Celérrimo o corsario se aproxima,  
E enquanto orça a bombordo, descarrega  
Trinta canhões por banda. Sacudida  
A *Frol do Mar* se afasta, como a fera  
Que se aparelha ao salto. Á Não franceza  
Vem de encontro, para metel-a a pique.



Contra o esporão o cavernâme geme,  
 Um rombo enorme lhe abre. Ouviu-se grita  
 De infernal, sanguinario desespero.  
 Redobra o fogo; o mastro de mezena  
 Faz-se em estilhas, vão com elle as Quinas.  
 De valor os prodigios não tem conta!  
 Ao mastarcão real subiu á pressa  
 Um gageiro a hastear nossa bandeira,  
 Sobre elle os tiros fervem, não tem medo;  
 Firme sustenta no alto o estandarte  
 Enquanto se prolonga a atroz peleja.

—Portuguezes! (bradára o Commandante)  
 Sois dignos d'este nome!

Isto dissera,  
 Quando um fumo caliginoso e espesso  
 Começa a erguer-se do corsario. Ardia!  
 Lavra o incendio horribil. Albuquerque  
 Teme o paiol do Bergantim, e manda  
 Para a não *Frol do Mar* vir os vencidos.  
 Faz-se ao largo, e não era bem distante  
 Que ouviram ecco de explosão tremenda.

E a Não seguiu na mesma singradura,  
 Vencidos leva os asperos sicambros.

## XV

De todo se perdera no horisonte  
 O fumo do combate; o tombadilho  
 Tinto de sangue e cheio de pelouros  
 Do denodado feito lembra a gloria.  
 Foi golpe decisivo, mas gigante,  
 Fez pender o combate inopinado.

Agua aberta levava a Náo; de balde  
Se procura vedar.

Eis, de repente  
Se avista á prôa um galeão de Hollanda.  
Vem sobre a Náo; mas Jorge de Albuquerque  
Manda içar o estandarte lusitano!  
Por salva, atira toda a artilheria.  
Responde-lhe de lá nova descarga;  
Um combate mortal se trava; varre  
A metralha o convés dos dois navios.

O Commandante intrepido descobre  
Que uma bala despedaçara o leme;  
Não obedece ao mando a Náo possante.  
Elle vê a catastrophe imminente,  
Teme a traição dos prisioneiros francos.  
Denodado recurso de vencido!  
Grita aos seus:

— Abordagem! abordagem! —

Ganchos de ferro atracam a galera  
Do pirata hollandez; unem-se, embatem-se  
Como na arena dois gladiadores.  
Os machados pezados se despenham,  
Em vez dos bacarmartes luzem facas.  
Não se ouvem gritos, sô pancadas surdas!

O Commandante portuguez conhece  
A traição dos francezes prisioneiros;  
Brada aos seus, mas a embriaguez do sangue  
Não deixa ouvir.

XVI

Na confusão sedenta,  
Alvaro de Lucena, o jesuita  
Andava, erguido ao alto um Crucifixo!  
Dulce a seus pés caíra desmaiada;

Um sicario francez ia a raptal-a.  
 Quando Jorge de um golpe o lança em terra.  
 Volta a si a menina. O padre falla :

«Oh salva-nos do angustioso transe,  
 O Senhor hade ouvir a tua prece!  
 De teu pae pela vida; pela sorte  
 De nós todos, um voto da tua alma!  
 Dedica a Deos a tua virgindade,  
 E n'um instante nos verémos livres.»

Deu-lhe a Cruz a beijar. Dulce profere  
 Voto inconsiderado. Pouco a pouco  
 A galera hollandeza que se afunda;  
 Houve um grito de regosijo immenso  
 E alarido de concentrada raiva.  
 Triumphavam mais outra vez as Quinas!  
 Como se afunda a mó do Apocalypse  
 O pégo sorve esse veloz corsario.

## XVII

Ao outro dia, eis que avistaram terra,  
 Terras de Santa Cruz. Poucos morreram  
 No combate sangrento; aquella vista  
 Alegre, alenta os lassos marcantes!  
 E ao raiar da vistosa madrugada,  
 Na bahia de Pernambuco entraram;  
 Salva de artilheria os annuncis.  
 Desembarcam! Alguem na praia espera,  
 Na capella da Virgem, sobranceira  
 Ao mar; o padre Anchieta estava. Acenam...

O Bravo de Uiraçaba fica absorto  
 Ante Dulce, a visão encantadora!  
 Beijam a terra os nautas ao tocal-a,  
 Juntos vão para a ermida render graças.

Ficou fóra o selvagem. Mudo escuta  
Psalmo choroso que resôa dentro,  
Alfim quebra o torpor em que jazia :

•É esta a voz suave,  
A voz que me adormece!  
Nenhum cantico de ave  
A sua voz parece.

Trouxe-a a brisa dos mares  
Da Mayri lá dos brancos;  
Hãode os nossos palmares  
Para ella ser francos.

Não se me dá que a morte  
Acompanhe seus passos;  
Sob os seus pés, que importe,  
Meu corpo ande aos pedaços. »

### CANTO III

#### Descolorida

1

Jaz sombrançeira ao mar a Fortaleza  
De Pernambuco: altiva sentinella  
Da portugueza, hoje apagada gloria.  
D'ali se alcança em baixo a capellinha  
Onde Dulce resara a Augusta prece:  
Não tinha ainda derramado os olhos  
Pela magica e extranha perspectiva,  
Quando um sêcco ruido e vozeria  
Veiu acordal-a do agitado somno.

Era o guerreiro de Uiraçaba, o chefe  
 Da tribo mais audaz, mais destemida,  
 Que vem dar preito ao pendão das Quinas;  
 O côro dos Moranduçaras segue-o  
 Executando os rapidos meneios  
 Que elle n'um gesto imperioso manda:

«Tocae a maraca  
 Valentes do bosque!  
 A serpe das dansas  
 Sedenta se enrosque.»

Que infernal confusão, que tropelia!  
 O Bravo mede os passos com a vista:

«Os lobos famintos  
 Saíram da toca!  
 Retrõe a maraca  
 Na rija itaóca.»

E cada vez com mais fragor as dansas  
 Se alargavam na vasta Fortaleza,  
 Como a ronda da-noite de Walpurgis;  
 E proseguiram, se não fôra a vinda  
 De Duarte Coelho; elle é temido  
 Como governador, homem antigo!  
 Vem Jorge, seu irmão, Dulce, Mem Vasques  
 A vêrem estes usos, estas gentes.

ii

Diz Duarte Coelho aos seus:

— É esta

A tribo mais indomita das brenhas!  
 De paz com ella tem as santas Quinas

Um perpetuo concerto. Mas eu tremo...  
(Volveu a medo e como a olhar em roda)  
Eu tremo quando vejo um jesuita  
Andar pelo sertão; que o padre instiga  
De continuo o selvagem á revolta!

Depois volveu ao Bravo tacs palavras:

—Bem vindo é o guerreiro a quem adorna  
A mais brilhante e singular plumagem!  
É feliz a alegria que me inspira  
Homenagem sincera.

111

N'isto, o Bravo  
Se lança em terra; ali depõe as armas:

•Meu arco, aljava e settas  
Deixo tudo a teus pés!  
Minha firme alliança  
É franca, bem o vês. •

Eis que o Governador lhe entrega as armas,  
Retribuindo o abraço com que sella  
A paz jurada. Salva a artilheria!  
E ao ribombo estridente se revolve  
Na mente do selvagem negra ideia:

•Se a tribu hoje soubesse  
Que o chefe mais altivo  
A atraçoou, fazendo-sc  
Aqui mesmo cativo?



O amor, o amor só pôde  
Tornar minha alma escrava!  
Que outro poder vencera  
O Bravo de Uiraçaba?»

Ergue os olhos do chão e observa ao perto  
A visão que de longe se entrecabrirá:  
Vê Dulce, o devaneio vaporoso,  
A voz que chama sem saber de d'onde!  
Voltou-se para ella, a medo, simples  
Na sublime rudeza, na candura  
Da impolluta verdade da sua alma:

\*Virgem annunciada  
Nos sonhos de Jurema!  
É o rir de tua bocca  
Alegria suprema.

Como são loiras  
As tuas tranças!  
Assim nas matas,  
Por entre as franças  
Branca Jacy  
Teus raios lanças.

Mãos delicadas  
Feitas de neve!  
Beija-as o lirio  
A furto e leve.\*

Ía para beijar a mão tremente  
O nú do coração; Dulce recúa!  
Mas Jorge de Albuquerque o arremete,  
Quasi para deitar-lhe a mão...

— Suspende!

Brada o Governador — não vês que ateias,  
Assim, cruenta e escusada guerra?

## IV

Tinham chegado os padres jesuitas,  
 Alvaro de Lucena e o bom Anchieta;  
 Perceberam de arteiros o conflicto.  
 Tudo ajuda os seus planos:

«Vê, repára  
 Na paixão que inspirara Dulce ao Bravo!  
 Oh! como elle se exalta a cada instante.»

Nem Lucena sabia este segredo.  
 Alfim devolve ao mestre:

— «Ella não sabe  
 Quanto amor o selvagem sente ao vel-a:  
 É bom! é bom que o amor se fortifique.  
 «Dulce trará para o redil de Christo  
 Este indigena bruto! É santo o preço  
 Com que paga esse amor, pois n'estas plagas  
 Faz diffundir a luz do Evangelho.  
 — «São de Apostolo, mestre, as vossas fallas;  
 Mas Dulce falla e ri tão distrahida  
 Com Jorge de Albuquerque!» —

«Occulto plano  
 Trago na mente; em breve é d'aqui longe  
 O galhardo mancebo! É rião velho,  
 O amor nasce da vista. Oh não te esqueças  
 Que trazemos uma alma ao christianismo.  
 — «Mas como afastaremos Jorge e Dulce?  
 «Chiton!» devolve Anchieta; e vagoroso  
 Do Bravo de Uiraçaba se aproxima,  
 Fallaram em segredo, longamente:

«Oh bravo de Uiraçaba,  
 Dize-me tu, se ainda  
 A tua horda soberba  
 Não atacou Olinda?»

Como a onça da brenha, refalsada,  
Logo o selvagem percebendo o padre,  
Respondera na lingua não sabida :

— Dei ordem ao assalto  
Hoje ao alvôr primeiro !  
Um traidor pytigoar  
Será o mensageiro. —

«Pôdes estar seguro da promessa !  
Hade a Virgem dos sonhos de Jurema  
Pender entre teus braços. (Diz Anchieta :)  
Abraçando-a, abraça a fé de Christo.  
O puro amor de Dulce ao céu eleva !»

Um frenesim de jubilo se apossa  
Do selvagem ridente; manda á tribo  
Recomeçar as dansas estrondosas :

«Tocae a maraca  
Valentes do bosque !  
Á serpe das dansas  
Que se desenrosque.»

Ficou deserta a Fortaleza. As hordas  
Vão-se embora e com ellas vão os padres,  
Os solitarios do sertão. Reccin  
O bom Governador da santidade;  
Quem ousará tugar? Não acabava,  
Quando ali surge, como por encanto,  
Desgarrado tapuya, annunciando  
Novas ruíns, e novas de alvoroto :

«Senhor ! novas trago :  
Um fero cabinda  
Cercou na alvorada  
O forte de Olinda.»

Já Duarte Coelho não se espanta  
Ouvindo a aterradora novidade;  
Por instantes deteve-se calado!  
Percebeu d'onde vinha esse desastre.  
Que importa? Se a coragem lhe dá força!  
Não longe estava Jorge, esbelto, airoso,  
Todo fervor e crença e patriotismo!  
Garbo e donaire confiança inspiram.

## v

•Jorge! (lhe diz o irmão) como és criança!  
Contas vinte dois annos: ninguem sabe  
Assim do mar como da terra os lances,  
Como tu meu irmão! Eu sou herdeiro  
D'esta Capitania; a cada instante  
Me sinto accommettido do gentio.  
Para o reino pedi auxilio: eu disse  
Que um só braço podia n'estas plagas  
Fazer de portuguez temido o nome:  
Era o teu. E bem hajam a Rainha  
E seu neto, que á empreza te chamaram!  
Estas Quinas imploram teu soccorro,  
Acode prompto ao traiçoeiro cerco;  
Alto serviço n'isso a Deus tu prestas,  
À patria, a ti. Provar podes agora  
Alma de portuguez! Salva-me Olinda.  
— Pela Fé, pela Patria rompi mares,  
Affrontei do hollandez a catadura,  
Fomes, tormentas, mas eu quero, eu quero  
Morrer por ellas no palmar longiquo! —

Assim dissera Jorge inabalavel;  
Dulce, não longe, ouvira e entristecera,  
Baixou o rosto como um lirio pende

Quando se esvae ultima luz da tarde!  
Dulce, ainda na aurora da existencia  
Vê cerrarem-se á vida os horisontes,  
Rosa descolorida!

## VI

## A soldadesca

Prestes desce á bahia ; vae na frente  
Por Commandante Jorge d'Albuquerque.  
O dia declinava, aziago, triste ;  
A virgem sóbe anciada ao promontorio,  
E contempla no vacuo que lhe fica.  
Que diriam no perturbado aceno :

•Luz e calor  
Da minha vida :  
A voz me falta  
Na despedida.

— É para ti  
Alma d'esta alma,  
Do meu triumpho  
A verde palma.

•Não te entristeça  
Cruel distancia,  
Tu bem conheces  
Minha constancia.

— Se nos separa  
A morte dura,  
Como eu te amára  
Na sepultura!

## VII

Esfuma-se no vago a barca bella,  
E n'essa hora tranquilla inda se escuta  
Com a ressaca a voz dos mareantes.

Emquanto Dulce alonga ao mar os olhos  
Rasos de agua da amarga despedida,  
Sente ao perto um rumor. Repara: o medo  
A voz abafa, e tira o movimento!  
Era o selvagem que a adorava em terra.  
O intrepido guerreiro das florestas  
Se aproxima com susto, e brando falla,  
Toma-lhe uma das mãos, nevada, fria:

«Ouvindo a tua voz,  
Senhora, não resisto!  
Venho pedir-te a sós  
Me ensina a fé do Christo.

.....  
Caem-lhe soltas no hombro  
As tranças do cabello;  
Brisas, a este assombro  
Prendei-me em infindo élo.

Assim linda, parece  
Flascida sensitiva,  
Quando ao sol que amanhece  
Se torna rediviva.

Ai quem me dera agora  
Ter a voz do carinho,  
A voz que tem, senhora,  
O colibrí do ninho.»



## VIII

Eis que os dois padres jesuitas surdem.

«Venerandos pagés! oh não perturbem  
O somno d'esta virgem de Jurêma!»  
Bradara o Bravo extactico de goso.  
Dulce acordára de um lethal deliquio:

— Que voz magica é esta que fascina,  
E me confrange e quebra? —

Volve Anchieta:

— «Olha a teus pés a humilde criatura,  
Bruta, como a produz a natureza,  
Cega, como quem anda sem ter crença!  
Infunde a luz n'aquella mente obtusa.  
Oh baixa ao limbo da sua alma ignava,  
E falla-lhe de amor, do cêo, de Christo!»

*Bravo:* Eu accito o baptismo,  
Se Dulce amor me jura!

*Anchieta:* Abre-lhe o paraizo.

*Dulce:* Abrem-me a sepultura.

## CANTO IV

## Noite escura da alma

## I

Depois que Jorge fôra para a guerra,  
Não mais uma hora teve de descanso  
A lastimosa Dulce. Feral sombra  
Lhe empana o rosto affavel, delicado.

O noivo anda perdido ha tanto tempo  
 Pelo sertão espesso, combatendo  
 O pérfido gentio. Jorge ignora  
 Do baptismo ao selvagem, que detesta,  
 Dado por mãos de Dulce. Deus! mal haja  
 Quem faz a burla á sombra da innocencia.

## II

Ouve-se um côro marcial distante,  
 Ruido de atambores, vivas, hymnos  
 De triumphante marcha; já se avistam  
 Hasteados pendões a tremularem.  
 Á frente lá vem Jorge de Albuquerque,  
 Cavalleiro gentil, enamorado;  
 Poucos dos seus regressam; vem ufano  
 Com a gloria nas armas alcançada.  
 Sae ao encontro ali Duarte Coelho,  
 Abraçam-se os irmãos:

— Irmão, é salva

Tua Capitania!—

E entrega a espada.

Os que em redor estavam choram, vendo  
 A honradez de tão galhardo moço.  
 Com effusão de jubilo o abraçam,  
 Só Dulce fica immovel, indecisa  
 Como quem se recolhe a sós consigo.  
 Jorge, franco e leal, moço e alegre,  
 Aproxima-se, e vem sem extranhese,  
 Diz, lançando-lhe os braços, a sorrir-se:

— Não penses que a victoria,  
 Dulce, é tua rival!  
 Fiz respeitar a gloria  
 Do velho Portugal.

Eu fui e vi Olinda,  
 Como Cesar, venci!  
 E no combate ainda  
 Nem lá eu te esqueci.—

Dulce com voz entrecortada, a medo  
 Vagamente articula e balbucia :

«Que saudade cruenta  
 O coração me rala!  
 Parece que me alenta  
 O ouvir a tua falla.»

La atirar-se aos braços do amante,  
 Quando ao pé, de repente, surge Anchieta  
 E vem padre Lucena, apostrophando :

«Detem, Jorge, a profanação medonha!  
 Oh não toques na virgem consagrada;  
 Ella fez voto ao céu do seu futuro.»

—«Vês este Crucifixo ao alto erguido?  
 Este mesmo eu ergui inda mais alto,  
 Lá quando o mar bramia e retumbava  
 Com a metralha do hollandez pirata.  
 Dulce jurou sobre este Crucifixo,  
 Pela vida de um paé que amava tanto,  
 E pela salvação dos que se viam  
 No mais horrendo transe da abordagem;  
 Jurou ser pura ao céu; lembra-te d'isto!»—

Aterrado recúa Jorge; Dulce  
 Sentiu entrar-lhe a morte dentro d'alma,  
 E o gelo do sepulchro ir extinguindo  
 As affeições que o coração sentia.

## III

A este tempo o sino das trindades  
Soou na torre da formosa ermida,  
O som pelas quebradas se repete.  
A guarnição da lusa Fortaleza  
Com respeitosa crença se perfila,  
Inspira crença a resa do soldado.  
Com respeito e fervor intimo entôa  
A mimosa oração que os anjos cantam :

## AVE MARIA

Já na ermida as trindades  
Bateu solitario o sino ;  
É quando nascem saudades  
Do tempo em que era menino.

«Ave! açucena illeza,  
Maria, mãe de Jesus!  
És o escudo da pureza,  
És do mundo aurora e luz.

Maria, nome de encanto,  
Graça! eleita do Senhor ;  
Com teu azulado manto  
Amparas o peccador.

Ave! Rainha das virgens,  
Flor dos valles de Judá ;  
Seio de castas vertigens  
Dos incensos de Sabá.

Oh, bendita entre as mulheres,  
Firme tronco de Jessé,  
Do teu seio ao desprenderes  
O fructo de nossa fé.»

Na ermida de além da serra  
 O sino bateu trindades;  
 É quando os anjos na terra  
 Choram do céu com saudades.

## IV

Terminada a oração, Jorge procura,  
 A contristada amante; quer fallar-lhe,  
 Afastar o terror que a vence e prostra;  
 Não dá com ella, chama... em vão a busca!  
 Todos ficam solícitos, não sabem  
 Por onde vaga a entristecida virgem.

Um presagio de morte aziago nasce,  
 À luz de fochos pelas aguas remam  
 Em busca do seu corpo!

## V

Ao outro dia,  
 Pelas florestas dentro vão errando,  
 Mem Vasques, Jorge, e os padres jesuitas  
 Que sabem as veredas das balseiras.

Dulce andava alhejada, espavorida;  
 Os vestidos rasgados pelas sarças,  
 Os pés ensanguentados, sem dar tino:  
 Ia fallando a sós, como em segredo,  
 Linguagem desconnexa, entrecortada:

•Enlutaram-me a vida  
 Sem remedio!  
 Tornaram-m'a soturna, aborrecida,  
 Com o tedio.  
 Converteram meu sonho  
 Em chimera!

Sinto que me envergonho  
Do que era.  
E eu era uma criança  
Descuidada!  
Hoje é minha esperança  
Sombra, nada.  
Ando por esta brenha  
Confundida!  
Não sei se vá, nem venha  
Mais perdida.  
Perdida alva açucena  
Entre abrolhos;  
Perdida a luz serena  
Dos meus olhos.  
São lagrimas rosario  
Na clausura!  
Tu, véo, és um sudario  
Da sepultura.  
Voto feito com medo  
Na tempestade...  
Mataram-me tão cedo,  
N'esta idade!

## VI

De Dulce o canto dirigira o passo  
Ao namorado e ao pae que a procuram.  
Era á beira de um caudaloso rio,  
Cercado de salgueiros pelas margens;  
Brando arruido acompanhava o canto...  
Vão apoz a donzella. Os Jesuitas  
Por um atalho cortam, vão sair-lhe  
N'um ápice ao encontro. Aquella vista  
Inesperada assusta a fugitiva!  
Vê no burel a negridão do inferno,



Leve se furta, quasi ás mãos a tomam,  
Arqueja de fadiga, chega á margem  
Na corrente febril se precipita!  
Quando Jorge chegou, só pôde vê-la  
Á flor de agua levada, como a rosa  
De uma verde grinalda desprendida:  
Quer lançar-se á torrente! padre Anchieta  
O segura por feitos e palavras,  
Ante os olhos lhe poz um Crucifixo.  
Jorge falla com ironia acerba:

#### A UM CRUCIFIXO

— Pregado em uma cruz de ébano expira!  
O alvor do corpo de marfim deslumbra  
A vista que divaga na penumbra  
Dentro da cella aonde a alma lá suspira.

Cada pisada chaga é de saphira;  
Reluz na sombra que o altar obumbra!  
São aljofres as lagrimas... Resumbra  
Em tudo a dôr que em extasis delira.

Doce Jesus! sem conhecer a vida,  
E sem saber porquê, na flôr da idade,  
Chora a teus pés a infancia amortecida:

Vêr perder-se a alegria, a mocidade,  
Ou vêr-te exangue n'essa cruz erguida,  
Qual fará, bom Jesus, mais piedade?—

## VII

Assim fallára, quando repentino  
Sentiu-se ao perto o baque de agil corpo  
Na corrente das aguas. Olham todos  
Para verem se algum jaguar surgira!  
Viram nadando o Bravo de Uiraçaba;  
N'um momento elle alcança a flor caída,  
Tra-a á margem. Mas Dulce estava morta.

Jorge abraça o selvagem. Sem fadiga  
Sustem o Bravo o corpo inda nos braços,  
Os padres o rodeiam; elle falla:

« Em vida ella era vossa,  
Esta flor delicada!  
Nas vossas mãos ferinas  
Murchou-se, abandonada.

É bem que hoje na morte  
A abraçe um instante;  
Adormecida é bella,  
Não sou eu seu amante?

Oh colibri saudoso,  
Cantas a boa nova,  
Que manda o que repousa  
Para sempre na cova.

A tarde vem descendo,  
O meu dia é findado;  
Venha o gélido somno  
Tendo Dulce a meu lado.»

E com furor o corpo aos hombros lança!  
Perto estava um outeiro; presto sóbe,  
Seguem-no os outros pávidos co' a vista...

Eil-o que chega ao cume, e lá do alto  
Do borê tira um penetrante silvo.  
Os eccos interrompem o silencio  
Da mais vetusta e secular floresta;  
Outro silvo agudissimo repete,  
O signal de perigo, ao qual se ajunta  
Ardida tribu cannibal, sangrenta.

De improviso, de cada canto saem  
Vultos sem fim de alipedes guerreiros:  
A faldá da montanha se enegrece!  
Alfim retrôa o derradeiro toque...  
Ao rumor a mudez funcrea segue,  
E os maioraes da tribu perguntaram:

— Guerreiro! tu chamas,  
O que é que decretas?

•Entrego o meu arco,  
Aí estão minhas setas.

Trahi minha tribu,  
Não devo ser rei!  
Da selva as veredas  
Ao branco ensinei...

As crenças antigas  
Que ouvi de Sumé,  
Troquei-as por outras,  
De Christo é a fé.

Isto dissera o Bravo arremessando  
O carcaz para a multidão suspensa ;  
Elle immovel, de pé o peito amostra,  
Chuveiro de yatagans o atravessa !  
Ouviu-se pela immensidão das matas  
Côro horrendo, soturno, pavoroso :

— A seta que parte  
E as feras amansa,  
Do indio trahido  
Proclama a vingança.

PARTE III  
CYCLO DA LIBERDADE

MOVIMENTO ESTHÉTICO, SCIENTIFICO E PHILOSOPHICO,  
CONCORRENDO PARA  
O PROGRESSO MORAL, ECONOMICO E POLITICO

## ELENCO PHILOSOPHICO

DO

### CYCLO DA LIBERDADE

A emancipação das fatalidades cosmicas e sociais só é alcançada depois de um longo percurso historico em que se accumulam todas as experiencias do passado; esse conhecimento, conduzindo à descoberta da invariabilidade das Leis naturaes e do condicionalismo psychologico, permite um certo numero de provisões e de applicações immediatas, tornando assim objecto de sciencia, isto é, de observação e de dedocção, a maior parte dos phenomenos, que anteriormente eram explicados em vez de notados. A tendencia para a submissão ao incognoscivel diminue com o desenvolvimento do criterio experimental, e as Religiões ou syntheses provisórias formadas sobre o conjuncto syncretico de Causas ficticias, decaem nos espiritos, que procuram as relações das cousas pelo processo scientifico. Tal é o alto estado de consciencia, em que o individuo se sente tanto mais livre, quanto se abstem de lutar ou procurar intervir na marcha das leis naturaes.

No advento a este estado mental e moral, ha uma provisória decomposição das velhas concepções tradicionais, das crenças herdadas, das formas sociais transmitidas pelo automatismo do costume; e ha uma phase de recomposito em que com os dados inductivos da sciencia o homem procura formar uma nova synthese do universo ou propriamente uma Philosophia. O negativismo representado historicamente na epoca das heresias religiosas e das revoluções politicas, que vem desde o seculo xii, atinge a sua crise mais intenso sob a actividade especulativa dos Encyclopedistas. A aspiração reconstructiva revelada por Diderot, comprehendida pela Convenção franceza, torna-se o principal destino do nosso seculo, em que o criticismo negativista é um facto isolado diante da grande corrente reconstructi-



17. Na phase dominante da negação crítica, apparece por momentos, o individualismo anarchico; porém, esses typos mais preponderantes, como Danton, presentizam a necessidade de uma subordinação a um fim commum — a elevação da Humanidade.

### A Philosophia

Ode em que se esboça a nova synthese do universo pelo accordo ou unidade entre as noções subjectivas formadas pela nossa vibração sensorial, e os dados objectivos recebidos do mundo exterior. Por este accordo é que se attinge a realidade pelo maior numero de relações induzidas, que nos aproximam da verdade. Os trabalhos de Berkeley e de Hume, cada um sob o seu aspecto exclusivo preparam a conciliação critica de Kant, e successivamente as syntheses tentadas sobre a forma do accordo d'estes dois elementos impercindivis do conhecimento por Fichte e Schelling; no meio da dispersão metaphysica, Augusto Comte, subordinando-se ao destino humano, descobre a mutua dependencia da unidade mental, da unidade affectiva e da unidade activa, constitutivas da Synthese suprema que levarão o homem ao estado normal, a que ha tanto aspira.

# A PHILOSOPHIA

(Peza)

---

## I

### A Barca de Pedro

Emquanto se ignorou da Terra o movimento,  
E o homem não sabia achar no firmamento  
Pelo espaço o seu marco,  
Então, bastava Pedro arvorado em piloto,  
O rudo pescador! mas hoje, podre e roto  
Jaz sobre a praia o barco.

No horizonte de além visando a tempestade,  
Quando outr'ora levava a pobre Humanidade  
Na curta cabotagem,  
Era sempre o seu porto a fria sepultura;  
Singrando a medo fez mais triste a criatura  
Na incerta viagem.

O homem subordinou da Natureza a força!  
No couraçado, como altiva e enorme corça,  
O mar todo percorre!  
Foge ante a tempestade, e liga os continentes,  
Gingem então o orbe electricas correntes,  
Da Rasão se soccorre.

A Sciencia alargou os terminos do mundo;  
O germin cellular da vida achou profundo  
No longo encadeamento;  
Ensinou a transpôr de um vôo as alturas,  
E dos Dogmas descreve as velhas estruturas  
Como um detrito lento.

Quem hoje ha que obedeça á voz de um Patriarcha?  
É tempo de varar de Pedro a fragil barca  
Quebrada no areal!  
Quem pôde achar firmeza ali n'aquelle esquife,  
Se a Terra é o baixel que nos leva ao Recife  
Do Oceano sideral!

## II

## A. miragem

Por calmas e por sêdes devorado  
Na desvairada caravana, exausto,  
Aquelle que atravessa por desertos,  
Se ao longe avista de encantado Oásis  
Fugaz, consoladora perspectiva,  
E o vulto acrio de palmeiras verdes  
A balouçar-se em suspirada brisa,  
Supplantando a fadiga pela esperança  
Cobra alento um instante, e febril marcha!

Mas, ai! ao cabo de tediasas horas,  
Quando a amplidão infunde o esgotamento,  
Furta-se à vista o Oásis desejado.  
Como o vapor que a imagem reflectira,  
A rapida illusão evae-se, e o triste  
Cae no areal, que exânime o sepulta.

Assim caminha errante a Humanidade;  
Na ingente caravana da existencia,  
Sem saber para onde, vae levada  
Na corrente vital por entre dores,  
Misérias, decepções, luctas e morte;  
Tenta em vão descobrir d'onde partira,  
Quer desvendar um horisonte infindo,  
Busca embalde alcançar o seu destino!  
N'essa hora, então, na mente hallucinada  
Ostentam-se as miragens deslumbrantes  
Das visões subjectivas que a enganam,  
Nuvem pulverulenta, com que a cegam  
Sepultando-a na funda obscuridade!

Eis a miragem do Eden d'onde vimos,  
Esta a visão da Terra promettida,  
Do Deus pessoal, e de uma vida eterna,  
Das recompensas do sonhado Emypyreo,  
Dos beijos das Walkyries, e dos gosos  
Do Céu, do Svarga e do sensual Walhalla.  
Religião! conjuncto de miragens  
Das indistinctas emoções do homem,  
Que lhe incitaram seus primeiros passos;  
Ao renovar-nos a ficticia esperança,  
Calas a decepção pelos embustes.  
Nunca, nunca dos seculos na série  
Se achou confirmação para taes sonhos!

Os alcantos que infundes, quebrantaram  
As másculas, as fortes energias,  
Pela embriaguez extática, passiva,  
De uma contemplação esteril, vaga,  
Em que a mente se absorve e se consome  
Como a lampada que arde n'um sepulchro.

O deserto é sem fim! Anciosa, incerta  
Prosegue a Humanidade na romagem,  
Como Ahasvero ou Kheder, para diante,  
Colhendo as agonias das edades:  
A miragem dos Dogmas é mentira,  
E aquelles que mais crêram, succumbindo  
Deixaram-nos a duvida, por onde  
Nós transitamos de criança a homem!  
A reflexão servira-nos de norte;  
E em vez de irmos por mares e desertos  
Confiados na miragem seductora  
Da Columna de fogo ante o propheta,  
Desprezámos das Causas o perstigio.  
Conduziu-nos a duvida á conquista  
Das Leis, as Leis que a Natureza regem!  
Cede á Rasão a Crença, ao real o sonho,  
A illusão da mente ao objectivo.

E como o que transpondo oceano immenso  
Por entre as cerrações e as borrascas,  
Por vendavaes, entre medonhas syrtes,  
Segue observando a bussola seguro:  
É assim a Rasão — norte immutavel,  
Viva estrella polar, que ao homem fixa  
No turbilhão do Cosmos o esteiro  
Por onde attinge a comprehensão das cousas.

## III

Como o que está n'um Dédalo, perdido,  
Acha o fio conductor e se liberta,  
Tal a Rasão, ao homem desvendando  
Relações complexíssimas dos mundos!  
Liberta-o dos enigmas insolúveis  
Do *Porque?* e do *Para que?* a Sphinge  
Que devorou das gerações o esforço,  
Precipitando-as, implacavel, muda,  
Nos abysmos de hieratica apathia.  
A Rasão, comprehendendo o universo,  
Deduziu da infinita variedade  
A unidade de uma lei bem simples:  
A persistencia eterna da Materia!

Como a Materia, é eterno o Movimento,  
Identico, nas orbitas dos astros,  
Nas vibrações imperceptiveis do átomo,  
Na transmissão da cellula inconsciente,  
Na irradiação esplendida da Ideia!  
Lançando o olhar pelo universo infindo,  
O vôo da Rasão, audaz, potente,  
Atravessando as sombras, os absurdos,  
Vasa que deixam as edades mortas,  
Observa o jogo e evolução das forças  
Da elaboração cosmica infinita:

## O Firmamento

Por esse Espaço aberto o olhar se espalha:  
Pocira de astros, sóes, constellações,  
Como estilhaços de feroz metralha,  
Se alastram nos confusos turbilhões!



O Universo é o campo da batalha:  
Os planetas extinctos e já frios,  
Anéis quebrados, páramos vazios  
São destroços dos fervidos baldões.

O aspecto deslumbrante, aéreo, lindo,  
Da lucida corôa zodiacal,  
D'esse combate violento, infindo  
Occulta o êsto n'uma curva ideal  
Serenos reluzindo!

A lucta dura ha seculos sem conta,  
E em suas formas a Materia aponta  
Vestigios do conflicto primordial:

Como se abarcam dois athletas fortes,  
Peito a peito, oscillando n'um vae-vem,  
Ambos eguaes no embate, como cohortes  
Que se esmagam no espaço que as retêm,  
Trocando os fundos côrtes:  
Cahos e Cosmos, soltos degladêam,  
Assim como os irmãos quando se odeiam,  
Como no mytho lucta o Mal e o Bem!

Rompe a continua e indômita refrega,  
Ribombando na gélida amplidão;  
Cahos rue, a Materia desaggrega:  
No vórtice da ignota repulsão  
Eis franca, vã se entrega!  
No cadinho que as cousas gazifica,  
Estrellas, sêres, tudo identifica,  
A luz, o pensamento, a aspiração.

Da inerte massa até a Consciencia,  
 Da volição até a viva luz,  
 Tudo volta á recondita immanencia,  
 A forma ao amorphismo se reduz ;  
     Nem substancia ou essencia  
 Já distingue os esparsos elementos ;  
 Como varrem os areas os ventos  
 O átomo intangivel se produz.

Cahos venceu ! No insondado abysmo  
 Fluctua, como envolto em nevoa ; a sós,  
 Na convulsão final do cataclysmo,  
 Restituindo á Materia apoz  
     Seu individualismo !  
 Desfaz-se tudo como a solta malha,  
 Mas o fio enovela-se . . . A batalha  
 Retoma outro vigor, é mais feroz.

Já Cosmos o combate recomeça  
 Como em arena de amplidão sem fim ;  
 Procura aonde firme estabeleça  
 Resistencia ou apoio, aonde alfim  
     Mais forte permaneça !  
 Mas é tudo sem pezo, tudo instavel,  
 Sem dimensões o átomo insecavel,  
     Incoercivel assim.

Tudo se agita em convulsão constante,  
 A dispersada massa o vacuo encheu ;  
 Fixar o que fluctua vacillante  
 Cosmos procura a traça ; e percebem  
     Ahi triumpho ovante !  
 Ao vasto nimbo de átomos primévos  
 Se arroja, impelle-os com impulsos sévos,  
     Comprime-os um instante.

Comprime-os um instante, e o giro todo  
Se perturba da rotação igual;  
A translação começa. Achando o modo  
De combater a repulsão lethal,  
    Junge átomos a rôdo!  
Como ao rolar uma avalanche alpina  
Augmenta ao envolver-se em neve fina,  
    Irrompe além no val;

Assim por essa translação primeira  
O nucleo se formou, aonde vão  
Como em um rodopio de poeira  
Adherindo na inerte construção  
    Massa á massa ligeira.  
Cosmos creê no triumpho! Mas quem orça  
O tempo quando? Substitue-o a força  
    Na longa evolução.

Principiou a Nebulose immensa  
A revolver-se, vaga, sem cessar,  
Obscura ainda, gélida, propensa  
Ao movimento interno, singular  
    Que rapida a condensa.  
Os átomos congregam-se infinitos,  
Como os gigantes dos vetustos mytnos  
O Olympto tentam juntos escalar.

Cosmos aggrega-os para a lucta ingente;  
A molécula é como a legião  
Elementar, tenaz e resistente;  
Contra a nova energia lucta em vão  
    Cahos quasi impotente!  
No systema do intrepido equilibrio  
Quebra-se a vaga etherea com ludibrio,  
Começa a affinidade e a attracção.

Como as sedentas Ménades se atiram  
N'uma corêa rápida, febril,  
E n'essa oscillação em que deliram  
Conservam a cadencia no ar gentil ;  
    As moléculas giram  
À procura, na aberta immensidade,  
Da prévia orientação da afinidade  
Com que tecem a forma a mais subtil.

Tudo é trevas ainda ! Mas redobra  
Da central Nebulose a marcha já !  
Tal como enrosca os elos uma cobra,  
No imo seio, onde o calor está  
    A força se desdobra —  
Em outra força — a luz diamantina,  
Perenne, scintillante, que fulmina,  
A Luz, que a côr e a graça ás cousas dá.

Cosmos começa a construcção insano,  
A construcção do Universo ; e vae  
Como architecto proseguindo um plano ;  
Tomou por base a densidade, e cae  
    Tudo a molde no arcano.  
Os deslumbrantes, sideraes systemas  
São os rythmos e estrophes dos poemas,  
Tudo d'esse determinismo sae.

Cahos busca o triumpho em mil azâres  
Na repulsão da onda refulgente ;  
Cria Cosmos os nucleos solares  
Que vêm ligar a Nebulose ingente  
    Que se alastra nos âres.  
Cahos ataca a creação sublime,  
A vibração electrica lhe imprime  
E a thermica expansão, forças dispâres.

Na Nebulose a convulsão fremente  
O Espaço coalha com milhões de estrellas,  
D'esse pó sideral resplandecente;  
Formando a curva a Via-lactea, fel-as  
De um brilho albi-nitente.  
Cosmos á lei da rotação submete  
Os corpos fragmentados, e repete  
Como centros as constellações bellas.

Encheu o Espaço de um eterno dia,  
E da harmonia ignota das espheras;  
Mas Cahos já redobra de ousadia,  
Accumulando as coleras mais séras,  
Na lucta proseguia;  
Desprende d'esses sócs, tumultuarias,  
Incandescentes massas planetarias,  
Perdidas na amplidão escura e fria.

Já Cosmos tira força d'essa ruina,  
E pela acção da gravidade, immensa,  
As detem; de um reflexo as illumina,  
E pela rotação forte as condensa.

Mas Cahos imagina  
Uma invencível traça, uma das suas...  
Que se quebrem em numerosas Luas  
Anéis equatoriaes da crusta densa.

Cosmos com mais audacia continua  
Na construcção do esplendido Universo;  
Das incoerciveis forças uma a uma  
Com que o combate aquelle irmão adverso  
Não rejeita nenhuma!  
Do electrico fluido se apodera,  
Do Calor e da Luz, e n'elles gera  
Novo equilibrio em que anda agora immerso.

Os elementos chimicos se alliam,  
Como fizera em sideracs systemas;  
Combinações organicas se criam  
Realizando outras formas, outros themes,  
Que a Vida presagiam.  
Oh visão inaudita da Materia!  
Como da extrema dissociação ethérea  
Consciencia e Vida são formas supremas.

Cahos um golpe certo comprehende,  
E imprime-lhe a mortal caducidade;  
Mas contra este defeito que desprende  
O equilibrio vital em curta idade,  
Cosmos bem se defende:  
Soube fixar-lhe o impulso hereditario;  
Da menor resistencia o curso vario  
O põe em busca pela immensidade.

Assim, deu-lhe um poder que o transforma  
Esse eterno Protheu, célula viva,  
Que busca a indefinida, a ideal norma  
Reagindo contra a morte que o priva  
Da consciente fórma;  
Vencendo a força que lhe trunca a vida,  
Transmitte a perfeição adquirida  
Na ascencional série successiva.

---

Ainda agora a eterna lucta dura,  
No dualismo tremendo que se alterna;  
Cahos vae de vencida, mas procura  
O momento remoto em que governa  
Dissociação escura,  
Para desmoronar astros jucundos,  
Precipitar os sócs, embater mundos  
Conflagrando-se em convulsão interna.



Para tanto recolhe as energias  
 Que perde a evolução pelos espaços ;  
 Irradiações da luz, as ardentias  
 Das ondulações thermicas, e escassos  
     Eccos das harmonias  
 Do universal concerto das espheras.  
 Não é de balde, Cahos, que inda esperas  
 Supplantar Cosmos nos vindouros dias !

Homem ! que assistes à infinda lucta,  
 Como o que observa o drama já em meio,  
 Hoje o scatido intimo perscruta,  
 Deixa o pávido, aério devancio  
     Que a visão alta enluta !  
 Quem ergue o véo que empana a transparencia  
 Da solução que buscas ? Eil-a, a Sciencia  
 Eleva-te á Consciencia, é este o meio.

A força que transforma e a que conserva  
 São eguaes entre si, por isso oscillam,  
 Cad'uma o sempiterno rythmo observa,  
 Na mutua successão não se aniquillam,  
     Nenhuma d'outra é serva.  
 A repulsão e a força aggregativa,  
 Como em dualismo estão Vichnu e Siva,  
 N'um infinito identico se azylam.

Vós, que brilhaes na Via-láctea, estrellas,  
 Sol, que as energias nos aleantas,  
 Terra, que assim opaca vás entre ellas,  
 E a Consciencia e a Vida em ti sustentas,  
     D'Arte as concepções bellas,  
 A noção racional e a Liberdade,  
 Tudo são formas d'essa dualidade,  
 Mas transitorias, gradativas, lentas.

## IV

É o universo o vasto taboleiro  
Do complicado jogo a que assistimos ;  
Ai do que ignora a lei d'esse andamento.  
Temos como parceiro o Incognoscivel,  
Sempre implacavel ao mais leve engano ;  
Observação, conhecimento, é o lemma  
Por onde a certa via se descobre.  
Estão hoje os Oraculos já mudos,  
O reducto da liberdade do homem  
Ergue-o um novo Poder—o da Sciencia !  
Reproduzindo as leis que o Cosmos regem,  
Verificando-as, torna este ente debil  
A synthese consciente do universo.

## V

**O fecho da abobada**

Depois que a larga abobada se fecha,  
Tira o architecto os simplices, as traves,  
Materiaes provisionarios, que serviram  
Na construcção grandiosa alevantada !  
Pois bem, agora, Sacerdocios, Dogmas,  
Privilegios de Castas, Dynastias,  
Ficções da Auctoridade hereditaria,  
Mantidos pela inercia do costume,  
Pelo perstigio absurdo do passado,  
Vós sois os velhos simplices que restam  
Da aggregação da sociedade antiga.  
É tempo de varrermos o edificio  
Atrancado de tanta cousa inutil ;  
Tal como está, é a Sociedade a tunica  
De Nessus, o individuo adstringe e mata !

Quem pelo instincto proprio se revolta,  
Ou pela reflexão audaz se eleva  
A esta dissidencia austera e digna,  
O sentido possui do Verbo augusto.  
Percebe-o Kant, o espirito que vira  
Como as forças se alternam e equivalem,  
Sem Deus fixando as normas do universo ;  
Baixando á terra o olhar, attento observa  
Um singular phenomeno estupendo!

O cataclysmo social da França  
Lhe absorve a attenção toda, desviando-o  
Da visão sideral ! No cahos novo  
Vê da violencia dos pessaões arbitrios  
Leis naturaes, perpetuas, immutaveis  
Determinarem contra a Auctoridade  
As condições irrevogaveis de ordem !  
Momento unico ! Assim n'aquella mente  
Pôde formar-se a synthese suprema  
Unificando o Cosmos e a Consciencia !  
É onde todos só viram anarchia,  
Uma calamidade inexplicavel,  
O diluvio de sangue e paixões brutas,  
Via a trepidação de outro equilibrio !  
Sente que assiste á formação de um mundo,  
Procura ancioso a marcha evolutiva :  
A Historia comprovou-lhe a marcha ignota,  
Deduzindo da lenta acção do tempo  
Que accumulara enormes injustiças,  
A intensidade da tremenda Crise.

Quem soltará o Verbo da concordia ?  
Philosophia ! — o accordo das consciencias,  
Que lá desde Aristoteles a Bacon,  
De Descartes, a Kant, a Hume, a Comte  
Traçou o novo sulco á Humanidade.

## CANTO DUODECIMO

UNIDADE IMPULSIONADA PELA REVOLUÇÃO OCCIDENTAL.  
ATÉ AO FIM DA GRANDE CRISE

## ELENCO PHILOSOPHICO

DO

## CANTO DUODECIMO

No grande drama da Historia que se succede sob a forma da Revolução occidental, os seculos xvii, xviii e xix comprehendem a sua phase violenta e decisiva, deixando presentir a aproximação da harmonia de uma Edade normal. Para representar essa Revolução profunda em todos os seus aspectos complexos, idealisamos os successos mais significativos e pittorescos em uma vasta Epopéa, formada de trez Trilogias, com poematos sobre cada uma das suas phases de decomposição. É esta vista de conjuncto que nos faz comprehender a sua grandeza, e insistente solução final.

### A EPOPEA DA REVOLUÇÃO

#### GIGANTOMACHIA

Preludio sobre o desenvolvimento normal da unidade cerebral, ou o accordo das trez Syntheses fundamentais, Philosophia, Sciencia e Poesia, pela mutua e necessaria dependencia entre a subjectividade e a objectividade.

I. **Duvida cartesiana.** — Pequeno quadro do esforço dos Philosophos para abandonar o prestigio das Causas, e investigar as Leis.

II. **Venceste, Galileo!** — Esforço para reconstruir o estado synthetico, abandonando as noções absolutas pela relatividade.

III. **Ficção social.** — Demolição dos velhos ideaes polytheicos por incompatíveis com o estado mental moderno, e necessidade da intervenção negativa da Arte. A denominada *Querrelia dos Antigos e Modernos*, no seculo xvii é a manifestação d'esta crise esthetica, prevalecendo a consagração das novas obras litterarias. O nome de Pirrault, que luctou para vindicar a legitima preponderancia da Arte moderna, torna verdadeira a ficção de Ariosto renovada com um sentido social.

## 1.ª TRILOGIA

### Os Athletas da Ideia

A Revolução occidental, que se manifesta no seculo xvii, enquanto á crise mental nas poderosas syntheses philosophicas de Bacon e Descartes, na sua forma social manifesta-se na reacção violenta contra o Protestantismo, na revolução politica de Inglaterra sob Cromwel, e no negativismo critico dos Encyclopedistas sob as duas escholas de Voltaire e de Rousseau, determinando por fim a grande explosão temporal.

#### I. LEVIATHAN

Poema sobre as perseguições contra o Protestantismo; o seu titulo é tomado da personificação com que o genio pessimista de Hobbes caracteriza a revolução moderna, que tendia para a crise final de 89. A revolução que agitava já os espiritos no seculo xvii é combatida pela colligação das Monarchias absolutas e Catholicismo sob a direcção jesuitica. Contra este retrocesso dá-se a vindicação da liberdade de Consciencia pelos proprios elementos foragidos de França, refugiados na Suissa, Alemanha do norte, Hollanda e Inglaterra, verdadeiros precursores da elaboração mental dos Encyclopedistas, que precederam a phase activa de 89, como disseminaram os germens das Revoluções da Inglaterra e da America, que por si influíram na Crise final.

#### II. MILTON

O poeta, que acompanha Cromwel e idealisa a Revolução no *Paraiso perdido*, já cego enfiava-se na visão subjectiva para resistir ao desalento do espirito, quando a Restauração catholico-monarchica explora os velhos preconceitos.



## III. O BANQUETE DOS LIVRES

O individualismo protestante toma no século XVIII em França a expressão da livre crítica, com que os Literatos actuam na decomposição da synthese theologica, sem contudo podermos entrar no trabalho de reorganização do Poder espiritual. A Encyclopedia caracteriza este periodo de dispersão doutrinar. O Banquete em que figuram as tres escolas revolucionarias de Voltaire, Rousseau e Diderot, é a Guild da Confraternidade universal, que começa a fazer-se sentir, e que vem dar á Revolução o aspecto do restabelecimento da Justiça sobre o arbitrio da Graça. Dom João apparece como o symbolo do século XVIII, sensual e artista, mofador e incrédulo; cercado de marquizes e damas em uma cea desenvolva, o pagem chega atterrado pelo ruido estranho da queda da Bastilha, exclamando: *Ah, Senhor!* Era mais do que o espectro, era a Revolução. E mão poderosa e anonyma agarra o gentil devasso, arrasta-o com a corte e a nobreza para o Tribunal revolucionario e d'alí para a guilhotina.

2.<sup>a</sup> TRILOGIA

## A explosão da Força

A longa crise mental que se continua da Renascença até aos Encyclopedistas, no fim do século XVIII transforma-se em uma explosão temporal, na Crise franceza. O movimento philosophico ou doutrinario na primeira phase organica da Revolução produzia uma certa unanimidade dos espiritos revelada no 14 de Julho e no 4 de Agosto. Porém, interrompida no seu periodo decisivo pela morte de Danton e pelo sacrificio inutil dos representantes da Sciencia, da Philosophia e da Poesia, Lavoisier, Condorcet e André Chénier, sob a dictadura sanguinaria de Robespierre, a morte d'este preparou o caminho para a crise da orgia militar napoleonica, ou o cyclo das guerras do Imperio, cujas iniquidades perturbaram e obscureceram o sentido social e humano da Revolução.

## I. A CIDADE UNIVERSAL

Poema sobre a grande crise da Revolução, no momento em que se dá o conflicto entre a Escola de Rousseau, ou deista, conduzindo ao retrocesso, e a Escola de Diderot, que esboça a reconstrucção ou Synthese social sem Deus nem Reis. Venceu o rousseauniano Robespierre, e exercese desde logo o Terror, sendo a principal victima Condorcet. No seu retiro

pericario, diante da perseguição do sizeru rhetorico, Condorcet concentra-se na contemplação da evolução geral da Humanidade, tornando a Historia o campo da observação e da previsão para a Sciencia social, que tende a instituir-se. Dentro do quadro da lotta do grande chefe temporal, Danton, que salva a Revolução, e que vem a cair victima do absolutismo theorico de Robespierre, é que se passa o drama da morte de Condorcet.

## II. A QUARTA CORDA DA LYRA

No período do Terror, ainda sob a dictadura de Robespierre, é guilhotinado o poeta André Chénier, que fizera no seu espirito a harmonia entre o genio de Homero e a expansão da alma popular. Trez dias mais tarde teria escapado à carnificina, por que a morte do furioso Rhetorico fez cessar o Terror e despejarem-se as prisões. Chénier ao proferir as célebres palavras: *Pour tant, j'avais quelque chose là!* referia-se ao pensamento de uma nova Epopêa da Humanidade, cujos tentames subsistem nos fragmentos do seu poema *Hermes*. É este ideal verdadeiramente a quarta corda da Lyra; em todas as epochas da evolução humana os Poetas deram forma aos sentimentos construindo a synthese espontanea da concordia social. Elevando-se dos Hymnos religiosos, da idealisação da vida domestica e da consagração da vida publica nas Epopêas nacionaes, até à aproximação das tradições de todas as raças, foram elles que desvendaram o ideal profundamente real e universalista da Humanidade.

## III. A ORGIA MILITAR

Poemetos esboçando o cyclo das guerras do Imperio, em que o aventureiro Corso coadjuva o retrocesso, restabelecendo a preponderancia da Igreja e a hierarchia feudal de uma corte caricata. Representa-se essa agitação egoista, que paralisou a reconstrução social, e explorou a restauração anachica dos velhos elementos conservantistas.

I. **A sepultura do Heroe.** — Representa-se o desvio da corrente da Revolução pela vaidade do Corso, como faziam os Reis barbaros que se sepultavam no leito de um rio desviado do seu curso.

II. **A covardia do Bravo.** — Quadro da situação final da batalha de Waterloo, em que Napoleão depois de derrotado, tendo no dedo o anel envenenado com que se suicidou Condorcet, atira-o fóra por lhe faltar a coragem para morrer dignamente.

III. **Napoleão moribundo.** — Representa-se todo o Passado demolido pela Revolução symbolisado em uma Montanha, em cujo algar

Napoleão sepulta os corajosos demolidores. Michelet sentiu a eloquência d'esta imagem: «Que a Justiça tenha supportado mil annos sobre o coração esta montanha do Dogma, que ella tenha, n'este esmagamento contado as horas, os dias, os annos, os longos annos. Isso, para o que o sabe, é uma fonte eterna de lagrimas. O que me feriu o coração foi a longa resignação, a doçura, a paciência, foi o esforço que a humanidade fez para amar esse mundo de odio e de maldição sob o qual a acabrunhavam.» (*Bibl. de l'Humanité*, 478.)

IV. Os Semeadores da Peste. — Allegoria da propaganda da lenda heroica napoleônica feita pelos litteratos e artistas sem comprehensão do destino social, dando em resultado o estabelecimento do Segundo Imperio.

V. Parada sinistra. — Quadro synthetico das guerras napoleônicas provocado pela demolição popular da Columna da Praça Vendôme, encontrando-se o instincto da multidão em accordo com a consciencia da historia.

### 3.ª TRILOGIA

#### Revoltas do Espirito

O seculo XIX herdou a missão constructiva iniciada pela Revolução franceza; mas a perturbação das velhas fórmulas sociais, que desmoronaram, e das crenças ficticias que perderam o dominio das consciencias, accordou o instincto conservantista, e o Imperio militar de Napoleão, a Santa Alliança dos Reis contra os Povos, a Restauração e o regimen das Cartas outorgadas, a agitação socialista, a theoria das grandes Nacionalidades e a Republica burguez accitando os anachronismos do regimen Catholico-feudal, prolongaram a crise revolucionaria sob a apparencia de transição explorada pelos partidos medios. Os grandes Poetas da Europa sentiram este longo interregno do espirito, e pelo espirito continuaram a Revolução na forma negativa do protesto. Byron, Goethe e Victor Hugo são os gritos da consciencia moderna, em uma civilização falseada pelo conservantismo burguez, em que a Sciencia transige com a crença n'um dogmatismo official, e em que o destino pacifico da Industria se subordina aos estercis apparatus militares. E esses grandes Poetas, com capacidade para idealisarem e definirem nos seus cantos luminosos o estado normal da Humanidade, foram uns insurrectos, que subsistiram como eloquente commentario de uma phase transitoria da consciencia, n'este prolongamento que se tornou anarchico. Na idealização do seculo XIX, na Epopéa da Historia, os vultos de Byron, Goethe e Victor Hugo são as estrophes da revolta contra uma acção regressiva: como poe-

tas elles sentem e exprimem todas as antinomias entre os sentimentos, os pensamentos e os actos.

### I. TEDIO DE HAROLD

A reacção da Europa contra a Orgia militar napoleónica foi organizada pelos decahidos elementos catholico-feudaes, que sophismaram esta necessidade urgente de pacificação, confundindo os crimes do Córso com o odio à França e contra os principios proclamados pela Revolução. Essa reacção chamada a Santa Alliança dos Reis contra os Povos, não podendo apagar a Liberdade conquistada, deturpou-a attribuindo-lhe um caracter de concessão ou outorga do absolutismo. Tal foi o regimen das Camas Constitucionaes e do Parlamentarismo representativo. Byron, que a si mesmo se personificou em *Harold*, pela sua superior organização artistica sentiu a falsidade da situação da Europa, e repellido pelo hypocrita conservantismo inglez, torna-se o Poeta da insurreição moral; nas suas peregrinações compraz-se na comprehensão da solidariedade dos Povos occidentaes, e pelas Revoluções de 1830, na Italia, Hespanha, Portugal e Grecia moderna, descobre que a Europa já não estacionará, e apaixona-se pelo symptoma fecundo da revivescencia das pequenas Nacionalidades até ao ponto de sacrificar a sua vida.

### II. VIGILIAS DO FAUSTO

O genio especulativo do seculo XIX representado no typo lendario do *Fausto*, tem a sua completa expressão em Goethe, extraordinaria organização poetica, que aminge o problema da unidade cerebral pelo accordo da Imaginação e da Razão, elevando-se pela harmonia da Poesia e da Sciencia a uma synthese universal, ou Philosophia. O poeta identifica-se no typo do *Fausto*; aos vinte annos, generoso, apaixonado, romantico, inspirando-se de Shakespeare, obedecendo aos impulsos do coração; no regresso da Italia apaixona-se pela Arte antiga, e consegue a serenidade calma; por ultimo, procurando um eclectismo universal, unifica a poesia, a sciencia, o espirito antigo e o moderno, no gozo de um vasto saber e na harmonia das suas faculdades. Assim o define Saint René Tallandrier.

A sciencia fragmentaria, especialisada, sem subordinar-se a uma necessaria synthese fundamental, como a crystallizaram as Academias officiaes, é representada pelo poeta no typo de Wagner; em *Mephistopheles*, está symbolisado o seu amigo Merck, continuador do espirito critico e negativista do seculo XVIII. Goethe saída a epoca da reconstrução synthetica, interessando-se pela lacta scientifica entre Geoffroy Saint-Hilaire e Cuvier, no Instituto. Na sua Lyra afinam-se as tres cordas ou Sentimentos da Verdade, do Amor e do Bem, attingindo o bello. É o que o torna immortal. «O duplo sentimento do verdadeiro e do bom, não seria nitidamente expresso, sem que o sentimento do bello, que é, em todo o genero o instincto da perfeição rapidamente apreciada, não devesse tambem surgir: etc.» (Comte, Cours, VI, 759.)

## III. STRUGGLE FOR LIFE

O ultimo grande conflicto da força militar, que é a mancha do seculo XIX, foi motivado pela França napoleónica, que desviou a missão d'aquelle povo do seu destino de unificação das potencias da Europa, membros solidarios da definitiva Republica occidental. Vencida pela Allemanha imperio-feudal pelo criminoso consentimento das outras nações da Europa, derrotada em Sedan, levanta-se triumphante no campo da Industria. Foi a proclamação de uma nova Era. E como para universalisar as ideias é preciso que tomem a forma de sentimento, a França exaltou o seu poeta Victor Hugo como aquelle que durante vinte annos no desterro de Jersey lhe fortificou a consciencia moral, e como o que melhor sentiu a missão hegemonica de Paris, continuadora de Athenas, de Roma, de Florença e da Hollanda. Victor Hugo recebeu da França e do mundo a legitima apothese: *Sob o Arco do Triunpho*, significando o fim das glorificações militares; e *Sob a crypta de Santa Genoveva*, como a substituição das sanctificações theologicas, pela incorporação na vida subjectiva d'aquelles que serviram a Humanidade.

A Trilogia épica das *Revoltas do Espirito* não var além d'esta phase negativa da Historia; convém por tanto accelerar a evolução humana para a vida normal pela melhor comprehensão do seu destino. É esse futuro para o qual tendemos, que convém definir scientificamente, idealisar artisticamente e tomar por objectivo de toda a existencia affectiva, especulativa e prática, tanto collectiva como individual. Essa será verdadeiramente a Epopéa do futuro, como indica Augusto Comte. Por qualquer lado que levantemos este véo do porvir, sempre se esboça radiante a figura simultaneamente real e ideal da Humanidade, esse ponto luminoso de convergencia ou foco para o qual se accumulam todos os esforços, todas as descobertas, todas as dores e triumphos de cada geração que viveu para si, sem comprehensão da sua solidariedade com a especie.



# A EPOPÉA DA REVOLUÇÃO

## GIGANTOMACHIA

Na velha tradição poetica da Grecia,  
Escalaram o céu intrepidos gigantes,  
Intentando roubar aos olympicos numes  
O divino poder!  
Crebro sobre elles cae o raio! peripecia,  
Em que ficaram sob os montes arquejantes,  
Confundindo ao ranger de dentes e queixumes,  
Ameaças de volver,

Recomeçou a lucta! e para que a consagre  
Colombo apoz ter dado o dominio secundo  
E mais vasto da terra, um novo continente,  
N'esse anno em que morreu,  
Copernico descobre o systema do mundo;  
Kepler formula as leis, que excluem o milagre  
Com que se encobre o Deus dos espaços no ambiente,  
Leis são dadas ao céu!



Escala Galileu o Olympo alto! o gigante  
 Pela funda visão telescópica impéra!  
 Fixa a gravitação da tellurica esphera  
 Newton já; e Laplace, em calculo possante  
 Da amplidão sideral determina o equilibrio.  
     A divina Chimera  
 Desalojam, enfim, do espaço com ludibrio.

## I

**Duvida cartesiana**

Era crédulo e simples, como criança,  
 Quando, implacavel contra mim avança,  
 Sobre a estrada da vida infinda e larga,  
 A Duvida!

    Com ironia amarga,  
 Inflexível, e de sinistro aspecto,  
 Brada-me então:

    « Luctemos peito a peito;  
 Se te vencer, vão-se os doirados sonhos,  
 Que te alentaram annos bem risonhos.  
 Tu, rei da criação, que á tua imagem  
 Formaste Deus n'uma feliz miragem,  
 Para quem é o sol um lampadario,  
 E a terra o tablado de um scenario,  
 Se eu te vencer, verás quanta miseria  
 Te prende ás leis que regem a materia.  
 Á lucta! peito a peito; braço a braço;  
 Se triumphas, peor! lethal cansaço  
 Prostra-te em hieratica apathia,  
 E absorto na extáctica idiotia,  
 Serás santo, ou fetiche n'uma gruta! »

Procurei evitar a estranha lucta  
Seguindo para diante.

Como páira

Por sobre um morto o abutre, eis me desvaira  
A mente, vendo a Duvida a seguir-me  
Como segue a um corpo a sombra; firme,  
Foi-me arrancando os Symbolos augustos  
Que afugentaram meus primeiros sustos,  
Os Dogmas, os Mystérios, os Sophismas,  
Do espirito os subjectivos prismas.

Quando parei da fuga na vertigem,  
Contemplo! as cousas mostram-me outra origem,  
N'uma relação intima, latente.  
Olho em volta de mim! era o presente  
De uma apparencia nova, seductora,  
Illuminado de uma infinda aurora.

Todo eu, já pela Duvida envolvido,  
Forçado em terra a dar-me por vencido,  
La prostrar-me ao absoluto imperio...  
A Duvida, alumiando-me o criterio,  
Me impelle para diante, com vehemencia:

\* O que julgaste a Duvida é a Sciencia!  
Fortifica-te o espirito em verdade;  
Possuindo o livre arbitrio da vontade,  
Caminha! teás o imperio da consciencia.\*

II

**Venceste, Galiléu!**

Possuido do espirito sereno  
Da magestosa e ideal Philosophia,  
Procurou atalhar esse veneno  
Da religiosa Orgia  
Da expiação e vago messianismo,  
O Imperador Juliano! E aos desatinos,  
Revivescencias do Polytheismo,  
Contrapoz os Mysterios Eleusinos.

A impetuosa corrente  
Das lagrimas que choram pelo Christo  
As mulheres, que o amam loucamente,  
Propagou-se com um furor não visto!  
A emoção plangente  
Do sacrificio, o lugubre mysterio  
Tem de revolução social um mixto,  
Que ameaça o Imperio!

Mais pôde o sentimento  
Irreflectido, ingenuo,  
Do que o sabio no lucido argumento,  
Ou a façanha do guerreiro strenuo!  
Da plebe ante o labéo  
Desalentado exclama Juliano,  
Na lucta contra o emotivo engano:  
— Venceste, Galiléu!

## II

Dos antigos a ideal Philosophia  
 Vencer não pôde, não  
 Esse contágio da hallucinação  
 Que da Asia sobre a Europa se estendia.  
 Contamina o Poder! horrída phase  
 Do religioso mal;  
 Certa e experimental  
 Á razão não lhe dava a Sciencia base.

Triste, o ascetismo o homem hallucina;  
 Eis que a visão concreta  
 Da Natureza as mentes disciplina,  
 Novas Sciencias enceta,  
 Fundadas sobre a objectiva base!  
 Co' telescópio invade audaz o céo,  
 E imprime o seculo outra idéia á phrase:  
 — Venceste, Galileó!

## III

**Ficção social**

No debate sem fim, denominado  
 Querella dos Antigos e Modernos,  
 Com que exprimiu um seculo o latente  
 Conflictó das idéias do passado  
 Que as Religiões exploram, e Governos,  
 Reagindo contra a marcha do presente;

Perrault, ao tomar parte  
 No salão onde estavam discutindo,  
 Narrou, e com que arte!  
 Com que primor e gosto!

Um velho conto, ingenuo, simples, lindo,  
Recordação de Ariosto,  
Que era, em vez de argumento, allegoria  
Que orientava a questão e a vencia:

« Era uma Princeza encantadora !  
(Por princezas as bellas reconheço)  
Formosa, incomparavel, que por preço  
Da gentileza, a que ninguem resiste,  
Tambem fadada fôra  
Com um terrivel dom, um dom bem triste.

No fim de certos annos, a Princeza  
Da esplendida beldade despojada,  
Por medonha surpresa,  
Inevitavelmente  
Via a graça do talhe transformada  
Em horrida serpente.

Mão grado essa apparencia repugnante,  
Conserva sempre o natural humano ;  
E almejando o instante  
De libertar-se do horroroso engano,  
Procurava com timida anciedade  
Nas pessoas o instincto da piedade.

Dos que a viam na feminil belleza  
Tinha as adorações, a homenagem ;  
O triumpho completo !  
Perseguição, cruza  
Provocava com hediondo aspecto  
De ophidica visagem.

Se a tratavam com modo compassivo,  
Facilitava-se o anciado instante,  
O momento furtivo  
Em que liberto o espirito cativo,  
A serpente de aspecto repugnante  
Torna a femínil forma deslumbrante.

Quando a Princesa, bella apparecia  
Radiosa e serena,  
De uma graça e expressão sublime, rara,  
Nunca mais, a Princesa se esquecia  
Dos que a trataram com bondade e pena  
Sob a hedionda forma que arrastára!

Quantos afugentaram a serpente,  
Ignorando o mysterio  
D'aquelle dom fatidico e occulto,  
Do seu odio soffreram o imperio;  
Vinha o castigo irremissivelmente,  
Nada ficava inulto.

Pois todo o conto tem moralidade:  
Oh transfiguração da Liberdade!  
Ideal supremo, augusto, puro e grande,  
Da belleza moral! Quando se expande  
Na convulsão da escrava sociedade,  
E terrível se exhala  
Toda a paixão dos corações oppressos,  
O que não sabe conhecê-la, amal-a,  
Perdoar-lhe os excessos,



N'essas crises que vêm de idade em idade,  
Para ante o carro triumphal, que o esmaga,  
Sem vêr na forma monstruosa e vaga  
O humano Ideal que busca a realidade.»

Na Querella de Antigos e Modernos  
Dominando o espirito agitado : . .  
Surge a Revolução, funda, latente ;  
Embalde as Religiões e os Governos  
Impõem o perstigio do Passado,  
Da Ordem contra o Progresso do presente.

# 1.ª TRILOGIA

## OS ATHLETAS DA IDEIA

### I

#### LEVIATHAN

(POEMA)

#### CANTO I

#### Os trinta dinheiros

#### 1

Já velho, e desdentado pelos vícios,  
Ossos cheios de cárie, Luiz Quatorze  
Não sáe dos aposentos, onde passa  
Da demorada doença aborrecido.  
Força-o ao tédio o longo tratamento  
Da operação da fistula do anus!  
A França inteira soffre aquelle tédio  
Da fistula nojosa; ah, mesmo a Historia  
Consigna tristes, lamentaveis factos,  
Absurdos do capricho, e desvarios  
De um organismo á dor impaciente.

A fistula separa duas épocas  
Na vida do Rei-Sol: d'antes, prazeres,  
Carbo e pompas, cavalheirismo e graça;

Depois, perfidia ignobil, aborrida,  
 Guerras injustas, cannibaes matanças,  
 Uma nação em ruinas condemnada  
 Debaixo do odio das nações da Europa !

Nos aborrecimentos prolongados  
 Do leito apparatuso, o Rei boceja ;  
 Ninguem consegue distrahir-o ! É morta  
 A veneranda e placida rainha ;  
 Morto é Colbert, o activo e audaz Ministro.  
 Sente-se o soberano solitario ;  
 Desconfiado e tacito procura  
 Em cada rosto uma intenção occulta :  
 Nas damas, que o adoram, vê a ardente  
 Ambição do seu thalamo vasio ;  
 Nos cortezãos a intriga, ávidas garras  
 Só para a pasta de Ministro erguidas.

Não quer o Rei, que o pús que verte e infecta  
 O ár ambiente, ataque o alto perstigio  
 Do seu privilegiado e sacro vulto !  
 Bem poucos têm entrada no aposento.  
 Um só tem sempre a qualquer hora entrada,  
 O Confessor, o astuto jesuita,  
 O ladino Lachaise !

O habil Padre

Comprehende a gravidade do momento ;  
 Convém aproveitá-lo ! Jámais pôde  
 Ser escutado pelo Rei, nos dias  
 Das estridentes festas e caçadas,  
 Nem nas intrigas dos sensuaes amores.  
 Agora ... agora é força distrahir-o,  
 De cousas mil fallar-lhe, envencilhal-o  
 Nas calculadas sugestões : A aranha  
 Envolve lenta em delicados fios  
 Estonteada mosca, que apôs suga.

O Rei, o Confessor, sósinhos ambos,  
 Fallam intimamente. Um tem a força,  
 O outro a astucia... Oh fabula, oh verdade,  
 Do Lobo e da Raposa: a astucia vence!  
 Narra o Padre com tenebrosas côres  
 A conjuração trêda de Inglaterra  
 Pelo infame Oite descoberta:

— Em Inglaterra a mortandade é grande,  
 O catholico sangue corre a jorros!  
 Os Protestantes cuidam que encontraram  
 De uma conjuração tramenda o fio,  
 Que a Companhia de Jesus tramára  
 Contra o governo, e a favor do Papa!  
 Quantos martyres conta a Companhia!  
 Tantas perseguições são uma affronta,  
 Um doêsto pessoal contra a grandêza  
 Do Rei-Christianissimo de França  
 Que, bondoso, tolêra em seus estados  
 O livre culto a esses Protestantes,  
 Que industrias e riqueza em si concentram. —

Sentiu-se o Rei ferido na vaidade,  
 Mordendo os beiços ao de leve.

O Padre

Sentado junto ao leito do monarcha  
 Continúa insinuando mansamente:

— Como o solio dos Papas, hade um dia  
 Hade o throno dos Reis ser abalado  
 Pelo attentado do Protestantismo!  
 Quem prêga a liberdade de consciencia,  
 E politica liberdade exige,  
 Entre o Rei e a Nação abre um duello.

Nova soberania o Povo aclama.  
 Quem não vê sobre o cépo envilecido  
 A cabeça do rei Carlos primeiro  
 Pelo machado do algoz truncada?  
 Qual foi o crime seu? Elle queria  
 Manter intemerata a auctoridade  
 Do regimen real. O ignaro Povo,  
 Como esse Leviathan do Apocalypse,  
 Monstro indomavel, a cabeça erguendo,  
 Sem dó commette o infando parricidio.  
 Oh, Philosopho Hobbes, viste claro  
 Quando o Povo representaste um dia  
 De Leviathan na insólita figura.  
 Viste a Revolução desencadeada,  
 Brandindo o facho horrivel da anarchia,  
 Levando em uma tumultuosa vaga  
 O unguido de Deus ao cadafalso. —

Mudo fitava Luiz Quatorze o Padre,  
 Como quem penetrava a allegoria  
 Do estupendo monstro da Escriptura.  
 Prosegue o Confessor:

— Os reis da Assyria

Para cingirem a corôa, em prova  
 Luctavam com leões em vasta arena,  
 E depois da victoria, gloriosos  
 Se assentavam n'um throno inabalavel.  
 Ha um Rei a que a Europa chama Grande,  
 Que é a gloria de um seculo, o modelo  
 Dos reis da Terra: *Viro immortalis!*  
 É a divisa da triumphal estatua  
 Na Praça das Victorias levantada.  
 Só terão estes titulos valia  
 Perante a Historia, um dia, se o monarcha  
 Que os destinos da França rege, empheñda

Combater esse monstro, acoorrentando  
 O Leviathan, a agitação do Povo,  
 E leve dos vassallos as consciencias  
 Á submissão pacífica e serena  
 Da unidade da Crença e do Imperio. —

Ouvia o Rei attento, e percebia.  
 N'isto, o medico entrou; ergue-se o Padre,  
 Interrompendo a sugestão maligna;  
 Ao sahir, com Louvois se acotovella,  
 E diz, com ár celeste e malicioso:

— Amanhã, em Mont-Luiz de madrugada.

## 11

Em Mont-Luiz? era ali o doce azylo,  
 O ignorado e esplendido retiro  
 Onde Lachaise frue os ocios santos,  
 Quando enojado da profana côrte,  
 Das confissões e intrigas palacianas,  
 Dos espinhos secretos do governo,  
 Quer viver para si alguns instantes.  
 Em Mont-Luiz quem ousa procural-o?  
 Perturbar-lhe a concentração piedosa?  
 Só no caso da salvação das almas.

Ainda a aurora não rompia; bate  
 Com signal conhecido á porta um vulto;  
 Era Louvois. Abriram. Que se trata  
 No mysterio d'aquella confiança?  
 Nada menos que o cargo de Ministro:



— Morto, e bem morto está Colbert, aquelle  
 Ministro activo, incrédulo, damnado,  
 Que acima da Religião do Christo  
 Punha a Industria franceza, engrandecida:  
 Por decretos innumeros, sem nunca  
 Consentir que os infames Protestantes  
 Pelo governo fossem perseguidos!  
 Em um paiz catholico, que affronta  
 Às consciencias puras, vendo herejes  
 Livrementemente o seu culto praticarem.  
 Morto é Colbert! Quereis a pasta d'elle?—

Não hesitou Louvois um só momento;  
 Sorri de intelligente, e baixo inquire:

\* As condições quaes são?

— Poucas! Em troca

Da pasta de Ministro, Luiz Quatorze  
 Hade extinguir em França, e para sempre,  
 A Religião dos Protestantes.

\* Juro-o.

— Serão seus templos tôdos derrubados,  
 Sem que subsista pedra sobre pedra!  
 Às familias arranquem-se as crianças,  
 Internem-se em conventos de mulheres  
 Onde esqueçam a heretica doutrina.  
 Occupadas militarmente sejam  
 Dos religionarios as moradas;  
 Confisquem os bens que lhes dão força.—

\* Eu, Louvois, com taes clausulas concordo. »

Outros tantos decretos imagina,  
 Em que asscalhar o nome de Ministro;

Lachaise o pacto firma, ali submette  
Do Ministro futuro a vil chancella  
Com que hade os crimes encobrir na historia,  
Fazendo jorrar sangue a humanidade.

## III

Não descança no plano audaz o Padre!  
Da Maintenon no quarto entra de noite  
O intrigante Confessor. Lachaise  
Foi surprehendel-a affogueada em pranto.

— Por que são essas lagrimas? — Indaga,  
Melifluo o padre a insinuar-se unctoso  
Como a Serpente mythica do Eden.

Voltando a si do mal fingido susto,  
A Maintenon responde :

— O meu antigo  
Confessor, padre Gobelin, notando  
Que a desenvolta Montespan exerce  
Sedução nos sentidos do monarcha,  
Temeu pela moral, logo que soube  
Como eu estava já deliberada  
A abandonar a cõrte para sempre!  
Impoz-me que ficasse aqui, dizendo,  
Que para o Rei a salvação estava  
À humilde presença minha unida.  
Fiquei. O Rei às outras me prefere;  
A Montespan minha rival, sedenta  
Jurou vingar-se: às claras já me ameaça.  
Vedes? Lucta de morte, ou eu ou ella!

— Bem, disse o Padre Gobelín, bem disse  
Que ficasses, obediente filha;  
E ficarás de vez: serás Rainha!...

— «Rainha! eu?...»

— Sim. Lembra-te da hora

Quando o Rei te abraçou magoado e triste  
Depois do funeral da esposa. Basta!  
De uma palavra minha o casamento  
Do Rei contigo hoje depende. Agora  
O que me dás em troca?

— «Tudo.»

— Tudo?

— «Serei a lima em tuas mãos; eu, filha  
Da Companhia, a obediencia levo  
Mesmo até ao peccado, até à morte.»

— Promettes, pois, do Rei obter, que seja  
O Editto de Nantes revogado?  
Que termine o labéu da santa Igreja,  
Que as consciencias á revolta alenta,  
Emancipadas do Poder do Papa?

— «Prometto!...»

— Que triumpho! N'esse caso

A Rainha de França eu felicito.  
E dou-lhe a absolvição para que possa  
Enriquecer os seus irmãos, doando  
Os bens aos Protestantes confiscados. —

E dizendo isto o Confessor ajoelha,  
Beijando a mão á Maintenon, que treme  
Olhando com espanto, receiosa  
Das manieras brutaes que o padre emprega  
Na direcção espirital das damas.



## V

É já ministro Louvois ! Cansado  
 Da Montespan provocadora e esbelta,  
 Que na sensualidade se confia,  
 Quer o Rei desligar-se d'ella ; a medo  
 Consulta o Confessor. Lachaise abrupto  
 Responde, e quasi ao Rei o modo intima :

— Dae-lhe, Senhor, dinheiro, e mais dinheiro,  
 Só com dinheiro cala-se a marquezã !  
 Dotae-lhe os filhos bem, e tudo é findo. —

O Rei chamou Louvois, que desempenhe  
 A missão que o liberte ; e o Ministro  
 Com ar de hesitação responde :

\* O Clero

Contribuir não quer para o Estado !  
 Faz-nos esse dinheiro enorme falta.  
 Contra as immunidades nada posso ;  
 Comtudo, ha um remedio . . .

— Qual é elle ?

\* Diz-me o Padre Lachaise que submitta  
 A vontade real o Clero todo . . .

— De que modo ?

\* Se Vossa Magestade

Der ao Catholicismo no seu reino  
 Toda a supremacia, revogando  
 Esse Edito de Nantes detestavel,  
 Que hoje as bases da Igreja tanto mina ;  
 Porque o Protestantismo lavra a sombra  
 Da infernal Liberdade de Consciencia ! \*

Lachaise entrava, e escutando attento,  
 Em expressão beatifica prosegue :

— Não é somente a Igreja que é minada ;  
O Estado civil se desmorona,  
Porque da Liberdade de Consciencia  
O Livre-Pensamento se proclama,  
Da Auctoridade discutindo a origem !  
A discussão, a critica desvendam  
As fraquezas dos Reis : Samuel descreve  
As sumptuosidades perdularias,  
Dos Reis escandalosas aventuras ! —

Luiz Quatorze aterrado encara o Padre :  
\* Liberdade politica é tudo isso ?  
É de Carlos Primeiro o cadafalso ?  
É o Protestantismo de Inglaterra !  
Dos Capetos o sangue, eu juro ! nunca  
Hade nobilitar o hediondo cêpo,  
Lá como a Cruz divinisára o Christo.  
É preciso ferir de prompto e forte  
Leviathan, o monstro que se insurge . . .  
Em rigor, que mais vale um culto que outro ?  
Eu só quero o Poder régio seguro. \*

N'isto Louvois, a acenos de Lachaise,  
Mostra ao Rei o Decreto em que revoga  
O Edito de Nantes ! Insensivel  
O Rei assigna. A noite vem descendo  
Fria, brumosa do aspero novembro :  
Tal sobre a França cae a espessa sombra  
Que a revolve n'um mar de sangue e pranto.

O Ministro com jubilo relata  
Ao Rei, que a Assembléa do alto Clero  
Da propria imposição prescreve a norma,  
Dando doze milhões para o Estado !



Devolve o Padre, firme em seu intento :

— Dê-se dinheiro á Montespan agora,  
E cave-se entre o Rei e ella o abysmo,  
Na sanctificação do matrimonio.  
Senhor! vinde á capella, a noiva espera  
Junto do altar prostrada, esvaecida,  
A Maintenon, a nova Esther da Igreja! —

Siem os trez! Que nupcias de vampiros.  
Nos frios corredores de Versalhes  
O desdentado Rei vae coxeando,  
Buscar a benção que premeia o crime;  
E enquanto dão a mão de esposos, quantas  
Perseguidas familias se desmembram!

## CANTO II

### Oderint ut metuant

#### I

O Rei possuido andava de uma ideia!  
Antes mil vezes um desejo bruto,  
Que elle saciasse com boçal egoismo;  
Antes a óca e estolida vaidade,  
Que o torna o sol do mundo palaciano;  
Ter uma ideia! Desgraçada França.

Pensava o Rei:

— Eu só nos meus Estados

Absoluta soberania exerço;

Uma só Religião imponho e quero!

Qualquer Grenga, que ahí se manifeste,

Heide consideral-a, isto proclamo,

Attentado de lesa-magestade,

Que deve ser punido com a morte. —

Entrava então Louvois n'este momento;

Traz uma extensa carta, em que relata

O Marechal de Noailles, como as ordens

Tremebundas cumpriu no sul da França.

O Rei quer ouvir tudo, saciar-se

Na atroz iniquidade. E Louvois lia:

« Pensei que ante o terror se submettessem

Os Religionarios! Sem escolha,

Para a intimidação emprego os meios;

Mandei logo arrasar a ferro e fogo

Os templos calvinistas, prohibindo

As manifestações do culto. Os Curas

Ou Pastores, que á multidão pregavam,

Foram manietados com algemas,

Aos porões das galeras arrojados!

Mandei arrancar todas as crianças

Ás familias dos Huguenotes, cuidando

Se evitará assim, que as contamine

A heresia dos paes! Mesmo empregando

O supplicio, a tortura, não consigo

Senão mesquinhas conversões; reagem

Aquelles inconcussos caracteres!

Destruí o commercio inteiro em Nimes,

Que estava em mãos de ricos Protestantes.

É a desolação sombria, immensa ;  
E em vez d'ante o rigor se submitterem,  
Mais se exalta a paixão religiosa  
Que os leva a preferir sorrindo a morte !  
As miseras familias perseguidas,  
Andam refugiadas nas montanhas,  
Onde praticam livremente o culto  
E escutam a palavra dos Pastores,  
Alentando-os para a hora do martyrio.  
Quando bati os montes, nos reductos  
Das fragas foi completo o exterminio  
Pela fome ; de prizonceiros cheias  
Estão de França as fortalezas todas !  
O desespero enche-os de coragem,  
E tanta é já a audacia, que levantam  
A mão armada contra o Rei de França ! . . . \*

Luiz Quatorze estremeceu ouvindo  
A phrase escripta por aquelle bravo  
Ajudante de Campo, que o salvára  
Outr'ora em Valenciennes. Fica attento ;  
O Ministro prosegue na leitura :

• Pela violencia nada se consegue !  
Pela experiencia vejo que seria  
Amnistia geral bom conceder-se,  
Mandando Missionarios instruidos,  
Que dirijam as almas com brandura,  
Pacificando os animos cansados,  
Attrahindo-os à causa da verdade. •

Lachaise compungido se mostrava  
Diante da catastrophe medonha  
Da atroz devastação do sul de França !  
A Maintenon que lagrimas derrama,  
Proferindo a palavra envenenada :

— Não pôde agora o Rei recuar sem quebra  
Da propria dignidade! Elle sustenta  
Como o segundo e excelso Constantino  
Da Religião catholica a unidade!  
Cesar e Deus encontram-se de accordo.

## II

Animado pela vaidade acerba  
De Luiz Quatorze, Louvois escreve  
Ao Marechal de Noailles, repellindo  
A amnistia que pede, incompativel  
Co'a dignidade augusta do Monarcha,  
Que de um modo exclusivo impõe e exige  
A completa extincção dos Huguenotes.  
Louvois ordena terminantemente:

— Onde existir Igreja calvinista,  
Faça-se a occupação da terra logo  
Por força militar! Que as tropas sejam  
Das povoações á custa sustentadas;  
Em tribunaes de guerra se condemnem  
Quantos recusem abraçar o culto  
Da Igreja romana, e mesmo quando  
Embaracem a conversão dos filhos!  
Queimem-se as casas dos que forem vistos  
Pegar em armas, e dos que intimados  
A depól-as, não obedecam promptos.  
Terror, desolação emfim se espalhe,  
Para que lembre eternamente como  
A rebeldia contra o Rei se pune! —

Quando Noailles trépido proclama  
No Languedoc esse horrído decreto,  
A exaltação um novo aspecto ostenta.  
Ninguém seu culto abjura ! Nem segredo  
Transparece das victimas no rosto  
Sob a pressão hypocrita e selvagem.  
Afrontadas no lar em que cohabita  
A boçal soldadesca desenfreada,  
Expoliadas da industria e das riquezas,  
Miserandas familias protestantes  
Vão o solo da França abandonando !  
O Marechal hesita ante a ruina  
Da nação, que se exhaure em suas forças ;  
Á côrte exora que suspenda a ordem  
Do terrível decreto, em prazo breve ;  
Que talvez missionarios conseguissem  
O que não faz a soldadesca bruta . . .

O Rei consulta os grandes luminares  
Da Igreja de França, o eloquente  
Bossuet, Fénelon suave e brando ;  
Cada um engrandece o pensamento  
Do magnanimo Rei, que identifica  
Em si Religião, Soberania !  
Dos missionarios na obra não confiavam ;  
O que entre os Huguenotes não consegue  
O dinheiro ou a força bruta, nada  
Póde a palavra em espiritos rebeldes,  
Que revolvem a letra do Evangelho  
E a meditam á luz do Livre-Exame !

Porfim, o Abbade Hervé foi escolhido  
Para a missão pacífica. O Ministro,  
O Confessor e o Rei, nada esperando  
Em conversões dos doze missionarios,  
Visam á extincção do Calvinismo,  
Como erva parasita em christã messe!  
Devastação, ultrajes nas familias  
Por Companhias de Dragões que occupem  
Só as moradas dos Religionarios,  
É determinação régia. Noailles,  
Que tinha n'alma impresso o vivo culto  
Da subserviencia ao Rei, abafa  
O grito da consciencia, e a frio cumpre:

Aos Religionarios confiscados  
São os bens, se de França emigrar tentam;  
A metade compete aos denunciantes!  
São arrancados á familia os filhos  
De cinco annos a dezaseis, mettidos  
Em clausura catholica, onde aprendam  
As doutrinas da triumphante Igreja.  
Que um ferro quente marque, e ás galeras  
Seja lançado o Protestante ousado  
Que um catholico tenha ao seu serviço!  
O que tentar abandonar a França  
Perca os bens, e ás galeras se arremesse,  
Como objecto grilheta, se fór homem;  
Mulher, seja rapada por navalha,  
Em perpetua clausura recolhida.  
A quem coadjuve a evasão se inflige  
A mesma pena. Os mortos de heresia  
Nas ruas, sobre cal são arrastados,  
Atirados para os covacs a monte.



## IV

As almas delicadas contemplavam  
Com desvanecimento religioso  
As tragicas angustias das familias  
Desmembradas, famintas, foragidas  
Sobre o solo miserrimo estrangeiro!  
A bella Sevigné não tem mais phrases  
Com que exalte a constancia do Monarcha:  
Invencível na Fé, como nas armas  
Foi perante as nações inabalavel!  
E Lafontaine? o ingenuo Lafontaine,  
Que a vida passa descuidado á mesa  
Dos Marquezes contando velhos contos  
Com que o appetite sensual excita,  
Vendo o heroismo de Luiz Quatorze,  
Exclamava:

— Sómente um Homero falta  
Para o Rei ter na terra as glorias todas! —

Oh convenção moral! Se á consciencia  
Falta a base, a noção da humanidade,  
Como a torpe abjeção palaciana,  
A religiosa hypocrisia, os crimes  
Se legitimam como excelsas glorias!  
Lacinaise exulta na sua obra escura,  
Que importa que um milhão de homens emigre,  
Que as riquezas da França se aniquilem,  
Que a justiça no sangue e horror se afunde?  
O Jesuita oppõe a represália  
Ás derrotas que soffre em Inglaterra!

## V

Quantas familias protestantes buscam  
Da Normandia as afastadas costas  
Para emigrarem! Um motivo existe  
Para essa escolha: O povo guarda a crença  
Que ha ali uma fonte mysteriosa  
Que tem um dom, o singular perstigio:  
Aquelle que beber na argentea veia,  
Por mais transviado que no mundo seja,  
Não poderá morrer em terra extranha!  
Hade vir acabar seus tristes dias  
Sobre o solo da estremeçada patria.

Seria aquella crença por ventura  
Que trazia, ao seguirem para o exilio,  
Ali tantas familias protestantes,  
Que na fonte de Reveillon as aguas  
Com a saudade infinda anciosas bebem?

A perseguida multidão dispersa  
Refugia-se incerta na Allemanha,  
A Suissa abre-lhe o seguro seio;  
A Inglaterra e a Hollanda acolhem  
Bandos e bandos de Religionarios.  
Em paga, esses espiritos activos,  
Intelligentes, probos, onde param  
Abrem um foco novo para a Sciencia,  
Criam a Industria, alargam a riqueza,  
Conservando na dolorosa crise  
Da independencia, os germens da energia  
Que ao fim de um seculo explosindo em França,  
Dão á Revolução os horisontes.

## CANTO III

## A bella Ysabeau

## I

O grande Rei, o protector das letras  
 Que imita Augusto no nefando vicio,  
 Cruel no fim da vida, conversava  
 Sobre o triumpho da Igreja com Racine:

— Que magoa para mim, se no futuro  
 Desconhecer a tradição dos povos  
 Que uma nova Joanna d'Arc, em França,  
 A Religião catholica restaura!  
 Eu fui o braço, a Maintenon a alma  
 Que a unidade da Fé no reino assenta.  
 Que poema, Racine, que victoria!  
 E que immortalidade para o poeta!

Suor em bagas pela fronte escorre  
 A Racine; um sorriso doloroso  
 Era o protesto mudo da consciencia.

— Não vos inspira o heroico feito um Poema?  
 Não vos assombra o luminoso vulto  
 Da nova Joanna d'Arc?... .

O Poeta falla:

• Que tragedia maior que a realidade!  
 O povo tem o instincto da Justiça;  
 Elle idealisa os grandes sentimentos,  
 Tem a vertigem das commoções fundas;

D'elle surgem Sibyllas e Prophetas  
 Que a lenda eterna ao soffrimento criam!  
 Uma joven aldeã, no sul da França,  
 Como Débora á sombra das palmeiras,  
 Falla ás turbas com vehemencia e fogo,\*  
 É a *Bella Ysabeau* . . . \*

Luiz Quatorze,  
 Como ferido do instantaneo golpe,  
 A expressão colerica reprime;  
 E interrompendo um glacial silencio,  
 Como se arremeçasse sobre o Poeta  
 Do desfavor a lagem, que sepulta  
 O condemnado e morto para as graças,  
 Recolheu-se sombrio ao aposento;  
 Não fallou mais no nome de Racine!

## II

Porque o rancor do Rei incita o nome  
 Da joven aldeã, que o povo acclama  
 Como a *Bella Ysabeau*?

As grandes dores,  
 As emoções que a multidão agitam,  
 Os desastres da Patria, o sangue, a ruina,  
 Dão a hallucinação que a mente exalta,  
 Os extasis, visões, os vaticinios,  
 Os heroicos, sublimes sacrificios.  
 Quando a França se achava desmembrada,  
 Sem governo, ao arbitrio do estrangeiro,  
 Uma mulher, Joanna d'Arc, inspira  
 O sentimento nacional, o esforço  
 Que a liberdade á patria revindica.  
 N'esta devastação que a Igreja ordena,  
 Movendo o Braço secular, impune,

Quando os genios applaudem com descaro  
Do monarcha a infernal hypocrisia,  
Ergueu a voz do Povo o alto protesto  
Severo, justo e grande, os vis espanta.

As lagrimas, as dores communicam  
Intima compunção; entre as donzellas  
Os terrores, as mortes lhes suscitam  
Extasis, em que imploram — Piedade!  
No Delphinado uma criança falla,  
O povo acode crédulo a ouvil-a.  
Tem apenas quinze annos! Fresca e bella,  
Inconsciente, e prompta para a morte,  
É dominada pela impressão viva  
Do sangue derramado, dos incendios,  
Dos ais das pobres victimas inermes,  
As mulheres, os velhos, as crianças  
Que as patas dos cavallos despedaçam!  
Era a *Bella Ysabeau!* humilde filha  
De um cardador de lã; pelas montanhas  
Andava a guardar gado, e a soledade  
Despertou-lhe a visão, fel-a Sibylla.  
Ella falla; começa por um psalmo,  
Misericordia implora a tanta angustia,  
Descrevendo com um relevo intenso  
Scenas de cannibal carnificina,  
Quando ás mães os filhinhos arrancaram,  
Atirados para a clausura muda,  
E os esposos ao banco das galeras;  
A familia dispersa, morta á fome,  
Ao frio por matagaes, onde a perseguem  
Os soldados do Rei, que as ordens cumprem.

## III

Mas, da *Bella Ysabeau* os labios soltam  
Um vaticínio breve, e que se espalha  
Entre o povo! A Auctoridade treme...

Do Delphinado o Intendente acode  
Para ouvir; tudo a cõrte sabe ansiosa.  
A joven aldeã prophetisava...  
O que?

• Pobre familia protestante,  
Eu vejo-te dispersa, desmembrada  
Na Allemanha do norte, na Suissa,  
Na Hollanda e por toda a Inglaterra;  
Mas eu sei que outra vez serás unida  
Sobre o solo da França, a pedir contas  
Do attentado—à Egreja e à Realeza!...•

Não se atrevendo a estrangular a criança,  
No Hospital a internam. É preciso  
Contraminar a impressão profunda  
Que ella causa no povo! Se inda ao menos  
Na candidez da inconsciencia sua  
Pudesse proferir uma heresia!  
Irmã de Joanna d'Arc, certo expiára  
A auréola que a cerca, na fogueira.

## IV

Eis, Flechier, o theologo seguro  
Recebe ordem do Rei, para que abafe  
Pela doutrinação a voz dolente  
Com que a *Bella Ysabeau* commove a França.



O theologo exerce a velha argucia,  
 Pergunta, inquirir, mas em vão sophisma,  
 Ante a simplicidade que o domina.  
 O riso de desdem com que elle encara  
 A Sibylla do Povo, crente e rude,  
 Em consternação muda se converte!  
 Não ha pretexto para a crueldade,  
 Na *Bella Ysabeau* falla a alma da França.  
 E a convulsão do grande dia da ira  
 Aos Philosophos longe se annuncia!

## V

Uma outra voz irrompe! é reflectida,  
 Consciente; pela razão fulmina:  
 É a voz de Jurieu, brado violento  
 Que a Liberdade da Consciencia affirma.  
 Eil-o que accusa a primitiva Igreja  
 De sustentar-se em embates de doutrina  
 Só pela Espada temporal dos Cesares;  
 Os perseguidos chama á resistencia,  
 E um medonho vaticinio dita:

= *Outenta e nove!* Este o terrivel anno  
 Que a ruina traz á funebre potencia,  
 Porque attentou contra o Dever humano. =

O audaz controversista a nova espalha  
 Em *Cartas pastoraes*. A côrte manda  
 Que Bossuet a Jurieu responda;  
 Mas, a hora tremenda se aproxima  
 Que o Monstro-multidão acorda em sanha,  
 Já Leviathan revolve a Inglaterra!

## VI

O jesuita Petri, o ardiloso,  
 Que é Confessor do rei Jacques Segundo,  
 E á perfidia sanguinaria o incita,  
 A Lachaise escreveu; narra-lhe a ruina  
 Do plano atroz em que se empenham ambos:

\* Mal Guilherme de Orange desembarca,  
 Jacques Segundo, por covarde, foge,  
 O catholico throno desampara!  
 Na fuga, arroja ás aguas do Tamisa  
 O grande Sello do Estado... Ao lado  
 Vae para sempre o Symbolo imponente  
 Do Direito divino, fonte pura  
 Do Poder absoluto sobre a terra!...\*

Rasgou Lachaise a carta:

— Que se ignore

Que hoje o Poder politico se funda  
 Sobre um pacto social! —

Os Protestantes

Com Guilherme de Orange triumpharam;  
 Leviathan, o povo, ergue a cabeça  
 Tendo o corpo aos pedaços desmembrado  
 Por todos os Estados; de Inglaterra  
 Onde se apoia, já domina o mundo!

## CANTO IV

## A esphera branca

## I

As tenebrossas luctas religiosas  
Fizeram da Inglaterra hospitaleira  
Inviolavel azylo das ideias!  
Entre os Religionarios perseguidos  
Que se acoutaram entre o activo povo,  
Fructifica o trabalho, que fecunda  
Essa patria adoptiva e a torna grande!  
Aos odios cannibaes de Luiz Quatorze,  
A Inglaterra oppõe — a piedade,  
A protecção aos pobres foragidos;  
Compartilha o seu pão, dando-lhes patria.  
Como ao encontro do Samaritano,  
Cada qual leva o óbolo aos oppressos.

## II

Encontraram-se ali Swift e Hobbes,  
O poeta e o philosopho; trouxeram  
Para as familias que da França emigram  
Ante o furor religioso — a esmola  
De compungidos corações humanos!

Vendo Swift o doloroso quadro,  
Com expressão de uma ironia acerba  
Disse para o philosopho:

— Á desgraça

As lagrimas não bastam! é allivio  
Quantas vezes a gargalhada franca.

No *Conto do Tonel* pintei ao vivo  
 As mesquinhas paixões do fanatismo,  
 Dignas de riso, se não fôra o sangue...  
 É a compressão das livres consciências!  
 No mar, têm por costume os marinheiros,  
 Quando encontram de frente uma balça,  
 Atirar-lhe com um tonel vazio,  
 Que vai servir para brinquedo ao monstro.  
 A corajosa marujada entende  
 Que assim do riço embate o baixel salva;  
 Prôa ao largo, divertem-se de longe!  
 É este o assumpto alegre do meu Conto,  
 Que os lugubres successos interpretam:  
 A Balça, bem vêdes, representa  
 O poder dos systemas, das doutrinas  
 Que ovantes passam, devastando os povos,  
 Até que inane cae, por esgotado  
 Na discussão das frivolas minucias.  
 O Baixel que naufragio ameaça, é o Estado;  
 Horacio o tinha dito já.

• Por certo,

(Interrompe o Philosopho ao Poeta)  
 Alludis á comparação usada  
 No livro o *Leviathan*? O despotismo  
 Deu em França este nome ao povo, quando  
 Pela Revolução funda a justiça.  
 Não me entenderam, não! O estranho monstro,  
 Leviathan, é toda a Sociedade,  
 Esse organismo enorme, incomprehensível,  
 De opiniões, ideias, interesses,  
 Instituições, em intimo conflicto  
 Produzindo o invencível movimento  
 De uma corrente progressiva e ampla,  
 Contra a qual são os Reis sempre impotentes,  
 E risível o anáthema dos Papas!

Instrumento de um fanatismo cego,  
 Estúpido, persegue Luiz Quatorze  
 Pela crença as famílias protestantes;  
 Quem pôde avassallar as consciências?  
 Esses Religionarios as riquezas  
 Levam consigo, — a aptidão da industria,  
 Para a Suissa, Hollanda e Allemanha.  
 Quanto lhes deve agora a Inglaterra!  
 Como de uma fogueira immensa as brazas  
 Que o vento espalha, em si o incendio levam,  
 Deu a Revolução de Outenta e Outo  
 À moderna Inglaterra a ordem nova.  
 Ah, não longe virá tambem o dia  
 De outra emancipação — a americana,  
 Até que sôe a hora, o advento amargo  
 De uma estupenda Crise do Occidente,  
 Equilibrio de seculos buscado!  
 O Baixel vae de encontro ao monstro e talha-o...  
 Mas o *Touel*? Falta esta allegoria;  
 Qual é pois o sentido?\*

O Poeta ouvira

A theoria social de Hobbes, attento,  
 E, reatando as ideias, continúa:

— O *Touel*, ante o monstro intolerante  
 É um Conto qualquer que causa riso;  
 O riso espanta as coleras do orgulho.  
 Quem se não ri da encarniçada rixa  
 Que entre si trazem João, Martinho e Pedro  
 Sobre o estofo das capas que os trez cobrem?  
 Qual d'ellas tem mais nodoas, mais remendos?  
 Mas o Papa, e Luthero com Calvino  
 Nos empuchões a capa espalham odios,  
 Perseguições, ruinas, mortandades!  
 Emquanto o fetichismo houver no mundo

Pelo Symbolo, é o *Tonel* preciso;  
Contra o Terror, do Conto a gargalhada.  
O *Annel do Pescador* ainda apparece  
Qual talisman de magica potencia;  
Como algemar as consciencias busca!  
Despertemos do pezadello aziago:

## III

## O Annel do Pescador

O bom do Pescador disse aos trez companheiros:  
— Eu possuo um Annel de sublime condão,  
Que tornará feliz quem o trouxer na mão.

Sei que estes dias meus são já os derradeiros;  
E antes que se me extinga a vida em sacrificio,  
Deixo eu a um de vós o talisman propicio. —

Uma tarde que andava a pescar sobre o Lago,  
Quando a rede estendida aqui e além se apanha,  
Fallou secretamente a esses trez da companhia:

— Em verdade vos digo: Oh, não é sonho vago,  
Quem possuir o Annel, no mundo tem segura  
A riqueza, potencia, a gloria e a ventura.

Quem possuir o Annel dominará na terra  
Sobre os proprios Reis, e sobre as Consciencias,  
Dará a salvação segundo as conveniencias.

Logo que no sepulchro o meu corpo se encerra,  
Procurae esse Annel, o talisman propicio. —  
Cedo o bom Pescador expirou no supplicio.



Não se esquecem os trez da indigente companhia  
De procurar o Annel; revolveram a lage,  
As prégas do sudário em vilissimo ultrage;

Cuidando cada um dos trez que o Annel apanha,  
Eis na chaga do peito os dedos mettem rimbos,  
E o gélido corpo é revirado aos tombos.

Se o Annel mysterioso existe, ninguem sabe;  
Mas cada um dos trez, com astucia e fervor  
Teima em dizer que achou o *Annel do Pescador*.

Pedro exulta contente! alegre em si não cabe,  
Logo á veneração se impõe dos companheiros;  
Ufano em ter o Annel, exclue os mais parceiros:

• Universal Poder este Annel me confere,  
Com que na alma humana a minha acção penetra,  
E o espirito accorrenta á *Fé* na morta letra.

Toda a ordem no mundo o Annel potente fere,  
Os juramentos quebra e os fracos desliga  
De obediencia ao forte; até aos Reis obriga. •

Ninguem lhe contradiz aquella pia fraude  
Que o Poder novo afirma; ouvem, mas não entendem:  
• Os Servos e os Reis, de mim ambos dependem. •

Paulo por possuidor do talisman se applaude:  
• Omnipotente sou; no Annel é transmissivel  
Dom da *Graça*, a eleição de Deus incomprehensivel,

Pela qual livre estou das leis da terra ; e venho  
Trazer a emoção que as almas edifica,  
E pelo sentimento em Deus as unifica. \*

Thiago sáe d'alli : « Sou eu, eu é que tenho  
Bem guardado esse Anel, de que fallou o Mestre,  
Que reúne o empyreo e imperio terrestre.

Eu é que tenho o Anel ; os vossos são estereis ;  
Taes poderes não vêm simplesmente da Fé,  
Que acceita a Letra morta, e em absurdos cre.

É sonho inefficaz, se as Obras não fizereis,  
Aos que prometteis Graça, ou arbitrio do Céu ;  
A acção é que alevanta o individuo, o eu. \*

---

Aflastaram-se os trez solertes companheiros,  
Cada qual se dirige ao dominio do mundo,  
Confiando do Anel no influxo profundo.

Qual d'elles attingiu, dos trez aventureiros  
O ficticio ideal, que de idade em idade  
Se tornou com assombro em uma realidade ?

Não por que possuísse o Anel do Pescador,  
Foi Pedro ! D'entre os trez era Pedro o mais broma ;  
Conseguiu assentar um throno excelso em Roma.

Como em letras elle era o menos sabedor,  
Mais ferrenho se agarra à letra immovel, fria,  
Impondo então a Fé, quando elle em nada cria.—

## IV

Bem presentira Swift em seu conto,  
 Nova lucta se trava em França; agora  
 Contra Martinho e João não reage Pedro.  
 É a questão da *Graça*! O Jesuita  
 Opina pelo merito das *Obras*;  
 Posto ao lado de Thiago a Pedro arrasta  
 Contra as doutrinas mysticas de Paulo,  
 E pela mão de Luiz Quatorze assalta  
 Do Port-Royal os quietos solitarios,  
 Buscando até nas campas a heresia!

## V

## A Fabula moderna

Ia o Rei-Sol caminho de Versalhes,  
 Do enfado do ocio e do prazer exausto;  
 Às turbas que o vêem passar dá-lhes  
 A vertigem das pompas e do fausto.  
 Donosas damas, guapos cavalleiros,  
 Luxurientos abbades, vãos marquezes,  
 Seguem-no altivos; vão passar os mezes  
 Das fortes calmas nos jardins fagueiros.

Cavalleiros e damas são planetas  
 D'esse centro de uma attracção sublime;  
 Cantam-no em panegyrico os poetas,  
 Por que o arbitrio seu mata ou redime!  
 Elle illumina e dá calor à França,  
 A Justiça é a espada que elle vibra;  
 E da nação a vida se equilibra  
 No tedio immenso do Poder, que o cansa.

E enquanto passa em côche reluzente  
Erguendo o pó de uma grandeza estulta,  
Saudou mudo o monarcha omnipotente  
Um bando de homens, que o calor sepulta :  
Um bando que trabalha abrindo a estrada  
Inda não prompta, que a Versalhes leva ;  
A comitiva rompe a custo ; e séva  
Paira a vista do Rei como indignada :

\* Miseráveis ! Ainda a obra em meio !  
Não sabem que hoje de Paris me movo ?  
Senhor de Lafontaine... (O Poeta veio)  
Contae-me aqui a Fabula do Povo,  
Do ser abjecto que a clemencia esgota. \*  
Um apologo antigo contou breve,  
Qual mão sinistra que a sentença escreve  
A Balthazar, n'uma visão remota :

— Debaixo de um sol de agosto,  
Na fadiga  
A que a precisão obriga,  
Gira da aurora ao sol posto  
A Formiga.

Aqui sóbe, ora ali desce,  
Quasi esbarra ;  
De manhã, 'té que anoitece,  
Canta ociosa d'entre a messe  
A Cigarra.

Chega a enxurrada de Outubro :  
\* Minha amiga !  
Fome e febre... este olhar rubro...  
Que negra crise descubro...  
Ai, Formiga ! \*

Com frio, faminta, inquieta,  
 Seu mal narra;  
 Responde a outra: — Patêta!  
 Cura a febre com dieta,  
 Mãe Cigarra.

- Chasqueavas-me em Agosto  
 Na fadiga,  
 Com descuidada cantiga;  
 Hoje vac-te, e dança a gosto  
 Da Formiga. —

E foi o *Seis de Outubro* o grande dia  
 Da tremenda justiça! Dia amargo,  
 Embate de dois mundos!  
 Pelo caminho que a Versalhes guia  
 Irrompe a multidão, que abafa ao largo  
 Doéstos iracundos.

Como um baixel sossobra, assim a côrte,  
 A guarda real, os nobres favoritos  
 Entre a plebe se sômem!  
 No secular festim libou-se a morte,  
 E dos oppressos os ardentes gritos  
 São os *Direitos do Homem*.

O decrepito Rei era um miasma  
 Inda na morte infeccionando. A França  
 Fica esgotada e atraz dos outros povos,  
 Pela acção deprimente que exercêra.

E enquanto o mundo official proclama  
 Ao misero devasso, peor que Nero.  
 Eponymo de um seculo, irmanando-o  
 A Alexandre, a Péricles, a Augusto,  
 Uma voz discordou no abjecto côro :

Com santa ingenuidade de alma exclama  
 O benevolo Abbade de Saint-Pierre,  
 Diante da apothéose do monarcha :

• Só merece a immortalidade aquelle  
 Que promoveu o bem ; hade o seu nome  
 Sobreviver na gratidão humana. •

Tremeu a Academia ! Essas palavras  
 Empanavam a gloria inextinguivel  
 Do grande Rei ! Ao brado infame e odiento  
 Do Cardeal de Polignac reune-se  
 A corporação sabia, destinada  
 Unicamente a eternisar a gloria  
 Do Rei-Sol.

A Academia escuta  
 A accusação do Abbade ! e de horror hirta,  
 Nem mesmo admitte explicações do assumpto :  
 Por votos seja o dissidente expulso !

Silencioso o escrutinio corre ;  
 Entre as espheras pretas, que excluiram  
 Da Academia o pensador sublime,  
 Achou-se apenas uma *esphera branca* !  
 Era o voto do sabio Fontenelle,  
 O julgamento historico consciante.  
 Coadjuvado pelo alto privilegio  
 De uma longevidade centenaria,



Fontenelle tornou-se desde essa hora  
Laço de transição, a aurora vaga  
Do esplendor do *Seculo das Luzes*,  
Do seculo do Livre-Pensamento,  
Que uma era nova abriu á Humanidade.

## II

## MILTON

## I

Velho e cego o Poeta se assentára  
Ao Orgão, preludiando melodias  
De religiosa unção!  
As desgraças, tristezas, agonias,  
Perseguições, terrores, tudo pára  
Ante esta solidão.

Milton se eleva em sonora prece,  
E das luctas politicas se esquece,  
Da pobreza tambem;  
No vôo da phantasia, não se importa  
Se a justiça do rei, o algoz á porta  
Para arrastal-o vem.

Cahia a tarde, quando chega o amigo  
Certo, seguro, antigo,  
O bom velho Elwood:  
Esse que em fraternal solicitude  
Nas horas de amargura  
De um desalento fero,  
Lhe fazia a leitura  
Dos Poemas de Homero.

Escuta o amigo a melodia doce  
Que da alma toma posse,  
Que infunde tanta paz!  
Guarda, scismando, um timido silencio,  
E a mudez convence-o  
Que á dôr o canto apraz.

Sente o Poeta, na tréva que o rodeia,  
Que alguém extranho, mas que o não odeia,  
Mansamente chegára!  
No diluvio das melodias para,  
E exclama: « É a cegueira um ataúde,  
Elwood, Elwood!

« Dedilhe, embora, as melodias bellas  
Que dos Prophetas de Israel me avivam  
Nobres Lamentações;  
Anda-me envolto o espirito em procellas  
Dos conflictos sociaes; a alma me crivam  
Negras recordações.

« Nunca o disse a ninguem: A lucta immensa  
Das Legiões rebeldes, no meu Poema,  
De Jehovah contra a augusta magestade,  
Certo, ninguem o pensa,  
É eloquente emblema  
Da crua realidade:

« Eu assisti a essa immensa lucta!  
Deus, é vontade eterna e absoluta,  
O Dogma immovel, que a razão enluta,  
Peso da Tradição!  
Satanaz, é a critica audaciosa,  
A aspiração da Liberdade anciosa,  
É a ideia que tudo inquire e ousa,  
Protesto, e Negação!

• Vi esta lucta, e n'ella tomei parte!  
 Vêde, o rei Carlos, o primeiro Stuart,  
 O Direito divino representa  
 Na vontade pessoal, de lei isenta  
 Ao ponto da traição!  
 Contra a soberania alta, abusiva,  
 Que a livre sociedade da lei priva,  
 Como Satan, já Cromwel bafurda,  
 Audaz supplanta a tyrannia absurda  
 Pela Rebelião!

• A Rebelião na mente se transporta  
 Dos combates que dão o Bem e o Mal,  
 Para o mundo social:  
 Contra Jupiter luctam os Gigantes,  
 Ou contra Jehovah Anjos brilhantes  
 Que se tornam precitos...  
 E esse quadro ideal  
 De uma miragem vaga e illusoria,  
 Desvenda-nos na sua letra morta  
 Dos mais vetustos Mythos  
 Sempre o drama da Historia...

E quando Milton revelava a ideia  
 Immanente na esplendida Epopêa,  
 Volve Elwood aterrado:  
 — Não reveles, oh Poeta, um tal segredo!  
 Carlos Segundo é vingativo e tredo,  
 Não perdôa o passado.

Para nós todos, hoje, a Inglaterra  
 É sob o atroz despota que a aterra,  
 Paraíso perdido!

Em nome da Ordem e da Liberdade  
Da Justiça, da Fé, e da Verdade,  
É o cutello erguido. —

## II

Milton sorriu-se triste e sem receio,  
E como continuando o devancio  
Em que se refugia,  
Terminando a dolente melodia,  
Sentar-se ao pé do velho amigo veiu,  
E lento referia :

• Dos Céos em roda, onde em infindo goso  
Os bemaventurados  
Existem enlevados  
Na harmonia de um mystico repouso,  
Andam vagando os Anjos condemnados,  
Decahidos da Graça,  
Para vêr lá por dentro o que se passa,  
Para ouvir de algum Côro os doces brados.

• A elles é o Emphyreo impenetravel ;  
Inquietos, sem remorsos,  
Empregam mil esforços  
Para ouvir qualquer som de harpa ineffavel ;  
Trépam uns após outros sobre os dorsos,  
E cada qual espreita  
Lá para dentro da Cidade eleita,  
Tendo em violentas posições os torsos.

« Leve rumor dos jubilos apenas  
Chega até aos precitos,  
Dos cantos infinitos,  
Das alegrias placidas, serenas;  
Mas, a curiosidade mais incita-os,  
Nos espiritos lava,  
No empenho de alguma ideal palavra  
Perceber dos Trisagios inauditos.

« No desespero seu descem à terra,  
E dos homens vem junto  
Segredar-lhes o assumpto  
Que o som ouvido vagamente encerra!  
Não percebem dos Córos o conjuncto;  
Da aspiração ideal  
Só trazem mais estímulos ao mal,  
E o mal cresce na terra muito e muito:

« Como esta palavra da *Verdade*  
Cobre o embuste, a mentira!  
Como a vingança, a ira  
A *Justiça* enredou na iniquidade!  
O dogma, a *Fé*, nas Religiões delira,  
Abre às almas abysmos;  
Como a *Moral* mascara os egoismos,  
E a *Lei*, a adaga com que impune fira!

« A *Ordem* justifica o brutal crime  
Dos despotas, reaes Cacos  
Escravizando os fracos;  
E mesmo a *Liberdade* que os redime,  
Hôrizontes allumiando opacos  
Da plebe improba e crúa,  
Quando a onda do sangue quente estúa,  
É véo que cobre as violações e sacos.

• Com a palavra *Amor*, torpezas quantas  
De sensualidade!  
Cada uma Entidade  
Que synthetisem as palavras santas,  
Tem desvairado a pobre humanidade,  
E a *Rasão* engana,  
Tornando a vida social insana  
De ininterrupta e atroz calamidade.

• Neste cãhos, em que vivemos todos,  
Como aguia cativa,  
Dura sorte me priva  
Da luz que inunda essa amplidão a rodos!  
Mas que importa? Minha alma pensativa  
Reconstrue o universo,  
O passado, o porvir, e em Deus immerso  
Goso a visão suprema, subjectiva. »

---

Entram na sala as filhas do Poeta ;  
Crendo-o triste, cad'uma se inquieta,  
E as ultimas palavras interpreta,  
Vem fazer-lhe a leitura!  
E enquanto lendo a Biblia, as attendia,  
De Milton o espirito immergia  
Naquelle immenso oceano de poesia  
Que adormenta a amargura.

---



## III

## O BANQUETE DOS LIVRES

(ÉPICA)

## PRIMEIRA PARTE

## A TAÇA DA GUILD

## CANTO I

*Ecrasons l'infame*

È nos salões d'Holbach, na franqueza  
Do parque de Grand-val, onde o banquete,  
Pretexto para o encontro dos amigos,  
Frugal se presta às expansões sinceras.  
Sem os terrores da razão de Estado,  
Da intolerancia acérrima dos Dogmas,  
Ali, como os philosophos de Athenas  
Nos jardins do Academus, imitando  
O festim de Platão, tinham por thema  
Tambem o Amor, o amor da Humanidade!

Conversavam na alegre effusão da alma,  
Como os que vão de subito levados  
A regiões incognitas, suspensos.  
Ao pé de Diderot está Galiani,  
Mais além d'Alembert, aqui Helvetius  
Attento a tudo, e como que inundado  
D'aquella intensa luz; Raynal mais perto

Estava de Buffon ; Rousseau absorto  
 Todo se enleva na aza da utopia.  
 Um sublime Genaculo, estupendo,  
 Onde as linguas de fogo, que infundiram  
 Validez e convicção ás consciencias,  
 Scintillam na expressão dos pensamentos.  
 Faltava ali Voltaire ! Onde a essa hora  
 O semideus da intrepida ironia ?

Não deram pela falta os mais convivas.  
 Fallava Diderot, o audaz obreiro  
 Que transforma os espiritos ; sorrindo :

• Vêde ! custou dez annos a tomada  
 Da antiga Troya ; não bastou a força,  
 Foi necessario ardil. A Rasão sempre  
 Como unico poder ! Planéa Ulysses  
 O cavallo, em que occulta os mais audazes,  
 Dentro dos muros invenciveis de Ilion  
 Os introduz . . . Tambem na fortaleza  
 Do Cesarismo e absurda Theocracia,  
 Contra os quaes já tres seculos correram  
 De lucta inefficaz, introduzimos  
 O novo stratagemma — a *Encyclopedia* !  
 Lá dentro estão da Revolução germens,  
 Fermentam as ideias ; mas um dia  
 Hão de fructificar na mente do homem.  
 D'ahi dimana a verdadeira força.

Reis e Padres ! satanica alliança,  
 Dois Poderes eguaes no accordo egoista.  
 Dizia a Igreja : — A Terra não se move ! —  
 A Galileo ao cárcere arremessa,  
 Contrapondo á Rasão a letra morta ;  
 A voz do genio abafa o texto mudo.

Cuidara assim que o pensamento algema  
 N'uma tãa de aranha, o dogma estulto.  
 Eis a Terra movendo-se no espaço!  
 E a materia oscillando no equilibrio  
 Que ora a condensa e desaggrega, em formas  
 Transitorias da sempiternidade,  
 Confirma da Rasão a autonomia  
 No irrefutavel facto : *E pur si muove.*

Dizia a Realeza : — A Sociedade  
 Subsistindo pelo que tem de estavel,  
 O Estado sou Eu ! É só da força,  
 Sancção das leis, que se deriva a Ordem !  
 Seja o direito então minha vontade,  
 Seja a justiça uma emoção do arbitrio, —  
 E arrojava ás Bastilhas negras quantos  
 A elevação do homem annunciam,  
 Ou, abjurando o culto do passado  
 Previam mais fulgor n'outro horisonte.  
 Apesar dos exercitos frementes,  
 Dos canhões e dos sanguinarios pactos  
 Das truculentas dynastias, muda  
 Foi a Realeza á barra da justiça.  
 Caia da iniquidade a Cidadella  
 Por terra ao *Çá ira!* cantico, grito.  
 O *E pur si muove* dos destinos do homem. \*

Então d'Holbach erguendo ao ar a taça  
 Com que a concordia humana symbolisa,  
 Taça da Ghild, que nos labios toca :

— «Que Poder novo ao homem arma o braço?  
 Que concepção lhe insurge a consciencia?  
 Quando a opulenta Babylonia, outr'ora,

De Cyro pelo exercito assaltada,  
Se abandonava ás desvairadas festas  
Dos seus deuses sensuaes, na louca pompa,  
Viu Belzaçar na sala do banquete  
Na parede fronteira, mão sinistra  
Escrevendo a sentença da ruina  
De um mundo torpe, o — *Maue, Thecel, Phares.*

Nova crise atravessa a humanidade ;  
Não é a força, é a razão que a incita.  
Como um polypo enorme, que renasce  
E a energia organica devora,  
Tal foi na sociedade o Despotismo :  
Separa os povos crédulos, levando-os  
De embate uns contra os outros, empenhados  
Em odios vãos de raça ; e os arrebanha  
Fechando-os n'um redil de indignidade !  
A guerra e o fanatismo eram as bases  
Da Ordem social. Crêra-se impune,  
Julgava-se seguro, inabalavel !  
E quando o Cesarismo mais deslumbra  
Pela devassidão e pompa os povos,  
E os Reis se dão da divindade eleitos,  
Dizendo receber dos céos o imperio,  
Todo esse mundo de torpeza e crimes  
Já se presente desabar em terra  
N'um diluvio de sangue submergido.  
Aqui, na Babylonia do Occidente  
Não se conspurca os calyces dos templos,  
Nem por craneos dos martyres calados  
Se bebe agora em fraternal encontro.  
Communga-se a união pelas ideias ;  
Hoje é Paris o centro do convivio,  
Tem a Taça da Ghild, que une os povos !  
Dê-se a provar ao mundo o travo forte.

No fraternal banquete erga-se a Taça  
 Das angustias fataes da Humanidade,  
 Livres saudando a aurora do futuro;  
 Conciliem-se as consciencias rectas  
 Sob a divisa de — *Écrasons l'infame!* —

Rousseau ouvira attento; comprehendendo  
 Da saudação as lucidas palavras,  
 Viu a luz nova a grande, a eterna luta  
 Da Humanidade em prol do seu destino;  
 Para vencer da força o antigo abuso,  
 Contra a fascinação dos velhos Dogmas,  
 E despertar no Povo a consciencia,  
 Faz da ideia a semente da revolta:

#### PARABOLA DA SEMENTE

— Reis e Padres! satanica alliança,  
 Deram-se as mãos para a nefanda obra  
 De abafarem da liberdade a esperança,  
 Como se enrosca ao corpo vivo a cobra.

Mas, quem pôde vencel-os? Quem? olhamos  
 Debalde em volta, pois ninguem se atreve;  
 Todos duvidam, todos vacillamos...  
 A lição eloquente é a mais breve:

Ouvi! aprendereis como se lança  
 Do eterno crêpe na funerea dobra  
 Reis e Padres, que em tetrica alliança  
 Deram-se as mãos para a nefanda obra:

Traz rapido tufão pobre semente,  
 Cae ao acaso sobre dura rocha;  
 Humida fenda em si mal a consente,  
 Com orvalho do céu eis desabrocha.



Dá-se a lucta do vivo contra o morto ;  
O grão perdido alli germina a custo ;  
A luz do sol na altura serve de horto,  
Que o alimenta e vae tornando arbusto.

Vão as raizes penetrando a pedra ;  
Mais pôde o vivo do que a inerte massa ;  
É rija a fraga, mas a planta medra,  
Ergue-se ao alto, e a rocha despedaça.

É sempre assim que a liberdade avança ;  
Assim a tradição cede á ideia !  
E a noção, que dissolve a negra alliança  
Da cidadella do erro o muro apêa. —

Numa ideal transfiguração sente  
Rousseau, que a educação modela o homem,  
Elle proclama o surprehendente verbo.  
Tem a intuição da vida collectiva,  
Da multidão anonyma, que exalta :

— O Povo, a grande força, equiparado  
Fôra ao bruto ! e como tal talharam-no  
Cimento vivo de áras e de thronos.  
Elle, o creador de ingentes Epopêas  
Jazeu seculos tacito e idiota ;  
Elle, que altas Pyramides erguera,  
Cathedraes rendilhadas e castellos,  
Revolve-se nas fétidas pocilgas !  
Elle que elaborou na mente os Mythos,  
Foi com isso illudido pelos padres.  
Elle que fecundou da Liberdade  
A flôr, regando-a o sangue, nas feridas  
Tingiu aos Reis a purpura soberana.



E como o domador propina ás feras  
 O opio que adormenta a sanha e a força  
 E as faz curvar ante uma froixa vara,  
 Tal se curva ante o baculo e o sceptro ;  
 Assim ao Povo os dogmas adormentam  
 Na pobreza de espirito, embebido,  
 Miseravel, no sonho de outra vida !  
 Ai de quem despertar esse dormente ;  
 Se abre os olhos, esvae-se o pezadello. —

Diderot viu mais fundo :

• Separemos

Esses Poderes, gemeos da mentira ;  
 Minando um só é incompleta a obra !  
 Subsistem pelo ávido conloio.  
 Da Liberdade de Consciencia — a Hollanda  
 Foi o reducto inabalavel, quando  
 Era o braço dos Reis o algoz dos Padres.  
 Compete á França abrir a nova róta :  
 Liberdade politica ! eis o lemma  
 Proclamado da Grecia á Renascença,  
 Delido em sangue pelo Despotismo.  
 Está creada a mutua dissidencin  
 Entre o ignobil que propina o opio  
 Do Dogma escuro, e o domador da fera ;  
 Frederico da Prussia, Catherina,  
 José Segundo, abraçam a divisa  
 Da pugna acerrima : *Écrasons l'infame !*  
 Conflagração de dois opacos mundos.  
 Nós não veremos o estupendo dia,  
 Dia da Revolução ! mas, longe  
 Transparece o clarão da nova Ordem.  
 Sobre o estrume do fétido monturo

Cáem germens trazidos pelos ventos,  
Revestem-no de alfombras vicejantes,  
De verdura e de flores perfumadas,  
Desabroçando ao sol! E o que era hediondo,  
Mephitico, incapaz de ser tocado,  
Dará o ser a emanação saudavel!  
São assim os detritos revoltantes  
De um passado já morto, onde impudente  
Se fortalece o Cesarismo abjecto.  
Prepotencia dos Reis, feudal arbitrio,  
Intolerancia religiosa, crimes  
Do fanatismo cego, privilegios  
Que inda ultrajam a dignidade humana,  
Vós formaes esse tábido monturo,  
Em que germina a grande Flor vermelha,  
Revolução! — que vivifica o mundo. »

Era já serão alto; proseguindo  
A palestra animada, impetuosa,  
De repente Galiani volve em torno  
Dos convivas o olhar:

— Agora explico

O que faz do Banquete Academia.  
Dou pela falta á mesa de Voltaire!  
Faltava-nos da ironia o apoio,  
De um riso orientador da realidade.  
Está vasio o seu logar! Que acaso  
O affastou? Elle, o primeiro athleta? —

E quando assim fallava, o reposteiro  
Do salão de Grand-val correu... Voltaire  
Entrava lento, e vinha succumbido,  
Desalentado e triste, em ar de angustia,  
Como a buscar refugio entre os amigos.

## CANTO II

## O terremoto de Lisboa

Pela tristeza immensa quebrantado,  
 Voltaire se assentou. Todos pretendem  
 No salão de Grand-val entre a alegria  
 Saber que estranho caso o impressiona?  
 Por certo, ante a injustiça ou a desgraça  
 Elle se achou miserrimo, impotente!

Fallou Voltaire:

— Um grande terremoto

Subverteu a cidade de Lisboa!  
 Pobre povo! já victima calada  
 Do horror do queimadeiro, com que a Igreja  
 Extingue a erva má das heresias,  
 Esse povo, sem dó bestializado  
 Pelos Autos de Fé — selvagens pompas! —  
 No momento em que aos templos concorria  
 A adorar com fervor o Deus da ira,  
 Ficou sob as abobadas submerso!

N'essa mesquinha terra, onde se erguera  
 O privilegio, a atroz desigualdade,  
 Ante a enorme catastrophe baquêam  
 Torreões sumptuosos e os casebres  
 Pelo vortice horrendo nivelados,  
 Rasos com o chão, na mesma sanha envoltos,  
 Durou minutos o desabamento.  
 E quando a espessa nuvem de poeira  
 Cobria á vista a horrivel perspectiva,  
 E o sol rútilo, ardente, trasbordava  
 Nos espaços de luz — contraste acerbo! —

O Tejo ao mar reflue, cresce instantaneo,  
Accumulando impetuosa vaga  
Que a Cidade alastrou! Vão no refluxo  
Mortos e vivos, tudo quanto arrasta  
Ao hiante golfão no alvêo aberto!  
Parece onda que vem varrer os crimes  
Que accumularam no infamado solo  
Por seculos, e impunes, reis e padres!  
Aonde a vaga não chegou, o incendio  
Lavra, devastador, mundificando  
O cãhos medieval que ahi subsiste  
Sequestrado á corrente das idcias.  
Eis, com as vidas aos milhares, ficam  
Aniquiladas lá tantas riquezas,  
As riquezas de um povo activo e sobrio,  
Que descobrira a America e a India,  
Que teve o sceptro impavido dos mares.

As bibliothecas e os archivos ardem.  
O sol entrou nos derrocados claustros  
Onde as trevas do fanatismo bronco  
De tempo infindo estavam conglobadas.  
Povo misero! é negra a sua historia:  
Do dominio hespanhol sacode o jugo,  
E na emoção sublime do resgate  
Livre se entrega a um Bragança egoista  
Que o algemou á pérfida Inglaterra,  
De uma covarde segurança em paga!  
Pária, ao serviço de um poder ignobil,  
Carecias acaso d'este abalo,  
Para surgires do torpor do bruto?  
Hoje o assombro te impelle á idiotia.

Ah! falta alguma cousa no Universo!  
Pois se existisse um Deus ou Providencia,

Consciencia da Ordem, ou Justiça,  
Era a absurda catastrophe impossivel!  
Se até aqui foi preciso inventar numes,  
Caduca hoje a vulgar necessidade;  
Busquemos a verdade na evidencia,  
Que se investigue a Lei em vez da Causa.  
Nós nos achamos como os outros séres  
Às leis fataes da Natureza adscriptos,  
Compete-nos, por força, o conhecê-las,  
Dirigindo-as com previsão da sciencia.  
Esta a vereda nova e a mais segura!  
O raio, que arrojava o deus do Olympo,  
Arrancou-o das nuvens a vontade  
De Franklin; e as orbitas dos astros  
Newton as circumscreve pelo espaço.  
Eguaes ao raio são também as outras  
Indicações da colera divina;  
Mesmo as pestes e as guerras, submettidas  
A leis fataes pelo homem descobertas.

Porque existiram Religiões? Porque ellas  
Davam-se por seguras medianciras  
Nos arbitrios de Deus; ellas sabiam  
Segredos de esconjuro, a prece, o rito  
Para aplacar-se as coleras tremendas.  
Caduca a velha hypothese ante os factos;  
Só no mundo das fabulas subsiste  
A ficção infantil que a mente occupa.  
O espirito moderno, audaz, activo,  
Não contempla, examina, quer vêr tudo,  
Verificar consciante, e convencido.  
É esta a orientação da luz — a Sciencia,  
Vedado pómo das Theocracias.  
Precede o terremoto de Lisboa  
A ruina de um mundo! o enorme abalo



A alma moderna convulsiona, ao vacuo  
Lançando as ficções vãs do theologismo,  
E as óras, subjectivas entidades. —

Vendo a Taça da Ghild sobre a meza,  
Enche-a Voltaire, e em jubilo saúda :

— Conta-se que o Terror, na velha idade,  
Sugerira dos Deuses a entidade  
Que os crédulos espanta !  
Hoje, os Deuses ante o terror se sômem,  
E, Providencia de si mesmo, o homem  
Das ruinas se alevanta. —

Diderot, que escutára, e que assentia,  
Levantou-se saúdando a era nova  
Como um gigante em meio das ruinas :

\* Para além do horisonte da Sciencia  
Abre-se um vacuo incogniscivel, frio . . .  
Apoderou-se a Fé d'esse vazio.

Sobre o páramo escuro, cuja essencia  
Sempre intangível é do nada o somno,  
A Fé fundamentou ahi seu throno ;

No boqueirão lethal se precipita,  
Julgando illuminal-o com seus raios,  
Nas almas deixa os mysticos desmaios.

Perpassa o tempo, e hoje te indigita,  
Hallucinante Fé, que o não dominas !  
O vacuo engole-te, e ás visões divinas.



Vae! procura outros mundos, que esse espaço  
 Teus vãos phantasmas resurgir não deixa,  
 Incognoscível — a Sciencia o fecha,  
 Valhacouto do idiota e do devasso. \*

D'Alembert, com a augusta segurança  
 De um espirito recto, que se apoia  
 Na convicção da immutabilidade  
 Das leis da Natureza, — o demiurgo  
 Que esculpira o frontão da *Encyclopaedia*,  
 Fallou:

— «A hora da lucta se aproxima,  
 Da lucta decisiva; a luz attrac-nos,  
 E a vida esvãe-se a combater as trévas.  
 Outr'ora, nos primévos dias do homem,  
 Quando a necessidade o reunira  
 Para atacar os grandes monstros brutos,  
 O Megatherium rijo, o Masthodonte,  
 A fraqueza de todos fez-se força  
 Na instinctiva Liga, que origina  
 Da sociedade a primordial coherencia.  
 Coube a victoria á intelligente liga!  
 Da Natureza physica acabaram  
 Os monstros indomaveis! lentamente  
 Novos productos monstruosos surgem,  
 Hydra invencível, que se multiplica,  
 E incoercível se furta aos golpes todos.  
 Continuamos a primitiva lucta  
 Contra estes outros monstros do passado,  
 Que se acoutaram na consciencia humana:  
 Sacerdotal Superstição obscura,  
 Auctoridade hereditaria, — absurdos  
 Aviventados por paixões egoistas,

Que o cáhos social sévos prolongam!  
 A lucta material está findada,  
 Sobre a criação o homem tem imperio;  
 Começa a nova lucta da Consciencia,  
 Em que a rasão se insurge, e alfim um dia  
 O homem toma de si mesmo pôsse. —

Terminado o banquete, Suard que chega,  
 Traz a noticia do fallecimento  
 Do sabio Montesquieu :

« Naquelle transe  
 Como sua alma em hymnos de verdade  
 Se exñalou! Chama em volta do seu leito  
 Os attentos discipulos que escutam :

= Na venturosa idade estaes, senhores,  
 Do activo esforço e dos successos grandes;  
 Gastae vossa energia vindicando,  
 Como um supremo goso, o que for util  
 Á desolada e pobre humanidade!  
 Quem succumbe a tristezas, se um momento  
 Dado á meditação adoça a angustia?  
 Da vida em mim se apaga este lampejo,  
 Vós com ardor entraes na liça agora.  
 Tocae a meta que entrevi de longe!  
 Dos liâmes do instincto o homem solto,  
 Quando á rasão procura levantar-se,  
 Absurdos mil consagra monstruosos.  
 Olhae, como as Nações riquezas, pompas  
 Malbaratam em um esteril luxo,  
 Em quanto ao homem laborioso falta  
 O pão as mais das vezes, e o bom senso!  
 Para extinguir a dupla e crua fome,  
 Aos Povos se esclareça a intelligencia,

Dê-se aos Governos bases de Justiça.  
Philosophos! é esta a missão vossa. =  
N'isto exhalou o alento derradeiro.

Voltaire, o acerbo athleta da ironia  
Que vem da segurança do bom senso,  
Comprehendendo o problema, vaticina  
Da emancipação moral a hora :

— É morto Montesquieu ! A Humanidade  
Do seu Direito os titulos perdera ;  
O sabio illustre conseguiu achal-os,  
E veiu ao homem dal-os,  
Restituindo assim a Liberdade,  
O sol de uma nova era.

Quando o sol desce abaixo do horizonte  
Deixa ainda uma vaga claridade  
Crepuscular, esparsa pelo espaço,  
Que allumia, e suscita o pensamento :  
Assim, tambem, depois que a campã baixam  
Vultos que irradiaram sempre ideias,  
Deixam fulgindo no horizonte humano  
Como um clarão que as gerações envolve,  
E da concordia ao limiar as guia. —

A catastrophe ingente de Lisboa  
Produzira um intenso e vivo abalo  
Em todas as consciencias; desvairadas  
Veem na Providencia atroz ludibrio !

Os espiritos fortes não succumbem ;  
Sobre o Universo, ousados, o olhar lançam,  
A Lei em vez da incognoscivel Causa  
No equilibrio das forças investigam.

E n'essa infensa crise, quando á mesa  
Do festim do barão d'Holbach, anciosos  
Eminentes espiritos sacodem  
O pezadello secular, e fitam  
As lucidas miragens do futuro,  
Bem longe, mas na mesma ideia absortos,  
Da mesma vibração moral feridos,  
Outros genios tambem se fortificam  
Na duvida insolúvel, proclamando  
A emancipação interna do homem,  
De hora em diante senhor do seu destino !

N'essa hora infesta, Kant solitario,  
Concentrado em meditação profunda,  
Lançava o olhar perscrutador aos orbes,  
E pela só coordenação das forças,  
As immanentes forças da Materia,  
Reconstruiu sem Deus o universo.  
Goethe lança por terra o Altar que erguera  
Ás mythicas ficções do pantheismo,  
E na verdade unanime da Sciencia  
Fecunda o ideal — Verdade e Poesia.

Renasce a Humanidade, a eterna phenix,  
Do grande cataclysmo da Consciencia !  
O coração humano ardente pulsa  
Hoje por novo Amor ! Deuses, Oraculos,  
Monumentos triumphaes, Coróas, Dogmas,  
Cedem o passo á seducção estranha :

A Galathêa, essa animada estatua,  
É a Vida, o problema irreductivel.  
Bichat, Lavoisier, Lamarck, attentos  
Procuram surprehendel-a; ella se esquiua  
Immortal Galathêa; Magendie,  
Baer e Bell, febris se apaixonaram  
De Pygmalião pela animada Estatua.  
Todos procuram o mysterio insito  
D'aquelles seios tenues que palpitam,  
Como o calor e fogo intimo a move,  
Como ao marmore adveiu o sentimento!  
Goëthe se inspira em nova e ardente strophe  
Do universal amor, e o *Fausto* exprime  
Esta ancia do saber, que impelle o homem,  
Que se contém no mytho inconsciente  
Do Prometheu hellenico a Ahasvero!

Da idéia as translucidas correntes  
Atravessando a velha sociedade  
Catholico-feudal, que se dissolve,  
Suscitam o acordar das consciencias!  
O banquete de Holbach era o reflexo  
D'esta Symposia fraternal dos livres;  
Em toda a parte surdem os convivas:  
Junto de Bolingbroke se acolhiam  
Na Inglaterra audazes pensadores.  
Eis na Allemanha, Kant, Herder e Lessing,  
Fichte e Jacobi, Lavater, Goëthe  
São os gigantes do escalado Olympo,  
Que arrebatam a racional favilla.  
A santa incubação é precedida  
De illuminismo vago: as almas puras,  
Collaborando pelo sentimento  
Na crise em que o passado se derroca,



Lançaram da revolta o eterno grito,  
O Ternario, que allia a *Liberdade*,  
*Egualdade e Fraternidade* humana!

Pôde a Lyra de Orpheo, no mundo antigo  
Com a magia do sonoro carmen,  
Que era a força da Lei, vencer as fêras,  
Asserrenar os ventos, as borrascas,  
Garrear as pedras que a Cidade cingem:  
Tal no mundo moderno que desponta,  
É d'essa Lyra o *Ça ira*, que acorda  
A multidão a vindicar justiça,  
A fundar a *Egualdade no Direito*,  
Na liga fraternal para a defeza.  
E os que eram mudos pelo soffrimento  
De seculos herdado, com o canto  
Cobram a voz saudando a *Liberdade*.

*No principio era o Verbo...* Se um sentido  
Pôde a razão achar na escura phrase,  
Eil-o aqui: Quando o homem das cavernas  
Inda era mudo, bestial e alalo,  
Destacou-se do bruto em que era immerso  
Pela articulação da Linguagem.

*No principio era o Verbo...* E a palavra  
Que nos trouxera á sociabilidade,  
Foi fixada na fórma de Hieroglyphos;  
Encarnou-se nos traços do alphabeto,  
Que o saber adquirido perpetuaram!  
Perstigio da inaudita maravilha  
Essas cabeças simples hallucina,  
E o espirito estaca adstricto á Letra.



*No principio era o Verbo... A era nova  
Mobilizou a Letra pela Imprensa,  
Do espirito adquirindo a ubiquidade!  
Eis os seculos em commum convivio,  
Raças, Povos, Nações vão congrassar-se,  
Da universal concordia é base a Sciencia.*

## SEGUNDA PARTE

## A TAÇA DE OURO DE BABYLONIA

## CANTO I

## Ultimo festim de Dom João

1

Quem suscitou a lubrica vertigem,  
Este desvairamento da Rainha  
Pelos bailes e festas, mascaradas  
Em que traz envolvida a côrte, e a abysma  
Na voragem de gastos fabulosos?  
A Rainha era casta e timorata...  
Hoje, que ardor! todo o dinheiro é pouco  
Para o jogo frenetico e prazeres  
Do Petit-Trianon nas noites loucas!  
Não se lhe dá que a França verta sangue  
Para encher o erario! O goso foge,  
Rapida a vida passa como um sonho.

Que mudança tamanha na alma ingenua  
De Maria Antoinette! Que volupia

Se lhe infiltrou? Debalde a mãe austera  
De Austria lhe escreve, e providente a avisa.  
Nem Mesmer, Saint Germain ou Cagliostro  
Explicar poderiam tal mudança.  
É, contudo, patente esse mysterio.

## II

Na visita do Imperador a França,  
De seu irmão José Segundo, vinha  
Um cavalleiro aposto, o olhar ardente,  
Sobre os labios um riso apaixonado,  
Mas ironico, tragico, furtivo,  
Com fascinante seducção. Quem era?  
Por onde passa um frémto de goso  
Espalha entre as mulheres! Contam d'elle  
Que, era filho de um castelhano monge  
Que em Roma vira a encantadora Estatua  
Da nivea Galathêa, a estatua occulta  
Nas Thermas de Trajano, e a abraçara  
Em amplexo febril, peccaminoso.  
A Estatua é de uma feminilidade  
Invencivel, ideal, provocadora;  
Muitos dos desvairados que a contemplam  
Beijam-a doidos, doidos a polluem  
De sensual exaltação no accesso!

Oh, bem hajam os Papas, que nas sombras  
Sepultaram da Galathêa a Estatua!  
Mas, d'esse abraço do hespanhol asceta  
Nasceu Don Juan! Que mysterioso typo.  
Da seducção tem a invencivel força,  
A graça feminil, a luz sombria  
Do secreto desejo que subjuga!

Don Juan, Don Juan, era sua vida  
 Tal como o nascimento, mysteriosa:  
 Depois de ter vagado pela Hespanha  
 Como um frade ribaldo, andou na Europa  
 A visitar as opulentas côrtes.  
 Molière o apresenta a Luiz Quatorze;  
 Em Vienna, entre esplendorosas festas,  
 No genio de Mozart encontra as notas  
 Da expressão de infindos devaneios,  
 Da ancia do goso que atormenta as almas.

Ao vê-lo em França, D'Argenteau lhe falla:

— Vive triste a Rainha, comprimida  
 Por austera etiqueta; em volta d'ella  
 Sô inveja e desdens, e mesmo o esposo  
 Faz da côrte um monastico recinto.  
 Torna Paris como Vienna! espalhe-se  
 A vertigem dos bailes, da alegria.

\* Rainha e joven! (Don Juan devolve)  
 Melancholica e bella, triste vive;  
 Vou irisar-lhe a mente de mil sonhos,  
 Fazel-a amada dos que ao perto a vejam,  
 Dos que aspirem o ar que ella respira.  
 Tenho um Philtro que os animos subjuga:  
 Taça de Ouro de Babylonia... Vêde-a;  
 Quem a levar aos labios não mais perde  
 A febre dos prazeres, dos amores. »

Foi no banquete dado á despedida  
 Do Imperador José Segundo; á mesa,  
 Quando se erguem os brindes, entra um pagem,  
 Com donaire gentil, o olhar faminto,

Mas faminto de desvairados beijos,  
 A Maria Antoinette entrega a Taça  
 De Babylonia, a Taça de Ouro cheia  
 De um licor que inebria o ar ambiente.  
 A Rainha levou a Taça aos lábios  
 De leve, a medo...

Ah, desde aquella hora  
 Foi-se tornando bella e desenvolta  
 A Rainha de França! É invencivel  
 A seducção que de ora em diante inspira.  
 A formosa Princeza de Lamballe  
 Com affeição a adora! Tem inveja  
 A Polignac da íntima ternura.  
 D'Artois, Coigny, Conti, Lauzan e Férsen,  
 Todos os jovens cortezãos andavam  
 Deslumbrados da graça da Rainha;  
 E mesmo no Cardeal de Rohan punge  
 O sensual espinho que o desvaira.

## IV

Dez annos successivos da existencia  
 N'um delirio de festas continuados!  
 Do Petit-Trianon nos jardins bellos,  
 Donairoza Maria Antoinette  
 Como se esquece ali de que é Rainha!  
 Fugindo á etiqueta palaciana  
 De pastora se veste, e munge leda  
 As ovelhinhas brancas; além se erguem  
 Os casebres de simulada aldeia  
 Construida para o ditoso idyllio;  
 Ali finge ser timida leiteira.  
 Os jovens cortezãos que estão na intriga  
 Tocam fruta entre as moitas, disfructando  
 As primasias do amoroso encanto,

E vão por uma ponte sobre um lago  
Para essa ilha cheia de verdura  
Que está no centro; ahi verde collina  
Coberta de jasmims, de rosas, myrtos  
Tem o *Templo do Amor* no alto erguido.  
Oh sonho lindo! Oh, quem sonhára sempre.  
N'esse *Templo do Amor*, é que a Rainha  
A pastora d'aquella ideal Arcadia,  
Os amantes congrassa por um beijo,  
E apaga entre elles as rivalidades!

Que risos e segredos pelas alas,  
Pelos meandros dos jardins inglezes  
Cortados de regatos, revestidos  
Por arvores frondentes! Alto o cedro  
Do Libano, e a Séphora da China,  
O pinheiro da Arabia como embalam  
Rumorosos as sombras mais propicias  
Aos furtivos encontros! E á noite?  
Por noites de luar, quando perdidos  
Os sabidos atalhos... é pouco isto  
Comparado ás vertiginosas dansas  
Lá no grande Salão alumiado  
Por lustre de cristal, que em volta cingem  
Mil coréas de Amores pequeninos.  
As mascaras de seda mal escondem  
Os desejos, que no ar loucura espalham;  
Na deslumbrante confusão quem sabe  
Da dama dos seus fervidos amores?  
Deliciosos enganos, sobresaltos  
Que tornam mais vehementes os encontros.

Fulgurante de graça entra a Rainha  
Na Sala da Comedia; representa  
De uma ingenua aldeã que meiga escuta

Declarações de amor apaixonadas.  
 Felizes os que alegres tomam parte  
 Nos *rendez-vous* das doces noites breves;  
 Mais felizes ainda os que contemplam  
 A furto, e casualmente, se a Rainha  
 Faz de Susana ao emergir no banho,  
 Se algum donaire ao toucador ensaia.

Quem não dará por ella o sangue, a vida?  
 Esse o temperamento frio odeia  
 Do descuidado Rei...

v

N'este delirio  
 Do Petit-Trianon, que ornam custosas  
 Alfaias estupendas, os ministros  
 Vão cahindo esgotados de recursos  
 Para alcançar dinheiro! Malesherbes  
 Cabiu, Calonne apoz, Necker; que importa?  
 Quem, em verdade, é que governa o mundo?

Disse o Poeta:

— Emquanto não governam  
 Este mundo os Philosophos, a Fome  
 Ou o Amor é que dominam tudo.

Ergue-se em França o horrído conflicto.  
 Quem vencerá?

A Fome!

O Amor!

Quem sabe?



Mandou a França os seus representantes  
 À Assembleia dos Notaveis. Pensam  
 Debellar a famélica miséria ;  
 Os Estados Geraes são convocados,  
 Do poder da Corôa se apoderam.  
 Tem a Soberania a Constituinte.

A Rainha viu claro no horisonte.  
 Deve vencer o Amor, pois com a Fome  
 Os Philosophos têm já pactuado.  
 De Babylonia a Taça de Ouro agora  
 Os mais altos espíritos fascina.  
 Mirabeau da Rainha se aproxima,  
 A seus pés ajoelha, e o que promete?...  
 Vem Barnave, Lameth; quantos se rendem?  
 Quem tem medo das coleras do povo!  
 Ruja, embora; é o Amor que impelle os bravos.

D'Argenteau, da Rainha o conselheiro  
 Que em seus actos a guia, a sós segréda:

— Senhora! a Fome distribue activa  
*Cocardes tricolores* entre a plebe,  
 Como a divisa que congrega à lucta  
 Os inimigos que a Realeza ameaçam.  
 De Babylonia a Taça de Ouro tendes;  
 Dae às Guardas Reaes o doce philtro,  
 Todos irão por vós até á morte. —

Por ordem da Rainha se prepara  
 A grande Sala da Opera em Versalhes;  
 No banquete festivo são convivas  
 Da Guarda Real os Officiaes todos,

De uniformes de gala deslumbrantes.  
 As flores, luzes, capitososinhos  
 O entusiasmo accendem! Com certeza  
 A Rainha virá ao final brinde?  
 Ia o banquete em meio; Don Juan falla  
 No conselho secreto da Rainha:

« Entrae, Senhora, entrae na sala agora;  
 Vereis corações firmes que se aprestam  
 A defender-vos, mesmo, até a morte.  
 De Babylonia a Taça de Ouro eu dei-vos,  
 Fazei uma saúde aquelles bravos,  
 E vencerá o Amor! »

Triste responde

A Rainha Antoinette:

— Eu não me atrevo

A percorrer a sala do banquete;  
 Um presagio terrivel me acabrunha!  
 Lembram-me as festas nupciaes mudadas  
 N'uma horrenda catástrophe imprevista,  
 Quando espantados os marciaes ginetes  
 Ao refulgir dos fogos instantaneos,  
 Atropellam a multidão inerme! ...  
 No festim de hoje o coração presente ...  
 « Não é possível o funesto agouro!  
 De Babylonia a Taça de Ouro ainda  
 Tem um perstigio magico, invencivel.  
 Entremos ... »

No Salão resóam hymnos

De entusiasmo louco; e aos sons vehementes  
 De um côro triumphal entra a Rainha  
 Na apparatusa quadra do banquete.

Palôr sinistro lhe branquea a face ;  
Ella esplendida passa, acompanhada  
Por Damas que as *Cocardes brancas* levam ;  
Por sua mão, colloca-as sobre os peitos  
Dos garbosos Officiaes, que altivos  
Deitam ao chão a *tricolor Cocarde*.

A Rainha sorri, vendo o triumpho,  
Crê nos seus denodados cavalleiros ;  
Ao tirar do açafate o ultimo laço  
Acha na mão uma *Cocarde negra*,  
Da Casa de Austria o conhecido emblema.  
Terror lethal o rosto seu exprime !  
Mas os brados, os firmes juramentos,  
Acclamações, as musicas, aturdem-n'a,  
E temerosa sac, indo occultar-se  
Nos braços da Princeza de Lamballe.  
Bem receia que a Fome tenha em breve  
Maior poder do que o Amor !

Por certo,

Pôde a Taça da Ghild para a lucta  
Reunir a multidão que revindica  
Os Direitos que ao homem lhe competem ;  
De Babylonia a Taça de Ouro apenas  
Ajunta em goso egoista os que no mundo  
Fruem da Auctoridade o antigo abuso.

## CANTO II

## A queda da Bastilha

Ao recordar-se do sinistro encontro  
De uma *Cocarde negra*, ainda estremece  
Convulsiva Maria Antoinette  
Abraçada á princeza de Lamballe:

— Eu bem conheço que na voz do Povo  
Sou a traição, a Austriaca! inimiga  
Da politica nacional da França.  
Quiz a fatalidade irrevogavel  
Trazer-me ás mãos uma *Cocarde negra*,  
A côr do Imperio de Austria. Esta suspeita  
Presagia a catastrophe medonha  
Que me espera! Quem foge ao seu destino?  
• Mas, Senhora, que phantasia...

— Sabes

Em que dia eu nasci? No mesmo dia  
Que o terremoto subverteu Lisboa.  
Como que vim á luz d'entre ruinas,  
Para ser sob ruinas sepultada.  
Bem presinto que se derrue um mundo.  
E que elle hade abafar-me em seus escombros.

• Mas... para que forçar coincidencias  
Sem significação? Confiae nos bravos  
Da Guarda Real... E os apaixonados,  
Vandreuil, e Coigny, Lauzan e Fersen  
Com que prazer darão por vós a vida! •

Quando a Rainha já se anima, á pressa  
Entrava D'Argenteau; vem junto d'ella:

— A onda cresce; a *tricolor Cocarde*  
Vê-se em todos os peitos, em protesto  
De vós não terdes levantado um brinde  
À Nação no banquete. Isso que importa?  
Está seguro o throno dos Capetos.  
Contra a Nação, eu digo, contra aquelles  
Que hallucinam o povo proclamando  
Phantasticos direitos, vêde altiva  
Ha quatrocentos annos a Bastilha!  
Suas muralhas são impenetraveis;  
Essas negras abobadas calaram  
Philosophos, Poetas; n'esse abysmo  
Os Politicos caíam. Se assim mesmo,  
Por um milagre da consciencia humana  
O povo se entendesse, e a Cidadella  
Ruisse em terra, inda um recurso resta:  
A fuga! A fuga é que vos aconselham  
Leopoldo e a Rainha Carolina.  
Acaso o Rei acceta o ultimo alvitre?

## II

Por entre a multidão andava anciosa  
Uma pobre mulher, rogando a todos,  
Implorando justiça, e a liberdade  
De um esquecido preso da Bastilha.  
Nem ella mesma o misero conhece.  
Viera á mão parar-lhe, casualmente,  
A queixa escripta e arrojada ao vento.  
Doeu-lhe a sorte da desgraça muda,  
Da victima do arbitrio irresponsavel.  
Appellou para os corações humanos!

Não attendem a voz; mas insistente  
A piedosa mulher espalha a queixa  
Do esquecido prisioneiro; á turba  
Accode o horror da negra Cidadella  
Que amedronta Paris, vê n'ella o emblema  
De um iniquo Poder! E os que diante  
Passam dos fortes muros da Bastilha,  
As abafadas ancias representam  
Dos seculos de arbitrio e de injustiça.

Que era preciso para alli, em vida,  
Ser sepultado, e não vêr mais o dia?  
Bastava o ter razão perante o abuso.  
E contemplando essa Prisão nefanda,  
Nasceu no povo o impulso da revolta,  
Pelo contraste apenas entrevisto  
Nas algemas que os pulsos arroxêam  
E o espirito livre que protesta.

## III

## O Prisioneiro

Uma palavra diz toda a desgraça:  
Tem por si a razão! eis o seu crime;  
O despota o conhece, busca traça  
Para occultar a victima que opprime.

Ferros! vossos anneis concatenados  
Venham solda-lo para sempre ao muro;  
Abobadas, calae plangentes brados,  
Trevas, sumi-o no estertor do escuro.



Mas; tudo é pouco. O prisioneiro pensa  
No rancor do tyranno e adormece;  
A natureza é mãe: na dôr immensa  
Accolhe o que nas ancias desfallece.

No lethargico somno descuidoso,  
Aos sitios mais queridos de outras éras  
A mente vóa e aviva com repouso  
Passadas illusões, doces chimeras.

Quem cuidará que o inerme prisioneiro,  
Esquecido do peso das algemas,  
Ouve os colloquios do amor primeiro?  
Do adeus final as expressões extremas?

Alli lhe transparece sobre os labios  
Ignoto arpejo de suave riso,  
Serenos, como a profundez dos sabios,  
Triste, como o luar quando indeciso.

Pensa que é livre! o somno é liberdade  
Para esse a quem nenhum consolo reste;  
Qual será mais feliz? a Auctoridade  
Nunca logrou um somno como este.

Vêla o tyranno, tendo alerta os guardas,  
Entre canhões, muralhas, torres, fossos!  
Lá quando o somno chega em horas tardas,  
Ouve ais, vê sangue, estrépitos, destroços:

Escuta os gritos surdos da revolta  
Do povo que a si mesmo faz justiça;  
È negro o pezadello, o horror o escolta,  
Quer despertar, remorso o enfeitiza.

Este, dormindo, já se sente escravo,  
Arrastado por praças, com vergonha;  
Mas quem jaz mudo sob o iniquo agravo  
Que é livre, livre, o prisioneiro sonha.

Qual será mais feliz? Um, quando dorme  
É só para sentir terror, fraqueza;  
E aquelle que succumbe ao peso enorme,  
Diz-lhe ser livre a santa Natureza.

Bem haja a eterna força que lhe inspiras,  
Que não conhece algemas — a Vontade!  
Prepotentes! quebrae ante ella as iras,  
Embalem-nos os sonhos da verdade.

## IV

Pobre e santa mulher! foi o teu brado  
Como se dessem a provar ás almas  
Trago forte de um fraternal convívio,  
Pela Taça da Ghild. Na concordia  
De uma mesma emoção se realisa  
A harmonia suprema das vontades.  
Essa voz de piedade, tantas vezes  
Repetida, converte-se n'um grito:

— À Bastilha! À Bastilha! —

Grito ingente.

Espontaneo, geral, tempestuoso;  
Negreja a multidão enchendo as ruas,  
Para a Prisão converge a onda enorme.  
Estaca diante dos tremendos fossos,  
Das pontes levadiças! Quem hesita?  
Vence o impossível intima confiança.

Chegam a Delaunay parlamentarios:  
 Que abra as portas e a Fortaleza entregue!  
 O tempo urge e a commoção attinge  
 O frenesim que multiplica as forças;  
 Rompe a fusilaria, e por cinco horas  
 O furor do combate se prolonga.  
 A ponte levadiça cãe, e invade  
 A multidão os antros da Bastilha;  
 E como o cão mordendo o pão que-o fere,  
 Pedra a pedra derruba o monumento  
 Que era o espectro de um passado odioso.

## V

## A tomada da Bastilha

Todos os erros e fataes absurdos  
 Da primitiva concepção humana,  
 Quando a Força adorou, — de que dimana  
 A servidão abjecta;

Toda essa hostilidade irrequieta  
 Transmittida por um costume inerte,  
 Dos Padres o embuste audaz, solerte,  
 Dos Reis sempre a hecatomba;

Mortal odio de raças, que não zomba,  
 Rancor das classes, e de egoista casta,  
 Da Rasão o terror que a mente afasta  
 Da Lei á ignota Causa;

De um passado já morto quebra a pausa  
 O bando de phantasticos vampiros,  
 Resurgindo dos lóbregos retiros  
 De remotas edades;

N'um vórtice de sangue e iniquidades  
Construíram esse antro escuro, estranho,  
Onde os homens se sentem vil rebanho,  
A Torre, que se impunha !

Foi tudo isto a Bastilha ! Testemunha  
Nos seus espessos muros, negros fossos  
E abobadas que escondem frios ossos,  
Dos que morrem clamando.

Constituiu o Symbolo execrando  
Do Poder, — quando a Ordem fundamenta,  
Dando apoio á Realza na tormenta  
Das paixões que partilha.

E enquanto esteve immovel a Bastilha,  
Os que equalam ao Dogma o Privilegio,  
Tornando a liberdade um sacrilegio  
Julgaram-se seguros.

Ao contemplar inabalaveis muros,  
Da protervia a senhorial Cidade  
Equilibrada na desigualdade,  
Sobre tradições mortas,

Não suspeitavam que as silentes portas  
Da Onda humana cedam á violencia,  
Vindo a entender-se pela consciencia,  
Os livres e os cativos.

E diziam : « Os homens primitivos  
Que a Sennaár chegaram em taes mingoos,  
Não conseguiram entender-se ! as linguas  
O accordo não soccorre

Para acabar a construção da Torre  
Que dos dilúvios fortes os liberta . . .  
A consciencia hodierna é mais incerta  
Ante o poder se humilha ;

Impotente em presença da Bastilha,  
Não logrando entender-se, nem já tenta  
Assaltal-a na colera violenta,  
O jugo acceita, e morre. \*

A Bastilha ! a tremenda, a infanda Torre  
Com que ás turbas se impõe a realza,  
A voz que tenta unil-as, com crueza  
Alli prompta amordaça !

Um dia . . . eterno dia ! enche-se a praça ;  
Que gente ! A angustia os peitos lhe escalavra,  
Formaram a grande Onda ; e sem palavra  
Ou combinado plano,

Contra a Bastilha vão no impeto insano,  
Agarram-se ás muralhas, saltam dentro,  
Reboa no antro o fogo, ataca o centro,  
E o colosso se rende !

Como em volta do muro que defende  
A Cidade maldita, Gedeão toca  
A trombeta sinistra, e se derroca  
De subito a muralha,

Ao hymno altivo do Çã ira, trabalha  
Demolindo a Bastilha o povo ! Assombro !  
Põe raso com o chão o torpe escombro,  
Que ao tempo se impuzera.

Do Poder arbitrario o Symbolo era  
Derrubado! Baqueou na inanidade;  
Por sua vez tambem a Auctoridade  
Se submette á Justiça.

Não se entenderam na vetusta liça  
Da construcção da Torre na campina  
Para affrontar a colera divina,  
E o Dogma as raças vence;

Mas contra a Força, hoje a união contém-se  
Na harmonia da consciencia! Ufana  
A Bastilha — a desigualdade humana  
Cae perante o Direito.

E disse o Povo, apoz o ingente feito:  
• Façamos d'estas pedras uma ponte,  
A livre via-lactea que defronte  
Á sahida do exilio! »  
E a arma do combate cil-a utensilio.

## VI

Em Versalhes, os bailes d'essa noite  
Do Quatorze de Julho terminaram  
Num cotilhon phantastico. O bondoso  
Rei Luiz Dezaseis, a somno solto  
Dorme em seus aposentos; o relógio  
Não fôra adiantado, como ás vezes,  
Do Petit-Trianon nas noites bellas.  
O bom do Rei dormia o somno suave  
Da consciencia placida, embalado  
N'uma ignorancia venturosa e tréda.



De repente a Versalhes, a terrível  
Notícia da tomada da Bastilha  
Chega como um relampago sinistro.  
Arrasada a Bastilha pelo Povo!  
Compreende a Rainha todo o alcance  
De um tamanho desastre, e inesperado:  
Do antigo Regimen fecha a era,  
Só resta agora preparar a fuga,  
Pôr os filhos, e seu marido a salvo;  
Instincto de mulher. Que importa o throno?

— Mas, deve ir acordar-se o Rei agora?  
Dar-lhe a noticia da calamidade?

Don Juan, revestido inda do baile,  
E do Conde de Fersen na figura  
Indica o plano rapido da fuga;  
No sagaz Leporello, o esperto pagem,  
Afiavelle-lhe a mascara que imita  
Do Duque de Liancourt a nobre fronte,  
Para que elle entre no aposento régio,  
E avise o Rei da desastrada nova.

Dormia o soberano socegado;  
Leporello-Liancourt chega-se ao leito,  
Consegue despertal-o, e lentamente  
Relata a derrocada da Bastilha.  
Escuta com esforço o Rei; procura  
Vencer o somno, e na confusa ideia  
Exclamou:

— Mas, é isso uma revolta! —

Leporello-Liancourt com voz tremente,  
 Como se um mortal gëlo se infiltrasse  
 Nas veias:

« Ah! Senhor! ah, Senhor! (brada)  
 É a Revolução! »

O Espectro rubro

De odio e sangue implacavel se annuncia;  
 Ao fatidico estrépito dos passos,  
 No frenesim da secular vingança,  
 Castellos, áras, thronos estremeccem;  
 N'um lethal redemoinho arrasta quantos  
 Fruem do privilegio o goso egoista  
 Para a barra do Tribunal sangrento.  
 Que os julgue a geração dos opprimidos!

VII

Na activa convulsão de um mundo novo  
 Que surge das ruinas do passado,  
 Como o Samaritano ensanguentado  
 Bondoso, ingenuo e crente ergue-se o Povo.

Sansão, abala o templo onde te encerra  
 Velho dogma de eternas injustiças!  
 N'um momento a Bastilha cáe por terra,  
 Nos escombros pendão fraternal iças.

•

O Povo em massa accode á grande festa,  
 Esquece a iniquidade dos juizes!  
 Sentem-se irmãos, irmãos todos! e n'esta  
 Hora sublime abraçam-se felizes.

Vêm todos na effusão de alegre pranto  
Ao connubio da Lei e Liberdade!  
N'um festival gigante entôam canto  
De esperança, de paz, de humanidade.

Eis desfilam na civica parada  
Magistrados, artistas, vêm depois  
Os emblemas do campo, a foice, a enxada :  
Os orfãos e as viuvas dos heroes.

Um delirio de amor o mundo alaga,  
E n'esta convulsão em que se lida,  
Os estigmas do privilegio apaga,  
Renasce o homem á consciente vida.

Como o entrar da Vida tem inicio  
Com dilaceração e sangue e choro,  
A Ideia vive pelo sacrificio,  
Propagada em angustiado côro.

Lei terrivel da Vida! Força estranha  
Confunde n'uma identica emoção  
O impeto do Amor e a ardente sanha,  
Que o liga á Morte e á destruição.

E o diluvio de Amor que o mundo alaga,  
Eil-o odio! Noventa e trez impéra!  
Correndo o sangue, a sua vista embriaga,  
Produz mais sêde á convulsiva fêra.

Da emoção fraternal, boa, jucunda,  
Surgem paixões brutaes, irrequietas  
Dilacerando a geração secunda  
Dos sabios, dos philosophos e poetas.

Oh filho de seis seculos de luctas,  
Do movimento enorme das ideias,  
Ao tomar corpo o berço teu enluctas;  
Sobre os que o sér te deram já campêas.

A Arte, a Sciencia e a Philosophia,  
Revolução! augustas te geraram,  
Como as fadas, teu natalicio dia  
De ideal Paz e Verdade illuminaram.

Nos dias do Terror, quando as escadas  
Do indigno cadafalso, pensativo  
Subia Chénier de mãos atadas,  
Apagou-se ao ideal o esplendor vivo.

Nos dias do Terror, quando o pescoço  
Na guilhotina estende, á luz funérea,  
Lavoisier, occultou o obscuro fosso  
A visão objectiva da Materia.

Nos dias do Terror, quando o cansaço  
Entrega Condorcet á turba insana,  
Pelo suicidio escapa e deixa o traço  
Em que define a orientação humana.

Alguem ha que condemne uma criança  
Quando, ao nascer, abriu á mãe a cova?  
Confundem-se o terror e a esperança,  
Traz dilacerações a Ideia nova.

## Epilogo

Quem visse um forte e musculoso Athleta  
Estorcer-se pujante,  
No esforço do gigante  
Quebrando a algema vil que o maniêta,  
Levado por indomitos impulsos  
Nos arremessos dos libertos pulsos ;

Quem, vendo a estranha audacia nunca vista,  
Quasi em lethal cansaço,  
E da lide no espaço  
Não descortina o outro antagonista,  
Julgaria uma hallucinação bruta  
O quadro incomprehensivel d'essa lucta.

Da grande lucta é o athleta o Povo ;  
Lança em terra a Bastilha,  
A Revolução brilha  
Como a aurora ideal de um mundo novo.  
Imputam-lhe o odio, o crime sanguinario,  
Velando o braço iniquo do contrario.

Restitua-se ao quadro essa figura  
Que ninguem vê na liça,  
Brilhará a justiça  
Do Povo, com que vindicar procura  
Os Direitos da humana natureza  
Contra o egoismo da Egreja e da Realeza.

Assim, a lucta audaz, desesperada  
Não mostra desatinos ;  
D'ella impendem destinos  
Da Humanidade, livre proclamada.  
Como é sublime a lucta, quando o Athleta,  
Partida a algema, attinge a anciada méta !

## 2.ª TRILOGIA

### A EXPLOÇÃO DA FORÇA

#### I

#### A CIDADE UNIVERSAL

(POEMA)

Oh! Combien doit être douce la  
patrie que se sont faite en commun  
les esprits immortels qui ont trouvé  
ou seulement entrevu un rayon de  
vérité nouvelle!

QUINET, *La Création*, t. 1, p. v.

Proclamou Robespierre o Sér supremo  
Arbitro do universo!  
E desde essa hora em diante  
O frigido rhetorico perverso  
Funda o Terror em sangue e odio extremo,  
N'um rancor delirante  
Contra o seu similhante!



## CANTO I

## O azylo da viuva

## 1

Feroz a multidão cresce berrando ;  
Acompanha a carreta que transporta  
Esqualidos, famintos condemnados  
Do Tribunal sangrento á guilhotina.  
Mulheres formosissimas chorosas,  
Mancebos de expressão intelligente,  
Uns com ar melancholico, abatidos,  
Outros cantando em côro hymnos de guerra,  
Com árias do Caveau intercortadas  
Por monologos tragicos, caminham  
Sobre o moroso carro funerario,  
Que ao cutello do algoz leva ás dezenas.

N'este momento atravessava a rua  
Pinel, o grande medico ; por pouco  
Quasi o atropella a multidão fremente.  
Mil vociferações no ar retrôam !  
Para evitar a revoltosa vaga  
Por tortuosa rua Pinel entra,  
Eis com o sabio Cabanis defronta.

Uma tristeza funda os aproxima ;  
Abraçaram-se. O medico segrêda :

— Vêde, a hallucinação attinge agora  
A loucura furiosa ! Causa assombro  
O espectáculo do desvairamento  
De um povo inteiro, que o Terror excita,

E pelo sangue o pánico combate!  
 Não ha na historia crise semelhante.  
 Às vertigens da Demonomania  
 Vem as paixões politicas seguir-se...

« Tudo isto apoz o fraternal abraço  
 De sympathy, e emocionante *Festa*  
*Da Humanidade!* (Cabanis lhe volve.)  
 Tudo isto apoz o impeto sublime  
 De generosidade e sentimento,  
 Que o prodigio estupendo realisara  
 Do desmoronamento da Bastilha!  
 Por quanto tempo durará ainda  
 A horrorosa loucura?

— Quanto tempo?

Agora é que ella attinge o maior auge.  
 E como as grandes pestes, que se extinguem  
 Quando não têm mais victimas, acaba  
 O Terror, quando a ultima cabeça  
 Role, dos exaltados demagogos  
 Que esta Revolução justa inquinaram!  
 O Terror nos envolve agora a todos:  
 Danton e Robespierre estão em lucta  
 Um contra o outro — o leão e a serpente!  
 Qual vencerá? Um morrerá primeiro,  
 Mas o outro não lhe sobrevive muito.  
 Na lucta de rancor e de vaidade,  
 Robespierre o perstigio da virtude  
 Impõe á multidão, e austero, á morte  
 Condemna todos quantos não o admiram...

« Sob essa accusação todos estamos!  
 — Os factos nol-o mostram: está preso

Lavoisier! salv-o é impossível.

E Condorcet...

«O que ouço? (Em ancia e susto

Cabanis, triste o medico interroga.)

— Foi accusado por Chabot; a ordem

Para ser preso Condorcet foi dada.

Vae Robespierre intrepido atacando

Até poder ferir Danton...

«Que infamia!

Quando a Sciencia e o Genio luminoso

Pela estúpida horda desvairada

Já são desacatados, que mais resta

Do originario impulso nobre e grande?

Ah, contra as convulsões de uma loucura

Cannibal, ha sómente a força bruta.

Da demolição de erros do passado,

Sobre escombros que ao alto se amontôam,

Estou já vendo o pedestal formar-se

Para o heroe, o salvador, o vulto

Providencial que nos explore a todos,

Seja elle Robespierre em dictadura,

Ou algum espadão que a soldadesca

O embriague e proclame em seu delirio!

Mas, Condorcet? Como acudir-lhe agora?

— Ha sómente um recurso: ir avisal-o;

Fazer com que esquecido elle se torne.

Sempre os loucos se esquecem facilmente

D'aquelles cuja vista os enfurece.

Se a esconder-se Condorcet resolve,

E não se lembram d'elle mais, é salvo.

As furias insensatas assignalam

Da Revolução breve o paroxismo.

## 11

Os dois sabios unidos caminharam,  
 Ao palacio de La Monnaie, morada  
 Do illustre Condorcet. Entrando no átrio  
 Pinel saíu da contenção profunda  
 Em que immerso vicra, como achando  
 A solução difficil de um problema:

— Descobri um azylo impenetravel;  
 Tem alli Condorcet refugio certo.  
 Uma santa mulher, pobre viuva,  
 É Madame Vernet que, boa, o acolhe,

Relampago de luz viva allumia  
 De Cabañis o consternado rosto:

« Para que o sabio um dia não se veja  
 Arrastado por carcerez infectos,  
 Nem pela multidão vil ultrajado;  
 Para que aquella olympica cabeça  
 Sob o cutello de um algoz não role,  
 Um meio lhe darei . . . este anel basta. »

## 111

Mudos sobem a larga escadaria.  
 Entram; avistam Condorcet brincando  
 No jardim com Elisa, a doce filha,  
 Criança de trez annos mal completos;  
 E Sophia, a encantadora esposa,  
 Com expressão de graça ideal, andava  
 Colhendo flores para um ramo, quando

Pára subitamente, ao perto vendo  
 Pinel e Cabanis que se aproximam.  
 Teve ella a intuição de uma desgraça ;  
 Hesitaram os dois por um instante  
 Se a terrivel noticia lhes dariam ;  
 Mas a expressão dos rostos de ambos trác-os.

Condorcet atacou de frente o caso :

— « Processa-me o Terror? »

Pinel, vencendo

A oppressão com que respira, falla :

— A lucta entre Danton e Robespierre  
 Declarou-se. O rhetorico deista  
 O poder de Danton traçoceiro mina,  
 Condemnando os amigos seus á morte.  
 Lavoisier já está encarcerado . . .

Condorcet, dominado n'esse instante  
 Por um presentimento intimo, exclama :

— « Quando da França o genio glorioso  
 Já não é respeitado . . . »

Beija a filha

Que meigamente no hombro adormecera ;  
 E como um condemnado em frente á morte :  
 — « Robespierre bem sabe porque eu tenho  
 Por elle um profundissimo desprezo ! »

Aproxima-se a esposa, comprehendendo  
 Na desolação muda, que era a ruina,  
 Do venturoso lar. Cabanis falla,  
 Nem já procura attenuar as phrases :

« Chabot, movido a instigação occulta,  
 Accusou Condorcet ; gritando pede  
 Que o Tribunal o arrojé á guilhotina !  
 Accusa o cidadão, por que ha dois annos  
 Uma proposta fez para a renuncia  
 Das guerras com intuito de conquista,  
 Mesmo se contra a liberdade attentam  
 Das nações. »

Osculou Sophia o esposo.

Cabanis continúa :

« É accusado  
 Por que a pena de morte repellira,  
 Propondo a sua abolição ; e agrava  
 A coherencia do principio o facto  
 De não ter Condorcet votado a morte  
 De Luiz Dezescis ! »

Sophia abraça

Com fervor e paixão essa bella alma :  
 = Por ti soffrerei todas as ruinas ! =

Cabanis concluiu :

« Contra o accusado  
 Deu-se ordem terminante de captura ;  
 E os esbirros de Robespierre, em breve,  
 Assaltarão armados o palacio. »

Resoluto fallou Pinel :

— Partamos ;

Não ha tempo a perder ; acompanhac-me.  
 Descobri para vós seguro azylo.  
 É preciso o tornar-vos esquecido,  
 Até que passe a onda sanguinosa ;  
 Não pôde durar muito ! Uma familia  
 Modesta e simples, fóra d'estas luctas,



Vos acolhe em seu lar. Refugio certo  
Em casa de Madame Vernet tendes.

Sentiu-se Cabanis alliviado  
Da preocupação que o punge:

« Eu tenho

Este anel, que um subtil veneno encerra;  
Mata instantaneamente. Eu o entrego  
Para o momento angustioso, quando  
Não possas de outra fôrma libertar-te  
Do asco das enxovias, ou da affronta  
Da abjecção cannibal da guilhotina. »

Estendeu Condorcet com anciedade  
A mão:

— « Dá-me esse anel. Nada reccies,

Minha mulher e esta filha prendem-me  
À vida tenazmente. Dá-me força  
Esse anel; talisman de segurança  
No terror da incerteza e dos arbitrios.  
Eu a morte de Socrates prefiro,  
Como Sidney morrendo pela patria,  
Quanto melhor, do que ir com ignominia  
Perante a multidão irreverente  
Arrastado em tropel ao bruto cêpo! »

Os trez illustres pensadores partem  
Em busca do piedoso e cauto azylo.

IV

Horas depois assaltam a morada  
De Condorcet. A multidão braveja;  
Vozes roucas pediam a cabeça

Do aristocrata, o misero, o covarde  
 Que não votou a morte do Capeto!  
 Do infame que condemnou as guerras!  
 Contra a pena de morte a voz erguendo!  
 No palacio procuram de alto a baixo  
 O condemnado, em vão; não o encontram.  
 Do confisco dos bens prompto o decreto  
 Comsigo trazem; prégam-o na porta!  
 Do quarto, aonde tímida se acolhe  
 Sophia, a esposa joven e graciosa  
 Com a filha nos braços, os esbirros  
 Aos repellões a levam para a rua,  
 Despojada de todos os recursos!

Descia a noite fria. Desvalida  
 A senhora divaga errando á tóa  
 Pelas praças, na immensa soledade,  
 Leva-a o acaso na sua onda escura.  
 A filhinha inspirava-lhe coragem,  
 Sublimou-se a esposa em mãe heroica.

## v

Ao refugio onde Condorcet se occulta  
 Chega a esposa gentil, acompanhada  
 Por Cabanis; choravam silenciosos.

= Foi o nosso palacio sequestrado,  
 E a sentença que á morte te condemna  
 Pregada na parede!...

Ardentemente  
 Beijava Condorcet a meiga filha  
 Que pulava contente em seus joelhos:

— «Quando espera o supplicio o condemnado  
Cae n'um somno profundo; e os seus sonhos,  
As palavras que solta são lembranças  
Que o passado accumula como a nota,  
A resonancia de estalada corda.  
Uma insomnia invencivel me domina,  
E os quadros que ora á mente se affiguram  
São sempre as perspectivas do futuro!  
Eu, morto para os interesses de hoje,  
N'esta procella de monstruosidades  
Eu naufrago, não sinto o desalento,  
Fitando a luz remota e indecisa  
Que do porvir vae desvendando o porto.  
Sob as crenças theologicas formou-se  
A ficção de uma era de ventura,  
De confraternidade: era o Millenio.  
São as religiões exclusivistas,  
Dando a esperança unicamente a adeptos;  
A Sciencia, prevendo essa harmonia  
Que as gerações da terra vão creando,  
Sob o nome da Humanidade abrange  
Todas as raças, crenças, individuos,  
Forças dispersas que ella em si concentra.»

Mas Cabanis sorria duvidoso:

• Quem viu esse espectáculo estupendo  
De concordia e de paz, que a mente eleva,  
*Festa da Humanidade*, ah não cuidára  
Que hoje a Revolução se abysmára  
No cahos do Terror. Não é possivel  
Já a illusão deliciosa; o homem  
É sempre o animal feroz e egoista;  
Civilisa-se, se o submette a força  
Da tração, de um despota a espada ...

— \* Pensasse assim, restava-me o suicidio!  
Não fallas pois como homem de sciencia.  
Que importa a tempestade de um momento,  
Se o infinito espaço está sereno?  
Como o sol leva em séquito os planetas  
Attrahidos no mesmo impulso e curso  
Para o astro central, que elle circumda  
Na incalculavel órbita inda ignota,  
Tambem as civilisações, as raças,  
Todos os séres conscientes, desde  
O remoto passado, vêm, na marcha  
Dos tempos attrahidos para um centro  
Que se vae descrevendo, e illuminando,  
Nebulosa ideal — a Humanidade. \*

Sophia abraça compungida o esposo:  
= Essas ideias generosas, grandes,  
Que te fizeram desprezar convicto  
Privilegios do nascimento, e agora  
Affrontar a injustiça do presente,  
São a luz do espirito, a esperanza,  
O alento que na vida tens. Bem hajas.

— \* Mas quanto a solidão me opprime e esmaga!  
E o silencio? Sem ter aqui um livro!  
O sentimento exalta-se; as ideias  
Em emoção vehemente se transformam,  
Geometra, em poeta me converto.  
De Pythagoras, conta-se, dotado  
Da penetração intima das cousas,  
Sentia as vibrações sonoras, puras  
Da rotação dos astros percorrendo  
As órbitas infindas nos espaços:  
Quanto é mais viva a intuição do Poeta,

Presentindo nas variadas raças,  
 Nas linguagens confusas, e nos cultos  
 Das religiões e nas sociaes fôrmas,  
 Nos nacionaes e crús antagonismos,  
 Uma harmonia superior, latente,  
 Idealizada pela expressão da Arte,  
 Suprema encarnação da Humanidade!  
 O que era essa harmonia das espheras,  
 Do philosopho na especulação alta,  
 É para o Poeta hoje a Concordia humana!  
 O Poeta na região das sombras  
 Só pôde entrar lá dentro, descobrindo  
 Na arvore sepulchral o *Ramo de ouro*;  
 Virgilio o disse, e viu que n'esse mundo  
 Obscuro do passado alcança a entrada  
 Quem colhe o *Ramo de ouro* da Poesia. »

Comprehendera Cabanis agora  
 A illuminação sublime e bella  
 De Condorcet:

« A luz que reflectia  
 Sobre a fronte de Socrates tranquillo,  
 Por tribunal iniquo condemnado  
 Á morte, e intemerato dissertando  
 Sobre o futuro da alma humana, é essa,  
 É essa mesma luz, que mais intensa  
 Dá-te hoje a transfiguração do genio,  
 E revela o porvir da Humanidade.  
 Eu comprehendo d'onde emana a excelsa  
 Moral serenidade! Essas ideias  
 Dão conforto e a solidão povòam.  
 A noite avança; é tempo de sairmos... »

Condorcet abraçava a esposa e a filha:



— « Até quando? E se ainda nos veremos.  
Como encher estas horas solitarias... »

Vencendo a esposa as lagrimas, estende  
A filha aos beijos:

— Pensa no futuro;  
Do futuro aqui tens a imagem bella.  
Acima das ruinas do presente  
Pelo vôo do pensamento eleva-te,  
Edifica a Cidade ideal, humana,  
A Patria dos espiritos que adoram  
Não Reis nem Deus — a Paz e a Verdade. =

Como a lagem de um tumulto se fecha,  
Assim ficou o incognito recinto  
Na solidão do triste condemnado.

## VI

Vão os dias correndo lentos; mudo  
Na longa solidão ficava absorto  
Condorcet, quando extatico medita  
Da universal Cidade na utopia.  
Da Revolução ruga a tempestade  
Ao redor d'elle; e antes que se afunde  
O baixel, o philosopho se entrega  
À sublime contemplação, buscando  
Entre as sombras espessas da borrasca  
O esteiro translucido e infundo  
Da marcha ascencional da Humanidade.  
Que recordações intimas o assaltam!  
A existencia domestica, a Familia  
No seu ideal mais puro lhe apparece,



Realidade incomparavel! Bella,  
 Tinha-o Sophia sempre amado; o esposo  
 Não profanára a virginal candura.  
 Vibra a concordia humana o sentimento,  
 Cão por terra a Bastilha, a esse impulso  
 Que unifica as vontades pelo affecto,  
 N'esse diluvio em funda sympathia  
 Os corações se immergem, ambos sentem  
 Uma anciedade de junção das almas:  
 Do casto amplexo, a flôr esponsalicia  
 Deu esse fructo que os consola — Elisa.

Na mente do philosopho perpassam  
 O drama audaz, eschyliano e grande  
 Que vira da *Tomada da Bastilha!*  
 As escuras abobadas se arrasam,  
 Sepultando a Realeza e o despotismo.  
 A phantasia paira, vòta, unindo  
 Àquella aurora uma conquista nova:  
 De Franklin o *Para-Raios!* Marca  
 Dos divinos arbitrios o remate;  
 Na elevação do espirito audaciosa  
 O Geometra torna-se poeta:

#### O Para-Raios

N'esse valle, por onde manso vaes  
 Ribeirinho de Uróla a saltitares,  
     Bordado de pomares,  
     De alegres milheiraes;  
 No valle, que as vertentes tem expostas  
     Aos fortes escarcéos,  
 E os verdes castanheiros das encostas  
 Se embañçam na viração risonha,  
 Com as brisas do Golfo da Gasconha,  
     Auras dos Pyrenneos;

Ahi, no valle ameno que seduz  
O espirito triste,  
Lá n'esse valle da Biscaya existe  
A casa onde foi nado  
O Apostolo-soldado,  
Que funda a Companhia de Jesus:  
Não mui longe de Asculia alevantado  
Vê-se o Torreão antigo  
Da familia de Inigo  
Por um grandioso Templo circumdado.

Do Templo na alta cúpula campêa  
\* No aberto espaço a Cruz:  
Nas montanhosas regiões serpêa  
O corisco, que os plátanos apêa,  
E inunda os âres de instantanea luz!  
Aos coriscos a Cruz de ferro attrêe-os,  
E para defendel-a  
Pozeram os jesuitas ao pé d'ella  
O novo Para-raios.

Mas n'esta applicação  
Em que o jesuita emprega  
As descobertas fulgidas da Sciencia,  
Não nota que renega  
Da Fê, que impõe n'uma tenaz missão,  
Com a incredulidade transigindo  
Do seculo já findo.

Don Inigo erigindo  
Religiosa milicia que peleja,  
Organisou um corpo de combate  
Com que tenta o resgate  
Do Poder Espiritual que a Igreja

A cada hora perdin,  
Quando a Renascença  
O Poder da Sciencia torna guia  
Dos espiritos em lugar da Crença.

Eil-os diante das Leis da Natureza!  
No presente quem orça  
Qual d'esses dois Poderes, na defeza,  
Manterá sua força?  
Já o dobre do sino não espalha  
Para longe e bém longe a tempestade,  
Sobre os raios não têm auctoridade  
As preces, nem ha oração que valha.

Pois que o raio não é  
A expressão da colera divina,  
Perde sobre elle o seu imperio a Fé;  
E como o não domina,  
Põe o jesuita ao pé  
Da Cruz, emblema de um Poder extincto,  
Para-raios agora,  
Abandonando ao popular instincto,  
Ao cerebro que ignora,  
A illusão que adora.

Quando um dia uma mão quebrou o sceptro  
Do poder dos tyrannos,  
Das coleras celestes o espectro  
Extingue, abrindo os naturaes arcanos.  
A era das ficções ficou fechada,  
As chimeras não fallam á Consciencia  
Que aclama, libertada,  
Hoje o Poder espiritual da Sciencia.

## CANTO II

## Sophia Grouchy

## 1

Cabanis vem a furto e com piedade  
Acompanhar nas tediosas horas  
O sabio Condorcet no occulto azylo,  
Narrando do Terror anciados transe,  
Do Terror, que na França inteira impera:

• Na Convenção fez hoje Robespierre  
Pomposa profissão de fé deísta!  
Eis a grande Revolução ferida  
Pelo golpe do ignobil retrocesso;  
Os Symbolos theologicos bem cedo  
Veremos restaurados! Velhos troncos  
Por onde trépa a planta parasita,  
O Despotismo, que inda nos ameaça  
Mantendo iniquidades seculares.  
No dia em que morrer Danton, acaba  
A energia unica, que impelle  
A gloriosa Revolução no intuito  
Da liberdade dada à consciencia.

— « E Danton? Mas Danton não se defende?... »

• Danton ri-se do misero adversario,  
O banal epileptico, adorado  
Tal como um Deus no Club das megéras.  
Diz, que antes quer ser victima de um crime,  
Do que triumphar do apóstata verboso  
De uma moralidade desorada. »

N'um exclusivo pensamento absorto,  
 Condorcet mal attende; preocupava-o  
 Da cara esposa a sorte angustiosa:

— « E Sophia?

« Em verdade, é sempre heroica!

Com Elisa, a filhinha nos seus braços,  
 Ella vae pelos carceres, aonde  
 Os sentenciados contam os momentos  
 Que lhes resta da vida, e por lembrança  
 Querem deixar um ultimo despojo,  
 Um retrato ás esposas desoladas.  
 Sophia faz de prompto as aguarellas,  
 Fixando a vida nas physionomias  
 Que logo o horror da guilhotina apaga.  
 Os guardas a conhecem; já os presos  
 Anciosos esperam-na, temendo  
 Que se não salve esse ultimo lampejo  
 Da vida que lhes foge! D'isto vive;  
 Revelou-lhe o mister o seu talento.  
 Ninguém se atreve a insultal-a; passa,  
 Como força benefica a contemplam.  
 Com a filha nos braços, bem parece  
 A Virgem-Mãe, incólume calcando  
 A serpente que aos outros estrangula. »

N'este momento a Condorcet acode  
 A genial revelação grandiosa  
 Do Symbolo da Humanidade, o vulto  
 Da Mulher, n'uma encarnação excelsa,  
 Esposa, Filha e Mãe, trindade santa:

— « Quando o Poeta estava mais absorto  
 Do *Paraiso* o Cantico escrevendo,

Ao esboçar nas lucidas palavras  
De San Bernardo esse ideal sublime  
Da Virgem-Mãe, extático suspende  
A immortal estrophe principiada  
*Virgine Madre, Figlia del tuo Figlio...*

N'uma contemplação pura se abysma:  
Teve Dante a visão incomparavel,  
Real e ideal de toda a Humanidade,  
Mãe e filha d'aquelles mesmos seres  
Que aos seios trouxe, a quem acalma as dores  
Glorificando a lucta e o sacrificio.  
Ao adorar o Symbolo eloquente,  
Na invocação magnifica prorompe:

Virgem gloriosa e immarcescivel palma,  
Esposa, encanto de emoção suprema,  
Mãe, vago anseio de inspirado poema,  
Trindade augusta que a existencia acalma!

Tens sob os pés a lua leda e calma,  
Gingem-te o rosto estrellas em diadema;  
Sob esse manto azul quem ha que tema  
A dôr, se em ti nos santifica a alma?

Sorriso meigo que o terror espanta,  
De humilde e intemerata castidade  
É esse olhar de suavidade tanta!

Hymno de amor e dôr e soledade,  
Esposa, Filha e Mãe, trindade santa,  
Doce e ideal visão da Humanidade. •



Luminosa, Sophia chega a casa  
Da viuva Vernet; vem vêr o esposo.  
Como o encontra abatido, concentrado!

= Não venho vêr-te tantas, tantas vezes  
Quantas o coração me pede! Punge  
A afflicção dos que esperam pesarosos  
Pelos retratos, que eu á pressa esboço,  
Esse amargo penhor de uma lembrança  
Da despedida para sempre, n'hora  
Que a carreta feral se está enchendo,  
E em tropel os arrasta á guilhotina!  
Esta pressão horrível me confrange.  
Trabalho sempre. Pobres mães me prendem  
Estes braços, com lagrimas pedindo,  
Com lagrimas ardentes que as console  
Com a recordação ultima, o alento  
Colhido na expressão do esposo, ou filho. =

Condorcet escutava, repetindo  
Beijos sobre mil beijos pela face  
Da filhinha, que descuidada salta  
Sobre os joelhos que a sustêm:

— \* A morte

Não me aterra, por mim; mas tenho pena  
De não chegar a vêr a efflorescencia  
D'esta criança quasi ideal, tão bella!  
Comprehendo como o contacto, a vista  
Da apparição angelica e innocente  
Em Sophia a coragem lhe redobra.  
Pobre mãe! grande em tua soledade,

A lembrança dos horrorosos transes  
 Que tu soffres, é mais, mais lancinante.  
 Do que a morte! Estas horas são infindas,  
 São as noites de insomnia interminaveis.  
 Parece que enlouqueço; a encephalgia  
 Na solidão é mais febril e intensa.  
 Doutor! prepara um elixir que applaque  
 Esta exaltada sensibilidade;  
 Que me socegue.»

Cabanis sorriu-se.

Abraçava-o Sophia docemente:

= Tranquilla-te. Escuta: não pertences  
 À familia sómente, que te admira!  
 Ha outro amor mais alto, surprehendente,  
 De que tens dado as mais sublimes provas:  
 O amor da Patria, o amor da Humanidade.  
 É chegado o momento, em que tu deves  
 Prestar á Patria, consagrar ao mundo  
 Serviço immorredouro — um pensamento!  
 Vae a Revolução baixel sem léme  
 Quasi a desconjuntar-se sobre escolhos!  
 Tantos e tão inuteis sacrificios  
 Diante d'esta insania lamentavel,  
 Desorientação geral, tremenda!  
 Preciso é que tu falles com altura,  
 Tem a tua razão supremacia.  
 Ensina ás energias desvairadas  
 O caminho por onde se realisa  
 Todo o progresso humano. Escreve um livro!  
 Um quadro, onde com largos traços pintes  
 Qual a marcha a seguir da Humanidade.  
 Então as almas generosas, diante  
 D'esse contorno genial, por certo  
 Erguerão sobre escombros do passado

A ineffável Cidade do futuro,  
 Tal como Diderot a concebera,  
 E que Danton, sómente pela audacia  
 Era capaz de dar-lhe realidade. =

Cabanis reforçava este pedido :  
 « E um tal Livro é tanto mais urgente  
 Quanto agora pretende Robespierre,  
 Aproveitando a insensatez do vulgo,  
 E da superstição fundas raizes,  
 Decretar a existencia ao Sér supremo,  
 Dar lei á immortalidade da alma !

— « Com vontade riria, se eu pudesse.  
 (Condorcet cáe n'uma tristeza amarga.)  
 O espirito fluctua incerto, anciado  
 Entre as duas correntes temerosas :  
 O riso de Voltaire, que emancipa,  
 Ou de Rousseau sentimental deismo !  
 É preciso orientar a alma humana  
 No sentido completo da verdade ;  
 Vou esboçar o desejado quadro. »

## III

Um partidario da Montanha soube  
 Que se acha Condorcet refugiado  
 Em casa da Viuva Vernet ; entra.  
 Dá com os trez que estavam conversando.  
 Ficam tomados de instantaneo susto.

O Montanhez fallou :

— Eu vos declaro

Sob palavra de honra, e possuido

Pelo amor da Justiça e Liberdade,  
Que mantereí segredo inviolavel  
Sobre o azylo de Condorcet ! eu mesmo  
Heide avisal-o do perigo, quando  
Repentino se mostre e o torne incauto.  
Convém ter preparado um outro azylo. —

Cabanis agradece taes palavras ;  
Condorcet abraçou-o silencioso,  
E outra vez sós, sollicitos proseguem:

\* Aonde um outro azylo achar agora ?  
Alguma busca já se intenta ? O nome  
De Condorcet não foi inda esquecido ? \*

A piedosa Viuva se recorda  
Do retiro onde vive Suard occulto,  
Em Fontenai-au-Rose. Conseguira  
O academico ali ser olvidado.

Cabanis, o parente affectuoso,  
Do philosopho a esposa desolada,  
Partem logo d'ali ; a todo o custo  
Buscam fallar a Suard na mesma noite.  
Conseguiram que em seu retiro accente  
O grande, o luminoso foragido.

## IV

Precipitado repentinamente  
N'uma completa solidão, sentia  
Condorcet a incerteza do destino ;  
Era o abalo moral incomportavel !

Elle falla em deixar a humilde casa  
Da Viuva Vernet, teme, receia  
Que a guilhotinem por cumplicidade!  
A piedosa Viuva em vão lhe pede  
Que tranquillise o espirito; e pergunta  
Que possa dar-lhe distracção, allivio?  
Pedira Condorcet papel e penna,  
Todo á elaboração mental se entrega.  
Assim consegue encher horas de tédio  
Na assombrosa contemplação absorto,  
Em que pairava o espirito vidente  
Sobre a marcha da Humanidade inteira.

## CANTO III

## A contemplação de Condorcet

— « Nas solidões do Oceano pavorosas,  
Na tempestade desencadeada,  
O baixel está prestes a afundar-se;  
Em rapidos instantes hão de as ondas  
Tragar os restos do fatal naufragio.  
Ficarão ignoradas para sempre  
As ancias de entes miseros na morte  
Obscura, sem a compunção humana!

É então que pensando no futuro  
Que lhes foge, os que têm a morte ao perto  
As palavras da despedida escrevem,  
Lembrando a hora horrenda da agonia.  
Pedindo a condolencia, a piedade

Ao baixar do mar fundo á sepultura,  
Um papel mettem dentro da garrafa  
Que ao mar arrojam; que ella vá boiando  
No fluxo das correntes dar um dia  
Á praia, e saiba alguém dos desgraçados.

Para mim a hora aziaga se aproxima;  
Do futuro me absorve o pensamento,  
Quasi que leio no destino humano.  
Quando o Terror sedento, sanguinario,  
Implacavel me ameaça e me procura,  
Mais nitida a visão se representa  
Na mente, como a despedida ao naufrago:

#### Revelação da Humanidade

A Terra é mysterioso palimpsesto  
Em que dos tempos a eternidade,  
A evolução das fórmas da Materia  
Vae inscrevendo, sobrepondo os traços  
Dos novos seres que esse berço cria.  
Lê o espirito as paginas dispersas,  
Testemunho dos seculos que passam  
Sem computo no abysmo do infinito.

Lei de transformação eterna, infinda,  
Que leva em busca de aperfeiçoamento!  
A Terra, em suas crustas e montanhas  
N'um latente labor, cria no seio  
O mundo vegetal, que brota e irrompe  
Dos espalhados germens que fecunda.

Como as plantas com tanto viço e aroma  
Embalsamam o ar, e alando á vida  
Tecem o berço da animalidade!



Ah, n'esta escala ascencional, gigante  
Da evolução organica, destaca-se  
No vértice de um progressivo esboço  
Um ser mais alto e quasi ideal — o Homem!

## I

## Caliban

Robusto e bronco, mas de frente erecta  
Toma posse da Terra pela força  
Com que arma o braço pela clava e o malho.  
É um rudo Titan; não pensa ainda  
Em escalar o Olympo, mas revolve  
A Terra com o arado, inventa o fogo,  
Combate as feras, e regula o curso  
Dos grandes rios; vógu nas correntes.  
A omnipotente mão tudo affeição,  
Faz o muro cyclopico que cinge  
Uma Cidade-Azylo, e sobre a argilla  
Imprime o cunho seu da intelligencia;  
Transforma a face do terraquco globo!  
O mundo real, que o cansa e o devora,  
Elle o submete á norma ideal, ao sonho  
Em que do cahos quasi o extráe de novo.  
O Demiurgos, o Heroe, o obreiro,  
Expressão da immortal actividade,  
Que não fará se o Sentimento um dia  
Lhe suggerir o seu primeiro impulso!

Lucta o homem contra a fatalidade  
Das duras leis do Cosmos que elle habita,  
De emoções sensoriaes que o hallucinam,  
Da pressão do passado a que obedece,

Como vencer a organica apathia?  
Dominar pelo imperio da vontade,  
Reconhecer-se consciente e livre?  
Caliban, escutando o Sentimento,  
Para a vida moral se eleva e attinge  
Formas sublimes no ser seu, mais altas,  
Da Familia, de Patria e Humanidade.

## II

**Psyche**

A vaga luz crepuscular da Aurora  
Que nas trevas se esvae quando o sol desce,  
A amorosa contemplação suscita.  
Hora assim melancolica e serena,  
N'essa sombra propicia se revela  
Éros a Psyche: o Amor, a Piedade.

Mas o Mystério á paixão vaga imprime  
De orgiasticos cultos a doença,  
A vertigem sensual dos velhos Mythos  
Da Syria e Babylonia. Desvairada  
Pela sagrada Orgia a mulher desce,  
Com ella as fortes raças mais activas.  
Como Perseu a Andromeda liberta  
Do monstro que a devora, Psyche um dia  
Sacudindo o delirio das bacchantes,  
Deixando das hieródulas os ritos,  
Ergue-se como a lua pura e suave  
Em mystica ascensão incomparavel,  
Esposa, Filha, Mãe, a medianeira  
Pelo amor entre a Humanidade e o Homem.

Idealizou o mundo antigo as fôrmas  
Da plastica, na bella Galathêa;  
Dão-lhe todas as graças seductoras  
O cinzel do artista e a ardente estrophe  
Dos immortaes Poetas que a cantaram!  
Nasceu o Sentimento do infinito,  
Anceio eterno e nunca satisfeito  
Ante a contemplação das fôrmas puras.

Foi então que entreviu a mente o typo  
Da belleza moral — e se destaca  
A mulher como Symbolo perfeito:  
Da Virgem, na figura luminosa  
Da esperança e graça immaculada;  
Da Esposa, a affectiva suavidade;  
E a Mãe! Mãe dolorosa e compassiva  
Que traz nos braços o porvir, um mundo!

Psyche! tu és o eterno feminino,  
Doce emoção do affecto, a sympathia,  
A vibração harmonica das almas  
Que faz sentir outra alma — a Humanidade,  
A quem te elevas pelo sacrificio!

Pulem todas as Lyras melodiosas,  
Espalhem os pinccis as côres vivas  
Do iris, para que se veja Psyche  
Como o verbo do Amor sublime encarna  
Na criação fecunda da Familia.

Como um Templo immutavel, como o Dogma  
Absoluto por quem o crente morre,  
É a Familia estavel! firme assento  
Na memoria dos Mortos tem: origem

Da disciplina cultural primeira.  
Os nossos Mortos! os queridos Mortos!  
Lá nas profundidades mais escuras  
De immensuravel mar o coral fórma  
Lentamente as incrustações que um dia  
Chegam á flor das aguas, sob o aspecto  
De ilhas e de archipelagos esparsos.  
Bella a vegetação ahí se expande,  
Como a formar um berço de verdura  
Que o mysterio da vida preludia:  
Assim da noite do passado emergem  
Esses agrupamentos familistas,  
Que preparam ao homem que medita  
Todos os instrumentos da sua obra:  
As Linguas, a Poesia, o Culto, a Industria,  
Normas moraes de uma espontanea Ordem,  
O capital de enormes descobertas  
Que as contemplações altas faz possiveis  
E á Rasão os triumphos lhe assegura.

A Vestal conservando na ára santa  
Sobre a pedra focal o Fogo vivo,  
Representa esse vinculo sagrado  
Que dos avoengos a Familia unira.  
O cuidado, a mudez, recolhimento  
Da Vestal, na Mulher são o destino  
Da familiar subordinação pura.  
Sentindo a aspiração da Humanidade  
Sem voz que a exprima, ou triste, incerta e alala,  
Na commiseração quebra o silencio,  
E exaltada Sibylla vaticina!  
Eil-a Débora á sombra das palmeiras  
A ordem social nova proclamando;  
É Magdalena que a Jesus dá vida  
Pelo amor com que o ergue do sepulchro;

É Phebe, quando a Paulo dita a carta  
Sobre a Graça e Amor da nova idade!  
Sois vós, sois vós, Sibyllas mysteriosas,  
As vibrações mais tenues, delicadas  
Do coração humano, quando aspira  
Ao Ideal que foge e a que se lança.

Ao fundar a Família, um mesmo impulso  
À defesa do Lar o homem chama,  
Fal-o affrontar a morte com coragem,  
Obter pelo Trabalho a subsistencia.  
É n'esse esforço que elle educa o braço,  
Tambem o esforço a intelligencia incita.  
Torna-se o Lar o fóco da Cidade,  
O Prytaneo, que os animos allia  
N'um fraternal abraço de concordia.  
A Cidade converte-se em reducto;  
Ahi, pela Justiça, e na Igualdade  
Com que energia de criação se affirma  
O Eu altivo, o individuo humano!

E forte para a lucta, cada Patria  
Ao imperio da Terra se dirige;  
Qual dos Povos terá do orbe o dominio?

A INDIA, na bondade encantadora  
Cria a norma completa da Família,  
A Trindade ineffavel affectiva,  
Pae, Mãe, Filho, as estrophes de um mesmo hymno!

A PERSIA, n'um esforço inquebrantavel  
O Trabalho e a Virtude identifica;  
A acção é a fórma creadora do homem,  
Que o torna um Deus: cil-o obra de si mesmo!



A GREGIA, ao typo humano imprime o cunho  
Da perfeição da plastica, e elabora  
Intimo sêr moral, dá luz á ideia  
Com que na mente abrange o universó;  
Faz do homem a floração mais bella,  
Dá-lhe o Ideal e a ancia da Verdade!

## III

**Hermes**

Como a affectividade estabelece  
Um accordo entre a acção e o pensamento!  
Busca o homem alar-se á região alta  
Das ideias, mas prostra-o a fadiga  
Pelo trabalho material, insano;  
Ás espontaneas emoções entregue,  
Adora a Natureza, que o subjuga  
Á Chimera oppressiva. Na miragem  
Das subjectivas concepções que abraça,  
Acha o germen da ideia que o liberta:  
O Sol, o nume que os espaços enche  
Inundando-os de luz, calor e vida,  
É Phtá, Helios, é Surya, Mithra, a fonte  
Das energias todas do universo!

Apropriou-se o homem d'essa força,  
No fogo, no vapor, no movimento;  
Rouba ao céu a faisca atreadora,  
Apêa o Deus do altar, d'onde o espanta,  
E no grande arsenal da Terra inteira  
Fal-o mover as machinas submisso!

N'esta ascenção que o sublima e exalta,  
Livre do pezadello e da fadiga



Que o cerebro lhe exhaure, o homem pôde  
No ocio secundo meditar tranquillo  
N'um problema de que depende o triumpho:  
• Conhece-te a ti mesmo! • Então, seguro,  
Depois que com o fogo e com o ferro,  
Com a agua e o vapor, na activa lucta  
Da faina industrial tenha vencido,  
Subjugado a implacavel Natureza,  
N'esse esforço hade allim reconhecer-se!  
Ah, d'essa altura vendo os povos, raças,  
Tribus, nações formados do mesmo homem,  
Da unidade moral no vago esboço  
Acha a revelação da Humanidade.  
Sente-se do Passado solidario,  
Que lhe deu instrumentos para a lucta;  
Cooperação reclama-lhe o presente  
No conflicto vital, que o torna forte;  
E da especie o destino lhe apparece,  
Ponto de convergencia que unifica  
Todas as desmembradas energias.

E enquanto os homens se julgaram filhos  
De um Deus-Pae, sempre um entranhado odio  
Os separou pela exclusão dos Dogmas,  
Pelas fronteiras e balsões das Patrias.  
As Raças vieram dos diversos germen  
Nos varios meios do orbe subsistentes;  
Eguaes necessidades aproximam-nas,  
Para a mesma defeza é que se ligam,  
O Sentimento humano identifica-as.

Disse um Poeta da Historia:— Pela lucta  
O mundo começou, e a lucta é infinda;  
O Homem lucta contra a Natureza,

Contra a Materia o Espirito reage,  
A Liberdade ante a Fatalidade,  
Ah, que a lucta é universal, eterna!—  
Como pôde assim ser? se o Homem sente  
Que é do universo agora uma potencia,  
Como o Calor ou como a Luz, e exerce  
Uma acção de harmonia, de concordia,  
Acha a rasão implicita das cousas,  
Da ordem natural tendo a Consciencia!

Venceu, da Natureza no conflicto,  
Fundando a Paz o sonho desejado;  
Sobre a Materia é certo o seu triumpho,  
Se as suggestões sensoriaes domina,  
Deduzindo das relações das cousas  
A noção subjectiva da Verdade.  
Já da Fatalidade se emancipa  
Sacrificando o pessoal egoismo  
Ao bem humano e altruista. A vida,  
No individuo caduca, eil-a perpetua  
Quando á Especie immortal se lhe consagram  
Os impulsos da propria Liberdade.»

.....

## CANTO IV

## O anel do suicida

1

Reconcentrado o espirito, em silencio  
O philosopho estava em seu retiro,  
Prestes a terminar o Livro, o quadro  
Onde a visão esplendida esboçava  
Da evolução da Humanidade inteira!

Resplandecia-lhe a espaçosa fronte  
 Com o clarão da ideia, que irradia  
 Da verdade, pela expressão convicto.

Desenfreada, terrível passa a onda  
 Da Revolução! Quasi que olvidado  
 É Condorcet, e por ventura salvo.  
 Salvo? N'este momento decisivo  
 A piedosa Viuva Vernet chega  
 Ao quarto do philosopho, transida  
 De susto, e todo o aspecto angustiado:

— Senhor! mais um decreto horrível fêre  
 Os corações heroicos consagrados  
 Ao sentimento da hospitalidade!  
 Cae a pena de morte sobre aquelles  
 Que derem agasalho aos foragidos,  
 Refugio aos condemnados do tremendo  
 Tribunal revolucionario... —

Como

Se despertasse de um lethargo fundo,  
 Ergue subito o pallido semblante  
 Condorcet! fita a compassiva Viuva,  
 Como se no espirito instantanea  
 Resolução se apoderasse d'elle.  
 A Viuva Vernet, com um sorriso  
 De bondade e coragem, que revela  
 Dedicção sublime, continúa:

— Eu na pena de morte estou incursa;  
 Não me entrega o destino a nobre palma  
 Que me tornára a mim mais gloriosa  
 Do que a santa mulher, quando batendo  
 Dos potentados às egoistas portas

A implorar por esquecido preso,  
 Universalizou o horror immenso  
 Que poz em terra, em horas, a Bastilha!  
 Subisse eu os degrãos da guilhotina  
 Por ter dado refugio ao perseguido,  
 Quando esse perseguido o seculo honra!...  
 Com certeza o Terror acabaria  
 N'essa hora, sendo a lei moral violada.  
 Essa palma ao destino eu não mereço;  
 Vivei sereno n'este occulto azylo. —

O silencio de Condorcet aterra-a.  
 Seria a decisão irrevogavel?  
 Bem comprehendera a bondadosa Viuva  
 Quanto havia de tragico e sinistro  
 N'este silencio; e volvendo á mesma ideia:

— Para que vim fallar agora n'isto!  
 Melhor seria que ignorasséis tudo. —

Notaram ambos passos ao de leve;  
 N'este momento Cabanis entrava,  
 Vem avisar o amigo, que o recebe  
 Em Fontenai-au-Rose, em seu refugio  
 Suard o academico.

Interrompe

O sabio medico e a agradavel nova,  
 Condorcet, que exclamou com segurança:

— « Dizei-me ... Danton foi guilhotinado?  
 • Formidanda verdade! Como o sabes?  
 Quem trouxe aqui ao ádito sereno  
 Essa má-nova tão desoladora?  
 — • Foi do Terror a convulsão recente,

Que sentenciou à morte quantos derem  
Azylo aos perseguidos! Protestára  
Danton, com a coragem de gigante:  
= Darei um ponta-pé na guilhotina! =  
Só elle era capaz da humana audacia.  
Depois de ter emancipado a França  
Da servidão da tréda Monarchia;  
E fundado a Republica, reunindo  
A desmembrada patria pelo esforço  
De Paris hegemonico, a Europa  
Vence ao chamar toda a nação ás armas!  
Só Danton attingira o ideal supremo  
De pôr em mutuo accordo a Lei e a Ordem.  
Diante d'esse genio surprehendente  
Um rhetorico ôco se atravessa,  
Repleto de perfidias e de phrases,  
Agitado por loucas utopias  
De um idealismo vago, com que encobre  
A ambição do Poder, que tanto o alenta.  
Quando o duello de morte se terçava  
Entre o heroico Danton e Robespierre,  
Presenti que da sorte do combate  
Depende da Republica o destino.  
Com grãdeza Danton profere a phrase  
Que revela da lucta o desenlace:  
= Antes quero morrer, do que cu o sangue  
Embora do adversario meu derrame. =  
Não seria esta indiferença sua,  
Em frente das calumnias do inimigo,  
No Tribunal revolucionario,  
Acto de um resolutio suicidio?

\* Tens razão! É assim que agora explico  
O supremo desdem perante a morte.  
Esse homem, que salvou por tantas vezes



A Patria, quando o rei traidor condemna,  
 Quando armou a nação contra o estrangeiro  
 Que as fronteiras lhe invade, acaso esse homem  
 Poderia deixar a França entregue  
 Aos desvarios do Incorruptivel?  
 Não deu o ponta-pé na guilhotina;  
 Não quiz, preferiu ser assassinado.  
 Longe da França, fulminou-o a nova  
 Da morte de Gabriella, a doce esposa,  
 E da orfandade anciosa de seus filhos!  
 Pouco mais ha de um anno. Esta tristeza  
 Deixou Danton inconsolavel, frio.  
 E quando elle pensava no imo d'alma  
 Em abnegar de toda a auctoridade,  
 E refugiar-se na familia espera,  
 De subito esse ideal que motivava  
 A generosa actividade, é extincto.  
 A morte, o nada foram-lhe refugio.»

## II

Confundido entre a multidão fremente,  
 Robespierre foi vêr, sedento e alegre,  
 A morte de Danton. A fera gosta  
 De farejar o sangue! Na hora escura  
 Em que a cabeça de Danton rolava,  
 O sangrento Declamador conhece  
 Que o Poder absoluto lhe pertence.  
 Cresce o Terror...

— « Quem sabe quanto tempo

Esta hallucinação furiosa dura?  
 Por ventura até quando uma alma ingenua  
 Do Povo, já cansado de vêr crimes,  
 Contra o chacal, impávida desfeche!  
 Na morte inda Danton personifica  
 O genio heroico e secular da França:



O antigo Gaulez,  
Saudando os companheiros, os amigos,  
Com quem sempre affrontára mil perigos  
Da Patria no revés,  
Perante a multidão de indifferentes,  
Pede dinheiro, joias e presentes,  
Como em paga da morte!  
E á pessoa que mais amára em vida  
Entregando-os, com mão segura e forte  
Alegre se suicida.

Um Bispo, que deseja  
Subjugar essa altiva e estranha raça  
Submettendo-a ao Poder da Igreja,  
Diz, vendo o que se passa:  
« Entre este Povo a servidão das almas  
Assentarei, ao conceder-lhe as palmas  
Da sacrosanta guerra. »  
Na Orgia do Homem-Deus hallucinadas,  
Derramaram o sangue sobre a terra  
Nas inuteis Cruzadas.

O Despota, a seu turno,  
Tem da absoluta submissão inveja,  
E quer no seu Imperio, taciturno,  
A sagração da Igreja.  
Em vez da hecatombe ante o altar,  
Falla ao povo na Gloria militar,  
E na longa phalange,  
Com que leva os destroços e devasta,  
O Povo que o acclama, e que elle arrasta,  
Na mesma morte abrange!

## Philosophos e Poetas

Tambem vieram fallar de Liberdade;  
No espirito das turbas irrequietas  
Fez-se a unanimidade:  
O *Quatorze de Julho* immenso brilha,  
Rue por terra em cinco horas a Bastilha,  
N'esse fraterno heroismo!  
Pela propria Nobreza eil-o deposto  
O privilegiado Feudalismo,  
Vêde o *Quatro de Agosto!*

## Era esta a forte raça

A que Danton impávido pertence;  
Ao que traioceiro no combate o vence,  
Generoso o abraça:  
\* O corpo meu em breve volve ao nada!  
No Pantheon da Historia consagrada  
Será minha memoria;  
Ao que ergue contra mim mão assassina,  
Não disputo a phantastica victoria,  
Prefiro a guilhotina.\*

De Danton hoje a morte odiosa, injusta  
Põe á Revolução fecunda o termo;  
Domina o desvairado Robespierre,  
No seu feroz Deismo decretando  
As utopias de Rousseau! Não longe  
Virá o Salvador, que a França escrava  
Dos desvarios do Incompactivel,  
Junja ao seu carro triumphal e egoista.

Descia a noite. Cabanis previne  
 O Philosopho: — « Que Suard o acolhe  
 No refugio de Fontenai-au-Rose. »  
 Parte. Da hora propicia se aproveita.  
 Pelo caminho, inesperada, encontra  
 A carroça que leva os condemnados  
 Do Tribunal revolucionario;  
 Ao clarão dos archotes reconhece  
 De Lavoisier o intelligente vulto!  
 Novo crime, que a Humanidade fere  
 No orgão mais vital, mais importante.

\*

Na verificação da experiencia,  
 Demonstrára da Chimica a sciencia  
 O principio fecundo:  
 « Nada se perde! Nada, enfim, se cria! »  
 E Lavoisier que o facto descobria,  
 Solta o germen do mundo!

A concepção de um Creador supremo,  
 O terror do aniquillamento extremo,  
 Geral do universo,  
 Que serviram de base ás Theologias,  
 E de um vago Deísmo em nossos dias,  
 São das ficções o berço.

De um mundo de chimeras esses pólos  
 Esvâem-se, como o nevoeiro ao vento  
 Que o horisonte empana;  
 Equiparam-se os crédulos aos tolos;  
 E traz a Sciencia um novo fundamento  
 À Consciencia humana.

Cabanis considera n'esse instante  
Morto já Lavoisier, a maior gloria  
Que illuminava a França ; estava no auge  
De um poderio estulto Robespierre,  
Que pela Convenção audaz decreta  
A existencia do Supremo Ente !  
Torquemada politico, persegue  
Em Lavoisier o atheu ! É morto o sabio.

## IV

A solidão levava o desalento  
De Condorcet ao animo. Perdida  
É a Revolução, desde o instante  
Da morte de Danton. N'esta incerteza,  
Preoccupalhe o espirito a ideia  
De que a presença sua arrasta agora  
Sobre a pobre Viuva que o abriga,  
O horror da mesma lei que o condemna !

Desde Outubro a Abril vive escondido . . .  
Deixa o refugio ; parte silencioso.  
O ar, os ruidos, tudo o aturdia ;  
Nas sombras mal atina com as ruas.  
Inquieto o azylo de Suard procura ;  
E desvairado, n'essa longa noite  
Perde o caminho . . .

Pela madrugada,  
Sophia e Cabanis cuidadosos chegam  
Da Viuva Vernet á pobre casa ;  
Não encontraram Condorcet. Na mesa  
Onde a sós o Philosopho escrevia  
O Livro está, onde a alma generosa  
Nas angustias do espirito se acolhe !

Sahiram á procura d'elle, prestes ;  
Tudo de balde ! Quasi ao fim da tarde  
Souberam que o grande homem fôra preso  
De Clamart na taverna, por suspeito,  
Por ter as mãos de aristocrata, brancas.

Não ha tempo a perder. Correram logo,  
Vão a Bourg-la-Reine, onde internado  
Dizem que está. Allí o acham morto !  
No meio das insanias vis dos guardas,  
Das queixas e tropel dos condemnados,  
Na sordidez infecta da masmorra,  
O Philosopho vira a perspectiva  
Dos interrogatorios affrontosos,  
No cannibal delirio dos que adoram  
A Robespierre como o Deus da Patria.  
Terrivel suggestão lhe acode á mente :  
O exemplo de Sidney o incita,  
Traz consigo o anel envenenado,  
A razão determina-lhe o suicidio.

De Condorcet a morte não sacia  
O sangrento Declamador ! Por terra  
Um mez depois, de Lavoisier no cêpo  
Rôla a cabeça luminosa, augusta !  
A Cidade sublime do futuro  
Vae perdendo os obreiros generosos.  
Esgota-se o Terror pela violencia,  
Da apagada emoção fica o ludibrio.  
Como a pezada nuvem se dissipa,  
Cae por fim Robespierre entre os apupos  
Da multidão que no messias cospe,  
Emquanto um novo Salvador aguarda.

A Convenção prevê o ingente abysmo,  
Vê a França caindo sob o imperio  
De ignoto e audacioso aventureiro  
Que á multidão se imponha : Como o nauta  
Pela bussola vae, entre borrascas,  
Singrando intemerato pelo oceano,  
A Convenção recebe o excelso Livro  
De Condorcet ; dá-lhe a publicidade,  
E espalha o Verbo novo pelo mundo !

Ao Terror doentio pôde alliar-se  
A bruteza da militar Orgia,  
Restauradores de um Passado morto,  
Sophismas de ideologos pedantes,  
Ligas dos Reis egoistas contra os Povos ;  
Est-a firme a universal Cidade,  
Assente em alicerces inabalavel ;  
Para ella convergem os esforços  
De quantos pela Humanidade luctam.

## II

## A QUARTA CORDA DA LYRA

(POEMETA)

## I

Noventa e quatro. Brilha fulgurante  
    Á luz de eterna aurora  
    A Epopéa bella  
Da Grecia, — como um testemunho novo,  
Quando a Revolução é triumphante,  
    De como se revela  
    A força creadora  
Com que renasce socialmente um Povo !



Das multidões a aspiração, a ideia  
 N'um impulso sincero,  
 Illumina-as agora  
 A comprehensão da hellenica Epopèa;  
 Como o Povo se identifica a Homero!  
 Na inolvidavel hora  
 Da commoção suprema,  
 Ideal e Acção são canticos de um Poema...

\*

O poeta Chénier sentira n'alma  
 Esta synthese augusta das edades  
 Na concordancia que desfere o acaso.  
 Tendo cantado o smyrneo Cégo, o aécdo,  
 Ama a Revolução, e na onda envolta  
 Da convulsão do Povo, que o inspira,  
 Que as fontes lhe abre da immortal Poesia,  
 É arrastado ao sorvedouro escuro  
 Dos antros do Terror!  
 Que mão o salva  
 Ao novo Orpheeo das sanguinosas furias?

II

Por sua vez tambem, cil-o arrastado  
 Á guilhotina Robespierre. A turba  
 Grita posséssa, enthusiasmada, alegre;  
 Do Chefe do Terror, n'aquelle dia  
 A execução tornava-se uma festa.  
 E desde que a cabeça no chão róla,  
 Dos peitos todos um alento irrompe,  
 Como o acordar á luz do sol que nasce  
 De um longo e ensanguentado pezadello!

O brado de alegria e de esperança  
Soou por todas as prisões, que estavam  
Atulhadas de gente, a cada hora  
Do Tribunal revolucionario  
Aguardando a sentença e o cutello,  
O cutello, que os libertasse em breve  
Da fome e sordidez dos negros antros,  
E do capricho da horda jacobina!

Quando a nova, vehemente e inesperada  
Transpirou nas prisões, ouvem-se cantos,  
Hallucinados cantos, o delirio  
Dos que tinham perdido a esperança  
De salvação. Os cantos se propagam  
Por todas as prisões do Luxemburgo;  
Em Plessis e Sam Lazaro retumbam,  
Na Force, eram prenuncios do resgate!  
As prisões são abertas. Pelas ruas  
Os desgraçados, pallidos, famintos,  
Como irmãos se abraçavam, como naufragos  
Tocando a terra, incólumes da vaga.

## 111

Foi n'essa hora de jubilo estrondoso  
Que se abriram as ominosas portas  
Da prisão de Sam Lazaro: Uma joven  
Na formosura dos dezoito annos,  
Na candidez de uma existencia amarga  
Entre ruinas que ella não comprehende,  
Ao dar na rua os temerosos passos  
Mostra no rosto uma anciedade incrível.  
Outros presos que vêm na mesma onda,  
Interrogam-na? A bella perguntava

Do poeta André Chénier onde a morada?  
 Conhecera no carcere o Poeta;  
 Não soubera mais d'elle desde o dia  
 Que fôra ao Tribunal chamado. Morto  
 É por certo? ou por acaso é salvo?

Do carcere um piedoso companheiro  
 Para a rua Clery prompto a acompanha;  
 A familia do Poeta é lá que mora.

## IV

A formosa donzella entra na sala  
 Silenciosa e sombria; encontra um velho  
 De um aspecto abatido, inconsolavel.  
 Da prisão de Sam Lazaro o conhece,  
 É o pae de Chénier. Vem para ella  
 O bom do velho; abraça-a soluçando:

— Ditosa Aimé de Coigny sois livre...  
 « Livre! eu vinha saber... mas essas lagrimas  
 Agora deixam-me adivinhar tudo.  
 É morto André Chénier? Como eu o amava! »

Da formosa Coigny com que piedade  
 O triste velho toma as mãos e as beija:

— Eu só dei causa á morte de meu filho!  
 Procurando salvá-o, eu activava  
 O moroso processo e o julgamento.  
 Foi peor! ah ficasse elle esquecido  
 Mais trez dias sequer; seria salvo  
 Como vós, como todos, desde a morte  
 De Robespierre, que o Terror estanca.—

Em tanta angustia o pobre velho chora,  
Sua esposa apparece a confortal-o  
Solicita; depara com a joven,  
Com Aimé de Coigny chorosa e triste.  
A dôr muda, que abafa, é eloquente;  
Como na dôr se entendem essas almas!

— « Buscaes novas de André, do nosso filho?  
« Conheci-o no carcere em Sam Lazaro;  
Pensativo, enlevado na lembrança  
Da desolada mãe, vendo baldados  
Os esforços do pae para salvá-o,  
No meio d'essa angustia, oh não me esquecem  
Palavras de coragem, de esperança  
Que me dizia a mim, quando eu tremente  
No pátio da prisão rodar sentia  
A carreta que transportava os presos  
Ao Tribunal sangrento! Quantas vezes  
Ao ouvir lêr os nomes dos que tinham  
De escutar a sentença aterradora,  
Desmaiava ao lembrar-me pesarosa  
Dos mallogrados meus dezoito annos,  
Quando a manhã da vida raia bella!  
Calava André Chénier seus desalentos;  
Quando eu ficava pallida de susto  
Ante a partida para o cadafalso,  
Tomou-me as mãos nas suas segredando  
De uma *Joven Cativa* a elegia  
Que desde essa hora me obrigou a amal-o.  
Foi o primeiro amor! e que esperanças  
N'um futuro risonho! D'entre os presos  
Ao Tribunal chamados, ouço o nome  
De André Chénier eccoar . . . Nem teve tempo  
De proferir uma palavra, à pressa  
Dá-me o retrato que Suvé fizera

Poucos dias atrás . . .

(Tira do seio

O retrato que beija e á mãe entrega):

• Guardae, guardae no immortal sacrario  
De vosso peito essa reliquia santa;  
Para mim, guardarei esta Elegia  
Que elle compoz, quando um amor nascente  
Dourava as trevas da prisão medonha,  
E matisava a solidão de encantos.  
Não tornei mais a vê-lo o doce Poeta;  
Para consolação íntima eu lia  
A dolorosa endexa, em que inda o escuto:

« — Eu sorria em criança ao vir da aurora,  
Sempre ao cair da noite tinha medo;  
Causa-me a luz do sol um tédio agora,  
E as trevas dão-me um gosto calmo e ledó.

De dia errava pelas varzeas fóra,  
Ao serão junto ao lar estava quedo;  
Porque sorrindo ao despontar da aurora,  
Sempre em noite fechada tinha medo.

Como descanta e vóá ave canora  
Sem vêr do caçador o laço tredo,  
Descuidado sorria á vida, á aurora,  
E a noite interrompia-me o brinquedo.

N'esta vida interior que nos devora  
A multidão perturba o ideal segredo;  
Causa-me a luz do sol mais tédio agora,  
E as trevas dão-me um gosto calmo e ledó.

Hoje, que n'alma um pensamento móra  
 Absorvente, exclusivo em seu enredo,  
 Fujo da luz do sol com tédio agora,  
 Porque me acorda d'esse enlevo cedo. — »

## V

Mal acabára a candida donzella  
 De recitar a tenue Elegia,  
 De Chénier como um effluvio de alma,  
 Quando na sala entrava, repentino,  
 José, o irmão do poeta, consternado  
 E nos braços da velha mãe se lança :

— Vêde, a calúnia fere-me de morte,  
 Dizem de mim que eu sou um fraticida !  
 Propalam que eu dei causa a que a sentença  
 Fosse contraria a meu irmão . . . —

Sublime,

A contristada mãe, ao vêr afflicto  
 José Chénier, a abraçal-o, exclama :

• Erga-se o mundo inteiro hoje a accusar-te,  
 Mas, dando-te este beijo, filho, nunca  
 Subsistirão as vozes da calúnia  
 Contra a tua innocencia : é a verdade  
 De um coração de mãe o teu escudo.  
 Falla de teu irmão, tudo nos conta,  
 O que sabes dos ultimos instantes?  
 Vive comnosco pela saudade,  
 Pelo amor, pela admiração crescente.

— Quando André Chénier, silencioso  
 Ia no carro para a guilhotina,



E Roucher lamentava-se a seu lado  
 Da orfandade do filho, então o Poeta  
 Reconcentrado n'uma intensa ideia  
 Levou a mão á fronte, murmurando,  
 Tal se acordasse de um aéreo sonho :  
*Contudo, alguma cousa aqui dentro houve...*  
 Ninguém pôde alcançar d'aquella phrase  
 O intimo sentido ; ha poucas horas  
 Encontro em seus papeis, de um grande Poema  
 Ligeiro esboço : em *Hermes* representa  
 Da Humanidade a marcha progressiva.  
 Commentava elle a genial empreza :

— Nas festas dos hellenicos noivados  
 Os convivas corriam entregando  
 Os archotes de mão em mão, alegres ;  
 Tal parecem as gerações que passam,  
 Transmittindo entre si crenças e ideias,  
 As descobertas que as tornaram fortes,  
 A Linguagem, as Sciencias e a Poesia.  
 Cada individuo no incessante passo  
 Da carreira fatidica que leva  
 Do berço á sepultura, acceita e entrega  
 O facho vivo que illumina e guia  
 A incomprehendida festa da existencia.

Quem, perdido em confuso Labyrinto  
 Vae procurando e segue os seixos brancos  
 Nos tortuosos meandros espalhados,  
 E chega alfim á luz, á liberdade ;  
 Tal n'este espaço immenso do orbe somos  
 Transviados no tropel de leis ignotas  
 Que regem o universo ! Hermes, vós Sabios,  
 Vós seguis dos phenomenos os rastros  
 D'entre o perstigio das ficticias Causas

De que os povos phantasiaram Numes.  
 Accumulando os factos isolados  
 Para encontrar da construcção o plano,  
 Miraes o seixo, o ramo, a folha solta  
 Levada pelo vento, a aza do insecto,  
 Tambem a podridão do verme e a morte!  
 Ante o olhar vosso é tudo itinerario  
 Da trajectoria immensa, evolutiva  
 Que leva a especie misera arrastada  
 Dos abysmos do Sér até ao ponto  
 De ter consciencia um dia de si mesma.

É este o Ideal que o espirito me eleva;  
 N'esta anarchia bruta do presente  
 N'elle se refugia! Eu longe avisto  
 Fluctuando no Oceano das edades  
 A Lyra que das mãos de Orphee caíra  
 Quando o mataram as bacchantes doidas.  
 Só essa Lyra hade pulsar o canto  
 Da nova idade, achar a consonancia  
 Da voz dos Povos, das Nações, das Raças  
 No épos triumphal da Humanidade.  
 Poderei alcançar de Orphee a Lyra  
 Que fluctua perdida?... =

— Aqui termina

De André Chénier o esboço da Epopéa,  
 A ideia que lhe allumiava a mente  
 Na hora oppressa do iniquo transe.  
 Foi como Orphee tambem despedaçado  
 Do Terror n'esse indomito delirio. —

Ali André Chénier sentidos choram  
 Piedosos olhos; deplorou-o a França,  
 Tem da gloria a existencia subjectiva!

A formosa Coigny breve comprehende  
 Que o pensamento ultimo do Poeta  
 Fôra a grande Epopêa humana; fere-a  
 Na alma o desdem por um amor primeiro,  
 Pela flor de sua alma! e deslumbrante,  
 Olhando a vida por um prisma estranho,  
 Nos salões festivaes do Directorio,  
 Nas ephemeris pompas do Imperio,  
 Sob a Restauração banal, fascina  
 Feita Duqueza de Fleury, mas fria.

## III

## A ORGIA MILITAR

*Ce que j'admire le plus dans le  
 monde, c'est l'impuissance de la force.*

NAPOLÉON.

Quando o homem se eleva à Ideia, e a Liberdade  
 Conquista, fito o olhar na luz do alto horisonte,  
 Por essa lei fatal do atavismo, horrenda,  
     Surge Napoleão!  
 Do instincto cannibal faz verdadeira a lenda:  
 Ao bruto o homem baixa uma outra vez a fronte!  
 De vêr golfar o sangue — é gloria e heroicidade  
     A bestial propensão.

## I

## A sepultura do Heroe

Alternam-se a derrota e a victoria,  
 Fluxo e refluxo d'esta onda humana!  
 E quanto mais a audacia fôr notoria  
 A catástrophe occorre mais insana,

E no revés á deslumbrante gloria  
Como em ludibrio todo o brilho empana.  
Uma Aguiã que se libra lá na altura  
Sô pôde ter o mar por sepultura.

— A sepultura! Oh, qual será a minha?  
Digna do heroe, de esplendida grandeza?  
Nenhum imperio o meu poder detinha,  
Fiz meu quanto alcançei na redondeza;  
Talhei purpuras; báculos sustinha,  
A cada general dava a realza;  
Eu ao Deus dos Exercitos, proscripto  
Pela Rasão, mandei dar-lhe o infinito.

Filha de reis subiu para o meu leito,  
E de reis me servi com apparato;  
De jungir povos ao meu carro affeito,  
Era o metéoro atroz do desbarato.  
De Carlos Magno e Cesar o preccito  
Tentei na Europa convertel-o em facto,  
Amalgamando tudo n'um Imperio  
Para mim; mas formava um cemiterio...

Dos triumphos eu fui seguindo a rôta;  
A corrente das cousas quem a veda  
Oppondo-se ao refluxo, á força ignota  
Que os tropeços da evolução arreda?  
Apoz cyclo triumphal vem a derrota,  
Da grandeza ao fastigio segue a queda;  
Caírei d'esta altura que hallucina,  
Mas serei grande até na propria ruina.

Heide affrontar impávido o destino;  
Como o rei Carlos Quinto em Sam Justo  
No proprio funeral entoava um hymno  
Junto do catafalco, em pé, sem susto;

Se esta ambição perscruto e examino,  
Excederei aquelle animo augusto,  
Abrindo a Sepultura, onde os meus ossos  
Fiquem a salvo dos feras destroços:

Arrebatavam-se os Heroes antigos  
Para junto dos Deuses n'outras éras;  
Tambem em ti, oh fogo, os seus jazigos  
Buscaram, com que os povos incineras.  
Os Reis hûnicos tinham seus abrigos  
Na morte, contra os homens, contra as feras,  
No alveo, a que não vão hyenas, ursos,  
Dos rios desviados dos seus cursos.

Como eu, foram tambem devastadores;  
E sobre os fluviaes leitos descobertos  
Fazia-se a hecatombe dos senhores,  
Das mulheres e servos os mais certos;  
Findada a cerimonia dos horrores  
Os rios volvem aos alveos abertos,  
E assim ficava o rei em um moimento  
Dos ultrajes dos seculos isento.

No percurso do Lena, da Asia ao Rheno,  
Attila a morte e o pavor espalha;  
De Theodorico o barbaro, ao aceno  
O colosso de Roma se escangalha;  
Ambos querem o tumulo sereno,  
Ambos querem a humida mortalha,  
No alveo dos grandes rios desviados  
Para acolher os corpos derrubados.

Qual hade ser a minha sepultura?  
Descobri-a, por cumulo de gloria;  
O curso que a Revolução procura  
Desviarei! A obra é transitoria;



Mas na caudal da aspiração mais pura,  
 E sob a vasa de quanto ha na historia,  
 N'esse alveo ficarã minha cubiça:  
 Eu, em vez do Direito e da Justiça!

Eu levarei a guerra além aos povos  
 Destruindo essa ideal *Fraternidade*;  
 Faço a hecatombe dos principios novos,  
 Meus generaes com reis têm *Egualdade*;  
 Amparando os catholicos renovos  
 Contramino a futura *Liberdade*,  
 Aos monarchas boçaes forço a *Alliança*  
 Para matarem das Nações a esperança. —

Assim audaz Napoleão pensara!  
 E desviou o curso da corrente  
 Dos factos, por onde o homem affirmára  
 O Direito entre os povos do Occidente;  
 Milhões de vidas na hecatombe ignara  
 Trucida ao seu orgulho, e de repente  
 O curso volve ao natural alveo,  
 Onde sepulto o heroe jaz com labéo.

## II

## A covardia do bravo

Cae a chuva a torrentes, e no espaço  
 Entrecruzam-se os raios. Mais violento  
 Do que dos vendavaes o atroz fracasso,  
 É o abalo das almas, no momento  
 Em que avançam com destemido passo  
 Os batalhões com impeto sedento,  
 Com a marcha fatal de uma onda viva  
 À batalha campal e decisiva.



É uma hora da noite. Eil-o, a cavallo  
Napoleão monta; á granja de Rossomme  
Caminha, Bertrand vac acompanhál-o;  
De Waterloo a aldeia a nevoa sóme  
De trez outeiros no infimo convallo,  
Dormita em paz, mal sonha o grande nome...  
Estão sob aguaceiros mais terriveis  
Os batalhões francezes impassiveis.

As posições occupam a pé quedo  
Prussianos e Anglo-Hollandezes;  
Da noite e temporal esperam cedo  
O fim; vão ter inicio outros revezes!  
Napoleão exaltado exclama ledo,  
Ao retroar dos bellicos pavezes:  
«Deve sentir um forte orgulho a terra  
Em suster estes bravos, e em tal guerra!»

As fauces a terra abre aterradoras,  
Traga tudo isto, com mudez eterna...  
Não começa a batalha! Já seis horas,  
A chuva cessa; e aquelle que governa  
No ataque, prolonga taes demoras  
No rompimento! Na região superna  
A irreflectida casualidade  
Será prenuncio de fatalidade?

Duas horas depois começa o fogo  
Incessante; já quasi meio dia,  
Do exercito francez prorompe logo  
Com que vigor toda a fuzilaria!  
No planalto Saint Jean o mortal jogo  
Do combate mais fero recrescia.  
Napoleão aos Exercitos alliados  
Oppõe mais de setenta mil soldados.

Canhões, conta duzentos e quarenta,  
Vomitam morte, irreparaveis danos!  
Antevendo a victoria mais se alenta  
Batendo os isolados Prussianos.  
Gloria, triumpho á mente representa  
Vendo os Anglo-Hollandezes mais insanos  
Isolados tambem. Quem não diria  
Que tem as palmas d'este immortal dia?

Wellington é batido e se conserva  
Firme nas posições, quanto elle pôde;  
Bem sabe que Blucher como reserva  
Já vem em marcha, e rapido lhe acode!  
Se as duas horas da demora, observa,  
Fazem que o vento da fortuna rôde!  
De repente, contra os enormes danos,  
Chega Blucher com trinta mil prussianos.

Entra logo em combate: continúa  
A tragedia nos lances mais sangrentos;  
Já o francez exercito recua  
Do planalto aos terrenos lamacentos  
De Haic-Sainte. É a mortandade crua,  
Na lama atolam-se os canhões aos centos;  
A noite encobre o quadro horrendo, abjecto,  
Dando á batalha um infernal aspecto.

Já quinze mil dos Anglo-Hollandezes  
Ficam em lama e sangue sepultados;  
Por fundos barrancaes, n'estes revezes  
Seis mil prussianos jazem recalçados!  
Contam-se mais de trinta mil francezes  
A voragem hedionda arremessados,  
Dos que se matam sem saber a causa,  
A morte poz á ardente sanha, pausa!

Vem fria a noite rapida baixando,  
N'uma mesma absoluta paz envolve  
Cincoenta mil mortos! Quadro infando.  
Napoleão medita; o que resolve?  
Da velha Guarda o destemido bando  
Prostrado, aos toques do clarim não volve!  
Que lhe resta? O revés ao heroe decide-o,  
Morrer na lucta! um immortal suicidio.

Hesitou um instante... Vago, aério  
Do perigo o afastam n'um momento;  
Vae seguindo das sombras no mysterio,  
Calcando todo o lamaçal sangrento,  
Em que o sonho do universal Imperio  
Se afundára, com horrido escarmento!  
Na consciencia ergue-se implacavel  
Collisão vehemente e inaddiavel:

Prisioneiro entregar-se confiado  
À Inglaterra, o inimigo tredo;  
Ou já matar-se em tão misero estado!  
Como isso é facil. Tem o anel no dedo,  
De Condorcet o anel envenenado!  
Ninguem sabe d'este intimo segredo  
Do defensivo talisman; n'essa hora  
Que a dor resume... lança o anel fóra.

Não tinha no seu animo uma ideia  
Por que morresse altivo e heroicamente,  
Como o austero philosopho. Recceia  
Acaso a França exausta e decadente,  
Que o vencedor com odio mais soffrêa?  
Bem aviltada e enfraquecida a sente.  
Lança fóra o anel que possuia  
N'um impulso de occulta covardia.

Chega a Fontainebleau, e ahi assigna  
A exhortação propria, preferindo  
À morte altiva a servidão indigna  
Do jugo inglez, da ingenuidade rindo  
Com que se entrega á protecção benigna.  
Da Orgia militar o imperio é findo!  
Só tarde Napoleão viu claramente  
Quanto a força brutal é impotente.

## III

## Napoleão moribundo

Como o grande astro, pálido e já frio  
Vae a afundar-se lento no horisonte,  
Olhos vagos do extremo desvario  
Dão um sinistro aspecto áquella fronte;  
Sombra gélida a face lhe cobriu,  
Como os nimbos no vértice do monte;  
Aguia, que vae morrer, sacode as azas,  
Tal se agitou, e disse então:

« Las Casas,

Estás ahi? És sempre o mesmo amigo,  
Mais vinculado a mim pela desgraça!  
Attenta nas palavras que ora digo,  
A custo sde a voz já surda e baça.  
Um pezo enorme, aqui, duro castigo,  
Me opprime o peito; augmenta e ameaça  
Prostrar-me... arquejo de agonia e medo,  
Tira de sobre o peito este penedo...

Sim, um penedo! Alguem o detém sobre  
O peito exaustado para meu desdouro;  
Serei eu como o sapo que se encobre  
Sob a pedra? ou recondito thezouro?

Jazo oppresso! sem ár, nem luz que sóbre,  
Acovarda-me o pezo d'esse agouro...  
A pedra o gelo seu me communica,  
E como pedra o corpo inerte fica.

Ouve: Acordei de um somno longo, aziago,  
Na vertigem da derradeira hora;  
Prostra-me o pezadello mão, presago,  
Que me levou além dos mundos fóra.  
Por onde eu ia me seguia o estrago,  
Pude então meu destino lèr; e agora  
A mim voltei; ah, sobre mim o bloco  
Assim encontro!... e como o palpo e toco!

Fatalidade immensa; fim medonho!  
Menos que o Prometheu do mundo antigo,  
Como Sysipho ao bloco não me opponho,  
Nem faço como Ajax da rocha abrigo.  
Succumbo. Escuta o formidavel sonho,  
Attenta na visão que aqui te digo,  
Verás d'onde caiu este penedo  
De que fiz pedestal... Conto em segredo:

Vi-me perdido, como outr'ora o Dante  
Não na floresta escura, mas bem perto  
De uma Montanha que encontrei diante  
Do passo temerario, vão, incerto;  
No flanco da Montanha a mais gigante  
Achei um antro lobrego e aberto;  
Quiz conhecer o goso de ir perdido,  
E entrei, com esperança, destemido.

Era um algar profundo, escuro, mudo,  
Gotejando a humidade e a doença;  
Frio como o terror! e mais que tudo  
Ermo como o que nunca teve crença.



Com a audacia da idade o passo ajudo  
Através da visagem feia, densa ;  
Quero ir lá dentro ouvir a pythonissa  
Na solidão dos que só têm justiça.

Era a via subterrea, má, sem tento,  
Debaixo da Montanha aos céos erguida ;  
Interminavel como o soffrimento,  
Desconhecida como o entrar da vida.  
Foi impávido adiante o pensamento.  
Quem romperia a tétrica avenida ?  
Oh, não foram por certo as alimarias,  
Sim, bem o sei, foi geração de párias.

Parecia que o pezo da Montanha  
Já o sentia no offegar cansado ;  
A crassa escuridão era tamanha  
Que ultrapassava os Dogmas do peccado.  
A tristeza que o peito alli me banha  
Semelhava a do homem ultrajado ;  
Silencio igual ao seculo confuso  
Que não deixou protesto contra o abuso.

E tacteando trépido, prosigo  
Como o cego que orientação procura ;  
Poder da Tradição de um tempo antigo  
Paralisa-me em apathia escura.  
Sinto-me vérme dentro de um jazigo,  
Reconheci que a vida quer luz pura ;  
Lá por dentro, nos infimos cancellos  
Escuto ruidos como de martellos.

Pancadas longas, de quem rompe e excava,  
Na compacta pedreira e a derruba ;  
O som pela caverna retumbava.  
Fui avançando, quer eu desça ou suba



Mais se distingue a varia faina brava,  
Como o leão quando urra e alça a juba.  
Ais e vivas, lamentos e cantigas  
Sãoam, como animando nas fadigas.

Cheguei mais perto! Vi-os; eram tantos...  
Cataduras de cyclopes, de atletas!  
Rostos sulcados por calados prantos,  
Peitos transidos por ignotas settas;  
Na expressão moral brutos e santos,  
Ingenuos como as almas dos poetas;  
Rudos, leaes e rotos, mas contentes;  
Chamam isto trabalho, aquellas gentes.

Levantavam os malhos contra a rocha,  
Ella repulsa em affiadas lascas;  
E quando no trabalho a força afrouxa  
Um canto anima as vacillantes vascas;  
O canto ou grito da agonia rôxa,  
*Çã ira!* voz de indomitas borrascas,  
Vinha ao bater dos malhos dar compasso,  
Trazer alento no mortal cansaço.

Muitos caíam já sem força, em terra,  
Mudos outros ficavam sepultados  
Nas barreiras por culpa d'este que erra  
Indo minar em perigosos lados;  
Mas que poder sublime o canto encerra!  
*Çã ira!* levam eccos prolongados,  
E ao trabalho de novo mettem hombros,  
Na dor e na coragem sempre assombros.

Cheguei mais perto, ao perto dos mineiros:  
— Oh raças condemnadas ao trabalho,  
Criadas na fadiga, e os primeiros  
Que procuraes romper tão longo atalho!

E para quem do Gólgotha o madeiro  
Só produziu da forca o esteril galho;  
Que sentença condemna a essa lucta  
De vencerdes a Natureza bruta?—

«Vamos minando o alteroso Monte,  
E temol-o furado pela base!  
Procuramos a luz de outro horisonte;  
Nós sentimol-a! é da alliança a phrase.  
Sem um fanal que a via nos aponte  
Vamos errantes, acertando quasi;  
Mergulhados no frio e escuridade,  
Dá-nos alento o ideal da Liberdade.

Ha gerações que aqui nasceram mestas;  
E que se nasce livre aquella ignora;  
Outra trabalha equiparada ás bestas,  
E pensa que só vive quando chora.  
Umás cáem na vala; restam estas  
Na esperança de achar a nova aurora!  
Sobre nós a Montanha pesa horrenda,  
Na tradição de seculos tremenda.

*Çá ira!* Pois Encélado palpita  
Sacudindo a montanha sobre o dorso;  
A Montanha é a tradição maldita,  
Immovevel como os dogmas do remorso,  
Impassivel como uma lei escripta...  
Nós proseguimos no baldado esforço,  
Para que um dia os pobres filhos vejam  
A luz que os nossos olhos tanto almejam.

Nós transmittimos o fatal legado  
Que herdámos sem saber como nem quando.  
E quando olhava para aquelle lado  
D'aonde o *Çá ira!* vinha eccoando,

De repente ficou tudo calado!  
 Vi transluzir clarão suave e brando...  
 Jorros de luz que as trevas longe sômem,  
 Bem conheci, era os *Direitos do Homem!*

Por ti que gerações foram á vala  
 Afirmando o que a Tradição mais nega!  
 E enquanto o pranto em cada rosto falla,  
 E a vér a claridade cada um chega,  
 Lembrou-me a mim dever eu gradual-a  
 A diáphana luz que os olhos cega:  
 — Oh, parae um instante! sabeí que essa  
 Luz repentina é como a tréva espessa.

Confiae ora em mim; que eu vá adiante  
 A vér se algum abysmo ahí está aberto;  
 Quem sáe da escuridão não vê distante,  
 Sustae o passo trépido e incerto. —  
 Como entra o mensageiro alegre, ovante  
 Na Promissão, saíndo do deserto,  
 Enquanto choram n'uma effusão terna,  
 Cheguci então á bocca da caverna.

Que mundo estranho! que planície infinda,  
 E que ár saudavel, tépido, fagueiro!  
 Que céu azul, que paizagem linda,  
 A harmonia embalava o mundo inteiro.  
 Bloco enorme de pedra estava ainda  
 Na bocca da caverna sobranceiro;  
 Cresceu-me esta ambição damnada minha  
 Ao vér a fragil lasca que o sustinha.

Á posse d'esse mundo a mente eu alço;  
 Senti o egoismo de querer tal mundo  
 Só para mim! porém, misero e falso,  
 Inda escutando o cantico jucundo,

De prompto o bloco intrépido descalso!  
Rolou a pedra da caverna ao fundo;  
Como se entaipa no seu antro um urso,  
Pensei interromper do tempo o curso.

Sepultos outra vez deixei em trévas  
Miseráveis, que seculos luctaram;  
Abafei-te, Hymno ardente que sublevas,  
Puz um dique ás torrentes que vazaram.  
Cobri o quadro das angustias sévas  
Que a Tradição e a Ordem ameaçaram,  
Sobre essa pedra eu lobriguei a gloria,  
Fiz d'ella o pedestal perante a Historia.

Ouves, Las Casas? choras, fiel amigo?  
A custo sae-me a voz já surda e baça...  
O meu destino foi, á força o digo,  
Missão de um bloco em sua inerte massa.  
Eu o sinto opprimir-me por castigo  
O peito, e com seu pezo me ameaça;  
No estertor de Job, ai se me ouvissem:  
*Melius erat si natus non fuisset!* \*

Como se afunda do alto no oceano  
A mô do Apocalypse amaldiçoada,  
Tal para sempre no desprezo humano  
Se inerge essa existencia egoista, errada.  
Vomitou destruição o ignobil cano,  
Da morte e do que é morto fez parada!  
Se para a dor allivio ha no improperio,  
Sirva-lhe de alvo a sua vida e imperio.

## IV

**Os semeadores da Peste**

Populações miserrimas, transidas  
Pelos campos e burgos com o medo,  
Da Peste negra que lhes ceifa as vidas  
Vêem alçar-se o braço aziago e tredo!  
Por mortandade vasta surprehendidas,  
Prostradas no terror gélido e quedo,  
Em vão procuram d'onde vem o mal  
Nos mil annos da Noite medieval?

Não tinha a Sciencia ainda illuminado  
De atras Superstições o antro escuro;  
O seu verbo eloquente era abafado  
Pelo alarido convulsivo e duro  
Dos que ululam em choro prolongado  
Do joven-Deus no transe prematuro;  
E na hallucinação d'esse terror  
Viam passar da Peste o Semeador.

Eis a Dansa da Morte, que além passa;  
Leva Papas e Reis pelos cabellos;  
A semente da Peste horrivel grassa,  
Entre filhos e irmãos quebram-se os élos!  
Não se resiste! a vida é fraca e lassa,  
Seguem-se uns apoz outros os flagellos;  
Alfim da Sciencia espalha-se o clarão,  
Dissolve os germens da destruição.

E como se dissipa a vã Chimera  
Oppressiva do espirito doente,  
A razão, como a aurora da nova era,  
Extinguira a pestifera semente!



O terror medieval já não altera  
Mais o labor dos povos do Occidente?  
Tudo em vão! nasce um virus singular,  
Peior que a peste — a Lenda militar.

Qual do cadaver o miasma infecto  
Vem atacar o vivo e o destróe,  
Tal de Napoleão, grande e abjecto,  
A lenda heroica para a Europa foi!  
A lenda que degrada o animo recto,  
E energias do espirito corróe,  
Que faz com que de um banal traidor  
Se alevante mais um Imperador.

Entre os povos cansados e indifferentes,  
Rhetoricos, poetas e pintores  
Sem um ideal, com mãos inconscientes  
Da pestifera lenda semeadores,  
Espalharam em traços surprehendedentes  
Das batalhas do Imperio altos rumores;  
Da peste napoleonica o afan  
Rompe em *Dous de Dezembro* e em *Sédan*.

Da pestifera lenda um Bonaparte  
Saiu! o detestavel parricida!  
O destino da patria foram dar-te,  
Para mantel-a, e foi por ti trahida.  
Minaste a dignidade em toda a parte  
Onde ella ia acoutar-se foragida;  
E a energia da nação viril,  
Para mais dominar, tornaste-a vil.

O povo, o povo assim envilecido  
Aos canhões allemães foste leval-o,  
Como se purifica no brazido  
Cancro que lava, ou insensivel calo!



D'essa lenda pestifera saído  
 Tem as guerras que ao mundo dão abalo;  
 Mas dos selvagens pela arteira mão  
 Quebrou-se o elo á absurda tradição.

## V

## Parada sinistra

Como cão sob o joelho do sicario  
 O homem que combate leal, sem manha,  
 Succumbe a França ao vil golpe arbitrario  
 Que apoz Sédan lhe vibra inda a Allemanha,  
 Assiste a Europa indifferente ao vario  
 Destino da injustissima campanha,  
 Consentindo na infame iniquidade  
 Que aos Povos quebra a solidariedade.

Na colera fremente da impotencia,  
 Covardia e traição Paris escolta;  
 A Communa organisa a resistencia,  
 A hallucinação faz-se revolta.  
 Uma alma livre, em funda impaciencia  
 Courbet — da indignação o grito solta  
 «Ligam-se a Invasão e o Bonaparte?»  
 Abaixo o que houver d'elle em qualquer parte.

Em quanto hoje estrangula o estrangeiro  
 A este povo exausto pela fome,  
 O indigno Imperador é sobranceiro  
 Do alto da Columna de Vendome,  
 Attestando glorioso ao mundo inteiro  
 Que o monumento estúpido e sem nome,  
 Representa no bronze da conquista  
 Os crimes da ambição torpe e egoista.

Caia por terra a estólida homenagem,  
Apague-se esse título nefando  
Que aos Povos lembra a dura vassalagem  
Da força bruta, que os submetteu, quando  
Unidos do progresso na romagem,  
Fôra por esse despota execrando  
Perturbada a concordia e alliança,  
Roubando-os elle com a mão da França !

A França exprime a confraternidade,  
A união das raças do Occidente ;  
Nas luctas pela crença e liberdade  
Generosa, altruista, vae na frente !  
Da Grecia e Roma a continuidade  
Prosegue altiva, ousada, consciente :  
Este o destino seu ! Caia a memoria  
Dada ao homem que fez mentir a Historia. »

E a Columna caíu ! rojou na praça  
Ao longo em estilhaços ; ruido enorme,  
Violento abalo, que retumba e passa,  
Qual convulsão subterrea que se forme  
Instantanea ; de perto a ingente massa  
Assemelha um gigante quando dorme ;  
A multidão observa, mas sem pasmo,  
A Justiça não tem enthusiasmo.

Repercutiu no seio amplo da França  
O estranho abalo e mysterioso ruido  
Capaz de despertar o que descansa  
No somno secular, mudo, esquecido ;  
Retrôa como o grito da vingança,  
De val em val repete-se o estampido,  
Prolongando-se n'um clangor de — Alerta !  
Que os heroes de combates mil desperta.

Descera a noite; então trévas espessas  
Cobriram a cidade angustiada;  
No vago das visagens inexpressas  
Destaca-se a Columna derrubada,  
Como torre de cathedral; e n'essas  
Horas de espanto e medo uma Parada  
De sombras, a Columna de Vendome  
Cérca; viu-as o desvario da fome:

N'essas horas de agouros e terrores,  
Do Imperador a Estatua hirta se erguera;  
Move-se lenta, como alheia a dores,  
No manto azul envolta, que trouxera  
De Marengo nos cannibaes horrores,  
E em Santa Helena por mortalha houvera;  
Volve á Columna a Estatua escalavrada,  
E altiva ordena sepulchral Parada.

Sobre todos os campos de batalha  
Da iliada sangrenta do Imperio,  
Como poeiras que o furacão espalha,  
Sombras inultas vêm com ar funereo  
D'aquelles mutilados da metralha,  
Em um tropel sinistro, estranho, acrío,  
De intrepidas phalanges no alvoroço,  
Chamadas pelos eccos do destroço.

Levantaram-se as sombras gloriosas:  
Vêm dos campos de Lodi e Montenotte,  
De Rivoli e Arcóle! Corajosas  
As sombras de Austerlitz vêm em magotes;  
De Esseling e Wagram silenciosas,  
Fataes avançam como um duro bóte,  
E de lena em columna vêm cerrada  
Os braves hoje á imperial chamada.

Como a sondar o horizonte opaco,  
 E até onde a ousada vista abrange,  
 Por traz inda dos mortos do Bussaco  
 Viu erguendo-se a egypcia phalange;  
 Heroes de Beresina, que ora o sacco  
 De Moscow sob os gelos não constringe,  
 Lividos chegam; e apoz elles, torvos  
 Vencidos de Waterloo, pasto de corvos.

Como os nimbos que trazem nos seus flancos  
 A tempestade, e se acastellam densos,  
 Tal se formára de phantasmas brancos  
 A Parada de exercitos immensos,  
 Dilacerados em brutaes arrancos  
 De uma ambição sem plano! mas propensos  
 Ao dever, vêm á Estatua que os governa:  
 — Sire! comece-se a batalha eterna! —

Prompto responde o Imperador, sem pejo:  
 « Heroes! é minha gloria ameaçada!  
 A velha Guarda cerca-me, bem vejo;  
 De Wagram a phalange denodada,  
 E de Marengo o funeral cortejo  
 Prestes surgem! Mas faltam á Parada  
 Esses bravos d'Eyleau e de Friedland!  
 Onde estão? ha, sem elles, quem commande?»

Um redemoinho, como de rajada  
 Aspero irrompe vindo do nordeste:  
 — Eis-nos aqui, tambem, n'esta Parada!  
 Bem tarde vimos; porque tu nos deste  
 Desillusão cruenta, desalmada  
 Um dia, quando sobre o Niémén vieste  
 Dar no Czar um abraço de alliança  
 Sobre o campo da mais atroz matança.

Cahimos na bestial carnificina  
D'Eyleau e Friedland! era indecisa  
A victoria, mão grado essa ferina  
Vertigem, que na morte a dor suavisa.  
Corria o sangue a jórros na campina,  
Ninguém de um tal combate o fim divisa;  
Suspende um armistício esses furores,  
Abraçando-se os dois Imperadores!

Ao encontro um do outro se adiantam,  
No meio de cadaveres se abraçam!  
Os soldados boças que os reis levantam,  
Para que o orgulho insano satisfaçam,  
Batem as palmas! em delirio cantam  
O heroismo dos dois que os despedaçam,  
Fundando de seus thronos o equilibrio  
Da vida e paz das gentes no ludibrio.

Sangue, estrago e ruinas para nada,  
Foram assim tantas absurdas guerras! —  
N'isto vinha rompendo a alvorada  
Já por detraz das escavadas serras,  
Prestes dissolve a funeral Parada,  
E tu, oh monstro que da especie aberras,  
Synthetisas na tua phrase cõrsa  
A impotencia estúpida da força.

## 3.ª TRILOGIA

### AS REVOLTAS DO ESPIRITO

#### I

#### O TEDIO DE HAROLD

(POEMA)

... o peregrino Harold será quasi inteiramente fundido com o auctor, fallando em seu proprio nome. O facto é que eu me cansava de tirar entre mim e Harold uma linha de separação, que cada qual parecia decidido a não dar por ella, etc.

*Child Harold, Pref. do canto 11.*

Abriu-se outr'ora em Roma um sorvedouro!  
E chamados os Flâmines — o agouro  
Do golfão insondavel  
Foi por elles a medo contemplado!  
Pensando em sustentar-se em base estavel,  
Viu a Rasão de Estado  
Na horrifica caverna  
Negro destino da Cidade eterna:



— Como atalhar presagios de ruina? —  
 Respondeu a sciencia aruspicina:  
 « A salvação do Estado  
 Depende do civismo  
 Do varão fôrte, impavido e ousado  
 Que fôr precipitar-se n'esse abysmo!  
 Para sempre, e assim só, será fechado. »

D'entre a turba irrompeu um cavalleiro,  
 De um salto atira-se ao despenhadeiro!  
 Fôra Curcio o heroe do sacrificio.  
 De um seculo no inicio,  
 Sempre que entre o passado e o futuro  
 Se abre um abysmo escuro,  
 Ergue-se uma alma intrépida, sedenta  
 Que se arroja ao incognito golfão,  
 E em sua dor as ancias representa  
 Da era de transição.

Na transição da Fé para a Sciencia,  
 Do Privilegio para a Lei prescripta;  
 Da brutal violencia  
 Das Guerras para a acção que a Paz incita  
 Pela Industria e Trabalho:  
 No conflicto de crenças em ruinas,  
 E nas vacilações de outras doutrinas  
 Dos que vão tacteando ignoto atalho,  
 Byron! Byron, surgiste  
 Concentrando o profundo desalento  
 De um seculo, n'essa ironia triste,  
 Na febre irrequieta do talento.

## CANTO I

Elle era joven, bello, audaz e forte,  
Era nobre, opulento!  
E quiz tambem a sorte  
Que em cada gesto livre e espontaneo,  
E d'esse olympto do soberbo craneo  
Luminoso irrompesse o pensamento.

Mas, quem contempla a limpidez do espaço  
Que mil clarões inundam, mal suspeita  
Que n'aquella serena immensidade,  
No cariz do diáphano vapor,  
Silva a faisca ethérea, que o laço  
Córta ás azas da negra tempestade,  
Que até ali contrafeita,  
Rue, devasta e invade  
Os páramos do attonito rumor!

Esse rumor da gloria, que deslumbra  
Os contentes de si, e os adorna  
De um riso satisfeito,  
Byron envolve na lethal penumbra  
De uma tristeza desdenhosa e crua!  
E do louvor e preito  
Que lhe votára, cedo, a patria sua,  
Orgulhosa Inglaterra,  
Em sarcasmos se torna,  
E da etiqueta na mesquinha guerra.

Elle era joven, bello! o entusiasmo  
Deixava na passagem,  
Como esplendida e boreal aurora.  
E a par da gentileza seductora,  
Que nos salões é pasmo,

Mão grado os pergaminhos da linhagem  
De antigos reis saxonios, Byron sente  
    Absorto, indifferente,  
Cancro moral — o tedio que devora  
    A pobre alma doente!

O tedio é esse insaciado abutre  
Que ao novo Prometheu lhe dilacera  
    De continuo as entranhas;  
    E a dor de que se nutre  
    São cóleras e sanhas  
Das incertezas de uma nova era.

As leis da aristocratica etiqueta  
    De convenções e manhas,  
Em vão procuram algemar o Poeta,  
Abrindo-lhe as gheenas do desprezo!  
    Sacode, desdenhoso,  
Do liliputiano mundo o pezo;  
Como o Satan de Milton, orgulhoso  
Alfronta o raio que ao abysmo o impelle,  
E quebra a algema que o detinha preso  
    A elle, ao Poeta, a elle!

Como Hamlet, isolado e pensativo  
Contempla a sociedade que deslumbra,  
    Que aturdir-se procura  
    Com pompas e loucura  
Da riqueza em que o sangue inda ressumbra,  
O quente sangue do obreiro activo,  
Que derrama como um protesto vivo  
    A multidão obscura.

## A voz do seculo

Ergue-te, oh Poeta! inquire os sacerdotes:  
Onde está do seu Christo a Igualdade?  
Onde a mansuetude e caridade?  
Tua acerba ironia não esgotes.  
Porque é que aos estúpidos dynastas  
E abastardadas Castas  
Couberam n'este mundo optimos lotes?  
Ergue-te, oh Poeta! e vibra a ironia  
De um tal seculo contra a antinomia.

Esse velho perstigio de uma lenda  
De um Deus que morre, evaporou-se inane;  
E comtudo da Sciencia a clara senda  
Com sombras de mysterio ha quem profane.  
Chega hoje o Homem á idade adulta,  
Antepondo ás ficções a realidade;  
Mas para dominal-o, a Auctoridade  
Da Religião nos antros o sepulta!

Um dia, como irmãos unem-se os fracos,  
O despotismo secular derrubam,  
Fazem-lhe o throno em cacos.  
E antes que os clamores ao ar subam,  
Oppondo a esse arbitrio a Liberdade,  
Por infernal engano  
Que o egoismo tópa  
Com que explora do povo a ingenuidade,  
Rebenta a Orgia militar na Europa,  
Devastadora, estúpida, sem plano.

Quando o laço da Confraternidade  
Devia unir os Povos para a lucta,  
A lucta da existencia  
Na paz da industriosa actividade,  
Da Natureza contra a força bruta ;  
Forma-se a dissidencia  
Da Tradição com os Princípios novos ;  
E contra a irradiação que vem de França  
Os Reis juntam-se em cynica Alliança  
Para algemarem outra vez os Povos !

Recua a Europa até éras passadas  
Do Direito divino,  
Não pela força bruta das espadas,  
Mas pela astucia — o pacto leonino  
A que chamaram *Cartas outorgadas*.  
N'esta dissolução, que immensa lava,  
Em sophismas, cynismo  
De ignobeis parlamentos,  
Nasceu o aphorismo ;  
— Infundiu Deus ao homem a palavra  
Para encobrir melhor seus pensamentos !—

Oh ! não ha uma voz, um brado, um grito,  
Uma nota vibrante, um ai, um gesto,  
Que erga ao infinito  
O indignado protesto ?  
Um poder tal, um tal poder como esse  
De fazer-se escutar em toda a parte,  
De alevantar nas almas a revolta,  
Em seu desinteresse,  
De um tal Poder dispõe sómente — a Arte,  
Quando a sua voz solta.

Byron! achaste a nota, o epiccedio  
De uma Ordem fundada na mentira,  
E que explora a mentira por systema;  
    O teu profundo tedio  
    Ao perpassar na lyra  
Inspira-te o nemésico Poema.

Canta! ao idyllio placido, tranquillo  
Da limpidez dos lagos e horisontes,  
Oppõe das consciencias a procella!  
    E esse canto hãode ouvil-o  
    Rasas com a lama as fronte  
Quem os Direitos do Homem atropella!  
Canta! e as notas harmoniosas, santas  
Inda mais alto, que o fragor impuro  
    De inconsequencias tantas,  
    Dirão de idade em idade,  
    Que sobre este monturo  
Alguem viu claro e teve dignidade!

## O POETA :

• E como heide cantar? anciado vate;  
Trez cordas tem a Lyra humana apenas,  
Que pelo mesmo Amor vibram serenas,  
Que em nossos corações constante bate:  
Uma canta da *Emoção pessoal*  
    O intimo ideal;  
Outra canta a *Familia*, o scio mago  
    Onde em risos e afago  
As almas fôrma grandes e as tempéra!  
Outra decanta a *Patria*, o fóco ardente  
    De altruismo vehemente,  
Que aos nobres sacrificios delibera.



Quarta corda presinto, que me absorve,  
E sóa como a voz de uma refrega  
Por toda a immensidade!  
Tem um poder supremo que congrega  
A especie em lucta sobre a face do orbe,  
Vibração que revela a *Humanidade*.

O que posso eu pulsar na eterna Lyra,  
No meu cantico rouco?  
Bem mais feliz foi Sóphocles: os filhos  
Accusaram-no um dia de estar louco;  
O Poeta, então pedira  
Aos versos seus onde as paixões esplendem,  
Que da Justiça os trãhos  
Ao Tribunal desvendem;  
Só a mim a Poesia me deprime!  
A inspirada vigilia  
Converte-a a esposa em crime,  
Deixando-me sem lar, e sem familia.

O que posso eu cantar na eterna Lyra,  
Na corda que restava?  
Camões! Camões ao vêr a Patria escrava  
Se foi bem mais feliz! com ella expira.  
Ah, se a dor que o consome  
Nunca foi consolada,  
No alto Poema eternisou o nome  
D'essa ditosa Patria sua amada!

O britanico orgulho me renega?  
Renegue embora o bardo  
O sedento Leopardo,  
Que friamente as suas unhas prega

Na carne viva das Nações pequenas:  
Na Escóssia sua irmã, e na Irlanda,  
Fazendo da união mentido alardo!  
Quem vae por toda a banda  
Lançando aqui, além, suas antenas  
Para o trafico vil;  
Aqui o heroico Portugal desgraça,  
Arranca-lhe o Brazil;  
Pela mesma ficra a India passa,  
E com a mão com que envenena a China,  
Por tino diplomatico sem par  
De adestrada rapina,  
Com impudente manha  
Na rede envolve a Hespanha,  
Empolga Gibraltar.

Quem das Nações da Europa não conhece  
Solidariedade intima, fraterna,  
Doce nome de Patria não merece  
Que inspire o canto de uma Lyra eterna.

Que poderei pulsar na eterna Lyra?  
Ai, Cervantes! feriu-me o fino bote  
Da acerada armadura  
Do teu sarcasmo insano,  
Quando egualaste a Honra e a loucura  
No generoso typo do *Quixote!*  
Quebraste o impulso do ideal humano.  
De Pansa hoje a doutrina utilitaria  
Dirige a Inglaterra;  
Sejam a Honra e o Valor engano,  
Não comprará o Ideal nota bancaria,  
A Humanidade, ser ideal, não erra.

A Família, deixou-me ermo, indefeço  
 Como o leproso das passadas éras:  
 Minha mãe, envolveu-me em seu desprezo,  
     Com palavras severas,  
 Primeira me apontou o meu defeito.  
 A mulher tanto amada, a escolhida  
     Nas douradas chimeras  
 Dos momentos sublimes d'esta vida,  
 Por capricho abandona o nupcial leito.

A Patria detestou-me! eu era crente  
 Na Lei, na Liberdade, na Justiça;  
     Do Parlamento á liça  
     Me arrojéi eloquente.  
 Ergui a voz convicto, solitario  
 Entre essa aristocratica indifferença,  
 Em favor do inválido operario.  
     Imparcial, sem jactancia  
     Reclamei tolerancia  
     A toda e qualquer crença.  
 Ah, não sabia os liberaes sophismas!  
 Porém, quando a Justiça tomou vulto,  
 Recordando a desventurada Irlanda,  
     Por seus austeros prismas  
     De uma e outra banda  
 Os lords me entreolharam como estulto.

Póde a Patria negar-me hoje o seu seio,  
 Que a sua voz á minha não responda!  
 Não serei connivente com o crime,  
     O crime ignobil, feio  
 De amordaçar a Europa, n'essa hedionda  
 Santa Alliança dos Reis, que a Europa opprime.

Ainda mais do que a Família e a Patria,  
E acima da ficticia Divindade,  
Ha outra cousa ! e todo o que a sente  
    Em sua alma, idolatre-a :  
É esse ente ideal — a Humanidade !  
    Sentiu-a o Occidente,  
Que n'um progresso ascencional, crescente,  
Harmonisa o passado e o presente,  
E da especie acha a solidariedade.

Pôde hoje o Norte frio e atrazado,  
A Russia, Prussia e Austria reagirem  
    Para impôr o Passado ;  
    E esse monstro damnado  
Da Orgia militar substituirem !  
Oh, não se apaga o sol da Liberdade  
    Que no horisonte assoma  
    E as almas todas banha,  
D'esse foco commum — a Humanidade,  
Representado pela Grecia e Roma,  
    Italia, França e Hespanha.

Como na quadra hiberna emigra uma ave  
À procura das tēpidas paragens,  
    E de um clima suave ;  
Com o nome de Harold, impaciente,  
    Prosegurei as viagens  
No alumiado e floreo Occidente,  
Onde as mulheres se amam com delirio  
E pela Patria soffre-se o martyrio,  
    Onde o atheu é um crente.

Terra da maldição e do nevociro,  
Criaste a liberal hypocrisia  
E tentas propagal-a ao mundo inteiro,  
    Prosegue na porfia

De separar com odios as nações;  
 A par da intriga faz a mercancia  
     De pólvora e canhões,  
     Lucrando nos destróços!  
 Parto! um dia virão ter cá meus ossos,  
 Utilisa-os ao menos em botões. »

## CANTO II

Sem tecto, agua, nem lar, da propria terra  
 O banido partia outr'ora, expulso;  
     Afasta-se convulso  
 Byron da oligarchia de Inglaterra.  
 Não mais verá do Harrow a colina  
 Onde sentira a vibração primeira  
     De uma lyra divina!  
 E de uma filha, ingenua e pequenina,  
 Não mais contempla a expressão fagucira.

O coração ás vezes adivinha!  
 E o peregrino do ideal procura  
 Olhando o que atraz deixa, n'um relance  
 Calar o anccio que lhe aos labios vinha,  
 E encobrir nos caprichos da loucura  
     As angustias do transe.

Sem saber como, em sua soledade,  
     Morto para a esperanza,  
     Inconsciente avança  
 Para os plainos da grande mortandade,  
     Waterloo visita!  
     A colera infinita  
 Do genio lasso o espirito tempéra:  
     « Oh generosa França,  
 Matou-te a napoleonica chimera.

De todos os destroços  
Do cannibal Napoleão, subsiste  
O monumento inolvidavel, triste  
De tantos milhões de ossos :  
Attestando perante o universo  
Quanto era estulto o esforço,  
Esse plano perverso  
De unificar a Europa o egoísta Córso.

Dos triumphos a estrella se lhe offusca ;  
Surda ambição rebenta :  
A Santa Alliança busca  
Sepultal-as de Waterloo na cova  
As bases fundas sobre que ora assenta  
A construcção de uma Edade nova !  
Contempla a Inglaterra  
Da Liberdade a morte, sem queixume ;  
Pensa no seu proveito, e desenterra  
Aquelles ossos de que faz estrume. »

## I

**Peregrinação pela França**

A grande dor o espirito concentra !  
Uma mesma desgraça  
Como irmãos aos extranhos une e abraça :  
Em França Byron entra.  
Sob a pressão da velha monarchia,  
E dos Reis colligados sob a ira,  
Do Terror branco na vingança fria,  
Inda a França respira.  
Byron sentiu esse estertor, esse ésto  
Passar latente, e vir como um protesto  
Vibrar em sua Lyra :



Sob o pezo das desditas,  
O Geral dos Jesuitas  
Reverente  
Ao Czar de todas as Russias,  
Com satanicas argucias,  
- Frente a frente,  
Um refugio lhe pedia  
Para a expulsa Companhia  
Do Occidente.

Mas, pergunta-lhe o Czar logo:  
• Se eu attender o teu rogo  
Findo o exilio,  
De ti que serviço espero?  
Qual é, de alliado sincero,  
Teu auxilio?  
Tenho exercitos, metralhas,  
Do mundo faço em batalhas  
Domicilio. •

Curvando-se com respeito,  
Diz o Geral, com aspeito  
Singular:  
— Enquanto no homem sinto  
Bruto e cannibal instincto  
Campear,  
Hão de exercitos, batalhas,  
Conquistas, pendões, mortalhas,  
Dominar;

Na especie, eu bem sabia  
Que a fraqueza e covardia  
Tem apoio

Na invencivel perfidia,  
 Pois sempre triumphá a insidia  
 No conloio. —  
 Compreendeu o Czar da Russia:  
 Unem-se a Força e a Astucia  
 N'um só coio.

E disse ao padre nefasto:  
 • Tens todo este Imperio vasto  
 Por azylo  
 Nas obceçadas violencias! •  
 Respondeu com reverencias,  
 Vendo aquillo:  
 —Ante o teu throno, de rasto  
 Submetto-te as Consciencias,  
 A Liberdade aniquillo. —

Era a França como um anciado porto  
 Dos naufragos das aspirações grandes  
 Que ali acham azylo;  
 De Portugal, escravo e semimorto,  
 (Que as forcas de Beresford tem tranquillo,  
 Qual Duque d'Alba em Flandes,)  
 À França amparo os filhos vêm pedir-o.

De Filangieri a sublime esposa  
 Desterrada de Napoles, — castigo  
 Da obra generosa  
 Do grande pensador, pede-te abrigo.  
 Como os sabios Vecchietti e Odazi,  
 Filangieri succumbe ao punhal, quasi  
 Na mudez ignorada da masmorra!  
 E Carolina Friendel, na orfandade  
 Dos seus dois filhos, vem á Liberdade  
 Pedir que os socorra!

« Oh rígida Cornelia ! é bello o arrobo  
De gratidão que inda te liga à França.  
Mudou-se o azylo em um covil de lobo ;  
    Contra tudo o que é probro  
O Direito divino audaz se lança.  
De Filangieri o ideal não erra !  
    Do porvir na neblina  
    Pôde entrever a ruina  
Do colosso egoista de Inglaterra.

Emancipou-se a America ! e do pulso  
Roxeado, lhe irrompe vida estranha.  
As colonias de Portugal e Hespanha  
Hão de seguir da Liberdade o impulso !  
Ah ! contra o mais flagrante dos agravos  
À Civilisação do Occidente,  
Ergueste a voz, oh lucido vidente,  
Maldizendo o commercio dos escravos !

E a abolição do affrontoso trato,  
Na aspiração que a vida te dirige,  
    Torna-se em breve um facto ;  
Um obscuro estudante de Cambridge  
    Que em seu latim disserta  
Contra essa mercantil monstruosidade,  
    A opinião desperta !  
Insurgem-se os espiritos profundos,  
Reconhece-se ao Negro a Liberdade  
    No accordo dos dois mundos. »

## II

**Peregrinação em Portugal**

« Ah! como o homem, ha nações escravas.  
Fujamos! A caminho do Occidente.  
Ao mar! Quero affrontar as ondas bravas,  
E respirar no illimitado ambiente,  
Rugir ao vendaval! »  
Byron prosegue em caprichosa róta ;  
Um perfume da terra, em brisa ignota,  
Denuncia de longe — Portugal.

Portugal! Eis de Cintra ao longe a serra,  
Sob o azul se destaca!  
Eil-a a bahia, o adito que encerra  
Um eden, onde a dor mortal se applaca.  
« Oh, bem hajas, pequeno Povo altivo;  
Depois que te libertas pela guerra,  
Covarde rei entrega-te cativo  
Ao jugo de Inglaterra.

Oh, bem hajas, pequeno e altivo Povo!  
Do Oceano tenebroso abriste o atalho;  
Achando um mundo novo,  
Deste-o por campo á acção e ao trabalho.  
Mas, retalho a retalho,  
Roubam-te outras Nações as descobertas,  
Provas da escravidão o fel amargo;  
Fé e Imperio proloagam-te o lethargo,  
Créem-te morto, por que não despertas.

Oh, não! Ha em teu seio aquella ardencia  
 Da chamma viva, que te alenta e leva  
 À revolta, ao combate e independencia  
     Quebrando a algema séva  
 Proclamando-te livre entre as Nações!  
 Sob a garra leonina de Castella  
 Cahiste um dia! libertou-te d'ella  
     O Poema de Camões!»

\*

« Onde está de Camões a sepultura? »  
 Byron sentido e a scismar pergunta,  
     Entrando em Portugal;  
 Em volta d'elle a multidão se ajunta,  
 E atraídoado sempre, conjectura  
     Intenção desleal.

De vergonha e estupidez no cúmulo,  
 Ninguém sabe dizer onde era o tumulo  
     Do Poeta immortal!  
 Então Byron, os olhos pondo em terra:  
 « Camões, ao ver cahida a Patria escrava,  
     À luz os olhos cerra,  
     Triste à vala baixava . . .  
 Foi sua sepultura Portugal!

Ah, com certeza, o Genio nunca morre!  
     Como elle, n'um momento  
 Revivesce da Patria o sentimento,  
 A explosão da Liberdade occorre!  
 E o chão sagrado que era a sepultura  
     Do Cantor sem igual,  
 Eis de Camões, em sua gloria pura,  
     Eterno pedestal. »

Um Symbolo vê Byron da Realeza,  
A Estatua equestre! Observa pensativo;  
Na Estatua representa-se-lhe ao vivo,  
Com assombro e surpresa  
Synthetisada a Historia portugueza:

A Estatua equestre

Está o bronze ao fogo  
Para vasar-se logo  
No gigantesco molde  
D'essa figura fátua  
Da equestre Estatua  
Que o Rei ao bruto solde!

O Ministro potente  
Excogitou na mente  
Um colossal prodigio:  
Do Rei nullo e estulto  
Eternisar-lhe o vulto  
Com soberbo perstigio.

Obras bellas, antigas,  
Com violentas fadigas  
São partidas a malho:  
Baterias tomadas  
De Hollandezas esquadras  
Tem equal enxovalho.

Portões das Fortalezas  
Da India e Africa, prezas  
São da mesquinha obra!  
Vem as correntes grossas  
Que romperam náos nossas,  
E inda o bronze não sóbra.



Bem como a Real Casa  
Devora, absorve, arrasa  
A seiva da Nação,  
Para a Estatua gigante  
Se funde a cada instante  
Historico padrão.

Falta de bronze havia ;  
Mas o momentourgia,  
Mais bronze se pediu !  
Com egoísmo sinistro,  
Disse o Rei ao Ministro :  
— Venha a Peça de Diu ! —

E o titulo da gloria  
Da portugueza historia  
No longinquo Oriente,  
Em zorras foi trazido,  
Para ser derretido  
Para a Estatua, impiamente !

O Ministro obedece  
Ao Rei, mas não esquece  
A Patria ! e lhe responde  
Tranquillo e resolute,  
Àquelle egoísmo bruto,  
Na ironia que esconde :

« Na onda assoladora  
D'este tempo de agora,  
Chamada a — Opinião,  
Olhae que aos Reis só resta  
*Ultima ratio* esta . . .  
Conserve-se o canhão. »

O Rei percebeu tarde  
E ordena que se guarde  
Logo a Peça de Diu!  
Fundiu-se então a Estatua,  
Olhando hirta e fátua  
Virada para o rio.

E ainda continúa  
A descendencia sua  
A dar reis a tal Gente;  
E egoista se propaga  
Na tua velha chaga,  
Lazaro do Occidente!

Quando já parecias sem destino  
Morto de todo para a dignidade,  
Entregue ao que te invade  
Por sordido Bertholdo bragantino  
Que salva o throno seu n'outro hemispherio,  
Communicaste à Europa um nobre impulso:  
Aqui achou o Imperio  
Esse vigor convulso  
Que lhe apontou o inicio dos revézes  
Na altivez de ultrajados Portuguezes.»

## III

**Peregrinação em Hespanha**

Byron! o Prometheu solto, a jornada  
Prosegue; passa o Guadiana e chega  
À Hespanha audaz, que se defende ousada;  
Elle inda escuta os eccos da refrega,

E resoar parece  
Lucta eterna da Cruz com o Crescente!  
Ai, como os outros povos adormece  
Na idiotia e absurdos do presente.

Não faiscam alfanges, cimitarras,  
Com graça e valentia;  
Nas doces noites de um fulgor tranquillo  
Dorme embalada ao som de mil guitarras  
Lembrando-se d'aquillo  
A sensual, vistosa Andalusia;  
E repete do seu amor nos lances  
Velhos cantares, xácaras, romances.

Quando a volúvel, perfida guitana,  
De negros olhos e morena face,  
Desenastrada a trança,  
Assim louca e insana  
Em seu delirio dança;  
Qualquer vulto que na penumbra passe,  
Entre os leves rumores,  
Parece ao luar e na mudez amiga,  
Um Don Juan na complicada intriga  
De tragicos amores.

Byron vagava solitario e triste,  
Cae-lhe a capa do hombro,  
E o frémito ligeiro  
Das emoções traz-lhe a alma incbriada:  
\* Como altiva resiste  
A generosa Hespanha devastada  
Pela ambição de um torpe aventureiro!  
Tu sabes defender-te com assombro,  
A traição do teu Rei, o parricidio  
Força-te á lucta, ao ponto do suicidio!

Hespanha! E de que serve tanto heroismo  
Se ha um virus que o sangue te desóra :  
    O boçal fanatismo  
Da multidão vulgar que o padre explora.  
Vives na absurda e atroz duplicidade  
    Contigo mesmo em lucta  
    Que inconsequencia gera :  
Amor, Ideal, o Bem, a Liberdade,  
    Tudo, essa classe astuta  
Corrompe, impondo uma lethal chimera!

Parece, que inda exânime suspira  
Na mystica e febril passividade,  
    A queixa viva, acceza  
Que irrompe do Mosteiro pela grade,  
Quando a Sapho christã, Santa Thereza,  
Na violenta nevrose em que delira,  
Fez de um madeiro, um Christo ensanguentado,  
Doentia illusão! seu doce Amado!

Sevilha! ali no carcere sombrio  
Da fria Argamasilla, ali faminto  
O intrepido Cervantes descobriu  
Esta contradicção — o labyrintho  
Onde se embrenha e perde a alma hespanhola!  
    O real a captiva,  
    O ideal a desconsola ;  
E na oscillação d'esta anciedade,  
Soffre o contraste crú da realidade,  
Que perverte a miragem subjectiva.

Oh sublime estropiado de Lepanto,  
    N'esse teu abandono,  
Tu mesmo sustentaste o Altar e o Throno,  
Oppondo ás balas turcas esse peito,  
Las atraz do vaporoso encanto.

Mas sabias ser esse o ultimo feito  
 Em que a Igreja vencendo succumbia ;  
 Porque a Europa não mais compareceu  
 A verter sangue desde aquelle dia  
 Pelas cousas do cco.

#### O paroxismo de Quixote

Quixote, o hallucinado heroe, estava  
 Para morrer,  
 E em vez da agitação convulsa e brava  
 Com que á illusão de outr'ora corpo dava,  
 Viram-no erguer  
 A fronte, e melancolico sorçiu  
 Com pesar do passado desvario.

Da loucura da Cruz em que estivera  
 A Europa desperta de repente  
 Da hallucinação  
 Que arrojara ás paragens do Oriente  
 A posse de um Sepulchro ondas de gente,  
 E em paroxismos da lethal chimera  
 Cobra a rasão.

#### IV

#### Peregrinação na Italia

Sedento de ideal, de goso e vida,  
 Byron quer afogar sua tristeza ;  
 E sacudindo a fronte  
 Da nevoa aborrecida :  
 « Oh ! a Italia sorri-me no horizonte !

Nas gondolas da magica Veneza,  
    Nas carreiras do Lido,  
Na vertigem do carnaval fremente,  
Quero aturdir o tedio no ruido  
    D'esta insomnia doente.

Bem sei, bem sei quanto esta alma é fraca,  
Mas a minha agonia quem a sonda?  
    Luctando com a ressaca  
Sei vencer do Adriatico a onda;  
Mas procuro, covarde, ir esconder-me  
Nas ruinas esplendidas de Roma,  
    Qual solitario verme  
Por entre as fendas, quando o sol assoma.

E quando a vista outro horisonte abarca,  
E mais se alarga esta agonia immensa,  
Escuto as confidencias de Petrarcha  
Nos murmurios da Fonte de Vaclusa!  
    Eu cuido n'esse instante  
Ver sombrio nas ruas de Florença  
Errar o vulto impávido do Dante,  
Que as facções á posteridade accusa. »

A Italia irridenta abriu-lhe o seio;  
A Byron mil amores vêm violentos!  
    Contrasta esta anciedade  
Com a d'aquelles Tantalos sedentos  
Dante, Petrarcha, Fòscolo, que alheio  
Lar procuram nos fundos desalentos  
De se verem sem patria e liberdade.



No Cabo Montencro, onde rebenta  
 A vaga lamentosa, enfurecida,  
     De longe alveja a ermida  
 Da Virgem, doce estrella da tormenta;  
 No caminho que lá conduz, n'um horto  
     Byron faustoso habita;  
     E contemplando absorto  
 Do mar a vista esplendida, infinita,  
 Quantas vezes viu vir, soltando brados  
     As mães e as esposas  
 Rogar á Virgem, supplices, chorosas  
     Na sua voz contrita  
 Pelos que andam no mar desamparados!

« Italia ! Italia ! a Virgem da procella  
     Que o povo crente adora,  
     É sempre a visão bella  
 Que tu chamas Beatriz, Laura, Eleonora,  
     Nos cantos dos Poetas !  
 É a Mulher ideal, sem realidade  
 Vaporosa, de linhas incompletas,  
     Que suscita no peito  
     O vehemente desejo  
 Do ósculo febril da Liberdade,  
 Esse anhelante, indefinido beijo,  
 Ah, nunca, nunca em vida satisfeito. »

*BYRON, visitando a cella do Hospital de Santa Anna, onde  
 estivera o Tasso :*

« Italia ! Italia, oh paraíso eleito,  
 Oh desmembrada nacionalidade !  
 Como o Tasso exprimiu aquelle effeito  
     Da intima anciedade  
     De uma vindoura aurora,  
 Louco, beijando a mão de Eleonora ! »

## O beijo do Tasso

## I

Pálido e abatido, triste, lasso,  
No Hospital de Santa Anna em cella estreita,  
O Duque de Ferrara altivo deita  
Como alienado o desditoso Tasso!

D'esse abysmo, transpõe a mente o espaço,  
Em sonhos bellos, a união perfeita  
Realisa o Poeta, na sua alma eleita,  
De Platão e Jesus! mystico abraço.

Porque o tem preso o Duque, e pois não pára  
Contra o Poeta um tal odio? este rigor?  
Sabe-o bem toda a Córte de Ferrara:

Tasso não pôde occultar mais o amor  
Pela princeza! o amor o atraioára . . .  
Louco, beijou a mão de Leonor!

## II

Tasso em delirio, mal sentindo a algema  
Que a exaltação subjuga anciada, brusca,  
Exclama: — Não me dóe, sabios da Crusca,  
Que ao Canto meu não deis valor de Poema!

Menos me importa a inanição extrema  
Que estou soffrendo e quasi a luz me offusca,  
Quando mais sangue a Medicina busca  
Tirar-me, sem que a minha morte tema.

Que me persiga o Duque... Sei que é forte;  
De horríveis pezadellos o cortejo  
Venha cercar-me no estertor da morte...

Nada me extingue este extasis que eu vejo,  
Que eu sinto e aspiro, sem que o mais me importe,  
Lembrando de Leonor na mão o beijo. —

Byron sente que a angustia se lhe applaca  
N'esta terra de amores e prazeres,  
De sensual tristeza!  
E como a nympha de azulados mares  
Ridente se destaca  
Esbelta a joven, pallida Thereza,  
Que se atira ao Poeta doudamente,  
Como ao carro do idolo em Benâres  
Se arroja mudo o crente.

Como Paolo e Francesca liam juntos  
O poema do amor de *Lancillotto*,  
Trocando beijos muitos;  
Do pinheiral sob a copada sombra,  
E n'um retiro ignoto  
Dos jardins de Ravena, em doce alfombra  
Byron lia com morbida frieza  
Que a paixão hallucina,  
Junto da pallida e nervosa Thereza  
O livro de *Corinna*.

— Como eu te adivinhava! li teus versos,  
Revelaste-me um mundo!  
E cahindo-me o livro no joelho,  
À mente desvendavam-se universos...

Um paraíso terreal perdido.  
 Minava-me a tristeza junto ao velho  
 Que se lembraram dar-me por marido. —  
     Pintando essa tristeza,  
 Enlaçava-o nos braços, louca, Thereza.

— Tantas mulheres amam-te! Eu soffria  
     Febril impaciencia!  
     O meu pezar, a pena  
 De não poder seguir-te em toda a parte.  
 O segredo minava-me a existencia!  
     Acaso poderia,  
 Poderia eu então deixar de amar-te?  
 Ia morrendo... e vim para Ravenna,  
 Doente d'esse meu pezar e pena.

Bem vinda a hora da visão completa,  
 Bem vinda a *Vita nuova* que entrevia  
 Lá no baile d'Albrizzi... —

                                    O Poeta,  
 Estreitando-a nos braços, respondia:  
 « Oh quam bella é na lingua italiana  
*Meu amor!* Esta phrase simples, breve,  
     E immensa de poesia,  
 É como o jorro de agua que espadana  
 Da nascente onde embalde se conteve.

Ella encerra minha existencia inteira;  
 Aqui a entrego aos teus dezoito annos,  
     Mas sempre angustiada!  
     Se não é um tormento!  
 Inda ha pouco sahida de um convento,  
 Vir achar-te, e tão cedo, já casada!  
 Eleva-me do teu amor na aza,  
 Succeda embora o que ao destino apraza.»

O amor de Thereza o elevava ;  
 Byron extranha-lhe a melancholia.  
 Um pensamento intimo a pungia ;  
 O Poeta perguntava :  
 \* O que soffres ? Que mais ha que te offerte ?  
 — Sinto a agonia de uma Patria escrava,  
 E n'este fundo abysmo,  
 Mulher embora, scismo  
 No dia em que esta Italia se liberte.

Sou mulher, mas que importa ? Tambem posso,  
 Sibylla que annuncia  
 No horisonte a redemptora estrella,  
 Como essa Portugueza gloriosa  
 Leonor Pimentel, dar meu pesooço  
 Ao garrote do algoz, morrer como ella  
 Por annunciar da Liberdade o dia. —

Não vinha longe o dia ! Immersa a Europa  
 Na mudez sepulchral, que a Santa Alliança  
 Mantem pela pressão bruta da tropa,  
 Vê de um passado morto esses espectros  
 Em cynico tripudio !  
 Quem quebrará esses marombas-sceptros ?  
 Quem varrerá este sabbath ? a França ? ...  
 Ella está manietada e impotente.  
 A Hespanha do porvir canta o prelude,  
 E as nações acorda do lethargo,  
 Seu grito impaciente  
 Eccoando ao longe e largo.

Contra as forcas do Campo de Sant'Anna  
 Portugal da Inglaterra o jugo quebra,  
     Uma só força o une!  
     A alma napolitana  
 Que vira da Austria a tyrannia impune  
 O resgate da Italia audaz celebra!  
     Do abysmo sobre a borda  
 Hallucinada pela enorme chamma,  
     Tambem a Grecia acorda,  
     E livre se proclama!

Byron sentiu então que intimo laço  
 Une entre si os Povos do Occidente,  
 E que através dos tempos e do espaço  
     A solidariedade,  
 Extincta dos Tyrannos pela Liga,  
     Em convulsão latente  
     Inda ardente profliga  
 Na revindicação da Liberdade.

A Liga dos Tyrannos, mais violenta  
 Atropella o direito em torpe sanha;  
     E com instincto fero  
 Obriga a França a reprimir a Hespanha  
     N'essa abjecta victoria  
 Da batalha vilã do Trocadéro!  
 Essa vergonha que hoje infecta a historia.  
 A pobre Italia calca a Austria soberba,  
 E o livre estandarte lhe conspurca,  
     Cuspindo em seu escudo.  
     Que restava de tudo?  
 A Grecia! a Grecia! n'uma lucta acerba,  
 Abandonada á prepotencia turca!



## V

## Para a Grecia

Lucta isolada ! E como outr'ora em Plátca,  
Será livre ! ou então de existir deixa  
A Grecia, o fóco da cultura humana ;  
    A Meia-Lua abate-a,  
E o cyclo infame á prepotencia fecha !  
    Nesta heroica surpresa,  
    De que a Historia se ufana,  
— A Grecia antiga como surge agora ! —  
    Assim brada Thereza,  
E abraçando Byron, ri e chora :

— Oh Poeta ! a alegria a alma te inunde  
Ao contemplares como se redime  
A Grecia, a Patria-Mãe da Humanidade,  
    Que dos seios diffunde  
No mundo o que ha de Bello e de Sublime !  
E tu, que o Bello sentes, d'ella es filho ;  
Sacrifica da Grecia á Liberdade  
O puro amor de uma mulher, apenas :  
    À sacrosanta guerra  
Vae ! dá ao genio immarcescível brilho,  
Oh excelso exilado de Inglaterra,  
    É tua Patria Athenas. —

## CANTO III

Byron abraça a bella italiana :  
« Separa-nos a mão do despotismo !  
Apontam-te o desterro da Toscana  
Por tanto patriotismo.  
Vê a Italia fugir-lhe o doce sonho  
Da Liberdade que ora a alenta e engana ;  
Ah, como me envergonho  
De contemplar este moral abysmo.

A generosa Hespanha cae agora  
Escrava, agonisante !  
Foi cravar-lhe o punhal a Santa Alliança  
Pela mão do rhetorico pedante,  
Que a hypocrisia liberal explora,  
E faz cumplice a França !  
Quem poderá luctar ? Eu vejo apenas  
Que a phalange da guerra defensiva  
Resiste audaz, activa  
Sempre no grupo das Nações pequenas :

## No caminho do Sepulchro

Foram as santas mulheres  
Em prantos e alaridos  
À visita do sepulchro  
Onde está morto Jesus !  
D'aquelle semblante pulchro  
Que a dor converte em prazeres,  
E consola os desvalidos,  
Buscavam a doce luz.

Lá pelo caminho alpestre  
Ouviram clamar, dizendo:  
— Foi o corpo arrebatado  
Em nuvem de gloria aos céos! —  
No estranho mysterio crendo,  
De povoado em povoado  
Proclamam divino o Mestre,  
Despem os funebres véos.

\*

Assim foram em visita  
Ao tumulo onde está morta  
Sua santa Liberdade  
Trez desoladas nações!  
— A força bruta que importa,  
Se o protesto ressuscita! —  
Clamavam com anciedade  
Na via das oppressões.

— Ressuscita no martyrio! —  
Apreghã exhausta a Irlanda.  
— Resurge para o combate! —  
Brada a Polonia tambem.  
Quebrada a algema execranda,  
Sublime, em vago delirio  
Do sonho do seu resgate  
Acorda a Grecia! cil-a, vem.

Como santa mulher, que anda  
Espalhando a boa-nova  
Do Mestre que resurgira,  
Na sincera affirmação:

A Grecia, a Polónia, a Irlanda,  
Cada uma á beira da cova,  
Da mortalha que despira  
Talha o fraterno pendão.

Hoje da antiguidade heroica as lendas  
Da Grecia, já com ella tomam vida,  
Nas batalhas horrendas  
Com que a algema ottomana é destruida.  
Como os heroes de Homero,  
De uma bravura rara,  
No Epiro, e em Selleis, ou em Psára  
No meio de uma gente envilecida,  
Cada qual se levanta ousado, austero.

O triumpho de Plátea se repete.  
Ainda mais esplendido que outr'ora!  
De Odysseus o heroismo,  
A sombra vingadora  
Em debandada as forças turcas mette,  
E Athenas liberta!  
Recciando o poder, de gloria lasso,  
Condemna-se a si mesmo ao ostracismo,  
Mas conserva-se alerta,  
Solitario, n'um antro do Parnasso.

Surge Botzaris, corajoso e ledo,  
O feito das Thermopylas imita!  
Joven, guerreiro, aedo,  
Com sua espada e canto á lucta incita.  
Seiscentos palikáres  
Destemidos e bellos,  
Juram seguil-o em todos os azáres:

E além, junto da fonte de Crionero,  
 Do Aracyntho na encosta,  
 E soltos os cabellos,  
 Ergueram este grito audaz e fero,  
 A mão na mão do companheiro pôsta :

=Ulamia! Ulamia! Mantida  
 Seja esta Liga da Fraternidade! =  
 E então repetida  
 A fórmula : *A minha alma é a tua alma,  
 Minha vida tua vida!*  
 Do monte na sublime soledade  
 Cada um troca a arma  
 N'essa effusão fraterna;  
 E atiram-se febris á mortandade  
 N'uma refrega eterna.

Themistocles tivera, certo, inveja  
 Ao terrível Kanaris! Com trinta annos,  
 E em desigual peleja,  
 Trez vezes queima os brigues ottomanos!  
 Em Tenedos se abriga a turca frota;  
 Mas pela noite escura,  
 Entre a borrasca e a maresia grossa,  
 N'uma flotilha ignota  
 Por entre as nãos da armada turca fura,  
 Com audacia invencível a destroça.

Oh contraste sublime  
 Com essa Grecia escrava  
 Que os harens povoava  
 Do turco que a opprime :

## A Odalisca

Que lubricos abraços!  
Que risos! que suspiros  
Lá se dão;  
Que ósculos devassos!  
Famélicos vampiros  
Elles são.

O ar é todo aromas,  
A vista é tudo festa  
No harem;  
E na indolente sesta  
O amor destrança as comas  
Com desdem.

Inventam-se disvelos,  
Com mimo são acceitos,  
Não tem fim;  
Nem fim querem anhelos  
Sonhados sobre leitos  
De setim.

Transluz alma faisca  
No riso, nas beldades  
De uma huri;  
E a flascida Odalisca  
Da Grecia com saudades,  
Mal sorri.

O eunuco indifferente  
Repara... entra, cubiça  
Com que ardor!  
A grega o enfeitica,  
Olham-se longamente,  
Muda é a dor.



Ao gynecceco vão juntos,  
Da patria e amor da infância  
Fallam só!  
Dão beijos muitos, muitos...  
Aperta amor com ancia  
Mais seu nó.

Abraçam-se! Da mente  
Ao peito baixa o sonho  
Sonhado sempre em vão!  
E caem doudamente;  
Mas o prazer risonho  
Mudou-se em afflicção.

Da vida no deserto,  
Que dor! a eterna sede  
Não podem saciar!  
Que lucta em ambos! vêde  
Que abysmo sempre aberto,  
Que morte sem findar!

Mas como a luz se apaga  
Ao sópro violento  
Depois de crepitar!  
E como á flor o vento  
Que vem da ardente plaga  
A séca e faz tombar...

E como a corda estala  
Vibrada com vehemencia  
Por furiosa mão;  
Do gelo, branca opala,  
Se esváe a consistencia  
Na cálida estação...

O eunuco não resiste,  
No incendio dos desejos  
Os braços lhe estendeu!  
Mas como o som de arpejos  
No ar se perde — o triste  
De subito morreu.

Byron ouvindo aquellas narrativas  
De uma Illiada nova,  
Quer alentar-se d'essas paixões vivas,  
Do sacrificio heroico dar a prova.

Pensa em partir, movido pelo impulso  
Do sacrosanto fogo,  
A tomar parte na sublime guerra!  
Eis, n'esse instante logo  
Entregam-lhe uma carta... Abre-a convulso,  
Traz côr de lucto... e vinda de Inglaterra:

«Da cara filha me annuncia a morte!  
Que me resta do lar que adorei? Nada.  
Tinha apenas cinco annos! a pobre Adda,  
O meu fito, o meu norte.  
Eu, foragido assim de plaga em plaga,  
De longe mesmo a via!  
Via-a, como contempla o nauta a estrella  
Que o dirige na tetrica procella.  
Mas, quão breve se apaga  
O porvir da esperanza que sorria!

Oh vida afflicta, mésta,  
 O teu vacuo me traz da morte inveja!  
 Já que no mundo nada mais me resta,  
 A Grecia, a Grecia seja  
 O sepulchro onde eu misero descanse! »  
 São de Livurno o Poeta,  
 Deixa o Poeta a Italia n'esse transe,  
 E na febre da insomnia  
 Encostado á amurada  
 Contempla o mar que doira a madrugada,  
 Apórta em Cephalonia.

No seu combate abandonára a Grecia  
 A Europa indifferente,  
 E ainda enfraquecida pela inepcia  
 De um e de outro bando dissidente!  
 Byron traz a união, o enthuziasmo,  
 Contra o impossivel arca!  
 O seu tedio converte-se em bravura,  
 E alegre desembarca  
 Em Missolonghi; o Tirteu, com pasmo  
 Em heroe do ideal se transfigura.

Byron percorre a Grecia; ali se inspira  
 Das tradições sublimes do passado,  
 E como Eschylo outr'ora, preferira  
 Á gloria de Poeta a do Soldado;  
 Com seu dinheiro paga  
 Então a grega frôta;  
 Com seu ardor e com o canto embriaga  
 A valente phalange sulióta.

Como outr'ora, das hordas mil da Persia,  
Hoje a Grecia vencia  
Da decahida Europa a vil inercia,  
E as gargalheiras torpes da Turquia!  
Pelo calor de abril exacerbada  
Minaz rebenta a peste,  
E da Morte a fatidica brigada  
D'entre os despojos tábidos se erguia,  
Vertiginosa investe.

E quando os bravos erguem suas fronteas,  
E se vestem de flores ermos prados,  
E refulgem abertos horisontes  
De côres irisados,  
N'uma harmonia esplendida, completa,  
Que a liberdade de Héllade celebre:  
Momentos desolados!  
A peste sére o Poeta...  
Cae, succumbindo exaustao pela febre.

No extremo delirio expobrea a Europa,  
Balbuciando em vágados: « Lepanto! »  
O rosto pallido o suor lhe ensopa,  
E apaga-se-lhe a voz do eterno canto.  
A mente desvairada  
Julga-se n'esse instante  
No tropel da terrivel escalada  
Dos muros de Lepanto! e offegante,  
Como animando uma invisivel tropa  
Caiu immovel, proferindo: « Ávante! »

Quando outr'ora se erguia um monumento,  
Castello, ponte ou muro de Cidade,  
Era tambem usança  
Sob o cavouco escuro,  
Como uma condição de segurança,  
Sepultar vivo ahi um sêr humano!  
No triumpho da ardente Liberdade,  
N'este combate insano  
Que alevanta a Cidade do Futuro,  
Byron! tu foste a victima sincera,  
Pela alta intuição de uma nova Era,  
Sepultada debaixo d'esse muro.

## II

## VIGILIAS DO FAUSTO

(POETA)

«a proposito do Fausto... caracteriza como partes constitutivas da minha natureza não somente esta actividade sombria, insaciavel do personagem principal, mas ainda esse motejo, essa aspera ironia de *Mephistopheles*.»

Goethe, *Conversas com Eckermann*.

## I

## Gargalhada de Mephistopheles

O POETA, na vigilia de uma noite estrelada e tacita:

Que noite! Oh erma alampada,  
Oh muda confidente!  
À claridade pallida  
Que a froixa luz derrama,  
N'esta hora silenciosa,  
Minha alma aspira, sente.

Pois como a mariposa  
Crestando as leves azas,  
Doida, um tal fulgor ama!  
Quando na febre velas,  
Alma, assim tu te abrazas  
Do Ideal na eterna chama.



Eil-as! milhões de estrellas  
Bordando a immensidade!  
E quem, sózinho, ao vê-as  
No insondado ambiente,  
Sentir, scismar não hade  
Na luz que alta irradia!

N'uma ronda cadente  
Da vaga etherea e fria  
Esplendem astros ledos!  
Ouve no espaço a mente  
Recondita harmonia,  
Suspensa em mil chimeras.

Interpreta os segredos  
Das lubricas espheras;  
No musgo dos fragedos,  
Ou na pégada froixa  
Que accusa uma vontade,  
Anima extinctas eras.

Vôa na tempestade  
A phantasia acríca;  
Vê despenhar-se a rocha  
Tocada pelo raio  
Que n'um relance fere-a;  
E como desabrocha  
A flor ao sol de maio.

Escuta o mar que rugo  
Na voz de ao longe e ao perto,  
O vulcão que restruge,  
E a mudez do deserto;

Ouve o cedro que verga,  
O vento que bafurda,  
E a fera que se alverga  
Na furna escura e surda;

Vê baquear em terra  
Os idolos das gentes,  
Ouve o clarim que aterra  
Os esquadrões frementes.

E vêa a toda a parte,  
Os abysmos perscruta  
Na subjectiva luz!  
Estranho côro escuta.  
Dá fôrma ao sonho—é a Arte,  
A vida em si traduz.

Fragil argila, embora,  
Na eterna sêde aspira!  
E a duvida, a agonia  
É a aguia que o devora.  
Tudo illusão, mentira,  
Verdade é só—Poesia.

Que noite! oh erma alampada,  
Oh muda confidente!  
À claridade pallida  
De uma luz veladora,  
Nesta saudosa hora  
Quasi me sinto crente.

MERCK, entrando com familiaridade no  
apartamento de Goethe, e parando  
diante do Poeta:

Tu crente! crente agora,  
Oh, desdenhoso Fausto!  
Na sede do saber que te devora,  
Quanto mais da Sciencia provas o hausto,  
Desalentado ficas;  
E as illusões de uma hora  
Nas aras da razão em holocausto  
Austero sacrificas.

Em tua altiva mente  
Debatem-se a Razão e a Phantasia;  
E a intima porfia,  
A essa lucta ardente,  
Que te traz alheiado e indifferente  
Chamas-lhe tu—Poesia!  
Mephistopheles, surge hoje a teu lado  
Sustentando da Duvida o systema;  
Ah, vê quanto é baldado  
O esforço para achar uma harmonia  
N'esse eterno dilemma.

Entre a miragem vaga, subjectiva  
Em que a mente delira,  
Creando as temerosas Entidades  
Das Religiões na absurda construcção,  
E essa outra mentira  
Que a Razão traz cativa  
Da sensação das vãs modalidades  
De uma realidade unica e concreta,  
Um só caminho, oh Poeta,  
Se abre para as Verdades,  
Desvendando-t'o! entra n'elle — a Negação.

O POETA, como em devancio:

Que importa que a Verdade,  
Visão longinqua, trêda,  
Do saber na anciedade,  
Muda, intangivel seja?

Ha uma realidade  
Que se sonha e se beija:  
O Amor, a labareda  
Que alenta a Humanidade.

As nuvens poisam sobre  
O pinacaro do monte;  
Estreita-se o horisonte,  
A noite tudo cobre.

Mergulho-me nas trevas  
Da noite, absorto scismo!  
Mas das bordas do abysmo  
Oh alma, mais te elevas.

Absoluto! o meu braço  
É contra ti inerte;  
Fulmina o ignoto verme,  
Ajax, pois te ameaço.

Não sei dizer que sinto  
Ao vel-a orar constricta  
Assim *bianco vestita*  
Do templo no recinto.

Oh lampada que velas,  
Teu brilho porque o alastras  
Do templo entre as pilastras,  
Nas góthicas janelas?

Eu n'alma reconcentro  
Do templo as harmonias  
Que, Amor, de lá me envias,  
Que envias lá de dentro.

MERCK :

Na agonia de um seculo que expira,  
Na ruina de crenças e de ideias,  
Na vertigem febril da nova Edade,  
Oh Poeta ! só te inspira  
Essa emoção em que ermo devaneias,  
Amesquinhando a Lyra  
Na vaga e feminino passividade?

Ao vêrmos proclamar-se livre o Povo,  
Quando os Dogmas desfaz de um sôpro o atheu,  
Na hora da revolta,  
Ergue-te ! como o Dante,  
Da Negação o hymno estranho solta ;  
Ou como o audaz Tyrteu,  
Hoje o cantico novo  
Entôa triumphante.

O POETA, ainda devaneando:

A face empallidece !  
Oh vem, moça e menina ;  
Ao pôr do sol me ensina  
Do santo amor a prece.

Do mar no envolto pègo  
A minha pobre vida  
É não que anda perdida,  
De Deus se o nome nego.

Véo tenue que me acenas,  
Nuvem ligeira e branca,  
As lagrimas estanca,  
Fique-me a dor apenas.

## PSALMO DA NEGAÇÃO

## STROPHE :

Mas quem és tu, a cuja vista os montes  
Nos fundamentos rijos estremecem,  
E te invocam por Deus?  
Que trazes sob os pés redemoinhos  
De nuvens de um palor caliginoso,  
Nas azas de escarcóos?

Que das narinas fumo espesso de ira,  
De indignação exhalas, e na bocca  
Tens vulcão que incendeia?  
Cuja voz são trovões que o mundo aterram,  
E o olhar é relampago fremente  
Que nas trévas serpêa?

São tuas settas raios que se cruzam  
Nos espaços, fendendo com assombro  
O páramo dos céos!  
Alegra-te, mortal! O teu repouso  
Não o perturba o estrépito ominoso,  
Não existe um tal Deus.



## ANTISTROPHE :

Outro é o meu Deus! Eu o contemplo  
 No intimo bem da alma quando exulta,  
     Sentindo-o todo — amor!  
 Nos canticos das aves na alvorada,  
 Ao fim da tarde no ciciar da brisa,  
     Eu te adoro, Senhor!

No perfume da flor que o prado esmalta,  
 No deslizar da fonte que suspira,  
     Contemplo o teu poder;  
 No orvalho matinal, no ardor da calma,  
 E no quebrar da vaga que o sol doira  
     Tu me ensinas a crer.

## MERCK, sorrindo:

Detesto esse Deismo  
 Inconsciente, rhetorico, piégas,  
 Em que affirmas, incerto; e a medo negas;  
 Antes mil vezes quero a primitiva  
     Rudeza do selvagem,  
     Que no seu Fetichismo  
 Contempla a Natureza como activa,  
 E Deuses faz da sua propria imagem.

## O POETA :

Tu tens das cousas a visão concreta,  
 No pessimismo teu sempre idealisas:  
 Pela critica a tudo pulverisas,  
     Das ruinas és poeta!

Esvae-se a Divindade  
 Como a sonhára a pobre Humanidade,  
 Incompleta noção,  
 Dentro de um rude cranco quaternario;  
 Mas como o Diabo, o tal da tradição,  
 Que ante os passos do homem se *atravessa*,  
 Eterno *adversario*,  
 Hoje em tua cabeça  
 Forma-se outra terrifica Entidade:  
 A fria Negação.

Eu procuro a harmonia  
 Que sustenta o universo!  
 Essa ideal cadencia,  
 Ou sibyllino verso  
 Deve encontrar-se um dia  
 Na tacita immanencia  
 D'onde no Sér immerso  
 Se destaca a existencia  
 Pela infinita via!

MERCK:

Como podes achar tal harmonia  
 Quando a perturba o grito  
 Do perpetuo conflictu  
 Do *homo duplex* da Theologia?  
 Se o espirito se eleva  
 Á concepção mais pura,  
 A carne *abjecta* é fragil mais se cêva  
 No que mais prende á terra a creatura.

Como podes sentir essa immanencia,  
Se a visão subjectiva  
Te desvaira, te priva  
De achar a realidade da existencia?  
Se o espirito remonta  
A Synthese suprema,  
Perde-se no infinito que defronta,  
Do torpel de impressões faz um poema.

## O POETA :

Eternamente triste  
E desgraçado lórá,  
Se n'esta luz da aurora  
Que o horisonte alegre,  
A ordem não existe!

Se n'esta nuvem negra  
Que paira pelo espaço  
Electrica, convulsa,  
Não actua o compasso  
Onde a ordem serena  
Surprehendente pulsa.

N'esta intima pena  
A lei do Sér completo  
Como se patentêa!  
O Sentimento, o affecto  
Conjuga a Acção e a Idéia.

A Acção é a Vontade,  
Forma da Consciencia,  
Por onde se conhece  
Que é livre a Humanidade,  
N'esta complexidade  
Das leis a que obedece.

A Ideia é a Sciencia,  
 Objectiva, suprema,  
 Que ajunta os elementos  
 Desconnexos, fragmentos  
 Da infinita existencia  
 N'um completo Poema.

O Sentimento amplia  
 Esta vida restricta,  
 Ephémera, vasia  
 Em outro sêr tambem :  
 Acção e Pensamento  
 Que o Sentimento incita,  
 Têm por norma infinita  
 Verdade, Amor e Bem.

*MERCK, estendendo-lhe o braço:*

Pobre Poeta ! esse espirito profliga  
 Entre a contemplação passiva e vaga,  
 E a fria observação do que investiga.

Desce da realidade á crúa plaga,  
 Rir-te-has das phrases vãs do idealismo,  
 Que a mente te desvaira e tanto embriaga.

O Amor foi sempre um sensual egoismo,  
 Sciencia, antigo acêrvo de mentiras,  
 O Bem, trégua ao passar perante o abysmo.

E enquanto assim deliras,  
 Oh vem com Mephistopheles sombrio,  
 Com desdem soberano  
 Cuspir sarcasmos sobre cada engano,  
 Rasgar do Templo o véo, o véo em tiras,  
 E no barathro insano  
 Sondar a inconsciencia e o vasio.

## II

## Vigília da Verdade

O POETA :

Para fóra do ádito sereno  
Do meu quarto de estudo me has trazido ;  
    Lanças-me no ruído  
Dos salões ! ahí sinto-me pequeno,  
Nas pompas deslumbrantes da opulencia ;  
Quando aspiro da gloria o arôma, a essencia,  
Escutando o meu nome repetido !

É bem suave este lethal veneno ;  
Um rumor que adormenta e hallucina ;  
Eu adoro o sorriso que o propina !  
Ante a femínil graça a fronte roxo ;  
Mas no conflicto de ambições me enojo,  
    E sinto-me pequeno.

Como posso voltar ao meu reducto ?  
Pobre aguia ancia os pincaros alpestres ;  
    Sou como o animal bruto,  
Que arrancado dos páramos sylvestres  
Esquece a liberdade e o seu caminho ;  
    E sinto que nem lucto,  
Feliz, banal, mediocre e mesquinho.

Fizeste-me vêr essa mulher bella  
Como o que a fera impelle para a liça ;  
Ouvi-lhe a voz que canta e enfeitça,  
    E o desejo de tel-a

Nasceu em mim, indomito, tyranno,  
 Com a minha alma a sua, em tanta ardencia,  
 Entretinham estranha confidencia  
 Percorrendo o teclado do piano.

O Piano de Lili

Que noite, e que sitio! nas horas remotas  
 Do vago silencio, do mago luar,  
 Nem de Ossian a Virgem nas praias ignotas,  
 De fórmas mais alvas que a espuma do mar...

Dormia tranquilla,  
 Sonhando, talvez?  
 E vinha tingil-a  
 Mortal pallidez.

O vento, de subito, as nuvens espessas  
 Da face da lua dispersa no céo;  
 Eu vi-a! lembraram-se as nossas promessas  
 Ao vêr alvos seios a arfar sob o véo...

Sorrindo n'essa hora,  
 Murmura tambem:  
 Que longa demora!  
 Tão tarde; não vem.

Não quiz acordal-a! Quem ha que desperte  
 Um anjo esquecido dos céos por amor?  
 Mas, eis se alevanta: vae languida, inerte,  
 Cendal branco e longo lhe occulta o palor.

E as fórmas? nas dobras do véo transparente  
 Destacam-se, ostentam incertos perfis!  
 Vae linda ao piano sentar-se indolente,  
 Dedilha frenetica... a nota amor diz.



Trementes sons vagam  
Nas mudas soidões,  
Quanto alma embriagam  
Fataes tentações.

Fascina-me o abysmo ! que importa ? a meu lado  
Se auréola angelica a vem defender !  
Sentada ao piano percorre o teclado,  
Os sons, hora e sitio me fazem perder.

Nos braços a apérto,  
Magnetico ardor ;  
Um novo concerto  
Resôa, de amor.

Que noite ligeira ! rebenta-me a corda  
Cantando o delirio da ingenua vestal ;  
Aperto-a nos braços ; somnambula, acorda,  
Sorri-se... e em meus braços se inclina a final.

## MERCK :

Que de vezes, Poeta, me dizias  
É o espirito livre da materia !  
Sustentavas a illusão que crias,  
Na voz da inspiração febril, etbérea.

Para restituir-te o equilibrio  
À mente que desvaira ergui tua alma  
Ao doce Oásis, onde a verde palma  
Dá licor que nos faz do amor ludibrio.

Do amor no lago azul onde bebias,  
Quasi a afogar-te, até à saciedade,  
Te acotovelô, e tu não attendias  
A rasão que te chama á realidade.

O POETA :

Como esse austero mestre, não me faças,  
Que o incauto pupillo  
Deixa ao som d'agua, emquanto vae tranquillo  
Discursando de eventuaes desgraças

MERCK :

Attrae-te uma apparencia ;  
Cada impressão te véda  
Sobre o teu ser moral  
De manter o dominio !  
Como vencer o mal ?  
Pela visão da Sciencia,  
Ascendendo a vereda  
Aberta ao raciocinio.

O POETA :

Não digas mais ! Seja essa a minha rota.  
Vamos ! Mas, dize-me onde  
Começa e acaba a tal vereda ignota ?  
Este o problema inicial ; — responde.

MERCK :

Procurou sempre o homem até hoje  
Nos Livros o caminho da Sciencia !  
Garradas de demencia  
De idade em idade tem-se accumulado ;  
D'esse sahará de desvarios foge.  
Detesta pois a poeira  
Das Biblias porque o homem tem jurado.

Dos seculos sacode o pezadelo;  
Livre d'essa cegueira  
Começa a grande empreza:  
Dos velhos preconceitos quebra o elo  
Que o homem afastou da Natureza.

A Natureza! eterno livro aberto,  
Dos nossos olhos baços posto diante;  
Não como o palimpsesto errado, incerto,  
Prezo à corrente da claustral estante!  
E enquanto a mente altiva  
Decifra o texto inutil do hierophante,  
Fica cega, e da santa luz se priva  
De ridente clareza.  
Que vem da Natureza  
N'uma expressão palpavel, objectiva.

É n'este livro immenso, aonde impressa  
Em caracteres, symbolos, emblemas,  
Se lê do Universo a historia a esmo,  
Que o homem, como absorto em mil poemas,  
Chegará bem depressa  
A ter conhecimento de si mesmo.

O POETA:

Por onde começar? Tu me inicia  
Da Natureza no mysterio occulto,  
Sublime, reverente...

## MERCK :

Ah! vás cair humilde em novo Culto!  
Deixa das Religiões a louca Orgia,  
    Observa friamente.  
Da Natureza o absorvente arcano,  
No tropel de impressões, mais te deslumbra,  
Do que esse sensual ardor que o Piano  
De Lili sobre ti verte e ressumbra.

Às tristezas do amor que te amargura,  
    Lethargica doença,  
Os vastos horisontes da Suissa  
    Dão-te rápida cura.

## O POETA :

A caminho! Essa viagem me enfeiça;  
Da Natureza ah! pagina immensa  
Se abre á minha primeira e sã leitura!  
    Partamos, sem detença.

*As encontrar-se nas montanhas da Suissa:*

Esta vista de habitações tranquillas  
    Esquecidas nos valles,  
Vem despertar-me uma recordação  
Do lar paterno e bom! Lar que me azylas!  
    Aqui, de intimos males  
    De um amor mal extinto,  
Por entre os sons dispersos inda sinto  
Resonancia da vaga vibração:

O cyclope do dia  
No espaço a luz entorna,  
Como um martello espalha  
Faiscas da bigorna ;

Da noite na mortalha  
Se envolve moribundo,  
Thuribulo que arde  
E em trevas deixa o mundo.

E quando o sol á tarde  
Dardeja além na serra,  
Parece o ingente dedo  
Que impõe silencio á terra ;

Esta hora é do segredo  
Que as sombras me vêm dar ;  
Tambem é da ardentia  
Quando se agita o mar.

Amor, melancholia  
Me inspira tanto esta hora,  
Pois que a costura, n'ella,  
Deixavas tu, senhora . . .

E vinhas á janella  
Radiante de candura,  
Sempre a primeira estrella  
Em céu de noite escura.

MERCK:

O som mais forte engrossa a intensidade,  
Confundindo os que vibram tenuamente;  
Olha esse lago limpido e tremente;  
Estende a vista a toda a immensidade!

O POETA:

Estes ares dão força, audacia! Eu quero  
Luctar, vencer, e dispendar a vida  
Nas manifestações do ser complexas!  
Que panorama esplendido! Ha quem ouse  
Tentar commigo a ascensão do monte?  
Contempla o Sam-Gothardo! e como pulsa  
O coração de amor pela Montanha!  
Bem fez a humanidade, quando outr'ora  
Sentiu que era a Montanha um Templo immenso,  
O Sinai, o Meru, o Orb, o Olympo,  
De adoração suprema! Quando o homem  
À criação do Deus oppoz a Industria,  
Fez do Caucasó o pedestal heroico;  
No Calvario elle se transubstancia  
Ao comprehender o sacrificio altruista.  
Prometheu e Jesus, eis os dois pólos  
Da elevação da activa Humanidade.

MERCK:

Ascende, oh Poeta! Á faldá da montanha  
Não te roçam a face as fortes brisas;  
Os pincaros das gélidas alturas  
Não transpuzeste ainda, e satisfazem-te  
Essas velhas comparações já gastas!  
Quando attingires as nevosas cimas,  
Ante a visãe immensa, com certeza  
Será outra em teus labios a linguagem.



O POETA, elevando-se:

Revelou a Petrarcha o grande Monte  
 Para o mundo moral novo horisonte,  
 A voz do eterno Amor!  
 A mim, da luz a ansiedade acalma,  
 Faz-me sentir na Natureza uma alma;  
 Vem-m'a em contacto pôr.

MERCK:

Que fontes de Poesia o monte jorra!  
 Não basta conhecer da Natureza  
 Modalidades cosmicas. Latente  
 N'ella a harmonia é implicita unidade.  
 Olha a medalha em suas duas faces!  
 Espiritos mediocres conhecem  
 Um aspecto sômente; e para elles  
 Sempre a Sciencia foi pallida lua,  
 Que uma face unica e gelada mostra.  
 Detesta um saber tal por fragmentario,  
 De um pedantismo especial, concreto,  
 De estereis controversias sem intuito,  
 Com palavrosa e doutoral philauca.

O POETA:

Bem sabes, que insistente eu pela vista  
 Busco abranger o mundo; e quando avanço  
 É apoiado na objectividade.  
 Para mim, o Espirito e Materia  
 Não podem actuar um sem o outro,  
 Tal como a vibração da onda sonora  
 Depende do ar. D'esta unidade parto.  
 Com novo aspecto o mundo se me ostenta:

A variedade incongruente, infinda  
Das cousas torna-se expressão grandiosa  
Da unidade immanente no universo;  
A Razão creadora a sente e fixa,  
Identifica o Ideal e a Realidade.  
É contemplação íntima a Sciencia.  
Senão, vêde: Uma Flor? é deslumbrante  
Para os olhos, que as côres lisongeiam,  
Para o olfato, que aromas inebriam,  
Para os lábios quando os nectarios tocam.  
Pelo porte gentil encanta, vence!  
Mas que novo perstigio lhe descobre  
A visão subjectiva, quando as fôrmas  
Caprichosas que a flor ostenta, todas,  
Contempla na unidade—o *Cotylédon!*  
No mundo organico eu observo o mesmo.  
Nas fôrmas animaes, complexidade  
Que desvaira o que o nexo ás cousas busca,  
A unitario typo de estrutura  
Se reduz; vêde:—a *Vertebra*, tão simples.  
Avançando, a unidade dos tecidos  
Se impõe, relacionando esses dois mundos  
Vegetal e animal, no breve esboço  
Da *Cellula!* Tão pouco; e que infinito!  
E se ascendermos mais ao alto, e formos  
Sondar as Forças que ainda se combinam  
Na construção continua do Universo,  
O Calor e a Luz, o Magnetismo,  
A Electricidade incoercível,  
São vibrações da mesma resonancia  
Do unitario impulso—o *Movimento.*

MERCK :

Basta, oh Poeta ! Suspende o enthusiasmo.  
 Do saber a insaciavel sêde  
 Que no teu aprênto te encerrára,  
 Levou-te a presentir a ancia forte  
 De uma Synthese nova. Tu aberras  
 Do meu typo do Sabio ; bem pertences  
 A uma especie não classificada.  
 Aqui, estes momentos me recordam  
 Da Taverna de Auerback as lendas :  
 Dás no grande tonel volta á torneira,  
 O licor hilariante é luz que jorra !

O POETA :

Comparação de uma ironia fina :  
 Não me toca ; tu vês como conheço  
 Os dois typos do Sabio, que entre o vulgo  
 Gosa de admiração : um, Sabio-theurgo,  
 Que symbolisa a excelsa Natureza  
 N'uma Entidade abstracta, fria, inane ;  
 Das proprias emoções faz evangelho  
 De iniciação theosophica, profunda,  
 Com perstigio secreto annunciando  
 Redemptora missão ! Tu avalias  
 Um tal typo de Sabio, quando ha pouco  
 Recordavas a situação da lenda  
 Do theurgico e velho Doutor Fausto.

MERCK :

Retrata o outro typo.

## O PORTA :

Esse é o Sabio

Que entrevê só fragmentos de verdades;  
 O que observa detalhes desconnexos;  
 Que descreve as minucias uma a uma,  
 Que tudo classifica, conduzido  
 Pelas analogias exteriores;  
 Não vai além de um empirismo cauto.  
 Para tal Sabio é sempre a Natureza  
 Apparelho de complicadas peças,  
 No enumerar-as o saber consiste.

## MERCK :

O typo é conhecido; faz Memorias,  
 Dissertações, Scholios, Commentarios,  
 Dê-se e prospêra nas Academias . . .

## O POETA :

O illuminado e o erudito odeiam-se;  
 Inseparaveis são, pois se completam.  
*Fausto* carece d'esse companheiro.  
 Que nome lhe daremos? Seja *Wagner*.  
*Wagner* fabrica então peça por peça  
 Os elementos todos que compõem  
 O organismo do Homem; d'esse esforço  
 Sac-lhe das mãos o *Humunculo* irrisorio!  
 Elle simula os sentimentos d'alma,  
 Mas resurge a Rhetorica dormente,  
 Com que os dois se disfructam ou se enganam.  
 Sem ti, Merck, impossivel me seria  
 Desprender-me das pontas do dilemma:  
 Ou Theosopho, ou Pedante especialista!

Negação systematica em ti acho;  
 Criticismo que austero disciplina,  
 A' realidade attrae-me a cada instante  
 Se para o vaeuo da abstracção propendo  
 Ou se á chateza do concreto corro.  
 Como Genio diabolico, respiras  
 Contradicção e tedio, e a ti devo  
 Fé na Verdade e Consciencia livre.  
 Sem ti *Wagner* seria um grande assombro,  
*Fausto*, um mesquinho magico grotesco.  
*Mephistopheles* és; em ti se encarna  
 A negação, a critica, o juizo  
 Dos motivos secretamente egoistas,  
 E esse espirito livre, que fulgura  
 Em *Voltaire* e em *Diderot* . . .

MERCK :

A viagem

Da Suissa na tua mente acorda -  
 O genio da Sciencia; foi-se o Poeta.  
 Carece o teu espirito do accordo  
 Da noção subjectiva, una, suprema  
 Com os dados da objectividade.  
 Vaes n'esse esforço como o equilibrista,  
 Que atravessa na corda a cataracta  
 De um *Niagara* immenso; attrae-te o abysmo.  
 Tu como Poeta, a *Luz* tanto idealisas,  
 Mas na contemplação serena absorto,  
 Passas além, e no ádito da Sciencia  
 A *Theoria das Côres* nos revelas!  
 Como Poeta, os rumores da Floresta  
 Fallam-te mil segredos; muda a Lyra  
 Fica, perante o exame da estrutura

Do mundo vegetal, descortinando  
 Typo inicial e uniforme—a *Folha*.  
 Como Poeta, as femininas fórmas  
 Deixam-te n' alma agitação ardente;  
 Mas em vez da mulher amada, cantas,  
 O que? O Ideal, o *eterno feminino!*  
 Deixaste Lili, e esqueceste Augusta,  
 Frederica ante o frio desdem expira...  
 Se tu sómente amavas Galathéa,  
 A mysteriosa e animica Entidade,  
 A quem Bichat, Lamarck e Bell levantam  
 A fimbria do cendal que occulta a *Vida!*  
 A contensão scientifica conduz-te  
 A' solidão do individualismo;  
 Pela Razão abranges o universo!  
 Em ti, Poeta, a harmonia reconcentra  
 Accordando a Razão e a Phantasia:  
 —O *Viver para outrem!* eis a norma  
 Que synthetisa os sentimentos todos,  
 O movel das acções mais nobres do homem!  
 É tarde para mim! não me é possível  
 Reconstruir o ser moral, succumbo  
 Sob um temperamento e pessimismo  
 Que me leva á ironia e ao sarcasmo,  
 A um lethal e amargo desespero.  
 Nada admiro, nada amo; nada quero;  
 Nenhum consolo busco: atroz Nirvãna.  
 Torna-se a vida um pezo; deito-a á margem,  
 Jumento sob a carga estatelado.

## O POETA:

Dos pincares do Sam Gothardo avistam-se  
 Da Lombardia os viridentes plainos!  
 O vento espalha acastellados nimbo



Que obumbram o horisonte ; assim varressem  
 Da mente do homem doutrinaríos fúmos.  
 Um perfume de Antiguidade e de Arte  
 Vem das bandas da Italia. Que attractivo!  
 Pudesse eu ter o vôo dos condores,  
 Pelos espaços fóra me librára,  
 E no doce paiz das laranjeiras  
 Baixaria, a admirar a bella Italia!

MERCK :

Guarda esse impulso no imo de teu peito,  
 Como doente que um elixir possui  
 Que o chama á vida, o guarda confiado  
 N'uma vaga esperança, para a hora  
 De perigo lethargico e terrível.  
 Lembra-te então da Italia! Se em tua alma,  
 Que a paixão da *Verdade* orienta e excita,  
 Te achares impotente, esteril, certo  
 É que a corda, isolada, vibra froixa.  
 Na Lyra de tua alma ha outra fibra,  
 O Sentimento. É lá, é lá na Italia  
 Que irás ouvir a mysteriosa nota  
 Dos velhos carmes, que revela Augusta  
 Da Humanidade a Synthese affectiva.

III

### Vigilia do Amor

O POETA, lendo uma carta de Augusta:

« É bem triste a noticia, oh caro Poeta,  
 Suicidou-se Merck! era previsto.  
 Se da crença o calor nos abandona,  
 O pobre coração de pulsar deixa ;

É a morte, antes mesmo d'essa horrenda  
 Decomposição crua da materia!  
 Volta á Religião, Poeta . . .»

*(Interrompe a leitura):*

Lembro-me  
 Das palavras de Merck—Ao Amor volta!—  
 Vira no templo o apaixonado Lullo  
 A deslumbrante Ambrosia de Castello,  
 Louco por tanto ardor, tenta salva-la  
 Do cancro hediondo que lhe rõe o peito.  
 Com que fervor estuda as Sciencias todas  
 Que o mundo antigo tinha accumulado!  
 E achando-se impotente em tanto esforço,  
 Volve-se á Religião que o hallucina  
 Perdido no tropel dos desvarios.  
 Da comprehensão das Sciencias caminhando,  
 Levarei outro movel, alto intuito  
 Para o Amor, que as sensações corrompem,  
 Ao invés do Doutor Illuminado.  
 O suicidio de Merck um desalento  
 Quasi invencivel para mim seria,  
 N'este vacuo moral em que succumbo,  
 Se elle proprio o remedio não me aponta:  
 Quando me assalte o tedio, proveniente  
 De uma especulação intensa, abstracta,  
 Uma viagem me salva—a Italia, a Italia!  
 Reanima-me um bom amigo—Schiller.

*(Como em evocação):*

Merck! oh viva lembrança da amisade,  
 Que a morte torna como que divina,  
 E que intima saudade  
 Sempre pungente aviva;

Com o fulgor do bom senso me illumina!  
Pelo pacto ideal da consciencia  
Resurge na existencia,  
Imagem subjectiva!

Livre das phrases vãs do idealismo,  
Das convenções banaes, tu representas  
Da Negação a synthese audaciosa!  
N'esse teu scepticismo  
Me das força e sustentas,  
Mostras o mobil de uma acção ruidosa.  
E os heroicos feitos, a virtude,  
O sacrificio, e o óbolo que illude,  
Tudo resolves n'um secreto egoismo.

Como Satan, o eterno adversario  
Ante os passos do homem se atravessa,  
Que a Antiquidade oppressa  
Creou, n'um pezadello imaginario,  
Espirito do Mal, sempre em revolta,  
Como Satan, resurge, as azas sóla.

Deixa evocar-te! deixa;  
Quero-te assim, acerbo e negativo,  
Tu serás *Mephistopheles* sombrio!  
Attende o febril hausto  
Da minha ardente queixa,  
Companheiro sarcastico do *Fausto*.  
Mostra do Amor o engano doce e vivo,  
Qual ninguem o sentiu.

Os amores, que ardentes me assaltaram  
E me algemaram tanto, eu cri, sincero,  
    Ingenuamente um dia,  
Que a noção scientifica deparam  
Luminoso relêvo, essa harmonia  
Que existe entre o Ideal e a Realidade,  
    Que debalde achar quero.

Aventuras da idade,  
Embaraçando-a em minimas intrigas,  
    Em vistosos enganos!  
Fazem-me pena os corações levianos,  
Para quem é questão de vida ou morte  
    N'aquellas mudas brigas  
    Em que se vive muito,  
Sorriso incerto, vago olhar fortuito!

Mas um olhar que custa?  
    Com relances vehementes,  
Sem fallar, como dizes tudo e encantas!  
    Como me olhava Augusta,  
Lili, Bettina, Frederica e tantas...  
Hallucinadas, são como esses crentes  
Que na frente do idolo se prostram;  
    E quanto mais nos mostram  
    As almas namoradas,  
Na marcha triumphal são esmagadas.

De Jagarnath repugna-me o destino;  
    Como observador sinto  
    O impulso latente  
    De invencivel instincto,  
O sexual instincto, irmão da morte!

O fatal desatino,  
Do sentimento a força inconsciente,  
Como um rapido corte  
A Werther, que ama com fervor, decide-o  
A lançar-se ao suicidio!

MERCK, *aparecendo*:

Fêre-me essa palavra que disseste!  
O Suicidio? eis o unico momento,  
Para mostrar que é livre, ao homem dado!  
Fatal contradicção! Que importa? É este  
O Paradoxo atroz do pensamento,  
Problema inexplicado:  
Affirmar a Vontade, aniquilando-a!  
Negação, afirmando-a!

Como ao raio de luz o prisma vitrio  
O decompõe, de cada côr o priva;  
Na critica sem plano, e negativa  
Assim se exerce o nosso livre arbitrio,  
Se a morte busco e quero!  
Chamado á vida sem ter sido ouvido,  
Nem consultado no lethal destino,  
Em hora incerta a morte certa espero,  
Miserico e combalido,  
Objecto inutil n'este esterquilino.

Nasci, sem ter um germen de vontade;  
Determinei morrer, volver á massa  
Da universal materia inconsciente,  
Como mançeira escassa  
De affirmar dignamente  
Ancia de presentida liberdade!

## O POETA :

Entre a vida e a morte,  
Pólos de tudo quanto vive e existe,  
Mão ignota vêm pôr-te  
Um intermedio, pelo qual subsiste  
Da Vontade plenissima o dominio :  
É o Amor ! Joia da alma no escritorio.

O Amor ! effusão da alma,  
Incarnação do Logos ineffavel ;  
Clarão de eterno brilho  
Que na procella erguida,  
E em ancia incomportavel  
Brando, o terror do b̄arathro acalma,  
Seguro e forte o misero soccorre !  
Se toma corpo, abraça-se n'um filho,  
Que além da morte nos prolonga a vida.  
Vive-se pelo Amor, quando se morre !

Sómente assim o homem se liberta,  
E os vinculos dissolve  
D'esta imposta e atroz fatalidade  
Que o arrasta e aperta  
N'um circulo sem fim, sem claridade  
Em que a materia organica se evolve.

## MERCK :

Como tens comprehendido o Amor, Poeta !  
Miragem que a rasão desequilibra !  
Novo Pygmalião que o golpe vibra  
Sobre o blóco de marmore inda informe !  
Mas, ai ! o artista louco se inquieta,



No marmor' frio estranho vulto dorme,  
 Elle o oscula debalde, mas não sente  
 Pulsar ao tacto a animada fibra,  
     E no abraço vehemente,  
 Crendo animar essa materia inerte  
 Morre exausto; e na louca illusão crente,  
 Que dando a vida, á vida ella desperte.

A tua estrophe ardente,  
 Poder que a vós, Poetas, só pertence,  
 Vae acordar na alma das mulheres  
 A musica interior que as prostra e vence!

Quando o plectro desferes,  
 Seguem-te anciosas, como que enlevadas  
 Na magia do canto, e assim parecem  
 Eurydices do barathro subindo;

Porém, desde que cessem  
 As vibrações do canto aërio e lindo,  
 Ao desespero são arremessadas!

## O POETA:

Eu, simplesmente busco  
 Isto que ha de fatal no sentimento  
 Vencer, dando á emoção a fôrma da Arte!

A nenhum brilho offusco,

O genial alento

Procuo em toda a parte!

A ti devo o scientifico processo  
 Da concepção esthetica! e, se eu amo  
 Bettina ou Frederica, ala-se a mente

(Como a ti o confesso)

À Galathea eterna, surprehendente,

Por quem suspiro e chamo,

Visão do Bello, ideal que me fascina,

A expressão da graça feminina.

MERCK :

Como o pintor, que vae tocando, lento,  
 A expressão, a graciosa linha,  
 Até que por fim deixa  
 Num incerto momento,  
 O retrato com vida e movimento...  
 E embebido na criação sublime  
 Se esquece da pobre alma que desinha  
 Na sombra, e não se queixa...

Sem pensar no seu crime,  
 E enquanto esse ar á tela elle transporta,  
 Que arrebatá á gentil physionómia,  
 O Pintor nem sentia  
 Que ella já estava morta!

Ante o triumpho da Arte absorto fica!  
 Tu és assim, oh Poeta; o desvario  
 De uma paixão ardente acha-te frio;  
 Tal desfallece a pobre Frederica!

O POETA, angustiado:

É morta Frederica? é morta? Falla...

MERCK :

Morta de desalento, como Ophelia;  
 Tu deste-lhe a grinalda de teus versos,  
 E a harmonia dolente  
 Que os vãos sonhos embala  
 Invencível impelle-a  
 Descuidada na gelida corrente  
 Da morte, em que os seus sonhos vão submersos!

## O POETA :

Não digas mais! Arrasta á idiotia  
Essa revelação que atroz me punge!  
Onde ao espirito encontrar repouso  
Contra a recordação que me estrangula?  
Serenidade da alma, d'ora em diante,  
A condição da lucidez do artista,  
Onde encontral-a? Quem poderá dar-m'a?

## MERCK :

Suscitou-te a viagem da Suissa  
Vivo interesse pela Sciencia; agora  
Grata serenidade de alma alcanças  
Contemplando a limpidez suprema  
Das bellas creações antigas da Arte.  
Tu, profugo, procura a Italia, a Italia...  
Que nova inspiração da Antiguidade!  
Nunca a Grecia em si teve outra harmonia;  
Pela expressão do Bello inda domina  
Das Renascenças sempre o activo fôco.  
Debatiam-se os Cultos, louca furia  
Entre Delios e Zeus; e conflagravam  
Philosophias da Eléa e Jonia;  
No Ágora luctavam os partidos  
À voz dos exaltados demagogos:  
Tudo levava ao immanente accordo  
Da afirmação da Liberdade humana,  
Sob um unico impulso que unifica,  
O Bello — o sentimento pleno da Arte.  
Hoje, no meio de um conflicto enorme  
De um Século que acaba e se dissolve  
Da ordem social minando as velhas bases

Pela queda da Igreja e da Realeza,  
 Onde, o espirito encontrará apoio?  
 Busca na Arte os unanimes affectos,  
 O suave esboço de uma ideal concordia.  
 Oh *Fausto* inquieto, é tempo, é tempo agora  
 De evocares a deslumbrante *Hellena*,  
 Quando em volta de ti os outros luctam  
 Para empunharem da discordia o sceptro.

O POETA, abraçando *Wieland*, no momento  
 da partida:

Parto! Á romagem da Italia eu sigo;  
 Do passado segredam-me as ruinas  
 Esse mysterio da consciencia antigo,  
 Quando deu forma ás concepções divinas  
 Na mente do Poeta!  
 Quem soube achar a intima harmonia  
 Entre o Ideal, ou subjectiva norma,  
 E o Real, ou a visão concreta  
 Na pureza da forma?  
 Como a lampada de Hero me allumia  
 Esse clarão latente,  
 Através das borrasças do presente.

WIELAND:

Saudae, saudae as sombras gloriosas  
 D'esses Fieis do Amor, Dante, Petrarca,  
 E do galhardo Ariosto!  
 Almas puras, sublimes, em que a marca  
 Da burguezia parca  
 Não perturbou seus ledos devaneios!

Sabem fazer amar, sentir o gosto  
 D'esse apagado mundo dos torneios,  
 Das castellãs o amoroso emblema,  
 E o voto ousado que se cumpre a custo!  
 Ah!, lerás da Edade media o Poema,  
 Penetrando o sentido íntimo e justo,  
     D'onde outra luz dimane,  
*Sotto il velame degli versi strani.*

À VENTURA NAS RUAS DE ROMA

O POETA :

Como heide contemplar o frio marmore  
 Guardado em silenciosas galcrias;  
 Concentrar-me n'um sacrosanto enlêvo  
 Debaixo das abobadas vetustas  
 De eternos monumentos,—se nas ruas  
 Passam rindo as formosas raparigas,  
 Mais bellas do que as Dryadas sonhadas  
 Na doce Arcadia outr'ora! A ti, Catullo,  
 Dou-te razão—*Vivamus mea Lesbia!*  
 De rosas e de myrtos coroçmo-nos.  
 Bem andaram ante esta claridade  
 Que inunda o espaço azul, Tibullo, Ovidio,  
 Propercio, essa dourada juventude  
 Em doudamente amarem, em cantarem  
 Delia, Corinna, Cynthia, Lydia, todas,  
 Pondo de parte as vãs questões do Imperio  
 Entre o poder de Augusto e o Consulado.  
*Vivamus!* Foi o grito, o santo *Oremus*,  
 N'este holocausto da encantada Psyche.

*Para Mevch, mostrando-lhe uma U-  
sinha com o typo de Madona:*

Se a viesses á janella  
Cuidando em seu bordado,  
Pudesses, como eu, vel-a  
Detraz do cortinado!

Se a viesses pensativa,  
A mão firmada ao rosto;  
Ingenua sensitiva  
Que é languida ao sol posto!

Quando modula ás vezes  
Uma ária favorita;  
Se um dia em muitos mézes  
É pallida e afflicta!

E os anneis dispersos  
Do nitido cabello?  
O seio, o mais que em versos  
Mal posso a ti dizel-o?

Se viesses isto tudo  
N'um hymeneu de graças,  
Ficaras talvez mudo,  
Mas olhas frio, e passas.

E quando meia occulta  
Com magico recato,  
No véo a mão lhe avulta  
Amaciando o gato?



Ou quando ao vir da aurora  
Em alva toalha envolta  
Ao espelho se namora,  
E olhar lascivo solta ?

Eu amo-a muito, muito,  
E então n'esses instantes  
A mim mesmo pergunto  
Em que pensava eu d'antes ?

E se á janella, triste  
Vem pôr sua gaiola ?  
Se vem deitar alpiste  
No comedouro á rola ?

Ai rôla ! quem pudesse  
Gozar esses carinhos,  
Que a vida me parece  
Um thalamo de espinhos !

Cativa, a pobre arrulha  
Com peito á angustia dado ;  
E a dona move a agulha  
No lépido bordado ?

Eu vejo-a sempre esquivã  
A angelical visinha ;  
Ai dôr ! a alma é cativa  
Talvez mais que a avesinha.

MERCK :

Segues, oh Poeta, por caminho errado,  
 Às emoções submisso ! Se tu amas  
 Como Tibullo, ou como amou Propercio,  
 No delirio do goso cães exausto . . .

O POETA, galanteando a vizinha:

Quando á tarde te assentas á janella  
 A costurar,  
 Sobre a cassa a mãosinha, alva como ella,  
 Deixas mirar.

Como brinca o teu gato ! É gosto vê-lo  
 Brincar assim :  
 Se do regaço teu cae o novello,  
 Com frenesim,

Elle o toma e o lança pela esteira,  
 Depois . . . com dôr,  
 Cuido, ao vê-lo brincar d'essa maneira  
 Vêr nosso amor :

Porque abrazado n'esta ardente sêde  
 Pedem meus ais  
 Um pingo de agua ! a rir me dizes—Vêde . . .  
 E escondes mais.

MERCK :

Nova poesia o povo te revela !  
 Pudesses tu juntar n'uma corrente  
 Esses dois pólos — Natureza e Arte . . .

O POETA, galanteando a vizinha, a propósito do seu gato:

Gosto de vê-lo com fingido somno  
 Todo às caricias que lhe faço alheio;  
 Vê-lo deitado, como em abandono  
 Sobre meu côlo e conchegar-se ao seio.

Gosto de vê-lo no jardim correndo  
 Leve apoz ave, que fugiu de vê-lo;  
 Quando estendido ao sol que vem nascendo  
 Lambe, amacia o avelludado pello.

Sempre brincando quando o sol é nado,  
 Não pára ao menos quando o sol definha,  
 Dando lições de amor, sobre o telhado  
 Lá no casal da magica vizinha.

MERCK:

Na vertigem do amor, salva a ironia.  
 Ella sorriu-se, e tu voltas-lhe a face?

O POETA, partindo para ir admirar uma  
 estatua de Venus Callipigia:

Turva-te, espelho do sereno lago,  
 Esvae-te, aroma da purpurea rosa;  
 Abraza-te, indiscreta mariposa  
 Na luz funérea de brandão aziago.

Esvaece-te, oh sonho aério e vago!  
 Que val', que importa amor? esta alma anciosa  
 Paira absorta na onda harmoniosa,  
 E tem da lyra em cada nota o affago.

Do puro Ideal é ella a confidente,  
De Deus as obras a egualar se atreve,  
Dá vida á Galathea, a estatua sente.

Foste a illusão de uma hora! hora tão breve...  
Foste a vertigem de estonteada mente;  
Meu fogo destruiu-te — eras de neve.

MERCK, vendo o Poeta contemplando uma  
Venus Várix:

Essa inerte nudez, com que ousou Phryne  
Vencer os seus Juizes, tanto impera,  
Que te traz subjugado, silencioso!

O POETA:

É sempre a fórma humana, do que existe  
Para ser admirado o que ha mais digno.  
Symbolo incomparavel da Arte grega:

Zeuxis, para pintar  
A imagem de Venus,  
Formosa entre as mais bellas,  
Mandou vir nada menos  
Do que sete donzellas  
Das mais lindas, sem par!

E poz-se a contemplar,  
Despidas dos adornos,  
As linhas, os contornos,  
Os flexuosos traços  
Das Virgens de Cortona,  
Os indolentes braços  
Onde Amor se abandona  
Vencido a devanear.

Tentando copiar  
A esplendida nudeza  
Que tem de si defronte,  
De uma o cabelo em rolos,  
A soberana fronte,  
De outras os niveos collos,  
D'esta o seio redondo . . .  
De surpresa em surpresa  
Um vulto vaç compondo  
Bem digno de adorar !

Como sabe egualar  
A volupia da coxa !  
N'uma luz quente e viva  
A côr, o tom afrouxa  
Dando a curva lasciva  
Ou o eburneo hombro !  
E pôde tanto o Artista  
Representando á vista  
O que ha mais vago . . . assombro !  
O desejo, o anhelô,  
O impalpavel vello,  
Effeito de encantar.

E depois de fixar  
As fôrmas seductoras  
Da femiñil beldade  
Que furta á realidade  
Nas inspiradas horas ;  
Toda essa nudez bella  
Que brilha em cada linha,  
Suavemente vela,  
De modo que adivinha  
A alma, sem que se farte . . .  
Esse o poder da Arte,  
Que leva a idealisar.

## MERCK :

É um Symbolo augusto a fôrma humana,  
Que o sêr moral encarna e significa !  
Mas não comprehendes o Amor immenso  
O novo Amor que o seculo transforma.  
O Amor, força immanente da harmonia,  
Todas as Religiões o perverteram  
Nos Cultos sensuaes de Orgias loucas !  
Mystico amor do inane solitario  
Pela miragem da futura vida,  
É o bruto egoismo vil, que abjura  
Do *Uiver para outrem*. Prazer bello !  
O Amor, por tantos seculos, occulto  
Nos claustros mudos e soidões escuras,  
Sob o humilde cendal da *Caridade*,  
Sólta um dia tambem as azas de ouro,  
Apparece radiante, retemperado  
Pela humana affeição—*Philantropia*...  
A alma moderna allia as duas notas  
Do sentimento de Hállade e do Lacio !  
Bem vês como, annualmente, pela Europa  
Desgraçados succumbem aos milhares  
Ao fogo da Variola ! Tranquillas  
Sabias Academias se conservam,  
Contra a inoculação sentenciando,  
Mão grado a indiscutivel efficacia.  
Venceu o sentimento suggestivo  
Por via da Mulher ! Com que heroismo  
Evangelisa esse remedio novo !  
Possuidas de uma intuição suprema,  
As mulheres ensaiam nos seus filhos  
A inoculação ; brilham entre ellas  
Lady Wortley Montágu generosa,  
A lucida Condessa Buffulini,  
Com as Imperatrizes de Austria e Russia,



E Maria Antoinette! Pio culto  
 Da fôrma humana, bella, destruida  
 Pela terrivel pústula eruptiva,  
 Que levava a mulher por alto instincto  
 A consagrar a ingente descoberta.

## O POETA:

O *Urver para outrem!* noção pura,  
 É do Amor a definitiva norma,  
 O destino completo da existencia,  
 Como a mulher sublimemente ensina.  
 Esposa, Filha e Mãe, Trindade excelsa  
 No Feminino eterno unificada,  
 Sempre vivendo para outrem, sinto  
 Que a harmonia moral em si realisa.  
 O que vale a Sciencia, se a Verdade  
 Como abstracta de estímulos carece,  
 Do relêvo de um vivo sentimento?  
 Quem não ri de officiaes Academias?  
 Do saber o deposito conservam  
 Na esteril inacção do vão perstigio;  
 Nos Salões, a conversa audaz e franca  
 As conquistas da Sciencia espalha, e a fôrma  
 De um novo Amor universal lhe imprime!  
 Quem operou este milagre, prompto?  
 As Mulheres! só ellas. Nos brilhantes,  
 Esplendidos Salões nasceu a graça,  
 Da convivencia o ideal encanto,  
 Que pelo Sentimento evangelisa  
 A corrente invencivel das ideias.  
 Tambem a Grecia, em Péricles, attinge  
 O apogeo das Artes, da Poesia,  
 Do Drama e da indomita Eloquencia!  
 D'onde hauriram os genios essa força?  
 Na convivencia das gentis hetairas.

MERCK :

Desvaira-te a exterior analogia,  
 Das fórmãs a pagan efflorescencia!  
 Ah, se a serenidade Augusta da alma  
 Vês que te restitue a Arte antiga  
 Na idealisação do corpo humano,  
 Falta-te, oh Poeta, ainda a Equidade,  
 Por onde o homem interior contemples.  
 Eu, negativo Espirito, não ousou  
 Dizer-te mais. Uma amisade pura  
 Tens em Schiller; é, como tu, poeta,  
 De um seculo que surge audaz e forte  
 As vibrações moraes na alma concentra.

SCHILLER, no primeiro encontro com Goethe:

### O Poder do Sentimento

Quando o baixel sossobra e vae a pique,  
 Sereno até ao fim é bem que fique  
 No seu posto o valente capitão;  
 Tal, perguntaram a Voltaire, um dia,  
 Como ao ultimo que sobrevivia  
 Da Encyclopedia, a forte geração:

—Porque pôde Rousseau actuar tão fundo  
 Nesta renovação moral do mundo,  
 Tendo um incompletissimo saber?  
 Quando na mente, onde a alta ideia paira,  
 Do paradoxo a luz que o desvaira,  
 Mal o deixa as verdades entrevêr?—

Nos triumphos da Ideia sempre absorto,  
E esquecendo a pessoal rivalidade,  
Voltaire, em patriarchal simplicidade,  
Responde e faz justiça ao grande morto:

«Tinha Rousseau uma palavra ardente,  
No Estylo, da Lyra as sete cordas;  
Deu ás ideias mal comprehendidas,  
Mesmo ás aspirações indefinidas,  
Ás emoções latentes, comprimidas,  
Como um Oceano que transpõe as bordas.  
Deu a expressão fogosa e vehemente  
Que enchia as almas universalmente.»

Desde o bruto anthropoide ao habitante  
De opulentas cidades federadas,  
Entre as luctas, paixões, guerras, soubeste  
Rousseau, achar da Natureza humana  
A bondade nativa! Revelaste  
Ao homem o valor moral do homem!  
Quando as iniciais desigualdades  
Perpetuavam a aversão das Classes,  
Restos primordiacs e inconscientes  
De odios de Raças e rancor das Castas,  
Foi o Amor, o Amor o que oblitera  
Do passado a horrorosa antinomia!  
Dedilha o Trovador um lai furtivo,  
Melancholica a castellã o escuta  
No solar mudo do Barão furioso;  
Como se opéra a communhão das almas!  
A noção da Egualdade o Amor diffunde,

É o sentimento que liberta a Europa  
Da prepotencia dos feudaes bandidos.  
O Amor universal ante a Egualdade  
Do soffrimento, mais que o civil nexo,  
Reune agora sobre a terra os homens!  
O Amor dirige a Acção e Pensamento  
D'esse apostolo novo — Howard! Vêde  
Como as prisões da Europa elle percorre,  
Possuido do horror em que se extorcem  
Os que suspiram pela liberdade!  
Contemplae Oberlin! funda os Azylos  
Para a indigencia erma e desvalida!  
Como Bailly os hospitaes melhora!  
Pinel acha o affectuoso tratamento  
Para infelizes da razão privados.  
Bourgelat e Rozier, ambos condoídos  
Dos animaes que para nós trabalham,  
Soccorrem-os, eil-a a Veterenaria.  
As desgraças encontram resonancia  
Nos corações sinceros; já Pereira,  
L'Épée, Sicard, dão falla aos surdos-mudos.  
Hay funda a Eschola para cegos!  
Parmentier de Sablons pelas planicies  
Cultiva a nova planta: não mais deixa  
Morrer de fome, á mingua o indigente.  
Helvetius, para as classes desvalidas  
Fórma a Sôpa-economica! Bem hajam.  
Quem viu em tempo algum tal sympathia  
Por este sêr moral o Homem? Nunca  
A vibração do affecto foi mais clara;  
Um diluvio de Amor! Olhae, os Sabios  
As Machinas inventam, suavizando  
O indefesso e material trabalho.  
Montyon cria os premios destinados  
Para quem mais dotar a Humanidade

Com instrumentos uteis! Beccaria  
 Levanta a dignidade da Justiça;  
 Voltaire rehabilita os innocentes;  
 O Abbade Sam Pedro, e Kant o Plano  
 Da Paz universal, perpetua esboçam!  
 Um diluvio de Amor, ideal, immenso  
 Que a Humanidade agora retempéra.  
 E a criança? essa vergontea fragil,  
 Que sympathia e encanto que provoca!  
 Abre Lassalle a Eschola das crianças,  
 Pestalozzi e Fallemborg inventam  
 O methodo adequado áquella branda  
 Intelligencia em rudimento ainda.

GOËTHE, como archetipo pelas palavras  
 de Schiller:

Como a palavra boa  
 Abre edênica estancia!  
 Já das montanhas da Suissa eccôa  
 Cantico matinal, vozes da infancia.

Vendo na criança não do mal o herdeiro  
 Mas o germen sublime do futuro,  
 Ergue-se Pestalozzi, santo obreiro  
 Que faz do ensino o sacerdocio puro.

#### Cantico das Crianças:

« Se no bloco de marmor' procura  
 O escôpro uma estatua que é bella,  
 Tal no homem, que é propria feitura  
 Pelo estudo o alto sêr se revela.

A criança é vergonosa tremente,  
Flores mostra; de fructos se inunde!  
Seja a luz do saber quem a alente,  
E o calor da Verdade a fecunde.

Pestalozzi! Oh alma opulenta,  
Dêste à Eschola alegria na lida,  
Foste o rio na calma sedenta,  
Foi o ensino o teu culto na vida.

Quando um dia te davam corôas,  
Tendo mortas tuas esperanças,  
Tu sorriste! eram santas e boas,  
E tornaste-as a dar às crianças.

Surge Froebel! O ensino intuitivo  
Como attrae e avigora o intellecto!  
Elle á férula arranca o cativo,  
E a razão fortifica no affecto.

No ocio alegre da Eschola cantemos  
Esses nomes em férvidos hymnos;  
Pestalozzi e Froebel amemos,  
Do futuro os obreiros divinos.»

N'esta laboriosa e activa convergencia  
Um novo Sér moral se eleva, o deus apça!  
Do espirito e materia acabe a dissidencia,  
Faça-se o accordo enfim entre a Acção e a Idéa.



*(Abraçando Schiller):*

A ti, oh Poeta, que a Mulher heroica  
 Tanto exaltaste no soberbo drama,  
 Que aos fracos sempre a resistencia ensinas  
 Contra os da Terra estultos prepotentes;  
 A ti devo esta luz que me esclarece,  
 Que no fragor de um seculo a extinguir-se  
 Me revela um Amor sublime e novo,  
 Philantropia! A essa luz contemplo  
 O homem interior pela equidade.

IV

**Vigilia do Bem**

O POETA, *contristado pela morte de Schiller:*

Viver é recordar-se! Com saudade  
 A emoção do Passado em nós se alente  
 Pelo prestigio da Antiguidade,  
 Ou pelas amarguras do presente.

Recordar-se é viver! Lembram-me os dias  
 Da esplendida cõrte de Weimar,  
     Esses dias sem par,  
     De santas harmonias,  
 Quando entre Herder e Wieland, em antes,  
 Na phalange de espiritos gigantes,  
     Schiller, tanto fulgias!

Schiller condão possuir soberano  
De harmonisar com a Philosophia  
    Quanto n'alma sentia,  
A concepção poetica, sublime,  
Com que aos seus vultos tragicos imprime  
O typo universal do sêr humano!

Como da Italia os immortaes Artistas  
Se elevaram do Bello às emoções,  
Fugindo às crúas e ominosas vistas  
    Da Patria desolada,  
    Submettida, calcada  
Por estrangeiras hostes e nações;

Tal na cõrte de Weimar nos unia  
O laço que pela Arte fortifica  
    O espirito cansado;  
Na leitura que bom refugio havia,  
Explorando essa mina immensa e rica  
De obras impereciveis do passado!

A *Iphigenia*, a *Phedra*, a *Sacuntala*,  
*Julietta*, maravilhas das edades,  
Não nos deixavam conhecer os danos,  
    Nem as barbaridades  
    Da Guerra dos Sete annos,  
Que o Povo com o terror da fome abala!

Herder nos ensinava a ouvir attentos  
A intima e sublime Voz das Gentes,  
    Os Cantos nacionaes;  
A viva Tradição dos Monumentos,  
    Alma da Antiguidade!  
    Os gritos eloquentes,  
    Acclamações e ais  
Que formam o Épos da Humanidade.

Comprehendo a phantastica magia  
 Como outr'ora Pythagoras absorto  
 Escutava a harmonia das esferas!  
     Deliciosas chimeras  
 Passaram como nuvem fugidia,  
     Schiller, Schiller é morto.

Extinguem-se os Espiritos brilhantes  
 Como a lampada ao sôpro da rajada!  
 As optimistas concepções que eu d'antes  
     Expunha em minhas fallas  
 Vem a morte de Schiller perturbal-as,  
     Volvem todas ao nada.

(Cahindo em uma concentração sombria):

Que seculos não leva a Natureza  
 Elementos organicos reunindo,  
 Na criação individual de um genio!  
 Depois, imprevidente, exposto o deixa  
 Às mesmas condições do vulgo ignaro  
 Que ao cadinho da sepultura arroja!  
 Quem comprehenderá o estatuario  
 Que, apoz ter desbastado o informe blôco,  
 Em vez de lhe esculpir no sóco, altivo  
 A divisa — *Perfeci monumentum!*  
 Lhe bate às cegas, loucas martelladas  
 E espalha em terra, em torno, os estilhaços?  
 Ao menos, fôra logico o absurdo,  
 Se deixasse de vez martello e escôpro,  
 Desalentado para sempre o Artista  
 Por não vêr a expressão do Ideal que sente;  
 Mas começar de novo? . . . Andar criando

Novas capacidades para a ideia,  
 Formar os delicados organismos  
 Onde vibre a emoção do sentimento,  
 Para impôr a razão por fim o absurdo,  
 E dar ao sentimento a dôr, a angustia  
 Da dilaceração irremediavel,  
 Vendo morrer o sêr que nos é caro!  
 Sentiu o mundo antigo o desconcerto,  
 E descreu, quando Job em o monturo  
 Maldisse a hora aziaga em que nascera.  
 A Morte é o Mal! Como vencer a morte?  
 O problema do Mal paira insolúvel,  
 Suplantando o espirito que pensa.  
 Merck! Eu bem desejava n'este instante  
 Por ti, inda uma vez, ser suggerido,  
 Libertar-me de apprehensões sombrias  
 A que a morte de Schiller me arremessa.

MERCK, *aparecendo:*

Junto a ti tens-me sempre! embora, hoje,  
 Mais não seja que ammoniacal residuo  
 Que entra na formação do humus fecundo  
 D'onde flor brôte, ou herva sem apreço,  
 Até que em construcção de outro organismo  
 Volva á consciencia alfim, a dôr sentindo.  
 Esta visão que obtive do universo  
 Das vãs miragens do Ideal despido,  
 Commigo não morreu, n'ella subsisto.  
 Junto a ti tens-me sempre em pensamento  
 Na vibração das cellulas do cerebro  
 Que fazem cogitar n'um mesmo accordo.  
 A Duvida fórmula que te opprime.

## O POETA :

A affectividade eleva o homem  
Ao ponto da dedicação altruista ;  
E pelo soffrimento a que obedece  
Transforma o sexual Amor no abraço  
Da universal solidariedade  
Humana e pura da Philantropia!  
Como, pois, a Razão e o Sentimento  
Concilia-os com a Actividade,  
Se prepondera o contingente, o instavel,  
O Mal, a Morte em tragicos aspectos?

## MERCK :

Em vão buscas o pacto contra a morte ;  
Hade contudo um dia ser vencida.  
Quando indeciso em vago theurgismo  
Andavas, deu-te a *Viagem da Suissa*  
A saúde moral ; o ar das montanhas  
Pela contemplação vasta, na mente  
O genio scientifico desperta.  
Da alegre idade no deslumbramento  
Aggravado por sexuaes impulsos,  
Ao gollão de amorosas aventuras  
Ia-te a vida esteril, foste salvo  
Tornando a emoção consciente na Arte :  
Emprehendeste a *Viagem da Italia*.  
Lá penetraste o Bello, como a Grecia  
O realisara outr'ora, e d'essa altura  
Attingiste a expressão serena e grande  
Do universal Amor — Philanthropia.  
Este seculo entrou no paroxismo,  
É de demolição toda a sua obra ;  
Não condemnemos a missão terrivel.

Cáe o Poder espiritual da Igreja,  
E baquêa no pó das cousas mortas  
O Poder temporal das Realezas.  
No meio d'este cáhos apparente  
Onde se estão abrindo os alicerces  
Para a Cidade do Porvir, formada  
Das Patrias todas, olha o horisonte,  
Contempla o alvor da nova aurora — a *França!*

## O POETA :

Vendo a demolição do velho mundo  
Comprehendo que o mal presente é crise  
De transição para o anciado estado  
Para onde ha tanto a Humanidade avança.  
Qual será, pois, a fôrma provindoura  
Que no accordo do Sentimento e Ideia  
Dê á Acção o seu maximo relêvo  
Como a expressão do Bem sem recompensa ?

## MERCK :

O espirito meu é negativo,  
Sempre impotente em constructivo plano.  
Para a revelação da dignidade  
Do Homem interior, com segurança  
Apontei-te de Schiller a amizade.  
Na aspiração da Synthese consciente  
Que á unanimidade o Homem guie,  
(Tudo indica que esta orbita encetamos)  
Busca Herder ! A obra está traçada.  
Temporaria cegueira obriga o sabio  
À escuridão apathica de um quarto.  
Elle está só e triste; vac, consola-o  
Emquanto a luz exterior lhe falta.



Os objectos palpaveis não distraem  
O seu olhar profundo ; a Phantasia  
Vôa e desvenda todas as Edades.  
Vae, da morte de Schiller tu lhe falla.

O POETA, entrando no aposento escuro de  
*Herder:*

Ha n'esta silenciosa obscuridade  
Irradiações do espirito que pensa . . .

HERDER :

E que soffre uma condemnação longa  
A quietismo imbecil. Abraço o Poeta,  
E duplamente, pois te abraço como  
Depositario da amisade santa  
Do immortal e incomparavel Schiller !

O POETA :

Se a Natureza obedecesse a um plano,  
Não existiam, certo, estes absurdos:  
Ver-se a organização alta, perfeita,  
Mais lucida e fecunda, decomposta  
Pelo fermento pútrido da febre . . .

HERDER :

Oh Poeta ! o individuo só existe  
Na Natureza physica ; ella'o toma,  
Como seu o transforma e elabora ;

É só isso o que morre. Em sociedade,  
O individuo é órgão de um conjunto ;  
Cada um coopéra n'essa obra,  
E embora caia exausto na jornada  
Pela vereda ascensional da Historia,  
O que ha de imperecível em sua alma  
Não mais se perde, e fica constituindo  
Depositos de força, de energia,  
Que a Humanidade para diante impellem !  
Vê como o sêr moral venceu a morte !  
Para nós vive ainda o grande Schiller,  
E para sempre viverá ; morrendo,  
Na Humanidade eterna se incorpora.  
Que a Humanidade seja o objectivo  
Dos nobres sentimentos, longo tempo  
Na adoração estulta viciados,  
Nas doutrinas da vida contingente  
Pelos dogmas das mortas theologias.  
Dirija a Acção a Confraternidade  
Tal como a presentiram generosos  
Rousseau, Kant, o Abbade de Sam Pedro,  
E Lessing ! Seja este o Dogma novo,  
D'onde o regimen do suave culto.  
Pelo nome de Deus o Padre impéra,  
Das Armas pela força os Reis impõem-se ;  
D'entre estas duas mós, que pulverisam  
O humano sêr, — um grânulo se escapa,  
Germen fecundo — o Individualismo !  
Elle irrompeu anarchico em revolta,  
Veiu dos Paizes-Baixos, da Hollanda,  
De Inglaterra e da America ; cêl-o agora  
Derrubando a Bastilha, e faz que role  
Sobre o farelo uma cabeça régia.  
Se ao Individualismo cabe o triumpho,  
Recúa a Humanidade ao odio antigo.

É provisório o triumpho, e necessario...  
Vem como uma caudal impetuosa  
Desobstruir o territorio, aonde,  
Em vez do Pantheon das ficções mortas,  
Do Porvir se ergue a universal Cidade,  
Erecta pela união das Patrias todas.

## O POETA :

O individualismo é liberdade!  
Não é o rei da criação o homem?

## HERDER :

Julgou-se a Terra centro do universo,  
E para a illuminar o Sol creado!  
O geocentrico erro destruido  
Pela observação, lento se apaga;  
A Fé cedera o passo ante a evidencia,  
E Galileo proclama: *E pur si muove!*  
Ficou de pé ainda esse outro erro,  
Ficção, em que soberbo se imagina  
Acima das leis physicas o homem,  
Do seu mundo moral no isolamento.  
Hoje, oh Poeta! cae-lhe o régio manto.  
Vê, do lado da França: este problema  
Ardentemente se debate, luctam  
Protentosos athletas das ideias.

O POETA, á sua mesa de estudo:

É tempo agora de eu evocar Wagner,  
 O Espirito das Academias,  
 De uma Sciencia espessa e fragmentada.  
 Vem, pois, e dize-me em que altura a esta hora  
 O debate se encontra? Mas, quem vence?  
 A Sciencia analytica e concreta,  
 Ou a Synthese nova? Hora solemne.  
 É na creação o Homem isolado,  
 Ou élo terminal da série viva?

WAGNER:

Quando a luz está prestes a extinguir-se,  
 Ao crepitar com mais clarão se expande.  
 N'um genio superior hoje se encontra  
 O meu concreto espirito; brilhante,  
 Que perstigio auctoritario exerce  
 Cuvier! de officiaes honras coberto!  
 Contra elle, ou melhor, contra mim luctam  
 Lamarek, posto já fóra do campo,  
 Geoffroy Saint Hilaire... O velho mundo  
 Das convenções, salvando as velhas causas  
 Fortifica Cuvier, dando-lhe as honras,  
 Fal-o seu Senador; e elle, temendo  
 A catastrophe do estatuido,  
 Sustenta com ardor, que os typos, fórmulas  
 Dos variados organismos surgem  
 De cataclysmos mil da Natureza...

*Desapparece pela entrada de um AMIGO, com espanto:*

Não chegou cá a grande novidade?

## O POETA :

Tanto o acontecimento me interessa !  
Situação de incerteza . . . Está pendente  
O futuro das concepções humanas.  
Que mais alegre nova do que a queda  
Da velha anthropocentrica theoria !  
Saint Hilaire lhe deu golpe de morte.

## O AMIGO :

Não alludo á questão do Instituto.  
De Carlos Dez o throno está em terra !

## O POETA, recostando-se com dignidade :

Roupa suja de egoistas Dynastias,  
O que vale isso ! Eu lembro-me de Erasmo,  
Quando ao fallar das luctas doutrinaarias  
Da Reforma, sorria indifferente  
No desdem soberano do bom senso  
D'essas birras de sacristia acerbas !  
Amo do velho mestre as ironias.  
Para mim a demolição de um throno  
Reduz-se a vãs questões de camarilha :  
Caem abjectos, erguem-se intrigantes.  
Mas, a victoria das ideias justas,  
Determinismo dos humanos actos,  
Funda no Bem o seu normal character.

*Diz depois e sentado placidamente  
na sua poltrona:*

A imaginação quando se exerce  
Chega a dar ás imagens um relêvo  
De realidade! Eu sinto esvaecer-se  
A visão dos objectos, mas percebo  
Destacarem-se vultos  
D'entre um nimbo glorioso meio occultos.

Esses vultos, da intelligencia pasmo,  
Que orientam o moderno pensamento,  
Ah, como se destacam n'um momento . . .  
Com santo enthusiasmo  
Caminham para mim: Já se distingue  
Buffon e Daubanton, Cuvier, Lamarck;  
Vem Saint Hilaire, Camper, Semering,  
Quanto a Sciencia abarque.

Os excelsos Titans n'um côro unido  
Vem afirmar-me entre esta sombra escura  
O criterio objectivo, luz segura,  
Nã anthropocentrica illusão perdido!  
Visão nitida e alta,  
Que a intelligencia afasta do tropeço . . .  
Offusca-se a visão . . . eu desfalleço,  
*Mais luz! mais luz! mais luz! a voz me falta.*



MERCK, destacando-se dentre o cívico dos  
sábios:

Mais luz! Mais luz! essa a necessidade  
Da grande idade iniciada agora!  
Vem, oh Poeta, entre os genios da Sciencia  
Em communhão de espirito contigo  
Compete-te um logar glorioso! ascende,  
Do progresso na continuidade  
Não mais se esquece o nome teu, o nome  
Que entre a Imaginação e Razão fixa  
As relações da intima harmonia.  
Tu corrigiste a doentia amnesia  
Que soffreu tantos seculos o homem!  
Ascende, oh Goethe, á vida subjectiva  
D'aquelles pensadores que os problemas  
Da *Verdade*, do *Amor*, do *Bem* sondaram;  
Por que essas fôrmas da unidade humana  
Da mente e acção, do affecto, que sentiste,  
Na propria perfeição as realisaste  
Do homem normal a que a especie tende.  
Fausto! o Elixir que os Sábios procuravam  
Para ampliarem da existencia o curso,  
Essa Fonte da Vida, presentida,  
Que os Heroes demandavam sequiosos,  
Ficando contra a morte invulneraveis,  
Tornaste real, chegando á eterna Fonte  
Quando em tua alma o sentimento vibra  
Da Humanidade, de que és órgão puro.

## III

## STRUGGLE FOR LIFE

(POEMA)

o que é a guerra, destruição, des-  
reconhecimento no mundo real, appa-  
rece no mundo ideal sob a fôrma de  
alliança, de paz, de unidade eterna...

QUINEX, Obv. 1, 419.

## CANTO I

## Barbara Carmina

Napoleão avançando sobre o Rheno,  
Intenta subjugar toda a Allemanha  
N'uma final campanha!  
N'uma marcha veloz, como um aceno,  
Irresistível, de impetos titânicos,  
Já desnortea os principes germanicos.

Consegue o audaz cõrso  
Trez victorias terrificas, damninhas:  
Lutzen, Bautzen e Würschen; n'esse esforço  
Alcançou da estratégia as fortes linhas.

Pela ambição e vãs rivalidades  
Dos principes, já nada se consegue;  
Para a defeza o Povo se congregue  
Ante as hostilidades!

Torna-se a guerra um santo enthusiasmo,  
A exaltação da alma popular !  
À defesa da Patria e do seu lar,  
    Com assombro e com pasmo,  
Velhos e novos tudo ás armas corre,  
    Na emoção espontanea  
    Com que affronta o combate  
    E com que alegre morre,  
    Vindicando o resgate  
    Do solo da Germania !

Dias terriveis, mãos, de soffrimento,  
De miseria, de luto, mas de gloria !  
    Leipzig ! é na Historia  
Alto grito de guerra, no momento  
Em que estão rancorosos, frente a frente  
    Em combates pegados  
Trez dias n'um destroço permanente  
Para mais de quinhentos mil soldados !

Quem vencerá na indomita referta ?  
Ganhará o Invasor mais gloria e fama ?  
Ou o Povo que o sangue seu derrama  
No solo da Germania, que liberta ?  
    Cincoenta mil francezes  
Sobre a terra estrangeira estão prostrados ;  
Oitenta mil dos bravos colligados  
Jazem cahidos nos lethaes revezes.

Quem venceu n'esse horrendo e atroz conflicto  
De disputada gloria ?  
    Leipzig é o grito  
Com que o estrangeiro arroja-se á victoria !

Do Invasor o exercito retira  
 Por Erfurt e por Fulda até ao Rheno,  
 Por aldeias desertas atravessa;  
 Já o typho e a fome  
 A soldadesca pávida consome!  
 Napoleão não confessa  
 Que fica mais pequeno  
 Agora o seu renome.

O grito de Leipzie  
 Para a Allemanha eternamente fique  
 O ecco da — Batalha das Nações!  
 Alevantam-se, até agora inultos  
 Dos Niebelungens os heroicos vultos  
 Para saudar as novas gerações!

N'esta Batalha das Nações, tamanha,  
 Transe mortal da França ou da Allemanha,  
 Quem o futuro antolha?  
 De um velho pergaminho em solta folha  
 Achou-se em Fulda o Canto do duello  
 De um pae e o filho, que o não conhece,  
 Lucta de morte em bruto desatino!  
 Nesse cantico bello  
 Dos dois Povos bem claro transparece  
 O terrivel destino:

#### Hildebrand e Hadebrand

(VERSÃO SEGUNDO O PERGAMINHO DE FULDA)

Ouvi contar que outr'ora em temeroso trilho  
 Hildebrand e Hadebrand, em frente pae e filho,  
 Doestaram-se à lucta em combate de morte!  
 Então os dois heroes, qual d'elles o mais forte,

Posto o cinto guerreiro, arrancaram da espada,  
Arremettem: taes vão corocis á desfilada.  
Hildebrand, o pae, falla a seu filho Hadebrand,  
Com um tom de nobreza e de prudencia grande;  
Pergunta ao lidador breve:

Quem seu pae era?

A raça de que vem? familia em que nascera?

« Se me disseres tudo, esta côta offereço  
Tecida a fios trez. De prompto eu reconheço  
Qualquer grey ou nação. »

Hadebrand não se aterra;

Responde: — Homens anciãos, que ouvi em minha terra,  
Já todos mortos hoje, em tempo me contaram  
Que de Hildebrand, meu pae, os dias se acabaram.  
Meu nome é Hadebrand. Bem sei que elle outr'ora  
Para as bandas de leste homiziado fôra,  
Fugindo de Odoacro á sanha, ao odio inico;  
Que estevé entre os heroes que cercam Theodorico.  
Deixou seu ermo lar, tambem a esposa cara,  
Um filho ainda pequeno, entre ancias desampara  
Mesmo as armas que estão privadas do seu braço.  
Para as bandas de leste avança em firme passo.  
E quando a Theodorico a sorte foi adversa,  
Sem ter mais junto a si quem a amizade exerça,  
Meu pae não quiz ficar ao serviço de Odoacro.  
Entre guerreiros era exemplo e simulacro;  
Como intrepido herôe, seguia sempre á frente  
Do exercito; elle amava a batalha fremente,  
E muito mais a morte antes que ser cativo;  
Mas eu não creio que elle ainda esteja vivo. —

• Senhor dos Céos! (exclama Hildebrand assombrado)  
Não permittaes que seja o combate travado  
Entre os homens em quem o mesmo sangue gira! »

Um bracelete de ouro ali do braço tira,  
Que dos Hunnos o rei lhe dera:

« Toma-o, filho,

Por brinde o offereço! »

— A aceitar não me humilho!

(Hildebrand devolveu com a resposta prompta)  
Com a lança na mão, e contra o peito a ponta,  
D'esses presentes taes é que eu me sinto digno!  
Oh velho hunno, tu és companheiro maligno.  
Ardiloso espião, com a affavel palavra  
Tu queres-me enganar! Verás quanto escalavra  
Minha lança, que em breve a esse chão te atira.  
Pois como o velho sabe armar tanta mentira!  
Anciãos, que pelo mar navegaram dos Vendes,  
Contaram de um combate em que foi morto, entendes,  
Hildebrand, esse que era de Herebrand o filho. —

Torna Hildebrand, o que era o filho de Herebrand:  
« Não ha nenhum poder que o meu fadario abrande;  
Longe da minha terra andei errante, ás feras,  
Sessenta invernos, sim, sem breves primaveras.  
Na frente me encontrei dos sangrentos combates,  
Sempre audaz não soffri a abjecção dos resgates.  
E agora, um filho, aqui, sem o saber, tal acho,  
Com sua espada quer talhar-lhe de alto a baixo!  
Que transe! Ou me derrube o montante ferino,  
Talvez peior, contra elle eu seja o assassino!  
Mancebo! pôde ser acaso que o teu braço  
Te sirva com audacia, e firme no teu passo  
A este homem leal desarmes com arrojo,  
E que morto, depois lhe arranques o despojo.  
Procede então assim, se vês que é teu direito.  
Entre os homens de leste hade ser de vil peito  
Aquelle que ao combate em que audaz te empenhaste  
Oppuzer um pretexto ou razão que te afaste.



Companheiros! que olhaes a pugna como heroes,  
 Corajosos julgae entre nós qual dos dois  
 Hoje aqui brandirá lançadas mais seguras,  
 E quem se hade arrear com duas armaduras. \*

Logo as lanças em riste, e em dura arremettida  
 Se enterram nos broqueis. Abarcam-se em seguida,  
 Deixam em terra, presto, as lanças como atrancos.  
 Das clavas scãam já sobre os escudos brancos  
 As pedras... armadura onde ha que não destrua  
 Golpe tal? Mas nenhum dos dois bravos recua...

.....

A folha solta nada mais encerra;  
 D'esse combate quem conhece a sorte?  
     Qual d'esses dois venceu?  
 Matou ao pae acaso o filho em guerra?  
 Ou aos golpes do pae seguro e forte  
     Cahiu o filho seu?

Como os bravos heroes  
 Hildebrand e o filho Had-brand, sois  
     Vós, Allemanha e França,  
 Em guerra de exterminio e de vingança!  
 A consciencia dos Povos interpreta  
 A Poesia em profundas intuições:  
 Da Cantilena essa apagada letra  
     Convida á alliança  
 De um mesmo sangue a ambas as Nações.

Não é passado um seculo; — de novo  
Nas fronteiras do Rheno,  
Eis um e outro Povo;  
Dos velhos odios chama-os crú aceno!  
Cada um a destruição do outro jura.  
Soberba a França lucta  
Confiada, segura  
Com vaidoso despeito.  
Eis de prompto a Allemanha ás armas chama  
Um milhão de homens! Pela força bruta,  
E depois em Sédan, no sangue e lama  
Triumphante proclama:  
• Cede á Força o Direito. •

Sombra feral como mortalha empana  
O seculo, em que a consciencia avança!  
Foi derrotada a França...  
O que será da liberdade humana?

## CANTO II

**Consciencia intemerata**

Sentem os Poetas a alma das Nações,  
Dão-lhe expressão e voz  
Em eternas Canções,  
  
Quando immersas em cataclysmo atroz,  
Caladas no martyrio  
Que a força bruta impoz;

Ou quando dos triumphos no delirio  
Dos immortaes eventos,  
Dos fundos sentimentos

Brota espontaneo o immarcescivel lirio,  
A flor casta de ingenuas multidões,  
Nas grandes tradições . . .

Sentem os Poetas a alma das Nações!

Solitario, como o ancião de Pátmos  
Que do Mestre o regresso aguarda crente  
Para implantar o Reino Millenario,  
Tal de Jersey na ilha vive o Poeta!  
Vivo protesto permanente e firme  
Contra o Crime coroado! Representa  
A consciencia da França Victor Hugo,  
A incorruptivel fibra! Enquanto o Imperio  
Na triumphante liga de bandidos  
Mascarava a traição e os latrocinios  
Com as pompas da cynica grandeza  
De uma cõrte devassa, mas estulta,  
O Poeta, o Poeta, longe, em seu desterro  
Esperou pela aurora da Justiça!

Lei tremenda da historia: Sempre em sangue  
Revive a Liberdade!

O Poeta espera.

Correm felizes para o Crime os annos;  
Reina a Moral dos factos consummados.  
Quem condemna a traição se ella é gloriosa?

A pouco e pouco as almas se submettem,  
Transigem com a infamia.

Unico, o Poeta  
Na harmonia da lei moral confia;  
Elle aguarda a catastrophe imprevista,  
Intemerato no insular exilio!

Rompe entre a França e Allemanha a guerra;  
Hildebrand e Hadebrand acham-se em frente,  
N'um duello de raça a todo o transe!  
Qual dos dois Povos vencerá? Contempla  
Mudo o Poeta a criminosa lucta  
Que a grandeza do seculo amesquinha:  
Hildebrand, no furor derruba em terra  
Hadebrand que o provocou na insania,  
Aos pés lhe calca o mutilado corpo,  
O pacifico lar sedento invade,  
Rijo o abarca em apertado cerco.

Ao vêr Paris rendido, o Poeta sente  
Ecoar dentro d'alma o som que outr'ora  
Da trombeta Olifant Roland tirára  
Com desespero, nos desfiladeiros  
De Roncesvalles, vendo-se esmagado  
Pelos calhãos rolados dos Cantabros...  
Hoje o numero bruto esmaga a França.

Ferido o Poeta no intimo do affecto,  
Vendo os dois irmãos de armas n'um combate  
Desegual, sem heroismo, triste exclama:

— Não descri da Justiça nos vinte annos  
Do admirado e consagrado Crime ;  
Confo n'ella ainda, ante os triumphos  
Com que o numero bruto a França esmaga !  
Com maior segurança, do que em Pátmos  
O solitario apostolo, eu espero  
Não remota a victoria da Consciencia. —

Ao ruir por terra o ominoso Imperio  
Que chamou a invasão, são do desterro  
O Poeta apoz ; para Paris caminha ;  
As angustias do cerco não o affrontam,  
Nem os brutos delirios da anarchia !  
Vem a terra a Columna de Vendome ;  
De Napoleão a lenda synthetisa,  
Da Orgia militar. O Poeta brada :

— Não foi ferida a França mortalmente !  
Palpita-lhe a consciencia da Justiça ;  
Volta a si, comprehendendo o seu destino. —

O velho Rei da Prussia, no odio herdado,  
Em Versalhes Imperador se acclama  
Da Allemanha feudal ; põe na cabeça  
A Corôa de ferro, e crê na mente  
Que faz recuar um seculo que é livre  
À noite medieval das prepotencias.

A voz do Poeta é um candente estigma :

## Pyramides da Morte

No seu orgulho o Imperador pergunta :  
• Quem são no mundo os maximos guerreiros,  
Que cimentaram pela audacia e força  
    Dominio vasto ?

Que deixaram de sangue um maior rasto ?  
Que hoje ainda nas paginas da historia  
Lançam sombra mortal, nuvem de estragos  
    Que espanta e aterra ? •

— D'esses que derramaram sobre a terra  
Mais sangue, levantaram-se audaciosos  
Logo Alexandre, Cesar, Carlos Magno,  
    Napoleão !

De gélida e feral desolação  
Semelhavam no arrojio os quatro ventos,  
Que revolveram a floresta humana  
    N'um vórtice átro.

Interrogados todos esses quatro :  
— • Para que eram carnificinas tantas ?  
Que sonho de ambição os torna horrendos  
    Mais do que as pestes ? • —

Respondeu Alexandre altivo, prestes :  
• É bem que a guerra os povos aproxime,  
Esse o meu ideal grande e sublime,  
    Incllyta empreza !



Avassallar da terra a redondeza,  
Alfim tornar-me o universal monarcha  
Que do Occidente ao Oriente abarca  
Rispido sceptro! »

De Cesar falla o temeroso espectro:  
« Quiz o meu jugo impôr, missão tamanha,  
Por sobre Africa, Iberia e a Bretanha,  
Barbara Gallia,

Depois de ter escravizado a Italia  
Abafando a romana liberdade;  
À lei dei-lhe do Imperio a unidade,  
Arbitro sendo. »

Carlos Magno a seu turno a fronte erguendo:  
« Se um vasto Imperio ergui de mim em roda,  
Dei estabilidade à Europa toda;  
Susti-lhe ao Norte

Dos Germanos a assoladora cohorte;  
Às tribus Agarenas que o Occidente  
Atacaram com destruidora enchente  
Cavo-lhe o abysmo.

Imponho uma só Fé, no Christianismo;  
Confundindo a Lei franka e a romana;  
Debalde! a estirpe que de mim dimana  
Mancha-me o throno! »

Napoléon fallou com mais entono :  
« Contra as Nações da Europa com pujança,  
Precipitei a destemida França,  
Horrida lucta !

A tradição sublime, ininterrupta  
Da occidental Confraternidade  
Quebrei, tornando odiosa a Liberdade,  
Lúcida palma,

Que da Revolução foi luz e alma,  
Confundindo-a com a torpe ambição minha !  
Ter nascido mais cedo me convinha :  
Supplice ante a ara,

Prostrado o povo um culto me prestara ;  
Como Alexandre um Deus por pae teria,  
Como Cesar por nume ficaria  
Unico, raro ! »

A voz dos tempos solta um grito claro,  
Formado pelos lamentosos êstos  
Dos que na angustia ergueram vãos protestos,  
Victimas tristes :

« Ide, reprobos vis ! Pois que espargistes  
O sangue, amedrontando a humanidade !  
Fostes um vento de esterilidade,  
Mórbido vento . . .

Da impotencia da força o documento.

E tu estulto velho cachetico,  
Que ao terminar o activo seculo,  
Que á Paz fraterna aspira,  
Precipitas catastrophes;

Entre as nações um abysmo insólito  
Abres; não o enchem tantos cadaveres!  
Corôa imperial cinges  
Sem ter remorso no animo?

A podridão e o cancro tábido  
Mina-te a raça ambiciosa, indómita,  
Da Historia no esterquilinio  
Ficas em espectáculo!»

Como as altas Pyramides do Egypto  
Tornaram-se o funéreo monumento  
Da extincta Theocracia;  
Assim sereis um dia

Na terra o eterno, o repugnante emblema  
Que lembrará a Edade das violencias,  
Do sangue e hostilidade,  
Que affronta a Humanidade.

Do militar regimen decahido  
Vós, monstros, entre todos sois o assombro,  
Sois, na sangrenta cohorte,  
Pyramides da Morte!

*Regresso de um Soldado allouco, terminada a Companhia:*

Elegia

Não me sinto capaz,  
Com coragem bastante  
Para erguer um punhal  
Contra o meu semelhante!  
Que ideia ou poder faz  
Que ao praticar o mal  
Me julgue triunphante?  
Que em meu lar me conforte,  
Tendo eu com mãos sangrentas  
Em batalhas violentas  
Dado a tantos a morte?

Não me sinto capaz,  
Nem de animo daninho  
De assaltar um visinho,  
Pôr fogo á sua casa!  
E, comtudo, eu audaz  
Lancei bomba que abraza  
A opulenta cidade  
Que a minha marcha invade  
E que a minha mão pilha,  
Sem remorso nem nojo  
Do soberbo despojo  
Em que entrei na partilha!

Atroz contradicção  
Entre o meu sentimento  
E a gloriosa acção!  
Mas diz-me o pensamento  
Que a frio não delira:  
É infernal mentira  
Dos que usam o poder  
Ensinar, fazer crêr  
Com intimo cynismo,  
Do amor da Patria o arrobo  
Converte o incendio e o roubo  
Em virtude e heroismo.

Arranque-se da Historia  
Toda a pagina infame  
Onde inda se proclame  
A guerra como gloria.  
É só digna de amor  
A Patria, quando fôr  
Em sua actividade  
Como um primeiro albor  
Do ideal da Humanidade!

#### CANTO III

##### O Tribunal das Nações

Quando Hadebrand estava supplantado  
Debaixo de Hildebrand, que aos pés o calca,  
Quasi a estrangulal-o, olhou em roda  
O rival destemido, interrogando  
Quantos o viram combater com garbo...  
Tal a Prussia às Nações que consentiram  
Na lucta, que é do seculo a vergonha!

Vencedora, pergunta a cada uma  
Qual a sorte da França derrotada,  
Subjugada, impotente?

Responderam:

A AUSTRIA:

Depois da atroz campanha,  
Que seja a França agora desmembrada!  
Quando o Imperio meu por sobre a Hespanha  
Se estendia, e Italia,  
Deu direitos, que a mim ficaram menos.  
Aos Estados pequenos  
Pela Paz de Westphalia!

A RUSSIA:

A França deu-me a luz que inda fulgura  
Dos philosophos seus, toda a cultura  
De um desvelado mestre!  
E essa Estatua equestre  
Que a Arte tanto admira!  
Cãia a França, desmembre-se na lucta,  
Por que assim me não fira  
Minha norma autocratica, absoluta.

A INGLATERRA:

Lançou a França a luz da intelligencia  
Sobre as almas saxonias,  
Deu-nos as bases da sociedade!  
Mas, suggerindo o ideal da Liberdade  
Eu perdi as Colonias  
Da florescente America!



Desmembrem-n'a ! Pois nunca foi chimerica  
A prática Inglaterra :  
Com tanto que eu encontre occasiões  
De vender balas, polvora, canhões,  
Os apréstos da guerra.

## A ITALIA :

Pelos seus trovadores  
A França revelára-me a Poesia !  
E como outr'ora ia  
Nas Cruzadas, de mysticos ardores  
Resgatar o Sepulchro de Solyma,  
A santa e ideal Cidade,  
Hoje, o seu sangue rega, alenta, anima  
A flor da italiana liberdade !  
Só depois de Magenta e Solferino  
Eu resurgi á vida de nação !  
Que se retalhe a França ! Eu a elimino,  
Testemunha da abjecta ingratidão.

## A HESPANHA :

Não me é indifferente  
Que a França cáia exhausta ante o verdugo ;  
Por ella Portugal sacode o jugo  
De Philippe o Prudente.  
Do meu seio arrancou o cancro a ferro  
Da Santa Inquisição ;  
Que a França expie da Liberdade o erro  
Com desdouro e baldão.

Attenta escuta a Prussia o pensamento  
Da Pentarchia das Nações; triumphante,  
Com orgulho feroz e egoista, falla :

« O reino meu deriva  
De uma compra a dinheiro de contado;  
Por isso o meu ideal heroico, ousado  
No dinheiro resume a empreza altiva !  
Para saciar o odio que devasta  
Duas provincias basta,  
Sem mais desmembrações;  
Em vez do inutil sangue,  
Mas só para que fique a França exangue  
Quero cinco milhares de milhões ! »

Conta a França o dinheiro do resgate  
Como o viandante ao salteador ! Liberto  
Por papel financeiro o territorio,  
Ficou lavada a mancha da derrota ;  
Foi um jogo, em que os dados carregaram  
Pelo pezo numerico a um lado.  
Onde a gloria ? No que pagou com honra !  
Quem mais força e poder agora ostenta ?  
É a Devastação ou o Trabalho ?

O Poeta que representou a França  
Na consciencia impolluta do protesto,  
Quando vergara ante o coroado Crime,  
Ao vê-la erguer-se livre, nobre, activa,  
Reorganizada pela Liberdade,  
Como o homerico Aedo, solta um canto  
Como o que a Grecia inteira ao triumpho leva . . .

— A legitima acção do homem illustre-a  
 Productivo trabalho!  
 Que a França agora chame  
 Para um magno Certame  
 De labor intensissimo da Industria  
 Quantos prezam a Espada mais que o malho!

Seja a festa da Confraternidade,  
 A viva tradição  
 Com que a Revolução  
 Tornou Paris a universal Cidade!  
 Renunciando ás emprezas de conquista,  
 A França pela festa jámais vista  
 Abdica a militar actividade. —

Chamou então a França as Nações todas  
 Á arena deslumbrante do trabalho!  
 Que vigor, que esplendor! Magnificencia  
 Das Industrias, das Artes; maravilhas  
 Pelo sonho da vida concebidas,  
 Pela implicita ideia da concordia.  
 Não accita a Allemanha o repto; á lide  
 Exime-se, impotente.

E quando a França  
 No convivio dos Povos do Occidente  
 O supremo logar reassume, em paga  
 De ter servido o ideal da Humanidade,  
 Ao seu encontro vem as Patrias bellas  
 Para offerter-lhe o Pomo da Concordia,  
 Como á que mais cumpriu o alto destino:

## ATHENAS :

Das cidades a lucta em toda a parte  
Da cohesão nacional me priva ;  
Pelas creações da Arte  
Fiz a unidade — a synthese affectiva !  
Continuas a Grecia,  
Doce e amada Lutecia !

## ROMA :

Aproximei os Povos  
Dando-lhe a unidade de uma Lei !  
Fui n'isto o Povo-rei ;  
Vós, modernas nações, sois meus renovos ;  
Propagando a politica Egualdade,  
À França a gloria da continuidade !

## FLORENÇA :

Quando a Italia se achava desmembrada,  
Quiz continuar essa missão de Athenas ;  
Dei a todas as penas  
Uma linguagem pura, consagrada  
Pela poesia e canto.  
Uniu a Italia um vinculo tão santo !  
Bem haja a França ! À Nacionalidade,  
O infindo sonho, deu realidade.

## PORTUGAL :

Em vez de ser o homem do homem lobo,  
Dei a volta do globo,  
Transpuz do Atlantico a immensidão !  
Para as luctas eternas  
Abri ás Civilisações hodiernas  
Novo campo de acção.

Saudarei a França,  
 No destino pacífico em que avança,  
 Chama os povos da terra a nova alliança.

## A HOLLANDA:

Quando impetava a crença tenebrosa  
 Com selvagem violencia,  
 No meio d'esse espasmo,  
 Azylo à Liberdade de Consciencia  
 Prestei a Spinoza,  
 A Descartes, a Erasmo.  
 Se não consagrarei n'este momento  
 A França! Libertaste o Pensamento.

\*

A quem compete da Concordia o Pômo,  
 Esse vago phanal  
 Que de idade em idade  
 N'um refulgente assômo  
 Conduz a Humanidade  
 Para uma era normal?

## A AMERICA:

Quando luctava pela Liberdade,  
 A França deu-me apoio e amizade,  
 Paladino de quanto é justo e bom!  
 Por isso Jefferson,  
 Proclamou: *Tem todo o homem duas Patrias,*  
*Aquella onde nasceu e foi criação,*  
*E em seguida a França.*  
 A ambas idolatre-as.  
 Através do azar bruto da violencia  
 Tem sempre a França o imperio da consciencia.

Contra aquella moral supremacia,  
 Ferida em seu orgulho inda a Allemanha  
 Protesta pela bocca dos seus Sabios:

« A vida é um combate; a Natureza  
 Nos está revelando que o triumpho  
 Ao mais forte compete; ella, impassivel  
 Desamparando os fracos, os inermes,  
 Opéra a selecção dos organismos  
 Mais resistentes no conflicto activo,  
 Com que vae transmittindo as energias!  
 Esse o impulso das Nações, das Raças  
 Nos seus odios, e nas desigualdades  
 Com que se invadem e se devastam crúas!  
 O imperio do mundo, a omnipotencia  
 Ao mais forte compete! Seja o molde  
 Da Ordem humana a lei da Natureza;  
 Bem o declara o Chanceller de Ferro:  
*La Force prime le Droit!* »

Triste erro!

O POETA, torcendo-se depois da consciencia nacional uma vez da Humanidade:

Se a Natureza sacrifica e opprime  
 Os fracos que supplanta,  
 Diante d'ella o Homem se alevanta,  
 Faz d'essa lei um crime.

A brutal Natureza corrigia,  
 Abre um moral abysmo!  
 Como um poder se ergue de harmonia  
 Concebendo o altruismo!



Os velhos, as mulheres, a criança,  
Por quanto é fraco pune!  
As bases da concordia assim alcança,  
O que se ama mais une!

Foi sempre a França o paladim dos fracos,  
Do ideal da Liberdade e da Justiça ;  
Mas, desertou da liça  
N'esses dias opacos  
De iniquas guerras do affrontoso Imperio,  
Em que era a Europa um vasto necroterio.  
Expiado o mal por duro cataclysmo,  
Ergue o estandarte do universalismo :

Da Lyra humana affinem-se as trez cordas  
Na final transição  
Para a normalidade!  
Tu, oh França, n'esta harmonia accordas  
O espirito inglez de utilidade,  
De productiva Acção!

E ao genio allemão,  
Que se exhaure na vaga idealidade,  
Enlevado no abstracto *Pensamento*  
Dê-lhe o destino humano o fundamento  
Da mais clara generalisação.

Na alma italiana  
A affectiva *Emoção*  
Da universal fraternidade humana,  
Na sua esthetica espontaneidade  
Hade fixar do Bello a alta expressão.

A harmonia tamanha  
Não ficará estranha  
Enthuziastica Hespanha,  
De sempre heroica individualidade  
N'este concerto ideal da Humanidade!

Como o velho Simeão vendo no Templo  
O esperado Messias  
Disse: — Posso morrer! —  
Hoje, que a França livre enfim contemplo,  
Acabem-se os meus dias,  
Posso á terra volver.

#### A apotheose do Poeta

O Poeta Firdusi a cõrte deixa  
Do despota Mahmud, com a endecha  
Em que altivo se queixa:  
• Uma espada tambem tenho, que fêre!  
E este carne que o plectro meu desfere  
A gloria dos vindouros te confere! •

Foi com maior desdem que Victor Hugo  
Deixou Paris entregue ao seu verdugo,  
Que lhe impoz traidor jugo!  
O protesto moral contra o perverso,  
Como um gladio de fogo no seu verso,  
Insurgiu as consciencias no universo.

Como o Poeta Firdusi, que aspirára  
Trazer ao riacho secco em que brincára  
Enchentes de agua clara ;  
Victor Hugo abre á França o esteril leito  
Jorrando a Liberdade e o Direito :  
Pela emoção revólta cada peito.

E a França acompanhou-o no momento  
Que o Poeta exhala o derradeiro alento,  
E leva-o ao moimento :  
Sob o *Arco de Triumpho* ergue-lhe altares,  
Onde o consagra em honras singulares,  
Como o termo das glorias militares.

Para a *Crypta de Santa Genoveva*,  
Como um clarão quando affugenta a tréva,  
O seu cadaver leva :  
A sanctificação que o povo engana  
Dada á virtude egoista, estulta e ufana,  
De ora em diante ao que serve a causa humana.

#

Na batalha da vida intensa e grande  
Vê-se em frente Hildebrand e Hadebrand . . .  
Quem do futuro a negra ameaça abrande ?  
Sómente o ideal humano, se aos dois mande.

## CANTO DECIMO TERCEIRO

IDEALISAÇÃO DA EXISTENCIA NORMAL: AFFECTIVA,  
CONTEMPLATIVA E PRÁTICA,  
TANTO COLLECTIVA COMO INDIVIDUAL.

## ELENCO PHILOSOPHICO

DO

### CANTO DECIMO TERCEIRO

Como no desenvolvimento das Sciencias, as hypotheses fecundas dão lugar ás theorias definitivas, que aproximam relações imprevisitas para o descobrimento da Verdade, assim na complexidade dos successos humanos e da marcha da sociedade a Utopia é uma deducção suggestiva, que actua sobre as modificações que a propria sociedade espontaneamente apresenta. Como a figura geometrica torna possível a realisação mechanica, a ficção poetica é o esboço ideal que vai dando fórma ás aspirações indefinidas da consciencia. A Humanidade caminha na sua evolução historica para uma situação de harmonia psychologica e social: essa idade normal, para que se avança, constitue por ora uma utopia, que á Arte compete representar, como meio de generalisar essa aspiração como impulso de acção. A idade normal da Humanidade não é o phantastico sonho do *Millenium*, da synthese religiosa passada; é a previsão philosophica da synthese sociocratica servindo de thema fecundo ás novas idealisações da Poesia. A Arte, tendo-se vivificado na Tradição, exerce a sua missão final como a linguagem da Aspiração.

O Eden, que uma falsa comprehensão das origens da humanidade collocou no passado, hade desvendar-se no futuro, segundo a deducção implicita na marcha historica. A terra da Promissão é uma vaga emoção d'essa esperança, que não se preoccupa do lugar mas do tempo ou idade em que terá de realisar-se. Quinet descreve de um modo pittoresco este thema, que é a base do sonho de cada nação, e que hoje se tortura uma concepção philosophica: «O navegador que atravessa os mares para trazer o producto dos seus trabalhos, tem, sem duvida, por fim proximo o porto a que hade chegar; mas para além d'esse porto, elle descobre um

outro com o repouso e a immutavel recompensa de seus suores. Ninguem trabalha pelo simples prazer de trabalhar. Ha na essencia de toda a industria, de todo o esforço do homem, um pensamento para o qual elle tende sem cessar. Ora, esta riba longinqua e grandiosa é tambem essa mesma para onde tendem o artista, o poeta, o philosopho, de maneira que todos se assemelham pelo intuito; só differem emquanto aos meios.» (*Gen. das Relig.*, p. 198.)

A contemplação da realidade objectiva deu á Grecia o mais bello sonho da vida; agora, cada vez que o homem individual se vai apropriando dos dados concretos com que constroe as Sciencias, pela nova synthese subjectiva, em que entram todas as previsões, constrói o sonho mais bello do futuro, que será um estado normal para os que vierem depois de nós. Como Moysés do alto do Abarim avista a terra da Promissão, mas não pôde entrar n'ella, assim o Poeta representando a Utopia social dirige para ali a corrente dos sentimentos que precedem sempre os actos.

## Paz e Verdade

(POETA)

As Nações e as Raças procuram a sua primeira aproximação pela *Egualdade*, diante da submissão a um Deus universal ou a um despota; mas essa tentativa servindo de móvel às Religiões proselyticas, conduziu os povos à apathia mystica e aos sonhos chimericos de um individualismo revolucionario. Constituido o antagonismo entre o Indivíduo e o Estado, que o comprimia com os seus poderes enormes, veio outra lucta, mais tenaz e sangrenta, a da *Liberdade*, reagindo contra toda a auctoridade, e determinando os terriveis retrocessos da auctoridade em nome da Ordem. Nesta escalada audaciosa para a harmonia humana, nunca determinada-mente attingida, é pela *Fraternidade*, ou o sentimento da solidariedade da especie, que a concordia se tornará effectiva na Humanidade.

Nas luctas da Natureza, que se prolongam desde a conflagração das forças cosmicas até aos odios das Raças, o homem vai realisando a ordem e creando a harmonia moral ou a *Paz*; diante da phenomenalidade do Universo, em que uma transformação permanente produz as devairadas impressões subjectivas do espirito, a intelligencia humana abandonada à credulidade nas ficções, ou arrebatada na analyse dispersiva de um negativismo systematico, consegue determinar a immutabilidade das Leis naturais, e pela Sciencia inductiva e poder de previsão, aproxima-se da *Verdade*. Eis as duas columnas do Templo sob o qual se congrassará a Humanidade, como uma potencia creadora, que tende a realisar a Utopia, esboçada por Herder: «Tudo se liga na Natureza: um estado provoca e pre-



para outro. Se n'esse caso o elo ultimo é o mais elevado que termina e fecha a cadeia da organização terrestre, então deve ser ao mesmo tempo o elo inferior que começa uma cadeia de creaturas de uma ordem superior e forma o laço entre dois systemas adjacentes da criação. • (*Phil. de l'Hist.*, liv. v, cap. 6.)

Alastor (personificação de Schelley) contemplando as edades passadas eleva-se à comprehensão d'essa Utopia, e levado pela hallucinação vê-a representada n'uma miragem encantadora, corre para ella, mas um vórtice repentino faz sobóear a barca que o leva, e succumbe nas aguas, na anciedade d'esse futuro linguquo.

## PAZ E VERDADE

(POEMETO)

Quando desbasta o artista  
Pesado bloco informe,  
Saltando as lascas d'essa mole enorme,  
Logo sua alma avista  
O typo ideal, occulto  
Que do bronco volume  
Lhe destaca os contornos de algum nune,  
De um heroe protentoso a estatua, o vulto;

Tal, d'entre a espessa massa  
De cada geração, de tribu e raça,  
Da Patria e da Cidade,  
Quando o sôpro da Morte entre ellas passa,  
E as prostra sem piedade,  
Esse vulto sublime,  
Que immortal se redime,  
Resurge, o Grande-Ser — a Humanidade.

## CANTO I

## A Utopia humana

1

Quando o excelso Pintor  
Dava uma graça plena e seductora  
Com os vislumbres de perenne aurora,  
Illuminando de immortal fulgor  
A figura da Virgem, mãe do amor,  
De uma maternidade protectora ;

Accentuava em seus traços  
O tom suave da melancholia  
Com que presente a Dolorosa Via  
Que hade abrir-se ante os vacillantes passos  
Do meigo Filho, que ella tem nos braços.

O artista repetindo  
As deslumbrantes formas femininas  
Da bondade, candura e da belleza  
Das Virgens florentinas,  
Remontava-se a um ideal infundo  
Por contemplar de perto a Natureza.

Ao excelso Pintor,  
Que figurar com tanto affan queria  
A visão intangivel que fugia,  
Sobre a tela fixal-a com fervor,  
Perguntaram-lhe um dia :  
Que pensamento, que celeste norma  
Tenta exprimir na surprehendente fórma ?

O artista sobrehumano,  
 Com um sorriso intraduzível, puro,  
 De uma alta inspiração a mente cheia,  
 Respondeu simples, lhano:  
 — O que exprimir procuro?...  
 É *Uma certa idéa!* —

E quando sobre a tela infunde a vida  
 N'esses typos humildes, bons e doces  
 Com que as Virgens romanas  
 Mostram a força à graça reunida,  
 Amoráveis, tranquillias, soberanas,  
 Vê-se do genio inexauríveis pösses!  
 E bem se patentêa,  
 Que elle se inspira de — *Uma certa idéa!*

Quanto se eleva na ascensão intensa  
 Quando a belleza da Antiguidade  
 Classica funde n'um gracioso mixto  
 Com essa medieval ingenuidade  
 À luz da Renascença,  
 Na gloriosa Virgem de San Sixto!  
 De Raphael a mente se incendia  
 Por *Uma certa idéa!*

=

É essa *Certa idéa*, que revela  
 Na Virgem santa e bella  
 De dôr e de piedade  
 Um Symbolo de augusta magestade,  
 Que faz contemplar n'ella  
 A ideal Entidade  
 Na Mater dolorosa — a Humanidade.

Pela terrível senda da existencia,  
 Mãe, nos traz em seus braços,  
 Nos encaminha os passos,  
 E nos conserva a luz da experiencia!  
 Ignota e desvelada Providencia.

Ao desfazer-se a illusão divina,  
 A forma feminina  
 Da Verdade, Concordia e da Justiça,  
 Torna-se o Emblema vivo que infeitiça,  
 E dá uma expressão de realidade  
 Ao sentimento da Humanidade.

Na marcha do homem que ao Porvir se alteia  
 Ha *Uma certa idéa* . . .  
 Deixae oh Poetas a ficção que engana,  
 E em nova melopêa  
 Cantae, dae corpo á Utopia humana.

## II

Desde a infancia Alastor sempre enlevado  
 N'uma visão sublime, em aureos sonhos,  
 Sente o contraste da existencia amarga  
 Cheia de luctas, de odio e desalentos.  
 Na frieza do lar, e na orfandade,  
 Na solidão acha o unico refugio.  
 Medita a sós em absorpção vehemente,  
 Contemplando os remotos horisontes:  
 E como ao perpassar n'uma harpa eólia  
 As virações estivas, na sua alma  
 As vibrações de uma emoção dorida  
 Que a Natureza que interroga, acorda,  
 Segredaram-lhe o verbo da Poesia.

Foi desde a infancia Poeta ; o soffrimento  
Fel-o sentir, pensar, amar bem cedo ;  
A sós contempla a ordem do universo,  
E presentindo uma alma em cada cousa,  
Um sentido recondito, os seus labios  
Nas fontes vivas da Philosophia  
Saciaram-se soffregos, ardentes :

« Grande, esplendida, bella,  
Parece-me que tenho  
Nitida comprehensão da Natureza,  
Que um occulto dissenho  
Patente me revela :

Como baobab immenso  
Gigante, escuro, denso,  
Envolveram da Terra a redondeza  
As venenosas plantas,  
De espinhos lethaes, tantas . . .

Vegetação activa  
N'esse morno calor  
Terminal perfeição busca, attingindo  
Por fórma gradativa  
O ápice na — Flór !

E na escala animal?  
Com garras, trombas, dentes,  
Monstros ferozes, brutos vão seguindo  
De esboços ascendentes  
Até a fórma ideal :



Na vida, em sonhos, quer  
Fixar a Natureza  
Mais alta floração, o que ha mais lindo:  
Graça, emoção, belleza...  
Organisa a — Mulher!

Que tintas deu a Flôr,  
Que aromas indecisos!  
Poz na alma da Mulher todo o mysterio  
Das lagrimas e risos,  
Extasis mil — o Amor.

Segue inda a Natureza  
O seu plano, com tino...  
Da Humanidade afirma-se o imperio:  
Paz e Verdade! empreza  
Do porvir, seu destino. »

Da marcha ascencional que achou na mente  
Pôde Alastor representar brilhante  
Quanto o passado teve de mais santo,  
Lendo nos Mythos a linguagem pura  
Das concepções mais intimas do homem.  
Penetrara dos Symbolos sagrados  
Os mysterios grandiosos, e dos Cultos  
Os Dogmas immutaveis que ligaram  
Os vãos da razão á obscura Causa.

Emquanto as Raças se combatem crúas,  
Sangrentas, implacaveis, defendendo  
Ora as fronteiras de uma terra amada,  
Ou para gloria da ficção divina  
Levam a guerra aos términos do mundo,  
Os seus Mythos e Symbolos reunidos,  
Entre as raças hostis sonho egual pintam,  
A mesma aspiração ideal que alenta  
A romagem dorida da existencia.

Pôde Alastor sentir pela Poesia  
A unidade implicita na onda  
Tumultuosa das gerações humanas  
Que vae perder-se no golfão da morte!  
A aspiração ideal é esse laço  
Da latente harmonia e da concordia  
A que obedece cada Povo. A vida,  
A vida é sonho! assim o disse o Poeta;  
Do sonho das Nações fórma-se a Historia!  
Quiz Alastor de perto vêr as ruinas  
Venerandas dos primitivos tempos;  
Do Egypto olha as Pyramides eternas,  
O mysterio da morte se desveoda  
No terror de além-tumulo, no esforço  
De perpetuar o corpo, ultimo resto  
Da existencia objectiva, que lhe foge.  
Como a Mumia o Egypto immovel fica,  
Num pezadello tragico, oppressivo,  
Que ainda a livre consciencia espanta.  
Percorreu Babylonia: o chão instavel  
Das areias moventes, que sepultam  
Os vastos monumentos, quanto explicam  
A paixão sensual de antigos ritos  
Que incitam à renovação da vida!

Na expiação sagrada se confundem  
O Amor e a Morte! Babylonia e Egypto,  
Através dos desertos que os separam,  
Vivem unidos pelo mesmo sonho.

N'esta lucta do homem contra as forças  
Da Natureza exuberante e estranha,  
Que o afoga no seu vigor, resiste  
Pelo Carme piedoso transmittido  
Na voz da tradição de idade em idade;  
Como, na India, elle a familia reúne,  
E a cohesão social estabelece.  
Lei da fatalidade átra, implacavel!  
Quem ha que vença a Morte? Heroes e Deuses  
Soffrem o golpe da caducidade;  
O homem pensa no problema escuro,  
Mas crédulo e sincero escuta os Dogmas  
Que o illudem fallando de outra vida!  
Como vencer a Morte? Antigos Mythos,  
Os mysterios da Alchimia impenetraveis.  
Theorias metaphysicas, trataram  
De dominar o horrendo pezadello.

Tu só, Grecia, tiveste o dom supremo  
Do ironico sorriso que emancipa  
A mente das ficções aterradoras!  
Tu, Roma, a vida do homem unificas  
Com a vida da Patria, por quem morre  
Pelo dever: Com a Cidade eterna  
Se tornou immortal o justo, o bravo,  
Presentindo o triumpho alto, vindouro  
Da incorporação na Humanidade.

Como athletas cahindo sobre a arena  
 No combate sangrento da existencia  
 Pela justiça, pelo ideal altruista,  
 Na radiação de immorredoura gloria,  
 Na tradição da Fama inolvidavel  
 Bradarão: *Morituri te salutant!*

## III

Através da viagem do passado,  
 Quando attingia a idade hodierna, sente  
 Alastor profundissima tristeza:

« Vi o desesperado antagonismo  
 Dos Povos: vejo a incessante lucta  
 Em cada Patria, em que os irmãos profligam.  
 Ah, se o homem sobre este chão que rega  
 Com lagrimas e sangue, não consegue  
 Fundar a Paz, pela concordia mutua,  
 O ser mais desgraçado é do universo!

Vi as Religiões, Philosophias.  
 As Escolas, as Biblias, confundirem  
 N'uma miragem subjectiva, no erro  
 A razão tresvaliada do homem. Passam  
 Os conflictos de todas as doutrinas;  
 Novas doutrinas se propagam, jungem  
 Sectarios e adeptos. Ah, se o homem  
 Não é capaz de conseguir um dia  
 A posse da Verdade, com certeza  
 O ser mais desgraçado é do universo!

Não me alegra o presente ; guerra, embustes  
Envolvem-me quaes tabidos miasmas ;  
Quero fugir d'esta atmosphera espessa,  
Remontar-me ás alturas . . . Como encanta  
A visão do futuro incomparavel !  
Respira-se o ideal : doce esperança,  
Harmonia remota presentida . . .  
Quem me dêra alcançar de longe, embora,  
Como a visão da promettida Terra  
Concedida a Moysés, quando sósinho  
Do monte de Abarim a contemplava,  
Essa idade vindoura da Consciencia !  
Através dos desertos quarenta annos,  
Moysés alfim a Promissão avista.  
Como lhe foi vedado o accesso, eu sinto  
Que se escapa a visão que se me ostenta,  
Transformando-se as cimas viridentes  
Que se alcançam de Tunis á Judeia,  
E de Genova a Athenas, que circumdam  
Do Mar Mediterraneo o santo berço  
Das Civilisações iniciadoras,  
Transformando-se em sáfaros Calvarios.

Pudesse eu entrever n'esse horisonte  
Vago fulgor da esplendente aurora  
De uma idade normal da Humanidade !

Sinto banhar-se agora em luz a fronte,  
N'um extasis minha alma se evapora,  
E o corpo vae errante  
N'um oceano de Amor e de Verdade ! »

Subito, n'esse instante  
Um clarão boreal suave alaga  
De Alastor o semblante!  
Da fluidez das aguas irradia  
A claridade intensa da ardentia,  
Como o luar sobre a dormente vaga.

E essa luz crepuscular e baça  
Vem de um corpo que fluctuando passa,  
Que ao som das ondas anda  
Espalhando uma resonancia branda,  
Que embala em harmonia a terra e o céu!  
Era a **Lyra de Orpheo**  
Cahida no oceano,  
Quando o delirio insano  
Dos cultos orgiasticos do Oriente  
A vida occidental torna dolente,  
Desviando o homem do destino humano.

No mar fluctua aquella eterna Lyra  
Que a concordia dos Povos inicia,  
E inda hoje a annuncia  
Ao vogar sem paragem.  
Das vagas ao rumor ella suspira  
Mysteriosa, animada;  
Ninguem pôde alcançal-a na voragem  
Que a vida attrõe, fatal, aterradora;  
Vae de idade em idade arrebatada  
Na dorida romagem  
À espera que a pulse mão vindoura.

A resonancia d'essa maga Lyra  
Presentiu-a Virgilio  
Quando os Povos do Lacio reunira  
Na mesma Tradição de um santo idyllio.



Do mysterioso Carme a melopœa  
 Dante Alighieri alcança  
 Na sublime epopœa,  
 Substituindo a divina vingança  
 A humana sentença.

Escutára Camões na Renascença  
 Da Lyra os soltos brados,  
 Quando invocára o homem para a lucta  
 Da Natureza bruta  
*Por mares nunca d'antes navegados!*  
 Ensinando-nos como o peito forte  
 Na acção e gloria vence a Lei da morte!

Quem mais ouviu o som, o canto, a falla  
 D'essa Lyra de Orpheo,  
 Que paira e adormenta o escarcão?  
 Goethe chamou os Poetas a escutal-a;  
 Oh, quem fosse buscal-a,  
 Ignota, desde o acdo que a perdeu.

Deslumbrado Alastor brada: — Vou eu! —  
 E desfaldando ancioso a véla à brisa,  
 Vae n'um barco seguindo  
 Por um argenteo alveo  
 Prêsto, a Lyra do acdo que deslisa  
 Soltando carme delicioso, infindo.

Elle percebe o som mais breve e lindo,  
 Verbo ineffavel, puro;  
 E vac perdido n'esse mar sem bordas  
 No largo Oceano, allumiado, aberto,  
 Pela visão augusta do futuro:

« Tem a Lyra de Orpheo trez simples cordas,  
A vibração de cada uma encerra  
Maravilhas de divinal concerto  
De uma harmonia viva  
Que fecundou a terra!  
Uma corda, na Edade primitiva  
A vaga melodia da *Egualdade*  
Espalha entre as Nações... O ardente sonho  
Que identificou ante a Divindade  
O escravo e senhor, o fraco e o forte,  
Toroou-se um germen da hostilidade,  
Pezadello medonho!  
Na mentida fiação a Theocracia  
A escravidão das almas funda um dia  
Faz o Dogma da Morte!

Outra corda da Lyra alegre vibra  
Clamorosa Canção da *Liberdade*,  
Que os Povos alevanta! Mas na hora  
Suprema, redemptora  
Em que a Graça e os Privilegios caem  
Ante a Justiça, pela iniquidade,  
A vingança a razão desequilibra!  
As paixões brutas saem  
N'um impeto violento,  
Suscitadas pelos sophismas falsos;  
Mata a Revolução os que a alentaram  
Pelas ideas, pelo sentimento,  
Que se sacrificaram,  
Sob o Terror nos torpes cada falsos! »

Mar abaixo, na vaga em que fluctua  
Como espalha centelhas de ouro a lua  
Quando nas aguas bate o seu fulgor,  
Vê a Lyra de Orpheo mudo Alastor;

Vogando, segue-a para onde ella fór  
 Do mar na immensidade,  
 Como n'um sonho de que não acorda.  
 Attrae-o o som d'essa terceira corda  
 Que aëria canta da *Fraternidade* :

« É esta a corda que por vezes raras  
 Se tem vibrado ! O que os trez sons dispersos  
 Reunir um dia, como o Orpheo antigo,  
 Hade ter nos seus versos,  
 Nas melodias claras  
 Condão potente, amigo  
 De dar concordia ás almas, convergencia  
 À acção, e objectivo á consciencia. »

E contemplando a suave claridade  
 Que da Lyra de Orpheo longe se espalha  
 Por todo o espaço em volta e immensidade,  
 N'um clarão subitaneo,  
 Mostram-se as margens do Mediterraneo,  
 Sagrado berço que o Porvir trabalha :  
 Como um foco de luz serena o Egypto  
 Tem da cultura a iniciação propicia,  
 Propaga o social rito  
 A Grecia e a Phenicia,  
 Roma, a patria da Lei, e em seu estrago  
 A mercantil Carthago !

« Salve, sagrado berço !  
 Emergindo do bruto onde era immerso  
 Póde o homem um dia  
 Sentir a propria solidariedade,  
 E aqui sonhar a posse do universo !

Da Lei a magestade,  
O imperio, se inicia  
Os costumes da Paz impondo ao mundo:  
Da Grecia o sonho, o ideal jucundo  
Identifica o bello e a realidade  
Na Arte, na Poesia!

Oh, com certeza a Grecia entre os mais Povos  
Sonhou da vida o mais ditoso sonho;  
E que horisontes novos  
Abre á rasão! . . . Mas repentinamente  
Um nevociro medonho  
No ar se diffundiu,  
E ao sonho alegre segue o desvario  
Da Orgia sagrada do Oriente!

## IV

Ficou mudo Alastor em tanta magoa  
Vendo as sombras da Noite de mil annos,  
Os terrores da Igreja!  
Mar a baixo a fluctuar sempre ao som d'agua  
Busca a Lyra de Orpheo outros Occanos.  
Fis com luz matutina  
Todo o mar illumina,  
Sem ter á lua inveja.

Alastor do seu extasis desperta  
Em que tanto se esquece:  
• Mediterraneo amplissimo parece  
Cercado pela America e Europa,  
Pela Africa: é a vasta liça aberta  
De acção commum que cada Povo ahí tópa:  
Vencer a Natureza!  
Quem primeiro se arroja á grande empreza?

Como se esvae o secular engano  
Da terra, centro estavel do universo!  
Achando o oriental berço  
Não mais o orgulho humano  
Do Dogma acceita a vã credulidade  
E o mystico arrobo:  
Ao fazer-se a circumducção do globo,  
Tudo o conduz á posse da *Verdade!*

A conservar recusa  
O espirito o hierático lethargo;  
Tem da revolta germens espontaneos  
Contra a ficção divina!  
E essa luz diffusa,  
Como a phosphorecencia de um mar largo  
Que da *Lyra de Orpheu* sae, illumina  
E identifica os dois *Mediterraneos*.

Eis d'essa *Lyra* cada uma fibra  
Deliciosa vibra  
Sons que dão os mais intimos consolos,  
Mysteriosas runas:  
— Paz e *Verdade!* — são alfim os pólos  
Em que a *Humanidade* se equilibra,  
São do *Templo* ineffavel as *Columnas.* »

## CANTO II

## As Columnas do Templo

1

Quando o architecto Hiran tinha acabado  
De modelar em bronze para o templo  
Duas Columnas, que assentou na frente  
Da portada sublime;

Salomão veio alegre e pressuroso  
Contemplar essa maravilha ao perto:  
E ficou meditando no sentido  
Das potentes Columnas.

Então pergunta Hiran ao rei absorto:  
« Sabeis ler o intuito de taes Symbolos? »  
E pela vez primeira é impotente  
De Salomão a Sciencia.

Quiz revelar-lhe Hiran todo o mysterio:  
« Iákin é o nome da Columna  
Da direita do templo. — symbolisa  
Da Creação a força.

Essa outra igual que está do lado esquerdo  
É Boaz o seu nome; considera-a  
Como essencia da propria Divindade,  
Da Destruição emblema!



É grande Iahvé por sobre os demais deuses;  
*Criou* do nada as formas do universo,  
E n'um relance *destruindo* as cousas  
    Já tudo volve ao nada.

Na concepção mais alta a que ha chegado  
O espirito do homem dando forma  
A Deus em attributos, — só o adorem  
    Por esses dois Poderes!

Para a raça que creu foi isto um dogma!  
Para a raça que pensa e ha descoberto  
A persistencia eterna da materia  
    Pela visão da sciencia,

*Creação e Destruição*, vestígios  
Da primitiva e intellectual miragem,  
Tudo persiste e tudo se transforma,  
    Sem isso, a Deus que fica?

Assim ao Deus succede a Humanidade;  
As Columnas do Templo estaveis, firmes,  
Symbolizam da Consciencia a força  
    Na Paz e na Verdade!

## II

\* Jerusalem um dia devastada  
Pelo invasor romano, o Templo em chammas  
Enchendo o espaço de um clarão horrendo,  
Ante o assombro dos crentes;

Desvaído corria pelas ruas  
N'um phrenesim de espanto e de loucura  
Um homem roto e misero, clamando  
N'um lamento sinistro:

— A voz do Oriente, a voz do Occidente,  
A voz dos quatro ventos revoltosos!  
Ai de Jerusalem toda em ruinas!  
Ai do Templo! ai do Templo!—

Cahiram as vetustas Theocracias,  
A patriarchal e a militar Realeza,  
Revindicações revolucionarias,  
Como um vento de morte!

Cae a letra das Biblias immutavel,  
E os Codigos que em sangue a Lei fundaram;  
Sobre as feras ruinas se alevanta  
Hoje a Cidade humana!

Por entre a multidão vaga o Poeta  
Proclamando ao Oriente, ao Occidente,  
Aos quatro ventos o sublime grito  
De Paz e de Verdade!

## III

*Paz e Verdade!* Eis as criações do Homem,  
Do Templo universal firmes Columns,  
A synthese consciente da existencia.  
Diante do espectáculo assombroso  
Da evolução da Natureza inteira  
Sempre a lucta implacavel! Desde as plantas  
Revestidas de espinhos como dardos,  
Vertendo succos causticos, venenos  
Que inebriam e matam repentino,  
Até aos monstros animaes, cobertos  
De escamas por couraça impenetravel,  
De anavlhados dentes para a briga  
De uma sanha instinctiva e destruidora,  
Ve-se que a Natureza em seu intuito  
Chamou os seres vegetaes, e vivos  
Para um tremendo circo, em que a existencia  
É combate sangrento, atroz, sem tréguas!  
Devoram-se, atassalham-se, destróem-se;  
E certo foi que as primitivas raças  
Herdaram taes rancores, esses odios  
Que fizeram do homem lobo do homem;  
Dos trez Irmãos a lucta que enche a Historia!

Como d'esta crysalida terrível  
Surgiu a borboleta aurea, impalpavel,  
A boa nova, o venturoso agouro  
Que despertou no mundo o sentimento  
Da Paz, do bem, da confraternidade!

Diante da phenomenalidade  
Do universo immensuravel, vendo

Uma transformação ininterrupta  
Que desorienta e á vertigem leva,  
Produzindo as miragens subjectivas,  
Achou-se a mente do homem desvairada  
Pelo delirio crédulo, envolvida  
Num caos de illusões e inanes sonhos!  
Creou mythos, religiões, poderes,  
Subordinou-se ás lugubres chimeras,  
Como um baixel perdido entre nevoeiros!  
Sómente ao fim de séculos de analyse  
Conseguiu entrever leis immutaveis  
Na Natureza! A inductiva sciencia  
Dá-lhe o poder da previsão segura.  
A comprehensão e a posse da *Verdade!*

*Paz e Verdade!* Eis o destino do homem,  
O seu poder de criação, que o torna  
A potencia moral, que se destaca  
Por sobre as grandes forças do universo. •

## IV

Enquanto isto pensava Alastor, vaga  
Se espalhou no ar a luz de uma alvorada  
Melancholica, bella, deslumbrante!  
Olha assombrado! Celestial miragem...  
Parece uma Cidade, qual de longe  
A patria ao desterrado quando volta...  
Venusta e esplendorosa architectura!  
Sobre o Monte Salvat não avistaram  
Cavalleiros de Graal mais bello o Templo  
Sinhado na pureza dos desejos.  
E ao som da branda e doce resonancia

Com que a *Lyra de Orpheo* o ar serena  
Tenta Alastor tocar a margem linda,  
Entrar n'esse paiz ridente e novo,  
Na Promissão que n'alma elle entrevira;  
E impelle a barca ás regiões da aurora.

Aos impulsos da perfumada brisa  
A barca de Alastor arrebatada  
A vela desengilha,  
Veloz segue, desliza,  
Vae nas azas de subita rajada:

« Quem se aproxima de remota ilha  
Perdida e ignota no insondado Oceano,  
Sente de longe o aroma  
Que a terra denuncia,  
E assim o rumo toma  
Seguro, sem engano!

Sympathica Utopia,  
Oh deslumbrante e immensa maravilha!  
Das paixões n'este labyrintho humano,  
No conflicto das crenças e da sciencia,  
Harmonia latente  
Revela á consciencia  
Que se aproxima a idade  
Da solidariedade  
Na synthese moral da Humanidade!

Quando o homem achou casualmente  
O magnete que o norte fixo aponta,  
Guiado pela Bussola elle affronta  
Destemido, valente

O Oceano Tenebroso, e as borrascas,  
Tôpa outro continente,  
E entre as horridas vascas  
De uma lucta iracunda  
Toma posse da terra e a circumda.

Quando nas almas vibre  
Da Humanidade o alto sentimento,  
Destino, movel livre  
De toda a actividade e pensamento,  
Será mais larga, mais alegre e aberta  
A romagem sombria da existencia,  
Guiando a consciencia  
Essa bussola certa.

Segue o navegador intelligente  
Nas correntes oceanicas o curso  
Do Gulf-Stream, aquelle rio quente,  
Que o leva até á America do norte;  
E por este recurso,  
Tal calor o defende contra a morte,  
E lhe mantêm os dias  
Sobre essas costas frias.

Nas correntes da Historia  
Mais tempestuosa e mais contradictoria,  
Foi irrompendo d'entre a hostilidade  
De povo a povo, grave,  
Como corrente tépida e suave  
O sentimento da Humanidade,



Que fez transpôr o abysmo  
Do primordial egoismo,  
De altas empresas no sublime intento  
Fortificando a acção e o pensamento.»

Aos impulsos da perfumada brisa  
A barca de Alastor arrebatada,  
Veloz segue, desliza,  
Ao vento a vela solta,  
Vae nas azas de subita rajada.

Observa o Poeta em volta,  
Vê um circulo na agua em redemoinho;  
Um sorvedouro ignoto o olhar abarca!  
Nunca vista Gharybides! ao centro  
É attrahida fatalmente a barca,  
Com o Poeta se abysma e cõe lá dentro  
D'esse golfão damninho!

Sinistra, escura é a fatalidade;  
Quem lhe foge? Baldada é a porfia...  
Ergue-se o Poeta na aura da Utopia,  
Alfoga-o a implacavel realidade!

Ah, quando Alastor morto veiu á praia,  
Mudo no labio o mysterioso carne  
Da divina Poesia,  
Em que soltou o alarme  
Com que a expressão do humano ideal ensaia,  
Na genial e brilhante phantasia...

Quando era extinto na sua alma o sonho,  
Deslumbrante e risonho  
Que encheu da vida a estancia ;  
Gelado o fôco onde a paixão vevemente  
Ahi pulsára por Ideal ingente  
Com tanto ardor e ancia . . .

Por sobre a vaga que argentêa a lua  
Do Oceano que estúa,  
Inda a Lyra de Orpheo  
Mansamente fluctua ;  
Na remota e indistincta resonancia  
Como que continua  
A aspiração do Poeta que morreu !  
Vae repetindo o mystico segredo,  
Até que, um dia, alcance-a  
O glorioso Aêdo,  
Que pulsará o magico instrumento  
Que harmonisa a razão e o sentimento :

A resonancia éolla :

• Cantae o Amor, que torna o animo largo  
Quando o confrange o soffrimento amargo :  
Que faz a dôr ser doce,  
Como se um nectar fosse !

Um Amor, que a si só se não pertence,  
Crendo tudo possível tudo vence,  
Que não sente o cansaço  
Do que e de affecto escasso.

Um Amor, como a luz que se derrama,  
Como o calor vital de etherea chamma,  
Nos desalentos forte,  
Sorrindo até na morte.

Um Amor generoso na alta empresa,  
Que excita á perfeição e á belleza ;  
Que ao dar fica desnudo,  
Mas possuindo tudo !

Um Amor firme, leal, que em si não pensa,  
Magnanimo e humilde, pura crença ;  
Sempre sereno e casto  
Se aos sentidos dá pasto.

Amor, que nasce e vive e mais se apura  
Na dôr muda, na incognita amargura,  
Na insondavel piedade . . .  
O Amor da Humanidade. •



## GRAÇA INEFFAVEL

---

Quella que emparadisa la mia mente.

*Dante.*

Contemplando este immenso mar amargo  
Onde rugem eternas tempestades,  
A Visão das Edades.  
Sobre o horizonte largo  
Deixa a impressão de uma harmonia equórea,  
Concerto ideal implicito na Historia.

Como uma luz de branda claridade,  
Sempre fulgindo no horizonte escuro,  
Filha! symbolo puro  
De esperança e bondade,  
Ao transpôr as procellas, a voragem,  
Que alento encontro em tua doce imagem!

Morta na flôr de ideaes dezeseis annos,  
Nunca mais esse immaculado vulto  
Foi para mim occulto;  
Nos conflictos insanos  
Do torpel das paixões, vinhas serena  
Dar-me um refugio em ti, visão amena.

*quia sine dolore  
non vivitur in amore*

*Imitat., III, 5.*

E dizias: — Á dôr quem tem receio?  
Toda a existencia á dôr jámais se isenta;  
Ter o coração cheio  
Mesmo de uma dôr letta,  
Conduz a alma á placida equidade,  
Fez-te sentir e amar a Humanidade.

FIM DO QUARTO E ÚLTIMO VOLUME.

# INDICE

PAG.

Canto undecimo: *Dissolução do regimen catholico-feudal.*

Elenco philosophico do Canto undecimo . . . . . 6

## AS DUAS VERDADES

### I. Auras do Occidente:

i. O supplicio do Templario . . . . .	15
ii. O Vaticinio de Dante . . . . .	17
iii. Delirio de Petrarcha . . . . .	20
iv. Ultima ratio Regum . . . . .	21
v. O Mar tenebroso (Poema) . . . . .	26
vi. Savonarola . . . . .	41
vii. Phrase de Miguel Angelo . . . . .	57
viii. A Estatua . . . . .	58
ix. O Queimadeiro . . . . .	62
x. O eclipse da Resão . . . . .	64

### II. Clarté de tout, ou a Epopéa do Riso:

i. Risum tenentis . . . . .	68
ii. Patheticus tragicus . . . . .	72
iii. O riso de Erasmo . . . . .	75
iv. O riso de Rabelais . . . . .	78
v. O riso de Aretino . . . . .	85
vi. O riso de Cervantes . . . . .	90



	PAG.
III. Tentanda via est:	
i. Sagração da Epopéa . . . . .	93
ii. Vaticínio do Adamastor . . . . .	95
iii. O Poema de Camões . . . . .	100
iv. A batalha de Lepanto . . . . .	103
v. Desalento de Tasso . . . . .	106
vi. A confissão de Calderon . . . . .	109
vii. O Bravo de Uiracaba (Poema) . . . . .	110

### PARTE III

#### Cyclo da Liberdade

*Movimento esthetico, scientifico e philosophico, concorrendo para o progresso moral, economico e politico.*

Elenco philosophico do Cyclo da Liberdade . . . . .	156
A Philosophia . . . . .	159

*Canto duodecimo: Unidade impulsionada pela Revolução occi-  
dental até ao fim da grande crise.*

Elenco philosophico do Canto duodecimo . . . . .	174
--	-----

#### A EPOPEA DA REVOLUÇÃO

Gigantomachia . . . . .	181
-------------------------	-----

##### 1.ª Trilogia:

Os Athletas da Idéia:

i. Leviathan (Poema) . . . . .	189
ii. Milton . . . . .	224
iii. O Banquete dos Lyras (Poema) . . . . .	230

##### 2.ª Trilogia:

A explosão da Força:

i. A Cidade universal (Poema) . . . . .	271
ii. A quarta corda da Lyra (Poema) . . . . .	313
iii. A Orgia militar (Poemas)	

	PAG.
i. A sepultura do Herói . . . . .	303
ii. A covardia do bravo . . . . .	325
iii. Napoleão maribando . . . . .	329
iv. Os Semeadores da Peste . . . . .	336
v. Farada sinistra . . . . .	338
3.ª Trilogia :	
As revôltas do Espírito :	
i. O odio de Harold (Poema) . . . . .	345
ii. Vigílias do Fausto (Poema) . . . . .	385
iii. Struggle for Life (Poema) . . . . .	447
<b>Canto decimo terceiro: <i>Idealisação da existencia normal: affectiva, contemplativa e pratica, tanto collectiva como individual.</i></b>	
Elenco philosophico do Canto decimo terceiro . . . . .	474
Paz e Verdade (Poemeta) . . . . .	477
Graça ineffavel (Epilogo) . . . . .	503

